

Livro 1

ME BEIJA

ou

ME MATA



Cyntia Paula

Rafaella Baccarin



ME BEIJA OU ME MATA

Cyntia Paula

Colaboração: Rafaella Baccarin

Copyright © 2018 - Cyntia Paula

Capa: Ana Neves
Diagramação digital: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ME BEIJA OU ME MATA

CYNTIA PAULA

1ª Edição — 2018

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Me Beija Ou Me Mata

1. Romance Brasileiro. Série. Vol 1. Aviso: Esse não é um romance tradicional. Contém assuntos de temas de consentimentos questionáveis.

2. Tais como: Síndrome de Estocolmo, sexo explícito, tabus. Está é uma obra de ficção, a autora não tolera nem aprova tais comportamentos.

*Para minhas filhas, Fernanda Karoliny e
Isabella Elena, com toda minha vida.*



Só pode ser brincadeira. Solto uma lufada de ar. Mordo o lábio nervosa, ao notar em cima da carteira, um conjunto bordô e um bilhete, escrito: Vista-o e dê cinco passos à frente. Só de olhar o que tenho que vestir, um nó revira meu estômago, deixando-me debilitada. NÃO. NÃO! Esse pesadelo não pode estar acontecendo. Não pode ser real. Meu subconsciente grita a verdade, porém eu me recuso a acreditar que a obsessão de alguém possa atravessar um país.

Começo a me trocar mecanicamente deixando o vestuário que ganhei de Eduardo em cima da cadeira. Não queria me desfazer do presente, mas que escolha tenho? Apesar de não ter ninguém na sala, o que é estranho, cubro os meus seios, e me visto.

Olho por todos os lados, enquanto coloco os sapatos, depois dou os cinco passos até a grande mesa no epicentro, onde há um laço azul em cima. Aproximo-me mais e o reconheço, simplesmente pelo arco-íris no lado esquerdo. Era da minha mãe. Pego-o, levo até o meu peito em um abraço forte, marejando, e percebo que na parte detrás há outra instrução escrita: Prenda-o. Enquanto faço isso de forma errática, noto um porta retrato ao lado dos livros aritméticos. Meu queixo despenca ao notar que SOU EU! De *cheerleader* há 5 anos atrás. Exatamente como estou vestida agora. Levo minhas mãos até a barriga, sentindo uma pontada em meu piercing, ao ouvir o *Toclof Toclof* ecoando sobre o piso vinílico acústico. Poderia ser uma epifania, porém, mãos fortes me seguram e me viram em câmera lenta. E a minha frente está alguém de capuz preto arroxeadado, e uma máscara dourada e sinistra.



Você não deveria ter concordado com isso! Não deveria. Repito mentalmente ricocheteando pelo quarto angustiada enquanto me preparo. Calço os sapatos brilhantes, que combinam com a bolsa preta da marca Carmem Steffens, aderindo glamour e sofisticação, e testo os saltos desfilando até o espelho. Minha nova versão está estonteante. E meu look convidativo e sexy é composto por uma meia de renda, cor creme, corpete vermelho sangue, com fitas de cetim em forma de X, e a saia curta rodada ligada graciosamente a meia. Eu nunca me vesti tão ousadamente em toda minha vida. Ainda dá tempo de desistir, meu lado sensato alega. Tarde demais, porque essas roupas são presentes que ganhei do meu patrocinador. E

tenho um encontro com ele.

Respiro fundo criando coragem, e nesse instante levo um susto ao sentir algo em meu ombro e subindo pelo meu pescoço.

— Xô... — Espanto o bichinho que não para de bater suas asas brancas com lilás. — Uma libélula! — Exclamo sorrindo ao reconhecer, e pego-a com o indicador deixando-a pousar. — Sorte... é isso que você significa. É, talvez eu esteja exagerando, estou apenas ansiosa, nada de mal pode acontecer essa noite. — Assopro e ela sai voando pela janela.

Aguardo Arianna para dar os toques finais em minha maquiagem. São 17:30hs, gosto de me arrumar com antecedência, afinal, antes cedo do que tarde, e como estou bem adiantada pego o meu diário e sento-me na poltrona e começo a escrever. É algo que faço desde de criança, pois adoro registrar tudo aqui, afinal diários são confiáveis e lembranças são importantes. Abandono-o em questão de segundos, estou ansiosa pelo evento que me aguarda daqui algumas horas.

Arianna Hale é minha melhor amiga. E tudo começou porque estamos passando por problemas financeiros. Um deles, é o apartamento que dividimos. Está com cinco parcelas vencidas. Por mais que ela trabalhe como secretária na Carter's Holdings, e eu como freelancer, o dinheiro não é o suficiente.

Nada parecia ter jeito, até que fomos surpreendidas com a mensagem de Thomas Linfon naquela manhã de quinta-feira.



Aria estava tomando café, mexendo no notebook. Eu entreolhei a tela e a assustei com o meu grito. Não consegui entender o que minha foto fazia em um site de relacionamento chamado Seeking Arrangements. Ela apontou para um tal de Thomas, com o qual conversava pelo chat, se passando por mim, e pediu para que eu senta-se ao lado dela, me mostrando toda a conversa. Quem era aquele sujeito? O que ela estava fazendo?

— Olá, Isabelly.

— Oi, tudo bem?

— Tudo ótimo, espero que também esteja bem.

— Sim, estou, quem é você?

— Meu nome é Thomas Linfon. Assisti seu vídeo dançando pole dance e fiquei encantado. Acho que podemos negociar. Eu pago todas as suas despesas e você dança na minha despedida de solteiro como minha sugar baby.

— Negócio fechado.

— Ótimo, mas só quitarei toda sua dívida se jantar comigo amanhã, e se ficar até o final da festa. Caso contrário, infelizmente não poderei te bancar. Então, se concordar, enviarei sua roupa, e tudo o que precisar para que esteja no próximo sábado no Night Club às 21 horas.

— Combinado. Estarei lá.

— Estou ansioso para vê-la, tenha um bom dia.

Sem entender nada, fiquei olhando para Aria, possessa de raiva, que desviava o olhar de mim, enquanto deslizava o fim da conversa, enviando um emoji de beijo de resposta, e exigi que me explicasse que vídeo era aquele, e o que era sugar baby. Ela suspirou, e entrou na descrição do meu perfil, onde estava todas as minhas informações como se fosse um curriculum, e clicou no link do vídeo do Youtube, que ela vinculou a conta, abrindo em uma janela, com o stream: Isabelly Little Surfer.

Lá estava eu, de crop branco e calcinha, dançando pole dance no meu quarto, e as visualizações já tinham chego a 80 mil em apenas uma semana. Fui filmada durante meus ensaios sem ser avisada.

— Você me cadastrou num site de relacionamento com o nome daquela prostituta famosa?

— Todos conhecem o filme Little Surfer Girl. Coloquei esse nome de propósito, para chamar a atenção dos sugar daddys.

— ARIA! O que isso significa? Quem é Thomas?

— É seu trevo de quatro folhas.

— Meu Deus! Cada vez entendo menos.

— Esse site é a nova febre do momento, e une mocinhas desamparadas com senhores ricos que gostam de bancar. E antes que me pergunte, não precisa arregalar esses olhinhos, pois sexo não faz parte do acordo. Thomas Linfon é um dos caras mais ricos de Los Angeles, vai se casar, e a única coisa que ele quer é sua presença na despedida de solteiro dele, e não te comer, então relaxa.

— Eu não vou. Nunca dancei com uma plateia me olhando, apenas na privacidade do meu quarto.

— Ah, fala sério! Não é querer ou não, já está tudo certo e marcado! O

que ganho na Holdings sendo secretária do chato do Carter e você com os seus bicos no Píer como vendedora na Kitson só paga metade do aluguel. Pensei no talento que você esconde. Deveria fazer do pole dance a sua profissão. Thomas é o primeiro de muitos contratantes. Essa é a nossa salvação, não tem outro jeito, a não ser que queira ser despejada, porque é isso que vai acabar acontecendo conosco, se você não dançar. Não podemos contar com o seu pai, pois ele está gastando tudo que tem em jogos. Convenhamos, Belly, o cara é rico, vai pagar uma grana preta por essa dança.

— Eu não conheço esse homem, pode ser perigoso e...

— Acha mesmo que vou deixar você ir nessa emboscada sozinha? Confia em mim. Quando ele vier te buscar pro jantar, fica tranquila. Vai da tudo certo, e pensa que ele vai bancar tudo do apartamento, não vamos ter mais que nos preocupar com dinheiro.

— O que vou dizer pro Steven?

— Nada. Será nosso segredo. Thomas é o dono do clube, eu pesquisei tudo. É muito conhecido e famoso, e só quer uma sugar baby dançando para ele.

— Para de me chamar assim!

— Não vai acontecer nada, eu te amo. — Ela me abraçou como se tivéssemos ganhado na loteria, e realmente ganhamos. Eu queria que sábado demorasse à chegar, mas o meu desejo foi ignorado.



Meu pai sempre foi contra eu praticar pole dance após minha mãe nos deixar quando eu era pequena, (que Deus a tenha) mas é a única coisa que lembra a ela, e depois da morte dela meu pai entrou no vício pelo jogo. Uma total falta de responsabilidade.

Isadora Palouli... Pego o porta retrato dela onde estamos juntas, quando eu tinha dez anos. Nossa última foto. Ela também dançava, me ensinou as melhores técnicas, e me apeguei a essa dança como uma forma de senti-la perto de mim. Mesmo meu pai não gostando, no meu quarto sempre teve um cômodo específico para que eu praticasse essa modalidade. Mas essa é a primeira vez que farei uma apresentação por dinheiro. Lembrar disso me vem a certeza de que papai vai me matar quando ficar sabendo.

Caminho novamente até o espelho e sinto-me em cima de um palco de teatro. Essa garota não sou eu. É uma usurpadora. Eu pareço aquelas modelos que nasceram com photoshop na cara. Ou uma versão de Demi Moore no filme Streap Tease.

— Uau! Garota do espelho! Quem é você? E o que fez com a minha amiga? — Aria adentra estonteante.

— O que você fez comigo? — Corrijo. — Ainda estou indignada. Como teve coragem de me filmar e postar o vídeo no Youtube sem o meu consentimento?

— Sem neura a essa altura do campeonato. — Assinala. — Filmei sim e postei na rede, fiz um favor. Você é linda, tem que mostrar ao mundo a sua verdadeira vocação. Thomas é um grande empresário, que viu, adorou, entrou em contato e é rico. De nada.

— Você diz isso, porque não é você que vai dançar pole dance pra um

monte de homem. — Reclamo dando os toques finais a maquiagem.

— Você vai arrasar amiga! — Bate palmas sorrindo. — Está divina! Corpo de pecado, rostinho de anjo, esses quesitos deixarão os homens com os seus países baixos armados contra a próxima guerra mundial.

— Só espero que o Steven não apareça por lá.

— É uma dança desprestenciosa, relaxa, ele vai entender.

— É pretenciosa. — Afirmo.

— Não é somente pelo dinheiro que te envolvi nisso, nós precisamos de adrenalina. Vai ser divertido, vai por mim. — Ela me encara e aponta o dedo em minha direção. — Você já está no inferno, não custa dar um abraço no capeta.

— Espero me lembrar disso quando chegarmos lá. — Passo em meus pulsos o perfume que também veio com os presentes. — E aí? Acha que está faltando mais alguma coisa?

— Humm. — Analisa. — Está faltando dar um UP.

Ela pega outro batom, e vem até mim. Sem pedir licença, retira o meu rosé e substitui colorindo meus lábios de vermelho. Depois limpa o excesso com a ponta do dedo se achando minha personal stylist.

— Pronto! Desgraça pouca é bobagem! Assim ficou bem melhor.

— Acho que esse batom ficou um pouco exager...

— Não precisa agradecer, estou à sua disposição. — Interrompe radiante agradecendo por mim. — E você estava escrevendo de novo? Sempre tive curiosidade pra saber o que tanto escreve... vamos ver... — Abre em uma página aleatória do meu diário, bisbilhotando.

— Não! Por favor, deixa de ser curiosa... É minha privacidade.

— Nossa! Como você gosta de vilões. Gostar é pouco, você é fascinada! — Diz impressionada.

— Nem tudo que está escrito aí é real, são coisas da minha mente e...
— Ela revira os olhos. — Eu gosto dos vilões ok? São inteligentes, tem os planos mais geniais mesmo quando usam para fazer o mal. E muitos deles não são uma causa perdida... — Tomo o diário e guardo-o na gaveta.

— Fico admirada porque você é noiva do mocinho. — Ela faz um biquinho exagerado e debruçadas na janela, ficamos observando a noite. Os nossos cabelos voam com a brisa fresca. Estamos rindo, e a nossa alegria se colide, transmitindo a nossa euforia.



São 21 horas em ponto, quando chegamos a festa de Thomas Linfon. Rico, portanto, com dinheiro para usar como leque para fazer vento se quiser. Dono de um dos clubes mais badalados, na segunda cidade mais populosa dos Estados Unidos, situada no sul da Califórnia, considerada uma das maiores cidades metropolitanas de Los Angeles, a famosa Cidade dos Anjos. O clima está agradável, e a noite parece promissora.

— Bem vindas ao Night Club, gatas. — Cumprimenta o coordenador todo entusiasmado. E meu olhar se perde na decoração cheia de luzes. — Você com certeza é a sugar baby. — Diz diretamente a mim.

— Isabelly. — Respondo, nada confortável com esse novo status.

— Loirinha, pode seguir pela entrada principal, mas você, Isabelly,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

entrará pela porta dos fundos para que o público te veja somente na apresentação. Siga o corredor e quando chegar ao fim dele, vire para a direita.
— Explica.

— Vai dar tudo certo. — Aria assegura. Ela entra acompanhada de outro cara, e eu prossigo sozinha, atravessando o espaço amplo.

Assim que entro no camarim, um carinha da organização me avisa que o show vai começar em 15 minutos.

— As músicas que escolheu já estão programadas. Espero que esteja preparada.

— Preparadíssima! — Minto, na verdade estou nervosa, em uma terrível luta interna para manter a calma, porém, não posso ter uma crise de pânico agora.

— É isso aí, gata! Arrase essa noite. Menospreze!

Em que encrenca eu fui me meter? Interrogo-me internamente, e ando de um lado para o outro aguardando para entrar no palco. Nervosa, abro uma barrinha do Special Dark da Hershey's, e começo a devorar o chocolate com menta, doce e refrescante para acalmar minha ansiedade.

Retiro o Mighty Grip de dentro da bolsa, passo em minhas mãos para manter a firmeza e produzir uma superfície aderente. Estou assoprando o pó para fixar, no instante em que Thomas, todo elegante, de cabelo levemente grisalho, na faixa dos 46 vem sorrindo ao meu encontro.

— ISABELLY! — Exalta meu nome com euforia.

— Tho...

— Você está uma boneca. — Beija minha mão.

— Obrigada. — Respondo tímida.

— Espero que tenha realmente 20 anos... — Ele para e me analisa. — Ainda não estou conseguindo acreditar desde ontem no jantar. Só te contratei porque gostei muito de você.

— Meus documentos estão aqui, pode checar se quiser.

— Não preciso. Você é perfeita. — Cobiça meu rosto com o toque das mãos. — Todas as outras moças já se apresentaram. Mas você é a minha... Minha favorita. A estrela da noite. Vai lá e arrasa, adorei as músicas que escolheu, só faz exatamente como fez naquele vídeo.

Balanço a cabeça concordando, e ele sai me deixando ali.

Ouçó a gritaria dos homens que esperam ansiosos pelo exótico sensual ao escutarem o meu nome sendo anunciado. Inspiro, respiro, mantendo a estabilidade, e solto o ar lentamente deixando que preencham meus pulmões. Não acredito que vou dançar para um grande público, composto por homens por sinal. Acho que vou ter uma síncope.

Entro sensualmente no palco decorado com sofás de couro vermelho. A barra está no ponto central, e os olhares predatórios devoram o meu corpo. The Power Of Love de Celine Dion invade o ambiente tornando a plateia silenciosa. É agora. Respiro reivindicando coragem, e ouço um Ohhhh em uníssono, quando abro o sobretudo deixando-o resvalar aos meus pés.

Viro de costas e balanço de um lado para o outro, soltando os meus cabelos, que deslizam suavemente. Inclino o meu corpo para trás, permitindo as minhas mechas tocarem o chão. E num movimento de acrobacia estou em pé novamente, diante de muitos aplausos. Em agradecimento, sorrio de canto, sedutora indo até a barra. Seguro-a com as duas mãos, estico os meus pés para trás, girando por cinco vezes, equilibrando-me com a pontinha do salto, e num impulso, fico esticada na posição Butterfly, de cabeça para baixo. E antes de descer, ergo os dois pés, colocando-os no alto, fazendo o Death Lay.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A plateia silencia achando que vou cair, mas surpreendo-os, rodando de conchinha. Cruzo as minhas pernas e faço a abertura Twisted Legspring. Ergo as mãos para cima, escorrego de costas, até chegar ao chão, onde deito-me de bruços, contraindo a barriga, e empino o meu glúteo, fazendo o vai e vem numa insinuação de sexo. Eles gritam eufóricos, e para finalizar, subo até o topo e desço sem limites, até voltar ao tablado.

Um homem lindo e misterioso sentado no primeiro sofá do camarote está infiltrado em mim. Está vestindo uma camisa branca, quebrando a formalidade com um toque casual das botas, e da jaqueta de couro preta.

— Linda! Muito linda! — Consigo entender o que ele sussurra, pois sou ótima em leitura labial.

Off To The Races de Lana Del Rey inicia-se. E totalmente envolvida, embriagada pela dança, eu o escolho como meu alvo. Vou até ele e passo a ponta do salto pelo seu peitoral. Danço para ele, e com nossos olhares conectados, sento em seu colo gradativamente escorregando nele no ritmo da música, e ele me prende na sua ereção como pedra, agarrando minha cintura, e passando a mão em mim. Escolha errada, muito errada, mas tenho que continuar dançando como se nada estivesse acontecendo ou me incomodando.

Solto a respiração dentro da boca dele. A nossa proximidade é tão perturbadora e ele deliberadamente entreabre os lábios, absorvendo todo meu hálito de chocolate com menta. Suas mãos me seguram forte, mas consigo me livrar dele, e me afasto, voltando para o palco.

Ele fixa o olhar em mim, como se tivesse em um show particular. Enrolo as pernas no topo, e fico de cabeça para baixo, com as mãos segurando os seios, mordendo os lábios, e em um estrépito, as luzes se apagam.

Aria está saltitante quando entro no camarim para trocar de roupa, enquanto eu estou quase tendo um colapso, em negação comigo mesma por ter escolhido justo o senhor misterioso para provocar na apresentação. Repreendo-me mentalmente, mas no fundo sinto uma pontinha lá dentro do meu ser vibrando de orgulho. Eu desconcertei o cara. Deve ter ficado ainda mais exibido, pretensioso e assanhado do jeito que é.

— Arrasou! Arrasou! Arrasou! Mil vezes arrasou! — Rodopia até mim batendo palmas.

— Você é minha amiga, e totalmente suspeita para falar da minha performance. — Começo a tirar a roupa para substituí-la pelo shorts, e a regata preta, que ela traz no cabide pra mim, junto com a bota da mesma cor.

— Enquanto dançava, fiquei observando tudo da coxia... você deixou todos os homens erráticos e com o seu último número, ah! É hoje que liberam o jato. — Ela zoa, limpando minha maquiagem para fazer uma nova mais suave que a anterior.

— Reza pro meu pai não ficar sabendo disso.

— Seu pai está tão viciado no jogo que você existe. Estamos nos divertindo, Belly, não seja estraga prazeres, estar rodeada de gatos por todo lado é uma aventura e tanto.

— Estragar prazeres? Nem de longe pretendo fazer isso, mas não seja tão maldosa com papai, ele joga para se distrair e por diversão. — Defendo-o, me sentando na cadeira, passando as meias brancas 2/4 pelas minhas pernas e coloco a bota, fechando o zíper até em cima.

— No meu ponto de vista já se tornou um vício. Quando isso acontece as pessoas apostam tudo o que tem, e assim que ele não tiver mais nada, vai acabar apostando você.

— Nossa! Como a sua imaginação é fértil. Já pensou em escrever um livro? — Ironizo e dou uma volta ficando de frente para ela. — Como estou?

— UAU! Belly, vestida assim, com pouca make, você aparenta ter 16 anos. — Diz espalhando minha sombra brule, e o nude rose nos meus lábios.

— Sugar baby. É sua última apresentação agora. — O organizador da festa anuncia.

— Boa sorte! — Aria cruza os dedinhos.

— Obrigada. — Sigo confiante incorporando meu papel, que é instigar a imaginação dos homens.

Minha respiração está instável, e minha pressa é tanta, que bato de frente com ele, o cara da plateia. O impacto é forte o suficiente para levá-lo comigo ao chão, caindo por cima dele. Nesse exato momento o mundo para de girar e sou arremessada com potência para os catálogos da Calvin Klein que sempre apreciei. Estou nervosa. Que vergonha. Atropelei um cara lindo de morrer.

Ele é definitivamente mais lindo de perto. Não sei que idade tem, mas é um homem na casa dos 30, o mais sexy que eu já vi. Seus olhos pousam nos meus, e identifico o perigo. Ele parece uma bomba relógio prestes a explodir. E todo meu mundo agora é uma mistura de luzes douradas da mesma cor dos olhos dele.

Tudo nele me cativa. Sua boca sensual se abre num sorriso irônico, enviesado que me encanta. Seu olhar é como o mel das abelhas de tão doce, mas assim como elas possuem ferrões, sinto que fui ferroadada no instante que os nossos corpos se colidiram.

Ele não tem nada de divino ou santo. Se existe Deus e diabo, eu sei exatamente a imagem de quem esse homem fora moldado. Ele é como um

anjo negro, sensual e pecaminoso, levando suas vítimas a loucura, destruindo tudo por onde quer que passe. Realmente, tenho que admitir. O conjunto da obra é perfeito.

— Isabelly... — Sua voz enrouquecida me faz estremecer, trazendo-me de volta a superfície.

— Oi. — Cumprimento-o desconcertada e ciente de seu corpo forte, sólido, enquanto o meu é líquido, fluindo para ele. — Er... me desculpa, eu não...

— Shhhh... — Delicadamente acaricia meus lábios com a ponta do dedo. — Não peça desculpas, essa colisão foi um prazer, baby. — Ele começa a olhar demais pro meu rosto, apalpando e sentindo o cheiro da minha pele. Estou tão chocada que fico parada. Mesmo quando Steven me toca, não é assim, dessa forma tão possessiva. Eu me sinto quente e com medo. Não há hesitação em suas ações. Ele só me toca. Como se ele tivesse o direito de fazê-lo. Como se eu lhe pertencesse. E como corro com facilidade, devo estar com blushes naturais na bochecha. Suas feições mudam de curioso para irritado. Não o entendo. E sem que eu espere ele acerta um tapa despudorado na minha bunda, me apertando mais nele, de propósito, para senti-lo mais embaixo, fico paralisada.

Ele continua me segurando com força, me olhando daquele jeito estranho, e desvio o olhar envergonhada.

— Faça isso de novo e eu juro que... — Ameaço apontando o dedo na cara dele, que me levanta junto com ele fazendo eu perceber o quanto sou pequena diante dele.

— É perigoso você estar aqui. — Comenta sombrio.

— Olha, moço, é minha última apresentação e você está me atrasando.

Tenho que ir. — Intrigada corro para o palco sem olhar para trás, mas sei que ele não deve ter tirado os olhos de mim até eu desaparecer do seu campo de visão.

Quiero Hacerte El Amor de Thalia, toma conta do ambiente. A delicadeza e a sensualidade se colidem nessa melodia, acalmando-me. E sobre o efeito do cara misterioso começo a mover-me lentamente, como se a barra fosse alguém que desejo.

Encerro a apresentação com Sky of Gold de Sacha Collisson, mas os dançarinos que estão dançando comigo recuam antes da música acabar. O que está acontecendo? Quando finalizo recebo o aplauso de todos, e o homem misterioso que me bateu na bunda no camarim me aplaude lentamente, com escarnio, fuzilando eles com seus olhos cor de mel, observadores, secos e sombrios. Qual é a desse cara?

Despisto-o, pegando uma bebida no balcão, estou com muito calor. Logo a frente me deparo com outro par de olhos, mas dessa vez são verdes, familiares e estão muito, mas muito furiosos. STEVEN! Meu noivo, caminhando em minha direção com passos largos, e sei que não gosta nada do que vê. Estou exposta demais, e quando vou beijá-lo ele me puxa pelo braço, me arrastando rumo a saída. Fala sério!

— Steven, me solta. — Grito esperando que ele escute apesar do barulho.

— Você está em uma festa cheia de machos. O que pensa que está fazendo? — Exalta furioso.

— Dançando. Qual é o código penal que diz que dançar é proibido?

— Isso aqui é um antro de perversão. Você vai embora comigo agora!
— Brada alterado.

— Faça o favor de diminuir o tom de voz comigo. Estou aqui porque fui contratada para dançar. — Não menciono sobre o vídeo, e nem o jantar com o anfitrião, ele ficaria ainda mais irritado. — Não estou aqui por diversão, e sim trabalhando. Não tenho culpa se você desconfia de mim, vou embora com a Aria. Você não é meu dono.

— Tudo bem... só não faça nada que possa se arrepender depois. — Ele me dá as costas, e corro atrás para concertar as coisas entre nós.

— Stev! Como foi que me achou? Eu só estava dançando, não é nada do que está pensando.

— Nós marcamos de ir no cinema, lembra? Quando cheguei na hora marcada, vi você e sua amiga saindo de carro e as segui até aqui, mas pode continuar, não quero atrapalhar sua diversão. — Vira o rosto e some entre a multidão.

— QUE SACO! — Praguejo e para o meu desespero, enfio a mão esquerda com tudo dentro de uma taça cheia. Leio o rótulo da garrafa ao lado, fico pasma, porque o whisky desperdiçado não é barato, e sim um Macallan 1946. Eu achei que não tinha como piorar, mas ao notar a quem pertence, reviro os olhos.

— Fala sério...

— Você de novo?

— Foi você não foi? — Ele não entende a pergunta e começa a rir. — Seu sem vergonha duma figa. Não sei como, mas fez os dançarinos descerem do palco. Qual é o seu problema? Sei que foi você.

— O problema é que se falasse comigo do jeito que falou com seu namoradinho, te tirava daqui aos gritos, te jogaria dentro do carro, e quando finalmente chegássemos em casa, eu te ensinaria uma lição da qual você iria

se lembrar para o resto da sua vida. — Diz ignorando minha pergunta, mas pelo o que falou do meu namorado já entendi tudo. Está com ciúmes.

— Eu não sou nada sua e minha vida não é sua conta. Ao invés de me dar lição de moral, por que não me ajuda aqui? — Mostro a ele minha mão entalada até o punho na taça dele.

— Estou indo para casa, me desculpa, mas vou ter que levá-la comigo.

Saio tropeçando atrás dele por livre e espontânea vontade da minha mão que não quer sair de dentro da taça que ele se recusa a soltar.

— Você é louco? Não irei com você. Quer fazer o favor de me soltar? — Com a outra mão eu tento dar um tapa na cara dele, mas de imediato ele a segura com força, me puxa contra o seu corpo, sem tirar os olhos dos meus, faiscando. — Não posso ir com você, preciso falar com Thomas.

— Nem pense nisso. Vou te tirar daqui agora.

Saímos pela porta dos fundos, e um homem com a expressão séria, e ar competente o cumprimenta, pelo jeito que se comunicam, deve ser o chofer, que abre a porta para nós. Ele me coloca no banco de couro, e fico encantada com tudo o que vejo. Há um bar, cinco caixas de som espalhadas, e através delas uma música está tocando, mas não consigo decifrar. As luzes estroboscópicas decoram o interior do carro, do chão ao teto, passando pelos assentos, mas ele muda para a iluminação que simula o céu estrelado, em seguida, aperta um botão e uma janela preta começa a subir nos separando do motorista. Tem tanta coisa, que me faz pensar que a sua casa deve ser como o Palácio De Buckingham. Ele com certeza é mais rico que o Thomas Linfon.

Exausta, não abro a boca para brigar por me fazer segui-lo. E também porque ele me dá medo.

— Isso, assim mesmo, relaxa. — Ele estende a mão para que eu lhe dê

a minha, para retirá-la de dentro da taça, e esfrego o inchaço tentando aplacar a dor. — A pressão fez seu sangue parar. — Diz massageando a palma até o pulso.

— De onde você me conhece?

— Instagram, Facebook, e viva a tecnologia, baby! — Fala parecendo um psicopata em série.

— Eu já estou bem, me deixa... — Tento puxar meu braço, mas ele segura firme.

— Fica quietinha... — Continua massageando suavemente. Seu toque é ardente como o fogo e seus olhos possessivos em mim me excitam.

— Não vai me dizer seu nome?

Ele tira de dentro da jaqueta um cartão preto e cinza escrito Hunter's Technology em relevo, e seu nome está em letras maiúsculas em destaque.

— Você é o...

— Sim. Sou eu. Yan Hunter. O dono daquele edifício todo da Times Square. — A pronuncia forte do nome combina perfeitamente com ele. Sua voz está suave agora.

— E o que é isso? — Sua foto no cartão se mexe de várias maneiras parecendo os quadros falantes de Hogwarts, só faltava isso.

— Esse documento contém um chip igual ao de um cartão de crédito. Nele está armazenado toda a minha vida, desde o nascimento até o protocolo de todas as minhas filiais. Esses dados seguirão padrão internacional e serão criptografados, com um certificado digital que garantirá a autenticidade de toda humanidade.

Logo, ele toca e rapidamente mais informações são detectadas.

— É a prova d'água também. — O exibido ressalta o acontecimento com sarcasmo.

Meu Deus! Ele é Yan... Yan Hunter, da Hunter's Technology. Como não o reconheci? Diriam que sou uma mulher de sorte, mas pra mim é um idiota, e devolvo seu documento touch screen, enfiando dentro do balde de gelo pra conferir se é prova d'água mesmo.

— Minha amiga está na festa, deve estar preocupada, preciso voltar. Pode parar em qualquer lugar, eu pego um Uber... — Ele pega seu documento de volta, enche novamente a taça, e bebe despreocupadamente ignorando meu pedido.

— Você é meretriz? — Pergunta com escárnio. — Se é pelo dinheiro, eu pago o que for preciso... — Abre a carteira, e mostra centenas de dólares. — Mas deixa essa vida. Só de pensar no que poderia ter acontecido...

Fico boquiaberta. Por que ele acha que sou meretriz? O que poderia acontecer? Esse cara é maluco. Eu tenho que sair dessa limusine.

— Estou sendo sequestrada! SOCORRO! — Grito batendo no vidro, mas ele me aperta por trás, tapando a minha boca.

— Salvei a sua vida e é assim que me agradece? — Sussurra em meu ouvido, girando-me para ele, e o oxigênio escapa dos meus pulmões.

— Me salvou do que? — Ele não responde. — Não vai falar? Ok! Oh, motorista! PARA O CARRO! — O meu pedido não se realiza e ele ri de mim, porque claro, o chofer só obedece a ele.

Desafiando-o com o olhar, eu enfio a mão no bolso do meu shorts a procura do meu celular, o qual ele ergue exibindo junto com um sorriso sarcástico.

— Por acaso está procurando por isso?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Me devolve! — Tento pegá-lo, porém, ele é mais rápido que eu. Meu celular começa a tocar nesse exato momento, e eu insisto. — Me devolve, preciso atender! — Ele me ignora erguendo-o no ar.

— Celular da Isabelly... — Atende me provocando no nível máximo, e coloca no viva voz, o que me possibilita reconhecer a ligação de Aria. — Yan Hunter falando. Não se preocupe, ela está bem, só está um pouco bêbada. Vou levá-la até minha casa para que se cure da bebedeira e...

Quem esse cara pensa que é?

— Aria, não acredita nele. Ele está me sequestrando, eu não estou bêbada, você precisa avisar alguém que ele está me levando contra minha vontade.

Passa-se alguns segundos e ela responde eufórica.

— AI MEU DEUS! — Ela solta um gritinho agudo estranho, e de repente fica completamente muda por alguns segundos. — ISABELLY! Não acredito que você está com o maior tecnólogo da américa inteira. Ele é um gato. Eu vi quando você saiu agarradinha com ele, e é solteiro. Thomas vai casar, e só vai pagar a despesa do apartamento, mas agora já nem sei, porque outro daddy gostou de você e vai te dar uma noite de princesa, ai que *inveja miga...*

Não acredito que ela está falando isso.

— Aria, você bebeu?

— Eu? *Maxina. Tô bem.* — Ela desencadeia uma risada estranha e continua. — Aproveita, ele é gostosão. Com certeza um Deus do sexo. Nossa, que tensão sexual vocês têm, hein. Deu para sentir o fluxo de longe, então não começa com esse papo de sequestro pagando de puritana, não se preocupe, eu não contarei nada para o seu namorado, aproveite e faça o

melhor sexo casual da sua vida com esse...

Minha nossa senhora, das louras oxigenadas!

— Que Deus do sexo? Que fluxo? Aria, eu estou sendo sequestrada, S.E.Q.U.E.S.T.R.A.D.A! — Soletro, quem sabe assim ela entende.

— Para de drama. Eu daria tudo para estar aí no seu lugar e você reclamando? Ah, tenha dó! Ele foi um gentleman com você porque eu vi. Para de ser medrosa e dar desculpa pra voltar. Aproveita esse sequestro maravilhoso, depois me conta se ele é um dominador daqueles que a gente vê em filmes. Já molhei minha calcinha só de ouvir a voz dele, e acho que ele tem um quarto cheio de apetrechos sexuais para...

Vou com tudo para cima dele, disposta a cancelar essa ligação ou Aria vai me matar de vergonha. Nesse momento a limusine faz uma curva acentuada e nós dois caímos abraçados no carpete, e meu celular ainda no viva voz mantém Aria falando sem parar.

— Nossa que safadinhos, já vão começar com o veículo em movimento mesmo, *vai miga...*

— O que você tem contra minha bebida? — Pergunta, encerrando a chamada, e respondo sua pergunta com outra.

— Você não falou sério quando disse que vai me levar para a sua casa, não é?

— Aprenda uma coisa sobre mim, baby, eu sempre falo sério. Você não vai voltar lá.

Ao ver que a minha regata está úmida, deposita a sua jaqueta sobre mim, mas não aceito, devolvendo à ele, que para a sua sorte não se molhou nenhum pouco, MERDA! A taça por sua vez se desfez em mil pedacinhos em nossa volta. Estou em desvantagem, por baixo do seu corpo viril, molhada até
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

os seios, que estão começando a se enrijecer, e por mais que eu tente me mover dali eu não consigo.

— Cuidado, ou vai se cortar.

— Desde quando você se importa? — Retruco. Ele me analisa por um determinado tempo, e toca os meus lábios com o polegar, quase me beijando, queimando toda extensão da minha pele.

— Desde quando coloquei meus olhos em você. Tenho muitos planos, mas nenhum deles inclui machucá-la fisicamente, não é essa a minha intenção. — Minha boca está com gosto de whisky, e umedeço os lábios para sentir mais.

— Gostaria que nesse momento sua intenção fosse sair de cima de mim.

— Não seja por isso, senhorita... agora é você quem está em cima. — Diz invertendo as posições. — Todo dia faz isso?

— Isso o quê? — Pergunto impaciente.

— Sempre cai e enfia a mão na bebida das pessoas?

Ai que ódio! Esse cretino está rindo de mim.

— Ah sim, é meu passatempo preferido. — Debocho, dando um tapa no seu peito, para sair de cima dele, e sento no banco mais longe possível. Se ele acha que vai me desencorajar com piadinhas, ele está redondamente enganado.

— Então você estava mesmo dançando na festa por dinheiro. Tão linda... olha, eu posso resolver seus problemas, se ficar calminha e... — Não importa o quão eu tente me afastar, ele não vai me deixar em paz, e senta ao meu lado, enroscando os dedos em uma mecha do meu cabelo.

É muita cara de pau.

— Vai sonhando, babacão! — Dou de ombros.

— Melhor ter cuidado com as palavras, mi cielo... — Ele segura meu braço com força, apertando-me contra o vidro e sussurra em meu ouvido. — Ou farei você deslizar essa linguinha afiada bem aqui... — Força minha mão em sua ereção.

Tarado dos infernos!

Fingindo uma falsa inocência, eu me inclino sobre seu corpo e lanço para ele meu olhar de estrela protagonista de novela mexicana, e enquanto ele curte o movimento, com o seu sorriso absorto, eu não penso duas vezes, tiro a taça da sua mão, finjo que vou beber e viro todo o whisky com pedras de gelo na camisa dele, que fica colada em seus músculos deliciosos, deixando-o ainda mais lindo.

— Pronto! Estamos em igualdade. — Encaro-o furtivamente. — Agora vai, me deixa sair daqui.

— Seu desejo é uma ordem... love. — Ele clica no celular e estranhamente a porta se abre. Com o veículo a 60km por hora.

— Se joga. — Diz mostrando a porta pra mim.

Ele acha que estou blefando, e minha paciência está no limite. Eu posso me ralar toda, mas pouco importa.

Ele solta um berro desesperado para o motorista ao ver que vou saltar, e a limusine para bruscamente. Aproveito, pulo, e saio correndo o mais rápido que consigo, mas com essa bota de salto os meus pés doem. Ele me alcança, agarrando-me, e me encolho ao sentir o contato da sua camisa molhada e fria na minha pele. Ele agarra os meus pulsos chacoalhando-me.

— Ficou maluca, garota? Volta para a droga da limusine! — Aponta furioso para a porta. — Não queira jogar comigo, porque vai perder, e há regras, a propósito, você acabou de infringir uma delas. — Seus olhos soltam fagulhas sobre os meus.

Fiz a minha própria cova... sim, eu sei. Ah, mas se ele continuar me provocando assim, um dia eu juro que o mato. Meu pensamento tem tanta força que num gesto impensado atinjo sua arma secreta. Meu golpe foi certo, e ele solta vários tipos de palavrões em línguas existentes.

As orelhas dos meus antepassados devem estar pegando fogo debaixo da terra, pois sei que nesse momento ele está praguejando contra toda minha geração. Tapo meus ouvidos, não quero ouvir, não sou obrigada.

Seu olhar implacável e suas palavras me fazem lembrar um filme que eu e Aria vimos uma vez no cinema: Jogos Vorazes. É fácil visualizar eu e Yan numa arena em uma decisão final: MATAR OU MORRER?



Observo Yan carrancudo, com cara de quem comeu e não gostou. Eu lhe dei um golpe certo. Bem feito! E aproveitei a brecha para atravessar a rua. Tudo bem que ele é gato, mas eu já tenho namorado, e esse homem é mais estranho do que sujeito em praça pública, comendo x-bacon e tomando refrigerante diet. Quem ele pensa que é? Se houvesse um concurso para escolher o psicopata do ano, com certeza Yan Hunter ganharia a faixa.

Um cachorro vira-lata pula em cima de mim, fazendo-me correr igual uma louca pulando os canteiros. Ninguém merece! Essa noite está sendo o fim da picada. Fala sério! Eu não taquei pedra na cruz, eu fiz pior, eu grudei chiclete, só pode.

— Isabelly, volta já aqui! — Grita me perseguindo. Estou literalmente
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de shortinho beira bunda, sendo perseguida por um cara psicótico que acha que tem algum direito sobre mim.

Estou me sentindo a Katniss Everdeen na arena do filme Jogos Vorazes, e Yan é o tributo do distrito 2 que vai me matar. Quando noto que falta pouco para ele me alcançar, tiro minhas botas de salto fino e as lanço, a primeira erro mas a segunda, acerto, direto e bem no meio da testa dele. YES! Se fosse para ganhar dinheiro eu não teria tido tanta sorte. Sinto orgulho múltiplo da minha incrível pontaria, porém, ele não cai, e está uma fera, maldição! Estou tão fixada em correr dele que paro bruscamente ao perceber que estou diante da fonte The Grove Drive, totalmente iluminada, ah, eu adoro passar horas observando-a, relaxando e pensando na vida, mas agora não era a hora. Eu tinha que continuar correndo.

O engraçado dessa fonte é que as enormes cascatas que saem da boca do dragão formam um coração logo abaixo. Acho que em nenhum lugar do mundo existi uma fonte mais esquisita do que essa, penso agarrada a uma árvore, enquanto controlo a minha respiração. Quem em sã consciência faria um dragão jorrar água, quando o mesmo solta fogo?

— Não se mova! — Grita o maluco que me persegue. E falando em dragão... chega a ser engraçado vê-lo parado na minha frente cuspidendo fogo pelas ventas, enquanto a estátua cospe água. Que trocadilho!

Penso em subir na árvore, mas estou cansada, não tenho forças, muito menos sou escoteira, então ele me gira de costas para ele, bloqueando minhas pernas e mãos, me impedindo de lhe dar outro chute ou a tentativa de acertar sua cara, que era o que eu devia ter feito. Esperto.

— Me solta! — Minha voz sobe duas oitavas quando tento me debater na esperança de me livrar dele.

— Chega de gracinha. — Murmura em meu ouvido, me deixando
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desequilibrada, ofegante, sem ar, tão mole que pareço que vou derreter com o calor da sua pele.

— Por favor. — Suplico baixinho.

— É melhor você voltar comigo para a limusine, ou A: Te coloco nas costas e te levo a força. Ou B: Você vem bem boazinha. Ou C: Você só tem essas duas opções. Capetinha do jeito que é, aposto que ficará com a primeira.

Ah, que cretino! Não penso duas vezes e faço a simulação de um sequestro. As pessoas que estão passando por ali começam a olhar, Yan então me solta e não faz nada para me calar. Só entendo o porquê quando vejo dois policiais ao longe, que se aproximariam de nós a qualquer momento.

— Escuta aqui, Cato Hadley. — Tem filmes que tem que ficar apenas na tela do cinema, e não ter passe livre para assombrar Los Angeles. — Pode me chamar do que quiser, mas para mim o senhor é o próprio Lúcifer que escapou do inferno, e está andando pela terra à paisana somente para virar a minha noite de cabeça para baixo. E para a sua informação... — Aponto o dedo na cara dele. — Eu não vou voltar boazinha e passiva para aquele caldeirão que você chama de limusine.

— Está mesmo dizendo que eu sou o diabo e minha limusine é o caldeirão do inferno? — Ele me encurrala até o tronco da árvore, me pega pela cintura, e a outra mão coloca em um dos galhos, me mantendo presa a seu corpo quente. — Você não sabe com quem está se metendo, cariño... você deveria me tratar com respeito.

— Desculpe-me a ousadia... senhor, mestre, reverendo, meritíssimo, altíssimo...

— Você me veneraria se soubesse o que te espera. — Sua resposta é

diretamente uma ameaça, porém, não me deixo abalar.

— Agora eu fiquei com medo. — Coloco meu antebraço em seu campo de visão e acrescento. — Olha só como eu estou arrepiada.

— Sua atrevida, debochada! — Ele me fuzila furioso, e a eletricidade daquele olhar atinge cada terminação nervosa do meu corpo.

— Seu troglodita, arrogante! — Devolvo instigando a sua provocação. Estou tão próxima a ele que sinto sua ereção pronta para entrar em atividade. Não, não, não... esse cara não pode estar excitado apenas por correr atrás de mim pelo meio de uma avenida. Ah, meu Deus!

— Excitada? — Ele pergunta bem perto da minha boca.

— O que você quer? — Pergunto petrificada, incapaz de desviar os meus olhos dos dele.

Sei exatamente o que ele quis dizer, e não me contenho, olho para o seu membro grande e duro sobre a calça, como eu queria estar enganada, bem que podia ser o galho da árvore, ou qualquer outra coisa a pressionar a minha perna.

Esse cara é lunático!

— Te comer. — Confessa sem pudor, e começo a bater em seu peito sem parar gritando como uma louca.

— Para! Isabelly, vamos cair na água... — Tenta me parar, mas meu jeito desastrado faz com que nossos corpos sejam arremessados literalmente para dentro da fonte. Bom, se o jogo começou, o placar está dois a zero para mim!

— O que está acontecendo aqui? — Os dois policiais nos abordam em uníssono.

Fixo minha atenção nos distintivos em suas cinturas, e eles nos olham com extrema condenação, como se encontrar um homem e uma mulher se agarrando em plena fonte de praça pública fosse crime. E era! Agora FERROU tudo!

— Você está ferrada, Isabelly. — Ele cochicha no meu ouvido, me causando arrepios.

Ao deixarmos a fonte, o policial, com o olhar acusatório, tenta conter um riso de deboche, afinal, devemos estar parecendo pintinhos molhados.

O policial gordo e barbudo me encara, e eu sei o que ele está esperando.

— Então, senhor policial, esse tarado não me deixa em paz, tem que prendê-lo, por favor. Por culpa dele olha como fiquei toda molhada.

— Hmm... — Assinala e anota algo no seu bloquinho. — O senhor Hunter não tem motivos para assediar a senhorita, que pelo visto está muito encrencada.

— O que aconteceu foi o seguinte, Robert... — Ele conhece os policiais, claro, e toda a cidade, mas que droga. — Ela estava correndo muito assustada, e me pediu ajuda, dizendo que estava sendo perseguida. A nossa colisão foi tão brusca que acabamos caindo, mas parece que está tudo bem agora. A pessoa com certeza fugiu ao ver vocês chegarem. — Que descarado, distorceu a história toda ao seu favor.

Ah, se ele pensa que vai sair ileso dessa está muito enganado. Fixo o meu olhar na arma do policial barrigudo. Já que estou ferrada, então, ferrada e meia vou ficar. Não tenho nada a perder ao colocar em prática o que tenho em mente.

Discretamente me aproximo, e furto a arma dele, apontando para Yan,

que ao invés de se assustar, ri com a mão no queixo. Quero ver você rir quando eu apertar o gatilho, infeliz. O jogo inverteu, e eu sou o tributo, prestes a matar o distrito 2.

— Senhorita, solta a arma! — Exige o policial dono da arma, tentando tirá-la de mim, mas o domino e aponto dessa vez para ele.

— O senhor não se intrometa! Esse idiota me sequestrou e não para de me perseguir, é dele que estou fugindo. Ele está mentindo. Só estou agindo em legítima defesa.

— Roubar a arma de uma autoridade é desacato, e mentir só será usado contra a senhorita. O senhor Hunter é um homem muito importante, deveria estar agradecida a ele por estar aqui pra salvá-la.

— Que droga! Estou dizendo a verdade. — Acham que sou maluca, e Yan aproveita que estou de costas para ele pra me agarra por trás, tentando pegar a arma, mas mordo o seu braço, com a dor, ele se afasta e a nossa distância agora é apenas de poucos centímetros.

— Ok. Vai. Atira! — Exclama, pedindo para que eu aperte o gatilho — Mas se fizer isso, vai condenar a sua vida, passará anos atrás das grades, com certeza você não quer isso, acalme-se. Vem, eu te levo pra casa. — Filho da mãe! Ele está manipulando a situação ao seu favor, mas não posso permitir que me deixe com medo ou deboche de mim.

— Não me importo, a única coisa que eu quero é que você fique longe de mim, e se te matar é a solução, ótimo, diga as suas últimas palavras.

É obvio que eu não sou nenhuma assassina em série, mas deixá-lo com medo pode ser infalível. O policial magro, que mais parecia um graveto me agarra, e quando ele está prestes a obter a arma das minhas mãos, a mesma dispara, e Yan cai no chão. Será que o acertei, sem ao menos olhar para

aonde estava mirando?

Ele me olha furioso com a mão direita pressionando o braço esquerdo ferido. Sem opção, entramos na viatura e partimos rumo à delegacia.

Na recepção, sou informada de que tenho que ficar algumas horas restrita em uma sala. O quê? Indignada, intervenho a meu favor.

— Ah, é? Que lindo isso! Por que eu tenho que ficar restrita enquanto ele... Pode ir embora?

— O senhor Hunter está liberado, portanto a senhorita fica.

— O que? Não. Esse homem me sequestrou, não posso ficar presa aqui só porque tentei me defender.

O desgraçado se diverte, coçando o queixo e rindo baixinho. Não está rindo apenas da minha situação por não acreditarem em mim, mas também porque errei o tiro, a bala o atingiu de raspão, o sangue na sua camisa branca coagulou. Dessa vez ele teve sorte. Estou tão furiosa com vontade de matar esse infeliz.

— Você me paga. — Digo, somente para ele ouvir.

— Você também, com juro e correções monetárias. — Articula as palavras, que para a minha sorte, sou muito boa para fazer uma leitura labial.

— Chega de conversa, mocinha. A senhorita vai ter que vir comigo, já que não possui documentos, e olhando assim para você, eu suponho que não tenha mais que dezessete anos.

— Eu não sou menor de idade! — Esse inspetor deve estar de brincadeira com a minha cara. Maldita hora que eu esbarrei nesse infeliz.

— Terá que vir comigo mesmo assim. — Ele me arrasta, e eu dirijo uma última vez meu olhar para Yan Hunter, estou com tanta raiva que sei que

a mensagem que transmito é o de um ataque terrorista. Ele pisca um olho e sai de fininho. Ugh! Cretino. Ele vai me pagar!

Estou na salinha de espera, e provavelmente estão ligando para o meu pai, que com certeza não vai atender, porque está de ressaca, varando a noite no Cassino. Estou literalmente fodida.

O que está acontecendo comigo? Dancei pole dance, cai dentro de uma fonte com uma cara psicótico, e para completar o desastre da noite, estou prestes a ser presa. O que mais falta acontecer antes que o dia amanheça?



O Senhor Hunter pagou sua fiança e ordenou que não prendêssemos a senhorita. Ele ordenou? Que ódio! Deu vontade de pedir para ficar presa quando o inspetor me disse isso. E como se não bastasse, o motorista dele estava lá de prontidão para me trazer para casa. Não tive escolha a não ser aceitar. Mas tudo bem. *Você nunca conheceu aquele homem! Você nunca conheceu aquele homem!* Repito mentalmente espreguiçando-me.

É segunda, e estou quase chegando na sala com a minha camisola de unicórnio, quando ela grita e me assusta com a sua estridência aguda.

— OMG! O sexo ambulante fez o comercial da Calvin Klein!

— Que sexo ambulante? — Pergunto ainda sonolenta, vendo a imagem

constrangedora de Yan Hunter na tela do notebook, desfilando só de boxer, e com o peitoral másculo a mostra. Quando está prestes a acabar, ele vai abaixando-a lentamente a boxer. Aria nem ao menos pisca, está louca para ver a parte íntima do descarado, que está quase sendo revelada, mas apenas uma pequena parte dos seus pelos pubianos aparecem, ela bufa e faz bico, porque a câmera volta a ele que sorri de canto sem abaixar mais, e acaba. Entendo a fascinação de Aria. Esse homem é uma invocação ao sexo. Fico toda arrepiada só de recordar o momento em que senti a sua ereção e o seu corpo todo molhado sobre o meu no The Grove Drive.

— Isso não é um homem. É uma homenagem a criação divina. — Diz toda babona.

— Não é para tanto, Aria.

— Belly, esse cara não é um anúncio de Youtube para você ignorar em 5 segundos, esse homem é um tremendo partido.

— Só se for um partido para o inferno!

— Vai me conta! — Ela grita de novo, tão alto que salto para trás de susto.

— Quer me matar do coração?

— Ai, fala, como foi ontem com o sócia do William Levy?

— Foi um DE-SAS-TRE! — Soletro as sílabas, enquanto desabo no sofá.

— Como assim um desastre? — Ela senta ao meu lado. — Desastre é não conhecer esse homem, ora essa.

— Sim, ele é lindo demais, não vou negar, mas é louco. Primeiro me deu tapa na bunda assim do nada.

— Você ficou com tesão?

— Tesão? Aria o cara me jogou na limusine dele, todo autoritário como se fosse meu pai.

— Ui... delícia!

— Depois ficou tentando me agarrar lá dentro.

— Ai que gostoso!

— E me perseguiu pela avenida, caiu comigo dentro de uma fonte, disse que queria me comer... Acredita? Ele usou essa expressão.

— Que badalo!

— Quer parar com isso? Está me irritando!

— Amiga! — Exclama indignada. — Você está seguindo corretamente a propaganda da OLX ao trocar Steven por ele. — Ela ergue as mãos para o ar e acrescenta: Você fez um bom negócio.

— Aria... volta para o mundo real, por favor, ok? Não troquei ninguém. Eu estou explicando para você que esse doido está obcecado por mim, ele disse coisas estranhas, como: Você me veneraria se soubesse o que te espera. UGH! Sem contar que ele é prepotente, arrogante, mandão, tem até um cartão estranho com uma foto que se mexe igual os quadros de Hogwarts, e só pelo fato dele ter tido quatro ereções descaradamente ao meu lado, já dá pra notar que ele deve ter distúrbio sexual, ele pode ser um maníaco, um sociopata, ou um...

— Belly. — Me interrompe. — Esse é aquele tipo de cara perigoso, que faz a mulher gozar apenas com o som da voz.

— Estou com o Stev, eu o amo e isso não vai mudar. — Ela revira os olhos em protesto — Ah! E não te contei a melhor parte, depois que saímos

da fonte, roubei a arma do policial pançudo, eu estava com muita raiva e queria acabar logo com aquilo, porém, o colega dele, o bicho-pau, me surpreendeu, tentou tirá-la de mim a força, foi aí que apertei o gatilho e BUM! Acertei o desgraçado...

— Você fez o que? — Grita indignada.

— Ele está bem, foi de raspão. E você acredita que ele pagou a minha fiança?

— Você quase matou ele, e ainda te tirou da prisão? Puta merda, Belly! Que noite! Se está atrás de você é porque está afim, vai fundo. Eu já disse que você merece mais que um namorado normal.

— Steven é atencioso, carinhoso, sempre me dá flores, bombons e...

— Flores murcham e bombons engordam. Você quer mais que isso. É bonzinho demais e os santos desconfiam. Lembra dessa frase: *Você quer um amor que te consome, quer paixão, aventura e até mesmo um pouquinho de perigo?* — Parafraseia, tentando imitar a voz de Damon da série The Vampire Diaries.

— Como eu poderia esquecer? Temos os boxers de todas as temporadas e revemos sempre que possível. Essa frase é realmente marcante e verdadeira.

— Você é uma boba, Belly. Se eu tivesse no seu lugar, iria beijar esse CEO maravilhoso! — Continua falando absorta.

— Já chega, Aria! — Chamo sua atenção. — Eu quero que o Yan Hunter e toda a sua zona de perigo fiquem bem longe de mim.

— Deveria ter pego pelo menos o WhatsApp dele para depois você passar para mim. — Ela diz, em seguida mudando de assunto. — Ah...Thomas Linfon mandou uma mensagem dizendo que você não ficou até

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o final da festa e não vai pagar toda nossa dívida, mas como gostou do jantar e por ter dançado na festa, depositou só US\$400 dólares de caixinha. Esse dinheiro só paga duas parcelas, ainda faltam mais três, eu só não fiquei puta que foi embora com sex appeal do tecnólogo gato, porque na festa só tinha gente rica, agora a nossa salvação é se dançar pro Yan agora. E só acho que você deveria investir nesse ramo de dançar. O que acha? Eu seria sua empresária. E te apresentaria como Isabelly Surfistinha, a TOP do pole dance! Poderíamos ganhar dinheiro com o seu sucesso.

— Para de me chamar assim, e você é louca. Eu não quero nunca mais ver esse cara, nem por dinheiro. Vamos dar outro jeito e tira meu perfil desse site. — Lanço uma almofada nela e ela promete deletar a conta que criou. — Agora me diz? Como conseguiu dirigir bêbada?

— Eu não dirigi... conheci um carinha, enquanto você estava com o tesão. Realmente não dava para rolar lá, então sugeri o nosso apê. Dei as chaves do carro, aí ele me trouxe, porém eu dormi, e acordei sozinha com o alerta ligado. O idiota foi embora, depois disso entrei no apartamento e apaguei, não lembro de mais nada.

— Você é louca de trazer um cara para dentro de casa! Você teve mais sorte do que juízo.

— Meu Deus! Olha isso... — Coloca perante os meus olhos a tela do seu celular.

Bom dia! Estou com os pertences e o "celular" da sua amiga. Diga a ela que a aguardo na minha empresa para a devolução, mas será preciso marcar um horário com a minha secretária para que eu possa recebê-la.

Atenciosamente, Yan Hunter.

O QUÊ? Não é possível, isso tem que ser um pesadelo.

— Ele quer que eu marque um horário. Que idiota. E eu aqui, louca, pensando ter perdido o meu celular. Esse insolente está zombando da minha cara e ainda está com tudo o que é meu.

— O que vai fazer?

— Vou pegar as minhas coisas agora mesmo. — Entro estressada no quarto, planejando a carnificina que vou causar na empresa dele. Não consigo viver sem celular, porque a minha vida toda está nele.

E ainda ele deu um jeito de acessá-lo. AH! Estou tão possuída pela raiva que pego somente um casaco azul marinho, e calço um salto preto. Pronto. Estou apresentável, e ninguém precisa saber o que estou usando por baixo.

Passo rapidamente por Aria que me olha com um ponto de interrogação na cara. Balanço as chaves do New Beetle, para que ela veja que estou saindo. Já na garagem, me acomodo. Nós o chamamos de Chico, esse foi o nome que escolhemos, devido a cor vermelha, e acelero sem consternação.

Chego em quinze minutos, mas não encontro um lugar vago, o único disponível é onde há uma placa que declara que é proibido estacionar, mas ignoro e estaciono, decidida a colocar o senhor Hunter em seu devido lugar.

Luzes em tom safrico incidem sobre o maior arranha-céu no centro da Califórnia, todo em vidro de trinta andares, e o nome dele, claro, está em prol acima das portas de entrada: HUNTER'S TECHNOLOGY. Reviro os olhos.

O saguão é imenso. Tudo aqui é digno de um tremendo UAU! O interior, o piso e as paredes são revestidos de mármore dourado, as mesas, e catracas de alumínio polido, procedido de tecnologia. Paisagens são exibidas por slides, há muitos sensores, telas planas, e vasos suspensos com lírios dando uma fragrância suave. E não seria novidade para ninguém que a sala

do tecnólogo, CEO, e dono de todo esse império ficasse no último andar do prédio.

Sem mais delongas pego o elevador para o trigésimo, e quando a porta abre, seu sobrenome está em aço bem masculino, acima da secretária atrás da sua mesa de arenito. De novo? Fala sério!

— Não pode entrar aí mocinha. O senhor Hunter está em uma reunião internacional. — Diz uma moça com um coque e perfeitamente maquiada.

— Kelly... — Leio em seu crachá. — Entre lá e diga ao seu chefe, que quem está aqui é Isabelly Palouli.

— E isso vai mudar alguma coisa? — Pergunta com desdém.

— Você não sabe o efeito que meu nome pode causar.

— Desculpa, mas para falar com o senhor Yan, precisa marcar um horário, não posso deixá-la entrar. Se quiser faço o agendamento pra você.

Foda-se a agenda dele. Não estou aqui para conversa. Deixo-a falando sozinha e adentro a sala do senhor poderosíssimo. Yan está na ponta da mesa. Os outros assentos estão ocupados por japoneses que estão de queixo caído olhando pra mim, inclusive ele que está surpreso em me ver. Ele disfarça o clima desagradável, com um pigarrear de desculpas. A secretária que a pouco tentava impedir a minha entrada entra atrás também.

— Senhor, quer que eu chame os seguranças para tirá-la daqui?

— Não é preciso. Deixa ela comigo. — Ele me lança aquele olhar quente.

— Leva o meu casaco fazendo o favor. — Tiro-o e entrego para ela com a maior naturalidade.

— E vai ficar vestida assim? — Questiona.

— Vai fazer o seu trabalho moça, o meu papo agora é com esse cara.
— Fuzilo-o crispando de raiva.

Ela se retira, e todos continuam me olhando embasbacados. O queixo dos japoneses que estavam caído agora está despencado. É então que me dou conta que acabei esquecendo-me completamente do que estava usando por baixo. Isso não estava no script. E AGORA?

Estou literalmente na sala de reunião do poderoso chefão, de salto, e camisola de unicórnio. Olho para trás, mas a secretária intrometida já sumiu com o meu casaco. Dou um sorriso amarelo para todos. São sérios e sensatos, treinados para manter a compostura em todas as situações.

Sem saber o que fazer, subo na mesa e desfilo fazendo pose.

— Curtiram o meu pijama? Compre para as suas esposas. Elas irão adorar. — Ironizo dando uma piscadinha.

— Eles não falam a nossa língua, Isabelly, só estão de olho na sua bunda. Quer fazer o favor de descer da mesa? — Yan me dá um leve puxão de braço.

— Ai... seu grosso! — Me retira a força e despede-se dos japoneses, no dialeto deles.

Ele falando japonês é tão sexy, quanto o seu espanhol e inglês.

— Baku Hiroshi. Yorokobi ni kansha. — Um deles deposita um beijo em minha mão. Não entendo nada, só que o nome dele é Baku.

— O que ele disse?

— Que você é uma delícia. — Yan traduz, enigmático, mordendo os lábios de nervoso. Meu coração acelera no momento em que ele aperta um botão automático trancando a porta, e as janelas ficam opacas.

— Me sinto lisonjeada. Ser cantada a nível internacional em plena segunda-feira não é para qualquer uma, sou foda.

Silêncio.

— Eu vim buscar as minhas coisas. — Quebro o gelo, com meu batimento cardíaco descompassado.

Ele não diz nada, apenas vem ao meu encontro, devagar, indecifrável, preciso. Sinto o ar prender os meus pulmões. Começo a me afastar, até que as minhas costas encostam na parede, e sou imobilizada pelo seu corpo. Suas mãos prendem as minhas no alto da minha cabeça, a tensão fica insuportável e sem nenhuma forma de escapar.

— Que diabos pensa que está fazendo com essa roupa? Eu disse para marcar um horário, mas que teimosa. — Seu corpo é tão pesado, forte, que não consigo me mexer e sem que eu me desse conta estou sentada na mesa dele e ele está inclinado no meio das minhas pernas.

— O que você quer de mim?

— Se espantaria se eu te contasse, e a minha paciência para as suas crises de garotinha topetuda que está em uma missão, se esgotou. Então, não tente me desafiar em meu trabalho. — Seu olhar é penetrante. — Ou posso fazer coisas extraordinárias com você agora, e não tenho nada a perder com isso.

— Eu vou gritar. — Digo, sentindo a pressão excessiva em meus pulsos. — Se me tocar vou contar tudo pro meu namorado e...

— Foda-se seu namorado. — Ele me enche de calor, e dá uma leve mordida no meu lábio inferior. Beija meu queixo, meu pescoço, e novamente morde meu lábio com mais força. Entreabro-os instintivamente para ele, que solta todo o seu hálito dentro da minha boca, e um gemido escapa dos meus

lábios, diante daquele momento erótico.

— Ah, seus gemidos, Belly. Vai gemer muito mais gostoso quando eu enfiar meu pau em você. Morro de tesão só de imaginar o quanto você vai gritar.

— Por favor, me deixa ir embora.

— Ah, baby... se tivesse noção das coisas que pretendo fazer com você... — Sua voz é incrivelmente assustadora, rouca ao pé do meu ouvido. — Mas não ainda. Agora se levanta daí antes que eu perca a cabeça.

Vira de costas num esforço sobrenatural, pega o telefone e pede o meu casaco, que a secretária traz com rápida eficiência.

— Não quero que ande por aí vestida assim. — Começa a me vestir possessivamente.

— Eu sei me vestir sozinha. — Tomo dele, e ele vai até o cofre, digita uma senha, tira de lá uma sacola com minhas coisas. Pego furiosa para sumir de perto dele, e quando estou quase saindo, me agarra por trás, e apoia o antebraço na porta pra ficar ainda mais perto.

— Despeça-se direito, não vire as costas para mim. — Rendida, eu me viro para ele, enlaço o seu pescoço, roçando minhas bochechas na dele para falar em seu ouvido.

— Vai ver se eu estou na esquina!

— Não, baby, eu prefiro te foder. — Me aperta para que eu sinta a sua ereção, mas de repente reage de forma abrupta, se afastando de mim. Permaneço paralisada e ofegante, tentando entender esse homem, quando percebo que há alguém atrás de nós, esperando permissão para entrar.

Dou passos para trás, encarando-o de frente, e piso no pé do sujeito que

o cumprimenta com a ponta do meu salto.

— Foi mal. — Me desculpo com o cara moreno e bonito, com rosto contorcido de dor. E com o dedo no ponto para apertar o botão do elevador e me mandar dali, mato Yan com os olhos.

— Isabelly...

— CAFACHORRO!



Estou sentada no sofá pensando em como Yan me pegou em cima da mesa de escritório dele e me disse aquelas coisas explícitas. Eu deveria estar pensando no meu namorado que não gostou nenhum pouco de eu ter ido escondida a aquele clube, mas esse homem tem o poder de abalar as minhas estruturas. Passei a noite toda revirando nos lençóis, sonhando com cenas quentes, escuras, e normalmente nelas eu estou impotente, à mercê dele. Nesse instante, Aria vem sorrindo e saltitando para sentar-se ao meu lado.

— Queria ter visto a cara do rei do camarote, quando você invadiu o escritório dele ontem de camisola e de salto fino. — Diz imaginando a cena. — Esse cara deve ter uma penetração sexual daquelas vigorosas e violentas.

Relatei tudo ontem, mas pelo visto, será o assunto preferido dela pelos próximos dias. É complicado falar com ela sobre Yan. Ela não sabe como ele me assusta.

— Ele é inteligente e bem reservado em relação as mulheres. Tem fama de ser exigente na cama. E você tem sorte porque o seu tecnólogo gostoso de 28 anos está solteiro.

— Para de dizer que ele é meu, eu já tenho namorado, mas que coisa.
— Reclamo. A campainha toca. Ela corre atender e rapidamente a sua expressão passa de ofendida para assustada.

— Quem é?

— Sou eu, Steven. — Ele entra, todo lindo e cheiroso. Não é perturbador como Yan. Estar com ele é confortável, e me sinto mal por ter traído a confiança dele indo dançar as escondidas.

— Steven, eu quero explicar, o que viu ontem não...

— Não precisa. Eu já sei de tudo, que estão passando por dificuldades e que aceitou dançar na festa daquele cara pela grana. Eu só me sinto ofendido, pois você poderia ter pedido o dinheiro pra mim. Eu ajudaria sem problemas.

— Eu jamais te relataria isso, mas pelo visto...

— Eu contei. — Aria ergue as mãos confessando.

— Vamos esquecer esse assunto. Só, não faz mais isso por favor, é perigoso.

— Tudo bem.

— Ótimo. Não temos porque brigar, ainda mais que temos uma festa para ir hoje à noite. — Comunica.

— Festa?

— Te avisei desde a semana passada, esqueceu?

— Ah, sim. A festa do seu primo. Já providenciei até o presente.

— Ótimo. E peço que se vistam com a melhor roupa que tiverem no guarda-roupa, porquê ele é o dono de toda Times Square, e de várias filiais da Technology por todo o mundo. Yan acabou de chegar de um congresso na Inglaterra, e está dando uma festa para comemorar seu aniversário. — Fico pálida, e ele pega meu rosto entre suas mãos. — Por que está com essa cara de quem foi convocada para um enterro? Aconteceu alguma coisa? — Ele pergunta e Aria boquiaberta derruba o copo de suco que trinca no chão.

— Faz quatro meses que nos conhecemos, estamos noivos, e você nunca me contou que tem um primo desse ramo, estou surpresa apenas. Por que não me contou quem era antes?

— Não gosto de me aparecer para as garotas dizendo logo de início que faço parte de uma família multimilionária. Sou mais reservado. A festa de hoje é bem íntima, com convidados especiais. Quando eu contei que estava namorando com você, ele fez questão que eu a levasse comigo.

— Claro que fez... — Digo baixo, mas o suficiente para ele ouvir.

— O que disse?

— Nada, amor. Está tudo bem, vou com você. — Aceito antes que ele desconfie do que rolou no Night Club.

— Que ótimo, porque depois de aprontar pelas minhas costas, você não pode me fazer essa desfeita. É importante para mim tê-la ao meu lado. Aria também está convidada.

— Eu? — Ela já se ascende toda.

— Sim. Bom, tenho que ir. Fiquem lindas porque essa noite vamos nos

divertir. As sete horas passo aqui para pegar as duas. — Se despede com um selinho, deixando-me petrificada e sem reação.

— Ah, meu DEUS! — Aria exclama eufórica assim que ele sai. — O Steven é primo do tecnólogo bonitão, sarado e gostosão.

— Quando ele falou que tinha um primo tecnólogo, eu imaginei um nerd com óculos de garrafão e magrelo igual o Salchicha do Scobydoo que preferem passar horas trancados trabalhando em suas invenções. Obcecado em criar celulares, que transam via bluetooth.

— Nossa! Que pensamento, Belly. — Lança uma almofada em mim, horrorizada com minhas convicções. — Mas agora viu que nem todos se encaixam nesse perfil.

— Steven não pode nem sonhar com o que aconteceu. — Afirmo.

— Vou levar para o túmulo o ocorrido entre vocês. — Ela jura. — Agora vamos nos arrumar, estou ansiosa com essa festa.

Passamos as próximas horas nos arrumando para a festa. Aria está maravilhosa de amarelo, e eu decido usar um vestido preto que mostra muito a minha pele, aberto na cintura. Eu sei que fico bem nesse modelo.



Steven estaciona o carro no grande estacionamento, onde uma fila de carros de luxo também estão. A mansão é linda, magnífica, moderna e com muito detalhe em vidro. A piscina é enorme, a fachada luxuosa aberta, há

dourado predominante em toda parte. Deve ter custado milhões, afinal está situada em Bel-Air, um dos bairros mais nobres de Los Angeles.

— Será que tem alguma celebridade aqui? — Aria pergunta curiosa.

— Somente empresários, e a imprensa. — Ele responde gato demais, com o cabelo castanho alinhado pra cima, no seu cardigã canelado, e calça de sarja preta, que me faz ter orgulho de estar com a mão entrelaçada a dele. — Você não olha por onde anda? — Segura Aria a tempo dela não se esborrachar no chão. — Cuidado para não cair dentro da piscina e destruir de vez a chapinha desse cabelo de piaçava.

— Cabelo de piaçava tem na sua porta dos fundos. — Ela alfineta em provocação.

Eles lançam olhos fuzilantes um para o outro, em seguida chegamos a recepção. Ele diz os nossos nomes para serem conferidos na lista. Aria fica vermelha quando um carinha do olho azul pisca para ela, enquanto estamos no hall esperando a autorização.

— Os caras dos olhos azuis são a minha vibe. Vou lá falar com ele. — Exclama histérica em direção ao alvo.

— Aria... — Puxo-a de volta. — Você não pode ver um cara bonito que já se apaixona. Contenha-se.

— Podem entrar por aqui. — Indica o cara da portaria, e seguimos por um tapete azul escuro que nos conduz até a entrada principal. Lanternas amareladas iluminam o caminho até que somos surpreendidas por um homem alto e forte vestido de preto como um pinguim.

— Sejam bem-vindos, boa festa e bebam com moderação.

Pela voz tétrica, percebo que não é um homem, mas sim um robô maluco com a aparência humana.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A invenção dos infernos está cada vez mais macabra, e num piscar de olhos, estou encolhida nos braços do Steven e Aria atrás de nós, observando pelos nossos ombros.

— Por que está rindo? — Bato em seu peito.

— Porque esqueci de avisar vocês. Ele é uma invenção do meu primo... Fala, parceiro! — Eles se cumprimentam em um abraço forte, se batendo nas costas. — Ted é...

— Meu segurança pessoal e agente. Ele é um H-Made, especificamente falando, um androide, versão 20150, que criei pelo sistema operacional móvel há dois anos. — Ouço a voz endiabrada e sedutora que eu reconheceria em qualquer lugar, porque é lasciva, rouca como um convite ao pecado, e incita ao orgasmo. Yan Hunter. O desgraçado está usando um terno azul royal esportivo. Analiso-o dos pés à cabeça sem conseguir disfarçar. Vai ser lindo assim no inferno.

Ele explica para nós ao ver que estamos impressionadas com sua criação tão incrível e avançada, e saúda seu primo com um toque de mão. Aria não esconde a expressão de assanhada olhando para mim e para ele.

— Obrigado, Ted. Pode deixar que eu assumo daqui. — O tal androide obedece sua ordem e desce ao encontro dos outros convidados.

— Yan... Oi. Prazer, sou Arianna Hale. Campeã de amarelinha, miss Los Angeles e futura presidenta desse país.

— O prazer é todo meu. — Beija a mão dela.

— Estou muito feliz essa noite. Obrigada por terem vindo.

Hipócrita! Falso, cafajeste, dissimulado.

— Fico feliz que esteja comemorando seu aniversário depois de passar

muitos anos sem comemorar essa data. Intempéries de família não vem ao caso agora. — Steven diz, e tenho a impressão que Yan não gosta do comentário.

— Aqui está o seu presente. Fui eu que escolhi. — Entrego o pacote.

— Podemos conversar, loirinha? — O carinha do olho azul que ela está flertando desde a entrada se aproxima convidando-a, e ela afasta-se de nós dando sua mão para ele que a envolve a seu lado, indo juntos para a uma das mesas expostas a alguns metros de distância, me deixando sozinha com eles. Amiga da onça.

— Com certeza vou adorar, obrigado. Vamos? — Yan estende o braço direito para mim, e Steven o esquerdo, e comigo no meio dos dois, nos direciona até a grande tenda no jardim, onde a festa está acontecendo.

Os convidados estão conversando com suas taças cheias de champagne. O ambiente é decorado com luz em bolinhas brancas em fio, que estão penduradas por todo lado. Há uma enorme pista de dança, que brilha infinitas cores do chão ao teto, com três entradas, compostas por cordas, que tocam suavemente as árvores que cintilam luzes coloridas.

Inadvertidamente, Steven começa a apalpar os bolsos e diz que tem que voltar ao carro, pois esqueceu o seu celular. Ele me dá um selinho e Aria aproveita que estamos a sós para ser inoportuna, deixando seu flerte para vir até nós dois.

— Vocês ficam bem juntos. Eu shippo.

— Shippo? — Ele pergunta todo divertido.

— É, esse é o nome que se dá quando se torce por um casal, ou também OTP, que significa par perfeito. — O que? Piso com tudo em seu pé, fazendo-a saltar para trás.

— Ai, meu dedinho! — Ela grita voltando ao seu crush, e eu disfarço com um sorriso de propaganda de pasta de dente para ele que acha graça do comentário dela.

— Sr. Hunter. — Solicita um dos fotógrafos. Ele acena com a cabeça, me puxando para mais perto e nos posicionamos para a foto.

— O que significa isso? — Pergunto entredentes, enquanto somos fotografados duas vezes ao mesmo tempo.

— Imprensa. Sorria.

Que ótimo. Amanhã a minha foto com esse tarado vai estar em todas as revistas e jornais.

Holofotes prateados iluminam o palco, onde há instrumentos instalados, sem vida, mas são logo manipulados, e um arrepio percorre minha espinha, quando o som da bateria irrompe todo o silêncio, fazendo uma explosão sonora, conforme os outros integrantes entram e se posicionam.

Viro as costas para o Mr. Diabo na intenção de me livrar de suas investidas libidinosas, no entanto, ele me puxa contra o peito impossibilitando-me.

— Onde pensa que vai, love?

— Me larga... — Exclamo possesso com o coração quase saltando do peito.

— Está maravilhosa com esse vestido preto. — Sussurra libidinosamente em minha nuca, me arrastando para frente do palco, e sinto um tremendo calor quando o vocalista anuncia o nome da banda deles Our Last Night, que começam a cantar a versão rock 'n roll da música Blank Space de Taylor Swift, e ele aperta minha cintura, me mantendo ainda mais grudada nele.

Prazer em te conhecer, onde você esteve?

Eu posso te mostrar coisas incríveis

— *Mágica, loucuras, paraíso, pecado.* — Ele canta, e seu corpo em combinação com a voz do cantor me deixa tão arrepiada que amoleço, agarrando sua mão espalmada na minha barriga para não vacilar, e fecho os olhos, deixando sua voz rouca atravessar suavemente meus tímpanos.

Te vi ali, e eu pensei

Ai meu Deus, olhe esse rosto!

— *Você parece o meu próximo erro. O amor é um jogo, quer brincar?*
— Ele desliza os dedos em minhas bochechas.

Novo rico, de terno e gravata

Eu consigo te ler como uma revista

Yan foi extraído de uma revista, e da Calvin Klein. Ele quer jogar, e entro de vez no jogo, cantando de volta em seu ouvido o próximo trecho da música.

— *Eu posso fazer os caras maus, bonzinhos por um fim de semana.*

— Eu duvido disso. — Me aperta forte.

— Não me subestime. — Digo, inclinando a cabeça, pertinho da sua boca. — Qual a parte do tenho namorado você não entendeu? E olha só, é seu primo. Ele me contou que é reservado sobre a vida com os parentes, mas como é seu aniversário e estamos juntos, foi honesto, e saiba que estou com ele pelo caráter dele e não por dinheiro, então pra mim não importa, já você é bem descarado. Por que não me contou que se conheciam quando o viu no clube comigo?

— Não há necessidade de dizer ou explicar nada quando se pode ver com seus próprios olhos uma fatalidade, no momento certo. Eu como o Steven sou muito discreto com as pessoas sobre minha vida particular. Quanto a ele ser seu namorado. Não sou ciumento, não me importo. — Responde leve e solto.

— Você é impossível. — Sorrio incrédula com a abordagem dele.

— Na realidade eu sou bem acessível a você. — Joga charme.

Então irá durar para sempre

Ou acabará em chamas

— *Pois, você sabe, eu adoro os jogadores e você ama o jogo.* — Canto para ele empolgada, trançando as mãos em seu pescoço, cantando mais uma vez.

Somos jovens e imprudentes

Levaremos isso longe demais

Vai te deixar sem fôlego

Ou com uma cicatriz horrível

— *Lábios de cereja, céus de cristal. Eu posso te mostrar coisas incríveis.* — Articula acariciando minhas coxas, deixando-me embriagada. Sua voz é uma sinfonia perfeita com a banda.

— *Eu posso fazer os jogos virarem.* — Provoco.

— *Mas você voltará todas as vezes que fugir, baby, eu sou um pesadelo vestido de sonho.* — Ele canta num tom sombrio. Tudo se resume a voz dele. Ele continua por trás de mim, apertando-me, e fazendo eu me deleitar em seus braços.

— Eles são muito bons. — Diz se desconectando da música e de mim também, pegando minha mão, nos guiando até a mesa que separou para nós.

— Em fim a nós. — Puxa a cadeira onde me sento, e ele se senta ao meu lado, passando a mão pela minha perna.

— Por que insiste em colocar as mãos em mim? — Pergunto, desfazendo-me do seu contato.

— Sou o aniversariante, e você é o presente que quero essa noite.

— Esqueceu que eu atirei em você?

— Claro que não. Assim como não esqueço como dançou e sentou no meu pau naquele clube. — Diz com uma mão entrelaçada na minha e a outra acariciando minha coxa exposta. — Meu primo sabe disso?

— Está me chantageando? Isso te deixa menos elegante.

— Você quase me matou.

— O que você quer? Que eu peça desculpas de joelhos? Vai sonhando.

— Sabe o que quero? Te levar para o meu quarto agora, erguer esse seu vestidinho de grife, e encher a sua bunda de tapas, como punição. — Diz possessivamente com a mão no meu queixo, quase me beijando.

— Está cheio de mulheres aqui, que te olham como se quisessem devorar você inteirinho. Então, você pode me soltar agora, e ir passar a noite toda fazendo amor com qualquer uma delas.

— acredite, mi cielo. Prefiro brigar com você do que fazer amor com outra mulher. — Roça a barba por fazer contra a minha pele afogueada.

— Você é louco.

— E você é muito jovem para estar tão emburrada numa festa.

— Amor, desculpa ter deixado você sozinha. — Steven nos interrompe, acariciando meu cabelo, e se senta no meio de nós, pedindo três taças cheias de espumante ao garçom que traz prontamente, o que me deixa frustrada ao invés de satisfeita com a sua volta, por me separar dele. E Yan coloca a mão no ombro dele por entre minha cadeira, flertando comigo descaradamente.

— Sua noiva é encantadora. Você é um homem de muita sorte. — Diz com aquele sorriso típico de alguém que sabe ludibriar o mundo.

— Obrigada, senhor. — Agradeço no lugar dele, que passa o braço ao redor de mim, brindando com o primo minha entrada na vida deles.

— Isabelly. — Pronuncia meu nome me fazendo arrepiar.

— Pode me chamar só de Belly. — Corto-o.

— Muito bem, Belly... você é uma de nós agora, é muito bom ter você como parte da nossa família. — Abro um sorriso, dando um gole na minha taça.

— E você? Não tem pretensão de se casar?

— Não tenho a pretensão de me casar. Mas, se é para ter algo tão belo de se ver todos os dias e todas as noites, posso até abrir uma exceção. Pena que já está comprometida. — Lança-me um olhar sedutor, tentando me prender em sua teia na frente do próprio primo.

— Tira os olhos, essa já é minha. — Steven corta o comentário dele, levando na brincadeira.



A banda parte a tocar as músicas mais lentas no jantar, e conforme apreciamos o salmão ao molho de laranja, Steven pega minha mão e faz um comentário que me deixa sem palavras com o que fez sem me consultar.

— Amor, eu comentei com o Yan sobre o apartamento, e pedi pra ele que ajudasse vocês. Eu só não invisto nisso porque todo o dinheiro da empresa é ele que administra, e ele propôs algo que achei irrecusável, então...

— Você pode trabalhar na sucursal que tenho no Brasil. Você é perfeita, porquê é formada em administração, fala o português e o inglês pelo que eu soube também. Passei a gerencia para ele, e vai precisar de uma assistente, porque é muito desorganizado, e pagarei muito bem. Quanto a estadia...

— Não é perfeito, meu amor?

— Sim, mas precisamos conversar sobre isso, deveria ter me consultado primeiro. Eu não...

— Desculpa, amor, é que estou tão preocupado que não pude esperar, afinal deixei pra falar aqui porque estaríamos nós três, o que é super difícil acontecer, porque Yan vive viajando, e lá você vai ficar comigo, na minha casa. Não aguento mais só te ver nos fins de semana, não é bebezinha? — Ele entreolha com Yan enquanto fala. — O trabalho nos mantém a uma relação distante, mas se aceitar esse cargo poderemos passar mais tempo juntos trabalhando na mesma sala.

— Eu amo esse país, foi onde cresci e vivi muitas lembranças, sabe também que amo você, mas não posso deixar a Aria aqui sozinha, nem meu pai e ir pro Brasil.

— Eu sei, mas essa é uma oportunidade que você não pode recusar, e vou estar ao seu lado, vai da tudo certo. Poderá voltar se não se adaptar. Vai poder quitar o que precisa, e comprar um apartamento melhor do que aquele do Brooklin.

— Serão dois meses de experiência, e se tudo ocorrer bem, será efetivada. Posso adiantar que vai receber um ótimo salário. Não vou força-la a aceitar, porém, é uma oferta única, porque meu advogado está entrevistando várias candidatas pro cargo nesse momento, mas pedi pra que parasse pra oferecer a você, e atender um pedido do meu querido primo...

Penso em Aria que está dançando com o carinha toda feliz. No apartamento que iremos ser despejadas se não pagarmos. No meu pai que já perdeu muitos dos nossos bens, sem condições de me ajudar no momento. E poderei estar mais perto do meu namorado, por tudo isso, tomo minha decisão.

— Ok, eu aceito.

— Ótimo. Então é melhor você pegar o voo comigo depois da festa. Estou indo para o Brasil essa noite. — Eu sei que ele está se aproveitando pra
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ficar perto de mim de todas as formas, mas graças a Deus tenho o Steven. Vou com ele. Sonha idiota!

— Agradeço mas vou com o Stev, e tenho que preparar todas as minhas coisas. Não posso ir sem nada. — Beijo o rosto dele, e recebo seu selinho em retorno, animado. Fico mais tranquila, mas ele me incentiva a ir com o Yan. O QUE? Não! Prefiro ir sozinha então. Pegar um voo mais tarde.

— Steven... — Viro para ele aflita. — Não quero ficar longe de você, me sinto desprotegida.

— Amor, vai com ele — Acaricia meu rosto ternamente. — Em alguns dias estarei lá. E quando estiver na minha sala, organiza tudo pra mim. Não tem por que temer. Pode confiar no meu primo.

— Não se preocupa, cuidarei de tudo para que mandem suas coisas para o Brasil. Hoje é terça. Quero que comece semana que vem, e não no meio da semana. E durante esses dias vai conhecer a empresa para se estabilizar e estar pronta para quando iniciar na segunda. — Ele sabe como me deixar contra parede, e manipular o Steven também.

— Tudo bem. — Estendo minha mão, fechando negócio.

Nesse instante, um homem moreno claro, muito charmoso e bonito, chega sorrindo estonteante com uma pasta na mão. É o cara do elevador que eu pisei no pé.

— Seja bem-vindo! Achei que não viria a minha festa. — Yan o cumprimenta. — Isabelly esse é Diego Fontes, um dos maiores advogados do país. Ele presta serviços para minhas empresas.

— Muito prazer. — Cumprimento-o. Ele pega na minha mão, em seguida na de Steven.

— Demorei por que fiquei o dia todo fazendo a papelada para a
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

contratação da garota para trabalhar na Technology no Brasil. Inclusive os trouxe comigo para que leve com você, chegando lá é só a assistente assinar.

— O emprego é dela. — Yan diz todo entusiasmado para ele, e Steven me abraça feliz. — Então, Isabelly, só precisa assinar esses documentos. — Insiste, calmo, pegando os papéis que Diego tira das pasta, e entrega nas minhas mãos.

— Agora?

— É uma contratação imediata, e preciso da sua assinatura pra preparar toda a sua ficha.

— Posso ler?

— Obviamente. Você deve fazer isso. — Ele concede e não parece haver nada errado. São muitas coisas em jogo, e pensando bem, não é porque ele me assedia que vou desistir. Assino e devolvo a ele, que guarda-os na pasta preta.

— Agora pra comemorar, me concede a honra dessa dança? — Diz se achando todo cortês, ao terminar seu salmão, se levanta, desbancando o Don Juan, com seu olhar mais falso do planeta, todo galanteador pra cima de mim, como se já não tivéssemos apreciado juntos uma música há uma hora atrás.

Tento respirar calmamente, ignorar sua palma toda vultosa e... sexy do meu campo de visão, e com toda força do meu ser, finalmente recuso, voltando ao meu prato.

— Não. Eu não quero dançar. — A quem quero enganar? Apenas brinco com o garfo.

— Que isso, bebezinha. Não é porque eu não curto que você também tem que ficar aqui sentada na mesa. Pode ir com ele, aliás, primo... — Limpa a boca com o guardanapo. — Belly ama dançar, então, não a decepcione.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Prometo não decepcioná-la. — O descarado garante, e contrariada, vou com ele até o centro da pista.

— Quanto desperdício de tempo. — Cochicha bem rente ao meu ouvido para que eu possa ouvir perfeitamente sua voz britânica, em sinergia a sua respiração entre os fios do meu cabelo, que me deixa nas nuvens, flutuando.

— Do que você está falando? — Pergunto, e ele me gira, depois me traz de volta, ao som de Always de Bon Jovi.

— De você e do meu primo, vai me dizer que ele te satisfaz? Por que alguém como ele que usa armadura de cavaleiro, deve ser muito frio, não acha?

— Não que isso seja da sua conta. — Corto-o.

— Do que ele te chama quando vocês transam? — Acaricia meu ombro descoberto, descaradamente profano. — Onde ele te toca? — Aqui? — Agarra firmemente minha coxa. — Me fala como ele faz... — Mordisca a minha orelha, e afunda a cabeça em meu pescoço, inalando o meu perfume La Vie Est Belle por entre os seus poros. — Transa comigo. — Solicita em sedução, sem parar de se mover, conduzindo-me com ele no ritmo da música.

Quando ele abraça você

Quando ele a puxa para perto

Quando ele diz as palavras

Você precisa ouvir

Queria ser ele porque

Aquelas palavras são minhas

— O quê? — Reviro os olhos de desejo, impossibilitada de processar o que ele oferece.

— Só uma vez, isso é tudo que eu preciso. — Esfrega a sua ereção contra o meu corpo, esperando que eu considere a oferta.

— Você é nojento! — Digo voltando a realidade, piso em seu pé e aproveito para correr.

Esse cara além de ser um Mr. Diabo, psicopata, é bipolar ao quadrado. Insinua que sou meretriz, dança e flerta comigo ignorando o fato de eu ter namorado, que para todos os efeitos é o primo dele.

Ando tão apressada e afobada que esbarro num cara que derruba champagne em meu vestido, e alguém me empurra me jogando na piscina. Tento gritar mas água cobre a minha boca. Meu desespero aumenta na tentativa de respirar.



Cuspo todo a água dentro dos meus pulmões. Há uma aglomeração de pessoas à nossa volta, batendo palmas por eu estar bem. Será que foi preciso fazer respiração boca a boca? Ai não.

— Obrigá... — Olho para o herói que está de joelhos e que salvou minha vida para agradece-lo, e não consigo racionar. Ai meu Deus. — Yan...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mas que droga, eu preferia estar morta do que ser salva por ele, porque agora vai querer algo em troca por ter salvo minha vida. Desde que o conheci, tudo está dando errado, bem que eu queria dar rewind na minha vida se pudesse.

— Ficou louca? Você podia ter morrido. Por acaso, não sabe nadar? Você me deixou assustado, porque não estava respirando. Como caiu?

— Não é da sua conta. — Meu sangue ferve, e minha reação é passional para escapar de suas investidas, avanço esbofeteando o rosto de cafajeste dele. — Esse tapa é outro presente de aniversário para você, babaca! Parabéns!

Cadê o Steven? Preciso dele para que possa distrair os meus pensamentos que estão sujos por causa desse safado.

— Peço desculpas pelo transtorno. — Ele vem atrás explicando-se aos curiosos de plantão.

Ajeito o meu vestido molhado e arrumo meu cabelo que deve estar parecendo bandido, totalmente armado, passando pelas pessoas que nos cercam. Todos me olham como se eu fosse uma esquisita, que acabou de bater na cara do aniversariante, e pra completar há flashes ao meu redor. Todos assistem minha situação vexatória. Por que meu Deus, a minha vida virou de pernas para o ar? Minha teoria é que na outra encarnação, eu dancei pole dance na cruz.

— Bebezinha? O que aconteceu? — Steven arqueia a sobrancelha inquisitivo.

— Ela caiu na piscina. — Yan aponta as roupas dele também molhadas. — Eu a salvei.

— Nem sei como agradecer primo. Ela tem fobia de piscina, lago, mar.

Você está bem, meu amor? — Acaricia minhas bochechas úmidas.

Digo que sim, mas meu sangue está borbulhando de raiva e de vontade de voar para cima do primo dele. Que é um descarado. Abusado. Steven percebendo a minha agitação, sem entender nada, me toca no rosto, depois na testa medindo minha temperatura com as mãos.

— Está tudo bem. — Asseguro-o olhando ameaçadoramente para Yan.

— Chamei a Suzan para ajudá-la, ela pode ficar doente molhada desse jeito. — Ele se faz de bom moço, e respiro, mantenho a compostura. Logo uma senhora uniformizada está vindo sorridente até nós. Provavelmente, a tal mulher que Yan chamou.

— Suzan, essa é Isabelly, noiva do meu primo Steven.

— Prazer senhorita. — Ela aperta minha mão simpática.

— Leve-a até o meu quarto, dê algo para ela vestir enquanto você lava e põe pra secar o vestido dela. — Ordena, nada confortável por Steven estar me acariciando com extrema gentileza. Como não posso continuar ensopada, aceito a ajuda da moça, e subimos até o quarto dele.

É todo sofisticado, e ela me leva até o closet. Parece que estou no closet da Mia, do Diário da Princesa, mas na versão masculina. Suzan abre a gaveta onde estão as suas camisas, todas dobradas e passadas.

— Escolha o que quiser. — Diz com simpatia.

— Muito obrigada, senhora.

— De nada, querida. Ah, trouxe a sua bolsa, o patrão pediu pra eu trazer. Se precisar de mais alguma coisa é só falar.

Sem mais delongas, entrego minha roupa molhada a ela, e enquanto espero, aproveito o banheiro dele para tomar um banho quente.

Opto por uma camisa branca e visto-a reparando nas outras gavetas, com as gravatas, logo abaixo, os cintos, e por último as meias. Há também uma específica com vários modelos de boxers, inclusive as da marca Calvin Klein.



— Seu vestido já está seco, menina. — Retorna depois de uns 30 minutos. Tempo que foi suficiente para retocar minha maquiagem e secar meus cabelos também.

— E a minha calcinha?

— Ele pediu pra entregar só o vestido. — Diz de forma natural.

— Você está brincando?

— Ele é o proprietário da casa, eu não me meto, só obedeço ordens.

Ela sai e substituo a camisa dele pelo meu vestido. Sem ter opção volto ao closet, pego a boxer branca e visto-a, fazendo dois nozinhos na ponta de cada lado. Estou fervendo porque esse cretino está com minha peça íntima.

Ah, mas ele vai me pagar cada centavo, porque aquela é uma calcinha especial, não é uma qualquer, e tem um valor sentimental para mim, porque é da Victoria's Secret, vermelha, com renda e strass na parte da frente, fina nas laterais, e atrás o formato em V é bem delicado, não é fio dental, isso é bom, porque eu detesto quando a calcinha entra na bunda. Resolvi estreitar hoje, pois a peça foi confeccionada exclusivamente para a Britney Spears. Ela

estava usando em seu show no West Hollywood, foi quando girou-a no ar prestes a jogar à plateia e gritou: DO YOU WANT A PIACE OF ME? Quem pegou? EU! Aria havia pulado com tudo por cima das pessoas para pegar, porém, caiu nas minhas mãos. Ugh! Por que fui usá-la justamente hoje?

Ah, isso não vai ficar assim. E por falar nele, ele aparece encostado na porta completamente seco, sem camisa. É um pervertido mesmo!

Eu vou matar esse cara!

Percebendo que me afeta, ele leva até o nariz e cheira com vontade de olhos fechados. Minha raiva é tanta que fico cega, à medida que reviro minha bolsa.

— Os feromônios das mulheres concentram-se na vagina. Você tem um cheiro maravilhoso. — Inala a peça.

Droga!

— Devolve a minha calcinha, AGORA! — Estanco na frente dele e aponto meu batom em seu peito.

— Está me ameaçando com um batom? É sério? — Coça o queixo e ri quebrando o semblante de fúria.

Troco o lado pelo da parte que contém uma ponta afiada como uma pequena faca. Ele ergue as mãos para cima ao ver que tenho em mãos um batom de dois gumes. Estou próxima o suficiente, para que a lâmina encoste na garganta dele.

— Que diabos é isso? — Arqueia a cabeça para trás.

— Eu o chamo de LIME CRIME. Uma invenção da cutelaria e cosméticos. Ganhei do meu pai, quando me tornei uma garota emancipada. Eu sabia que seria útil um dia. — Pressiono a ponta afiada em seu pescoço.

— É uma arma de segurança propensa a ser usada com cafajestes como você.

Ele fica catatônico, e deslizo a lâmina pelo seu peito seminu até seu quadril enrolado na toalha. Eu nunca fui boa na matemática, mas meu raciocínio é rápido para fazer a contagem: 8 gominhos, um oblíquo, e um V indicando o caminho da perdição. Estou tão alienada fazendo meu check up, que não percebo a hora que ele furta o objeto da minha mão com um golpe surpresa.

— Isabelly... — Rosna a entonação sexy e rouca na voz. A vantagem agora é dele, e desliza a ponta afiada sobre as minhas bochechas ardentes. — Uma dica pra você, baby. Não flerte com seu adversário. Distração pode ser fatal. Ah, acho bom esse batom ficar comigo. — Acaricia suavemente meus lábios, substituindo a lâmina pelo indicador, e todo presunçoso vai até o closet se trocar.

Fora da vista dele, tento sair, mas é claro que não consigo, a porta está trancada e só obedece aos comandos do magnata.

— Me devolve. — Digo embotada assim que ele volta todo lindo, usando uma camisa branca social e jeans escuro todo justo, e passa por mim indo arrumar o cabelo na frente do espelho. Depois de conferir sua aparência ele vira em minha direção.

— Vem até aqui.

— Não.

— Não me faça obrigá-la. Há uma festa ocorrendo lá fora, onde eu sou o aniversariante. Temos que viajar daqui a pouco. Não posso ficar perdendo tempo. Vem...

Sem muitas opção, caminho até ele. Protelando. Mas quando estou perto, dou um passo para trás, ao ver o que ele quer fazer.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não consigo confrontá-lo pois estou afetada pelo seu magnetismo. Cretino dos infernos. Ele me olha como se tivesse um raio x dentro dos olhos durante o processo, arrumando, conferindo se está tudo certo com o meu vestido.

— Mas o que é isso? — Ele pergunta encabulado com os nozinhos nas laterais que aparecem por cima marcando. — Sério? — Revira os olhos enquanto ri.

— Eu não queria ter que usar, mas não posso sair sem nada por baixo.

— Sempre se tem opções, e você escolheu usa-la...

— Olha quer saber? Isso é assédio sexual. Não vou permitir que fique relando suas mãos sujas em mim. Não vou com você para o Rio de Janeiro. Pode cancelar tudo, porque irei agora contar a todos o que está fazendo comigo. — Digo entredentes.

— Isso, vai conta pra todo mundo, mas conta todos os detalhes também, que te dei um emprego que está recusando, que caiu na piscina e te salvei. Deixei usar minha casa para se aquecer. — Diz seguro de si. — Mas sua calcinha não irei devolver.

Ele pega meu braço e me leva de volta para a festa. Estou explodindo por dentro, e ao passarmos pela sala de estar, faço-o soltar meu braço, e ele me observa tirar a boxer dele e jogar na lareira. Ignora, mas posso escutar sua risada abafada, conforme me segue, sem deixar de estar raivoso. Jornalistas e os tabloides vão me agradecer pelo escândalo que irei fazer. A certa altura ele para de braços cruzados esperando para ver se terei coragem mesmo, e Aria surge a minha frente interceptando meu caminho.

— Por que demorou tanto? Eu já beijei o vocalista, o guitarrista da banda, e o carinha do olho azul, flertei até com o advogado. Que homem

lindo! Eu teria infartado no seu lugar ao assinar a proposta de emprego.

— Vou denunciá-lo, ele passou dos limites. — Comunico-a.

— Denunciar quem? Do que está falando?

— Yan Hunter.

— Você é melodramática. Ele é um cavalheiro. Dançou comigo como Patrick Swayse... Um verdadeiro anjo.

— O diabo também era anjo, Aria. Não se engane pelas aparências.

— O que vai fazer, sua maluca? — Ela grita, quando me vê indo com ímpeto em direção ao palco.

Subo, tomo o microfone das mãos do vocalista, e peço a atenção de todos. O silêncio paira no ar. Inspiro, respiro, enchendo-me de coragem para desmascará-lo na frente de todos.

— Meu nome é Isabelly Palouli, e gostaria de...

No meio dos convidados, Steven está ao lado do Yan, que me olha como a serpente no jardim do Édem. Valerá a pena eu jogar essa bomba na mídia? Começo a cogitar, penso no meu pai, na vergonha que eu causaria a ele. Lembro de poder estar perto do Steven no Brasil, e ciente disso, desisto de denunciá-lo.

— Quero dizer ao meu namorado, que está ali... — Aponto para ele. — Que o amo muito. — Ele está sem entender nada, então crio coragem e improviso. — Para provar isso, vou cantar. — Os olhos de Yan estão cheios de faíscas, que se pudessem, perfurariam os meus. Sussurro o nome da música no ouvido do vocalista, (Flashlight de Jessie J) que automaticamente comunica os demais da banda.

— *When tomorrow comes, I'll be on my own...* — Começo um pouco

tímida, mas logo me solto, e canto toda a primeira parte da música.

Ele está no bar, tomando uma cerveja com Aria, e o carinho que ela conheceu. E sobe no palco beijando-me sobre os aplausos de todos.

Yan deve ter ficado possesso ao assistir o nosso beijo de tirar o fôlego. E o vocalista, com o microfone, aborda-o com uma pergunta.

— Quer dizer alguma coisa para a sua namorada?

— Eu só quero dizer que... ela é brilhante!

Descemos do palco de mãos dadas, e ficamos a sós por um momento.

— Maluca...

— E você foi mais ainda, quando me beijou, na frente de toda essa gente.

— Você cantou a nossa música, quando nos conhecemos no Cameron, e me apaixonei por você. Minha linda... — Ele simula com os olhos nos meus. — E está quase na hora de você ir. — Diz abraçado comigo.

— Sim.

— Assim que chegar lá me liga, ok? Vai dar tudo certo.

— Não fica sem me dar notícias. — Aria também me abraça.

— Steven, eu queria falar uma coisa, eu acho melhor eu... — Antes que eu possa terminar tudo escurece repentinamente de modo abrangente. — Steven?

Ouçó a gritaria das pessoas a minha volta. Sou empurrada e começo a entrar em desespero. Por que esse apagão agora? Droga. É difícil procura-lo no meio de tanta gente com as luzes piscantes. O apagão continua, e as vozes das pessoas se misturam como um enxame de abelhas. Alguém passa me levando pelo braço. É Yan. Não posso vê-lo, mas posso senti-lo por completo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sobre mim e isso me deixa inquieta.

— Se acalma, está tudo bem, mas se continuar lutando, não vai me dar outra opção senão te beijar, e será nosso segredinho, afinal com esse blackout só somos eu e você... mas que coisa, não é? Outra vez. — Ele está caçoando com a minha cara.

Maldito! Não sei porque, mas tenho a impressão que esse blackout foi proposital, por ele, que não desiste e não me deixa em paz.

— É isso que quer que eu faça? Responde pra mim. — Ele é rude e me arrepio toda. Seu toque é tão quente que me encolho. O que quer que ele esteja fazendo, me atinge fisicamente, como se eu fosse um colar de pérolas desmanchado caindo ao chão.

— Isabelly... — Ele incentiva.

— Yan... — Sussurro o seu nome baixinho, e seus dedos acariciam meus lábios suavemente. Surpreendo-me por desejar nesse momento que fosse mesmo sua boca.

— Tão linda, sorriso perfeito, e uma fúria que sei que está pronta pra explodir... — Sua voz rouca me entorpece fazendo-me arquear a boca para ele. — você também quer me beijar. — Roça levemente a boca carnuda na minha em tortura, me encurralando na limusine e abre a porta detrás pra mim.

— Nã-o... — Murmuro enfraquecida, mas na verdade estou louca para sentir seu gosto e sua sucção macia. — Isso não está certo, eu...

— Vamos ser honestos, não é por causa do meu primo, porque você gosta de ser controlada e tem uma queda por mim, senão, nem estaria louca pra pular em cima da minha boca. Então, você vai entrar nesse carro, porque você quer isso...

Steven não pode nem sonhar em me ver nessa situação. Tenho remorso

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

por tudo que vem acontecendo, desde a noite do pole dance por culpa desse cafajeste. Não posso viajar com ele. Então, aperto a sua ereção dura com as minhas unhas, ele geme, eu lhe presenteio com a minha mão esquentando seu rosto pela segunda vez essa noite.

O barulho das pessoas não é maior que os batimentos cardíacos dele. Parece que vou cair a qualquer momento, e ele respira por nós dois, sem soltar a minha mão.

— Quero voltar pro meu noivo. Eu não vou com você. — Tento me soltar.

— Já se despediu dele. Ele já deve estar bem longe daqui. Você vem comigo. — Dá meia-volta interceptando-me o caminho, mostrando a mensagem que recebeu dele, desejando boa viagem e que também está indo.

Ainda com a porta aberta, sem ter como voltar, e não querendo mais discutir, deslizo e sento no banco, encostada na janela, e ele senta do outro lado, na dele, não tentando nada.

Assim que o motorista pisa no acelerador, ele deita sobre mim, empurrando sua ereção na minha vagina desnuda, e minha respiração afrodisíaca entra por minha garganta. Eu poderia lutar com ele, me defender agora, mas não sei o que há de errado com meu corpo que gruda no dele como imã e quanto mais tento sair mais ficamos conectados.

— Está sentindo o quanto eu te quero?

— Sim...

— Ah, como quero essa boca deliciosa. — Declara seu desejo, passando o seu delicioso cheiro em mim num fluxo tão perfeito que agarro seu rosto e encaixo com exatidão os meus lábios abertos nos dele. O beijo é ungido, intenso, exigente, escandaloso. Sua boca é carnuda e macia que se

move num repertório de sedução. Não é um beijo, é uma invasão. Ele me pega com vontade, se esfregando todo duro entre minhas pernas, e correspondo gemendo em sua língua sentindo seus dedos agarrarem meus cabelos para me manter imóvel, enquanto invade minha boca mais fundo.

Minha fúria realmente está explodindo como fogos de artifício nesse momento, estou completamente em chamas.

Ele me puxa pelos quadris, e afasta sua boca da minha. Resmungo em protesto querendo mais e ele percebe isso.

— Que bom que está sem calcinha... — Pega a minha mão, coloca-a por cima do seu jeans, e os meus dedos vão para cima, depois para baixo, analisando o tamanho e a grossura. — você vai sentir ele bem devagar...

Eu não consigo fechar minhas pernas, porque suas mãos não permitem, e o jeito que meche o dedo somente na pontinha do meu clitóris faz com que eu tenha vontade de implorar para que entre logo dentro de mim. Estou repleta de sensações que me levam ao extremo. Eu não posso, não quero, mas meu corpo quer e me trai deliberadamente. Estou queimando, ansiosa, consumida por um desejo incontável, então, ele simplesmente para...

— Seja minha e terá tudo o que quiser. Não posso te foder uma única vez, e depois te deixar ir, porque te quero toda pra mim, e...

Não o deixo terminar e volto a beijá-lo, montando em seu colo, deixando-me levar, minha mente está fora do comando. Como estou sem calcinha, sinto-o todo debaixo de mim, me levando entrelaçada na sua cintura até o chão.

O cheiro do whisky me faz lembrar quando estivemos nessa posição no fim de semana passado. Encharcados, mas agora não são nossas roupas, são nossos lábios. Estamos nos beijando sem controle como dois selvagens.

Ele roça os dentes na minha clavícula, e solto um gemido quando desce sugando minha pele de leve. Eu mordo seu lábio inferior para revidar. Seu cheiro é tão gostoso, e beija muito bem, tão bem que acho que nunca fui beijada assim por alguém, nem mesmo pelo Steven. Minha nossa!

Espera. Eu detesto esse cara, e acabei de cometer uma traição.

— Yan... para. — Peço não reconhecendo minha voz, que está grave e seca.

Ele não para ou está fingindo não me ouvir.

— YAN! — Ele se afasta, oscilando por estar ofegante, com os lábios inchados, e tremendo. Arrependida, esfrego o pulso na boca limpando os vestígios. Embora eu queira continuar, não posso. O que estou fazendo?

— Achei que sua resposta tinha sido sim. — Ele segura o meu pulso, e veta o meu movimento. — E foi você que me beijou primeiro, aliás foi só um beijo. As pessoas fazem muito isso, se beijam o tempo todo... você deveria ouvir a sua amiga, e se arriscar mais, pra saber qual é o melhor sabor da vida. Ela tem razão, somos um OTP e tanto. — Ri se divertindo, e do bolso tira minha calcinha. Ele me vira de costas, me prende contra seu peito, ergue minhas pernas, e a coloca em mim todo brusco e sem paciência.

Está muito irritado. E tudo acontece muito rápido. Ele tira do cós do jeans uma arma, que me faz tremer. Desespero-me com o que está prestes a fazer. E ao roça-la em meu pescoço, paraliso.

— Você é minha. — Sopra baixinho em meu ouvido, e de imediato amoleço, não apenas pela dor que sinto estar sendo infiltranda na minha garganta, mas também pelo som da sua voz que me tira do ar no mesmo segundo.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Acordo com a visão turva, e noto que estou num quarto luxuoso com parede parcialmente de vidro. As cortinas de cetim em formato de laço, todo delicado, possibilitando a vista lá fora, onde as ondas reluzem sobre o mar incrivelmente azul. Disperso minha concentração da vista paradisíaca, e volto para a cama imensa de madeira, com um mosquiteiro fino, amarrado nas bordas, dando ar de realeza. Está bem feita com lençóis brancos e de seda pura, combinando com os abajures e o restante do cômodo. É tão aconchegante, que me causa uma sensação de paz, é incrível. Minha cabeça está girando, enquanto uma música com notas sinistras de piano ecoa por todo o ambiente repleto de tecnologia contemporânea. As paredes estão

transmitindo slides pelos quatro cantos. OMG! Minhas fotos! Meu coração entra em desespero, acelerado. Que lugar é esse?

Meu corpo está estranhamente mole, minha nuca dói. Eu lembro de estar com Yan, e que senti algo entrando dentro da minha pele, uma picada, ou estou louca? Tento tocar meu pescoço a procura de algum tipo de marca esférica, porém, meus braços estão suspensos, um de cada lado da cama, imobilizados por algemas. Empalideço. Estou presa. O que está acontecendo? Puxo os punhos tentando me soltar, mas é inútil. Sinto frio, calor, um labirinto de sensações explodindo dentro de mim. E isso me faz ter a certeza de que fui raptada pelo maior tecnólogo da américa latina.

Não é possível. Isso só pode ser um pesadelo.

Tento gritar, mas a minha voz é apenas um eco fraco. Fecho os olhos, como eu fazia quando era criança, na esperança de que esse cenário desapareça. Espero infinitos segundos, abro-os, e ainda estou no mesmo lugar, imobilizada.

— Isabelly... — Seus olhos brilham triunfantes, e sua boca distende numa linha dura.

Ele está todo social, de terno e gravata no tom azul escuro, sorrindo diabolicamente, tirando as minhas imagens para deixar a parede refletir a vista incrível lá fora. O mar está pontilhando a superfície do farol com pequenas luzes, que tamborilam incansavelmente na areia.

— Onde estou?

— Bem-vinda ao Rio de Janeiro, baby. Você está em Vale das Estrelas, minha ilha privada.

— Por quanto tempo eu dormi? Você me drogou?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você dormiu tempo suficiente para eu assistir você babar em cima dos lençóis novos. — Sua voz chega até o meu ouvido num leve sussurro aveludado. — E para ficar atualizada, são 19hs da noite. Quarta-feira.

— Achei que realmente queria me ajudar, mas foi tudo uma mentira, não é? Você me sequestrou. — Relato apavorada com a ideia de que, o que quer que ele queira, tenha haver com me machucar, ou na pior das hipóteses abusar de mim.

Ele continua estudando-me como um predador deixando-me com muito medo.

— Tecnicamente. E não se preocupe, porque o meu primo e a Aria sabem que veio comigo e que vai trabalhar aqui, então, não virão atrás de você por dois meses. O avião, no qual você viajou, é meu, Gorgeos, o piloto é meu funcionário, se é que me entende. Não tenha esperanças. — Sua voz sarcástica tamborila ao pé do meu ouvido, e brinca com uma mecha do meu cabelo.

— Por que eu? — Deixo as lágrimas caírem, pois estou tremendo demais por estar amarrada. É insuportável essa sensação. Estou à mercê dele, com minha vida em suas mãos. E me dar conta disso, me faz tremer mais.

— Já deve ter percebido que sou obcecado em você. — Toca meu rosto deslizando a ponta dos dedos em minha bochecha molhada. — Entendo que Steven tenha se apaixonado... Você é tão linda. Ele ficava te tocando o tempo na minha festa. Eu não aguentava mais ver você com ele.

— É por isso que tem tantas fotos minhas? Você já tinha a intensão de me sequestrar. Isso é invasão de privacidade.

— Privacidade? — Retruca. — Garotas como você adoram se expor nas redes sociais e postam mil fotos a todo momento. Deveria saber que é

muito perigoso.

— Desde quando sabe de mim? Desde que descobriu que namoro Steven?

— Isso não importa.

— É loucura. Meu nome estará em todos os noticiários, se eu não voltar. E meu pai virá aqui com a polícia. Você será preso.

— Esqueceu quem eu sou? — Seus lábios se abrem em ricto de deboche. — Seu pai não virá te buscar, nem meu primo e nem sua amiga, por que não deixei nenhuma falha ao planejar tê-la aqui. Ninguém virá atrás de você. Mas, se colaborar vai poder voltar logo pra casa.

— O que quer de mim? Você vai me machucar?

— Você pensa demais, e faz muitas perguntas... talvez não, tudo depende. — Responde friamente fazendo o contorno do meu rosto com a palma da mão.

— Solta meus braços por favor? Por favor, eu imploro. — Digo trêmula, e ele percebe minha aflição. E logo as algemas se abrem, libertando-me.

Fricciono os pulsos doloridos devido à pressão da suspensão, e me encolho de pavor, deixando as lágrimas teimosas escorrem mais pelo meu rosto.

— Não precisa ficar desesperada. — com a ponta dos dedos enxuga as minhas lágrimas para extraí-las. — Eu sempre tenho aquilo que almejo. Era certo que isso iria acontecer.

— Você pode ter a mulher que quiser, eu realmente não entendo.

— Não precisa entender, *mi cielo*. Apenas aceitar seu destino. Eu só

quero uma garota, com cabelos castanhos, olhos achocolatados, e essa pele alva e delicada. Você me tira o folego!

Ele me aperta em seus braços, e sinto o aumento da sua frequência cardíaca, e meu coração bate descompassado com a adrenalina infiltrando-se em meu sistema. Ele cobiça meus lábios. O fluxo do medo se mistura a uma pitada de excitação que paira no ar.

— Vai me manter prisioneira aqui?

— Sim. Não confio em você ainda, e não quero contratempo, por isso te prendi na cama.

— Preciso das minhas coisas, não tenho nada aqui.

— Esse quarto é seu. Há um closet só pra você. Se faltar algo pode me pedir o que for, você terá tudo o que precisar. É só digitar 1028.

— Não quero nada seu. Você é um cretino que me trouxe pra sua ilha pra se aproveitar de mim? Eu deveria ter desconfiado. Lá na festa fez de tudo para passar as mãos em mim o tempo todo. Mas se experimentar me tocar, eu juro que...

— Me mata? De novo com essa ladainha? Vai tentar me matar com o que dessa vez? Porque já atirou em mim, e já provou o quanto é ruim de pontaria. E aquele batomzinho, cadê? Ah, é... sumiu. — Diz irônico mas eu sei que está com ele. — Por favor, fique pronta, porque vai jantar comigo daqui uma hora.

— Hm. Eu não estou com fome. — Digo embotada.

— Nem fodendo que irá dormir sem jantar. — Puxa-me pelo braço e me aperta ao seu corpo, soltando a respiração ao pé do meu ouvido. — Ouça bem... quero que escolha um vestidinho bem sexy e alegre. Fique linda para mim... espero que você entenda que isso, não é um pedido. Ah, e caso

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

procure por isso, não vai precisar mais dele. — Balança meu iphone, dando uma piscada. Filho da mãe!

— Com que direito pegou meu celular? — Jogo o travesseiro, mas não o acerto porque ele pega no ar.

— Primeiro, tenha modos, segundo, você está na minha casa, há regras e eu que as determino. Melhor ir se acostumando com isso. — Meche no painel na parede, e sai deixando-me trancada no quarto.

Claro que levou meu celular, pra eu não pedir ajuda e nem dizer onde estou a ninguém. Não tenho nada pra usar contra ele. Como vou sair daqui? Nervosa clico em vários lugares do painel, como ele fez, até que acerto e as janelas começam a abrir esporadicamente dando vista para a minha liberdade. Avanço até a varanda com grades douradas, segurando no apoio. Seria mais fácil se não fosse tão alto.

— O que você está fazendo, menina? É perigoso, você pode cair daí. — Adentra uma mulher, que surge inesperadamente vindo em minha direção. Ela aparenta ter meia idade, é mediana, um pouco acima do peso, branca de cabelos pretos, presos em um coque. Com precisão me pega pelo braço e me põe pra dentro novamente.

Resmungando vai até o painel, meche com maestria no detector de senhas demoníacas, e tudo volta ao normal.

— Eu estava... — Tento me explicar.

— Tentando se matar? — Pergunta com petulância.

— Não, eu estava tentando fugir, eu fui sequestrada pelo...

— Hm... — Interrompe. — Nossa, é grave mesmo. Bem que ele me disse que você teve perda de memória transitória, que certamente faria coisas como essas que está fazendo agora. Mas não se preocupe Isabelly, o patrão
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

irá te ajudar. Desculpa, eu sei o seu nome, e você nem me conhece ainda. Sou Adriana, a governanta da casa, mas pode me chamar de Drica. — Ela estende a mão que aperto nervosamente.

Perda de memória transitória? O que?

— Ele contou isso pra você? Não, você tem que acreditar em mim eu...

— Meu Deus! — Aproxima estudando-me ignorando minha aflição. — Esse rosto... é impressionante... tão linda exatamente como ele descreveu. Sei que deve estar assustada, mas o patrão é um bom homem. Está aqui, por que ele quer você.

Não tem jeito, ela obedece e acredita piamente nele.

— O que significa isso? — Questiono quando ela coloca no alto da cômoda um ramalhete de rosas vermelhas e brancas dentro de um vaso.

— Ele mandou trazer. São pra você, menina. — Diz toda sorridente.

— Pode levar. Não as quero. — Entrego-os de volta.

O que há com esse cara? Me sequestra e me dá rosas?

— Tudo bem, vou colocar na mesa do jantar. Você tem que estar feliz, é uma noite especial pra vocês. Fiskou o maior gato do ramo da tecnologia.

— Drica, eu preciso de um banho, então se me der licença. — Dispensou-a.

— Qualquer coisa que precisar, me chama. Estou à disposição. — Se retira cordialmente, e parto rumo ao banheiro para relaxar, não só da viagem, mas de toda a tensão desde que cheguei. Tiro meu vestido de festa amarrotado, entro no box e aproveito a sensação da água morna que escorre pelo meu corpo. Estou nervosa com toda essa loucura. Meu coração parece querer saltar pela boca, e meu estômago revira, mas o efeito do banho é

relaxante.

Quando termino, pego uma toalha branca imensa na bancada, enrolo-a no meu corpo, e parto curiosa até o closet. Digito a senha que ele me deu, e quando a porta se abre me deparo com um ambiente todo em creme, rosa e dourado. Os lustres dando o ar real e requintado como o de Genóvia. Definitivamente, é o sonho de toda mulher. Em outras ocasiões eu ficaria feliz, no entanto, fui sequestrada por esse homem. E pensar nas intenções dele, no que ele quer comigo, me causa arrepios.

Escolha um vestidinho bem sexy e alegre. Fique linda para mim.

Recordo aquela voz perversamente rouca e orgástica ressoando em meu ouvido, à medida que inspeciono os vestidos pendurados. Determinada a provocá-lo, dispenso os coloridos e pego um preto com detalhe em roxo escuro todo aberto nas costas parecido com o que usei uma vez no ano passado, no memorial da diretora do Sacred Heart.

Coloco o vestido fúnebre, e vou em frente ao espelho. Apesar de sombrio, é sexy, tem um leve decote no seio. Enquanto seco meu cabelo, ouço mentalmente as versões imaginárias de mim. Anjinha (Bel) e Capetinha (Ly) em desavença, me deixando louca. Depois de seco, deixo-o solto em camadas onduladas. Passo pó no rosto para ficar bem pálida, de acordo com o meu visual, e por último, rímel e gloss. Não estou com cabeça para ficar me maquiando. Na penteadeira há frascos de perfume. *La Vie Est Belle*. (O mesmo que sempre uso e ele providenciou para mim). É muita loucura. Mesmo assim, aplico as gotinhas no pescoço e nos punhos, acalmando-me com o aroma familiar, enquanto isso, as minhas conselheiras permanecem no meu ouvido, implacáveis.

LY: *Vire esse jogo. Mostra para ele que você não tem medo.*

BEL: *Não faça isso, se tranque nesse quarto, porque após o jantar, ele*
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vai tocar em você.

LY: *Pense em como ele é gostoso, lindo como a oitava maravilha do mundo. Você está sozinha com ele, vai ter que transar de qualquer jeito mesmo, então aproveita e tira umas casquinhas.*

BEL: *Isabelly, ele vai te seduzir, vai se aproveitar de você, fazer você se apaixonar para depois despedaçar seu coração. E lembre-se: Você tem namorado.*

LY: *Seu namorado existe para tornar tudo mais excitante. Triângulos amorosos são excitantes. E você já tocou a anatomia que ele tem no meio das pernas. Aproveite e comprove, se é Divino, Delicioso e Duro.*

— Chegaaa! Parem com isso! — Grito com minhas conselheiras imaginárias, tapando meus ouvidos, em frente ao espelho. — Ele não vai tocar em mim, antes eu furo o olho dele com a ponta do meu salto.

BEL: *Uhuuu. Se deu mal, otária! — Comemora zoando sua adversária.*

LY: *Isso é o que veremos. A noite está só começando.*

— CHEGAAAAA! — Grito pela segunda vez. Estou tão louca que até minha versão do bem está proferindo palavrão.

— Ouvi você gritar. O que está acontecendo aqui? — Yan invade meu quarto. Instantâneo. Tangente. Físico. Trajando agora um smoking preto e camisa branca por baixo. Não dá para negar o quanto está lindo, mas está sombrio. Ele fecha a porta atrás de si, e vem até mim, comendo-me com os olhos. Sua presença é altamente predatória. Ao me analisar, as linhas em torno da sua boca se aprofundam num sorriso entre a zombaria e satisfação.

Parada respiratória! Foco no desprezo, Belly!

— Vai ficar me stalkeando? — Indago, com indiferença forçada.

— Esse linguajar me excita muito. — Fecho os olhos. Sinto suas mãos em minha cintura. Ele afasta meu cabelo comprido, e desliza a ponta do dedo por minha pele desnuda. Por toda extensão.

— Posso saber por que está pálida e vestida como uma Dama Negra?

— Porque jantar com você será como a morte, gosto de me vestir adequadamente, de acordo com a ocasião.

— Queria me deixar nervoso? Falhou. Aliás, você está encantadora, como a Julia Roberts em Uma linda mulher. — Ele me vira para ele, e seu olhar é claramente sugestivo. — Essa sua palidez vai acabar daqui algumas horas.

— Está insinuando que sou uma prostituta de luxo?

— Se você está falando. — Ele desconversa.

— Eu sei ler as entrelinhas, ok? Nem pense em querer exercer o fator CEO sobre mim. Comigo, não funciona. Você pode ser a fantasia das mulheres que pagariam caro para ser uma mosca em seu ombro. É um tecnólogo poderoso, e modelo da Calvin Klein. Com certeza usa seu poder, sua riqueza para atrair e fazê-las se renderem a você. Mas comigo não funciona.

— Acho bom mesmo que não subestime a quantidade de mulheres que dariam tudo para estarem aqui, sequestradas por um milionário controlador. Nossa história daria um bom livro de romance passionnal com um final bombástico, onde ele a mata, porque ela o provoca, atíça. — Ele para, pensativo e incrementa. — Acabo de ter um presságio: Esse romance vai explodir no mercado editorial.

Quanta presunção! Tenho vontade de estampar minha mão na cara dele.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Calma, está muito estressadinha. — Corre olhar insinuante desejando minha pele. — Vamos...Temos um jantar delicioso nos esperando. — Ele dá o braço para mim, fazendo tudo soar naturalmente entre nós.



Ao descermos as escadas, imprevisivelmente, ouço uma música de fundo. O ambiente está a meia luz, e a lareira artificial em 3D, está crepitando na enorme sala. Ele me leva até o balcão posto para dois. Está tudo enfeitado com castiçais e velas, para deixar o clima bem romântico... Romântico? Continuo averiguando e que as rosas que Drica havia levado pro meu quarto está ali, no centro da mesa no vaso. Não é possível. Essas rosas! Qual é a dessa cara? Ele me deixa confusa.

Ele não tira os olhos de mim, mas ignoro-o por completo, enquanto ele afasta a banquetta como um cavalheiro palaciano fazendo gesto para que me sente. E abre as portas de vidro, que dá à vista para a enorme varanda de frente para o incrível mar brilhante.

— Achei que não confiava em mim, sabendo que posso fugir. — Grunho desafiando-o.

— Só um aviso, para deixar arquivado na sua cabecinha. — Conjectura com as mãos apoiadas nas minhas costas, sussurrando em meu ouvido. — Minha casa é protegida pelo sistema infravermelho. Tudo aqui é controlado por sensores e precisa de senhas. Eu exerço todo o controle até de longe. — Mostra o seu dispositivo móvel diante do meu rosto. — E mesmo que saia

correndo agora mesmo, eu te pego, então poupe seus esforços, nem tente fugir, você não vai conseguir.

Beija minha bochecha, e enquanto ele vai até a adega, com a maior calma do mundo, penso em aproveitar a chance, talvez seja mesmo um teste, mas realmente do que vai adiantar?

Ele virá atrás de mim. Então, foco nas duas panelas de vidro refratário, munidas por 2 garfos, em cada uma, compridos com detalhes em bambu na ponta. São diferentes do tradicional, porque Fondue tem o seu charme.

As panelas estão sendo aquecidas por réchauds, que derretem o queijo e o chocolate girando na pequena base de madeira giratória. Em volta há vários recipientes com diversos molhos, petiscos, pães e frutas. Entre eles, camarões fritos, para serem mergulhados no queijo. E não posso deixar de notar minha fruta favorita entre as demais. Só de imaginar o chocolate escorrendo no morango, começo a salivar, porém, prefiro passar fome, do que jantar na companhia dele.

Tento desviar a atenção da comida, observando os sousplats de palha, que dão suporte aos pratos, e acima deles estão os guardanapos, rústicos, na cor laranja, dando destaque. Ao centro há também um balde de gelo, e nesse momento Yan está de volta trazendo duas taças e uma garrafa com um vinho francês. Aproximo-me para ler, quando coloca-a sobre a mesa, sussurrando com dificuldade.

— Bosme-Romane.

— É Vosne-Romane, Belly. — Ele me corrige. Meu francês é péssimo.

Com eficácia, empunha uma das taças com uma mão, e com a outra, segura firme a garrafa inclinada para cima, escorregando o aro da outra ao longo da solda da garrafa que com o golpe estoura, por fim, as preenche

minimamente, e entrega a minha sem desviar dos meus olhos.

— Não quero beber.

— Acha que quero embebedá-la? Não, Love. O vinho é apenas uma degustação, antes de começarmos a comer. O álcool vai ajudar a desinibi-la, e fazê-la aproveitar. — Acaricia meu ombro, antes de se sentar ao meu lado, e olha para mim, erguendo sua taça, esperando por mim. — A nós. — Sigo-o e brindamos. Ele dá um gole, e como não bebi, tira da minha mão, me pegando de surpresa, virando o líquido arroxeadado em minha boca. — Isso, bebe tudo... boa garota. — Limpa com o polegar o resquício que escorre. — Agora, coma.

— Estou sem fome.

— Não foi o que pareceu quando o seu estômago roncou minutos atrás. — Ergue meu queixo, passa o indicador em minhas bochechas. — Não me tire do sério, menina. Você está o dia todo sem comer. Se está fazendo greve de fome por birra, sugiro que pare. Coma, senão eu vou fazer você comer de um jeito que você não vai gostar nenhum pouco.

Seria capaz? O que é isso?

Pego o garfo da panela de forma rude, sem escolha, e eu realmente estou com fome, começo pelo pão acompanhado do queijo. É divino, meu estômago agradece e a expressão dele relaxa conforme vou me alimentando.

— Cadê a Drica? — Bufo de raiva, querendo mandar as regras dele pra treva.

— Com os outros empregados na Light House. Ela fez o jantar e foi se juntar a eles. Fica a cem metros daqui, vai conhece-los amanhã. — Conta, degustando o pão coberto pelo queijo.

Experimento o camarão, os molhos, por último, mergulho o morango

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

no chocolate, mas quando vou levar a minha boca, a calda acaba pingando na minha coxa.

— Ai. — Gemo pela ardência na minha pele.

— Ah, Isabelly... — Ele encara o chocolate escorrendo deixando um grande vermelhidão. E num movimento brusco, se levanta e agacha. Sem deixar de me olhar, passa a sua língua gélida, refrescante do vinho sobre a minha perna, retirando todo o vestígio doce. Depois, pega o morango do garfo em minha mão, e o posiciona em direção a minha boca, esperando que eu ceda. Aceito dando uma pequena mordida, e a parte que sobra, ele joga goela a baixo, lambendo o dedo.

— Bom, chegou a hora da verdade. — Diz fazendo crescer no meu peito um suspense excruciante ao pegar de dentro do bolso do terno uma aliança dourada e coloca em seu anelar que fica brilhando.

— Você é casado? Tem uma esposa e quer me fazer de amante? Você é um pervertido. — Jogo o guardanapo na cara dele, pego minha taça e vou em direção as portas abertas. Sei que vai levantar e vir ao meu alcance, mas estou irada, para ficar jantando de boa com ele, que permanece onde está, só analisando meus passos, por enquanto, todo poderoso e ameaçador, duvidando que vou passar por elas.

Dou um grande gole no vinho que desce queimando esquentando meu sangue. E por falar em sangue, eu não duvido nada que esse lunático saiba até o meu tipo sanguíneo. Que no momento é ÓDIO Positivo. Eu sinto raiva, por isso, parto para o segundo gole. Sinto medo e vontade de chorar. Ao perceber o que estou fazendo, ele dá um breve gole no próprio vinho, e me olha impaciente com a testa vincada.

Paro diante das portas, quando relâmpagos clareiam o mar e meu rosto, me fazendo desistir de sair. Estou tremendo, e não é de frio. Estou apavorada

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

na verdade, não pela chuva que vai cair, mas por aquelas rosas ditosas, que me arrepiam. Elas são minha distração agora. Tem muitas pela casa em decoração.

Sinto vontade de voltar, de estar envolvida naqueles braços fortes. Ele me fascina. É frio e quente, e estou enfeitiçada, sem forças.

Devolvo a taça ao balcão, e vou até a escada para ir para o meu quarto, abusando da sua paciência, na realidade ele abusou da minha. A noite acabou. Ele é casado, mas que pilantra. Subo os primeiro degraus quando ele bloqueia a minha passagem, fechando-me, e meu desespero é evidente, ao perceber que estou contra o corrimão e ele está bem a minha frente, com o rosto colado no meu. Estou presa em seus braços. Ele segura minha cintura e a outra deixa dentro do bolso da calça, porque não precisa de muito pra me segurar.

— Eu sei que não tem como eu fugir, mas por favor, só deixa eu ir pro meu quarto.

— Está com ciúmes porque sou casado?

— Não. Pouco me importa, e nem me surpreende, porque um cara como você não ser comprometido seria até estranho, só fica longe de mim!

— Não posso, e você não pode ir sem antes...

— Fazemos amor? — Murmuro tímida, tentando criar coragem.

— Não precipite as coisas, meu anjo, o amor não faz parte do sexo pra mim.

— Então, você vai ser covarde, e me possuir a força? — Desafio-o lívida e com ódio.

— A força? Você está aqui pra me agradar, querendo ou não, e os seus

insultos não me farão mudar de ideia. — Ele chega perto o suficiente pra me beijar, mas apenas me força a olhar a tela do seu celular, e nela há um PDF escrito: Registry of Marriages.

Minha expressão é de pavor, quando vejo que é um contrato de casamento, está assinado por mim, por ele, e também por testemunhas, registrado em cartório online, com a mesma validade legal dos documentos convencionais.

— Só falta um detalhe... — Ele me beija com violência, me trazendo forte para seus quadris, enquanto me aperta contra sua ereção, que me faz gemer alto com o choque desse contato. Minha vagina se contorce pra que continue ali, mas ele para, e se afasta. Com os olhos arregalados, e petrificada, sem entender o que está acontecendo, ele pega minha mão esquerda, entrelaçando na dele, erguendo-as, admirando minha cara de espanto, quando vejo que ele colocou uma aliança igual a dele em meu dedo, enquanto me beijava, porém mais fina e feminina.

— Você...

— Viu como não preciso fazer nada a força? Agora tem a resposta do porquê está aqui. Está casada comigo, com um ouro de dezoito quilates no dedo. É você a dona do outro par da minha aliança... Isabelly. Quero que use somente comigo, afinal, toda esposa tem que ficar ao lado do seu marido.

— Esposa? Eu não assinei certidão nenhuma, você me enganou!

— Conhece a frase: Os fins não justificam os meios? Então, qualquer iniciativa é válida quando o objetivo é conquistar algo importante, e o meu é você aqui comigo. Desculpa, *mi cielo*, mas não existe proposta nenhuma de emprego. O que leu foi um contrato falso, antes de assinar. Diego é advogado, meu amigo, e trocou os documentos, depois, te deu a certidão onde só tinha que rubricar seu nome do lado do meu, agora seu trabalho é me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

satisfazer, porquê me pertence. Tentei fazê-la vir por livre e espontânea vontade, mas estava protelando, então, tomei as providências, e como assinou, estava no meu direito de te trazer comigo.

— Isso não é possível... eu já sou comprometida, seu idiota, não está vendo? — mostro a aliança de ouro branco na mão direita, que o Steven me deu quando me pediu em casamento.

— Ouça bem. O seu compromisso com o meu primo não vale mais nada. Noivou com ele, mas casou comigo. Você é a minha esposa, goste ou não.

— E como conseguiu fazer a Aria e ele assinarem como minhas testemunhas? Eu não estou entendendo. Você enganou eles também! Seu...

Aumenta o volume da música com o celular, e segura minha mão.

— Obviamente. Bom, estamos casados e acabou essa conversa. Não tenho que te explicar os detalhes de tudo, e não há nada que possa fazer a não ser aceitar que é minha, minha esposa, e eu decido quando tudo isso termina.

— Não vou facilitar nada e nem dar o que quer, Yan Hunter... você me dá asco!

— Adoro desafios, e sua raiva por mim ainda vai se transformar em eu te amo. Agora... vamos dançar. Você está tensa. — Desequilibrada, tropeço, caindo em seus braços. Droga de vinho.

— Relaxa, e sente a música... — Ele me pega e me encaixa firme e bruto em seu corpo, movimentando-o com o meu no ritmo da melodia. — Take My Breath Away é sexy e envolvente como você. — Sua voz é hipnótica, como um feitiço do qual eu não consigo escapar. O prelúdio sexual o satisfaz.

Observando cada movimento

Em meu jogo tolo de amantes

Neste oceano sem fim

— Como pode ter um comportamento tão arbitrário?

— Te roubar pra mim, foi a melhor escolha que fiz. E por mais arbitrariedade que seja, é tão certa como qualquer outra jamais será. Seu cheiro, ficou gravado em mim. Adoro seu perfume. Fiz questão de comprar o mesmo para você. — Mordisca minha orelha e afunda a cabeça no meu pescoço, relembrando a nós dois aquela dança persuasiva, que eu me esforço para esquecer.

Eu deveria afastá-lo, pisar no pé dele novamente, como fiz no aniversário, porém, estou embriagada pelos seus olhos castanhos dourados. Abruptamente ele me gira e me agarra por trás, apertando-me ao seu corpo, que me aquece mais que o próprio fogo. Logo seus lábios estão na minha nuca, depositando beijos e dizendo coisas desconexas e explícitas sobre o que quer fazer comigo, ao mesmo tempo, massageia minha bunda por baixo do vestido. Intenso demais. Perigoso demais. Sei disso, por isso estou assentindo que me toque, sem protestar em nenhum momento.

Passionalmente me ergue, elevando meu corpo com total reverência. Seus olhos estão cheios de triunfo. Depois de me admirar por um tempo, me desce, fazendo-me escorregar pelo seu corpo lentamente. Quando meus pés estão prestes a tocar o chão, me ergue novamente e com o impacto do gesto, eu enlaço seu pescoço e deito em seu ombro, voltando a cena da limusine no final da festa, e meu corpo instantaneamente se excita com a ideia de que eu me derreti toda ao ser tocada por ele. Meu Deus. Só de lembrar a frustração

do meu corpo querendo mais, fico possessa. Ele me intimida, chantageia, e não posso permitir. Esse sequestro é um feitiço erótico.

— Yan...

— Você é espirituosa e cheia de vida, tem o brilho das asas de uma libélula que está querendo voar pra longe de mim. — Diz embalando-me e tocando gentilmente meu rosto.

Ele acaricia meus cabelos, e me aconchego ao seu peito. Fico quietinha, sentindo o cheiro da colônia masculina da sua roupa. Roço meu nariz de leve inalando, para aproveitar a sensação. O aroma é entorpecente, isso está fazendo minha cabeça girar sobre a sua mão emaranhada em meu cabelo. Arqueio a cabeça para encará-lo, com esse movimento fico tão pertinho que o seu hálito refrescante passa desesperadamente dos seus lábios para os meus que umedece para recebê-lo, como se um milhão de células nervosas se inflamassem na minha corrente sanguínea.

Virando-se e voltando

Para algum lugar secreto por dentro

Observando em câmera lenta

— A partir de hoje, você será a minha Libelle. Sabe por que? Porque soa como o seu nome, tirando o ISA, ouça: Li Be (Be) lle (lly). — Serro os olhos absorvendo seu sotaque britânico no meu ouvido. — Libelle. — Sussurra rouco e carregado de emoção. — Sua pele é delicada como porcelana fina. — Toca meus lábios entreabertos e trêmulos. — Eu poderia ficar aqui o resto da noite admirando-a castamente, mas não sou um cavalheiro palaciano. E você não é uma menina pura.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tire o meu fôlego

Repete a música já nos momentos finais. É assim que me sinto, aprisionada ao seu corpo. Ele gira-me mais uma vez, e me traz até ele, apertando-me, guiando meus pés até me encostar na parede.

— Agora que está mais calma, eu vou me afastar e você, vai ficar aqui, bem linda e quietinha. — Ele senta próximo a lareira no sofá vermelho S.King, e muda a música para uma bem sensual, me olhando sombriamente. Sinto-me desprotegida, intimidada. Ele está sendo frio novamente.

— Tira o vestido. — Ordena, e minhas mãos trêmulas protelam.

— Não.

— NÃO? — Replica firme. — Lamento, mas terá que tirar, estamos na nossa lua de mel, e não pode me negar isso, porque eu jurei a mim mesmo não te tocar e nem transar com você até os papéis estarem assinados. Precaução é tudo. Porém, depois que me beijou ontem, quebrei a primeira regra. Você me deixou louco, e já era minha sem se dar conta, então posso fazer o que quero com você, seja boazinha, e faça a sua parte, se fizer isso, prometo que acabará mais rápido do que imagina.

Completamente presa ao seu repertório de sedução, abaixo as alcinhas do vestido, mordendo o lábio inferior filtrando os dele, que está perscrutando-me todo audacioso.

— Lentamente. — Exige. Enrubesco e fico parada protelando, e por fim retiro devagar até o tecido cair aos meus pés.

— Ruborizada por ficar seminua na minha frente? — Constata. —

Você tem um corpo lindo. Fica nua pra mim.

— Desculpa, eu não sei agir dessa forma que está pedindo.

— Acho que o vinho não te fez bem. Bom, a escolha é sua. Pode fazer o que mando, bem dócil, ou se preferir, eu vou até você. Escolhe, Isabelly...

— Sua voz soa em tessitura grave.

— Não! — Brado furiosa. — Se me quer nua, vai ter que me pegar e tirar à força. Não vou facilitar pra você. — Começo a subir as escadas correndo. Ágil em meu salto fino, protegida apenas por um conjuntinho branco de renda minúsculo.

— Que brincadeira é essa, Isabelly?

— Eu já disse, se me quer, vai ter que vir me pegar. — Digo do último degrau de cima.

— Quer que eu te pegue, é?

— E pegue isso também. — Arremesso a aliança de ouro escada abaixo. Ele pega e guardo-a em seu bolso.

— Você acaba de estabelecer um padrão de excitação altíssimo com esse jogo, menina. As minhas mãos estão coçando. — Alerta furioso, subindo as escadas.

Quando faltam três degraus para ele me alcançar, eu desvio dele, com rapidez subo no corrimão da escada, e desço escorregando com a bunda empinada de propósito, olhando para ele que não gosta nada da minha travessura.

— Isabelly, para com isso, para... para... você vai cair! — Pede angustiado ao me ver exposta ao perigo na frente dele.

— Eu danço pole dance, não tenho medo de altura, esqueceu? — Digo

ao parar novamente lá em baixo, ele está indignado chegando mais perto, e viro uma estrelinha, num movimento exato para cair atrás do sofá vermelho.

— Estou adorando. — Bate palmas. — Agora levanta daí, chega de showzinho.

Fico ali sem me mover, e ele vem em meu percalço com ímpeto, e meu desespero é evidente, ao perceber que não tenho para onde correr, não sei porque corri se fugir dele é impossível.

— Isso, continue assim, quente, explosiva, esquiva. Quanto mais você tenta me desacatar, mais aumenta o meu desejo de puni-la... então, não force o meu demônio interior, porque não vai gostar. — Ele se aproxima, vindo em câmera lenta, me dando a última chance, mas continuo estática, e congelo quando finalmente me pega e aperta, roçando a barba por fazer contra o meu rosto e começa a rasgar meu sutiã e calcinha, de uma forma que não difere da violência. Encolerizada esmurro seu peito, conforme joga os trapeados no chão.

— Eu não vou ser sua, não vou. — Ele me põe em cima do seu ombro, toda nua e irritada esperneio no ar. Passo as unhas pelo seu braço, deixando breves arranhões.

— Está me desafiando? Mas que felina! Tem as garras de uma gata. — Acaricia minha bunda e subitamente bate com força para me lembrar que falou sério quando disse que me puniria se tentasse desafiá-lo novamente.

— Você não se preocupa com os meus sentimentos? Com o que eu vou sentir sendo degradada?

Ele não responde, e quando vejo, já está sentado comigo em suas pernas, de frente para ele, no mesmo sofá o qual estava me olhando e prestigiando eu tirar o vestido para ele em um Strep-tease. Está

desabotoando minhas sandálias de salto, massageando meus pés e olhando dentro dos meus olhos.

— Quero muito foder você, com nada no corpo, exceto isso. — Brinca com a minha tornozeleira. A totalidade do seu corpo está prendendo-me. Eu o deixei furioso. Ele é viciado nesse sentimento de controle, dominando-me.



— Está sentindo como estou duro? É como você me deixa quando me desafia. — Prendo a respiração sentindo minha vagina nua, roçando sua rigidez no tecido da calça.

Tento controlar o calor embaraçoso, mas estou estranhamente molhada. A trilha sonora erótica de músicas instrumentais francesas torna o momento ainda mais sensual e explícito. Estou capturada pelo magnetismo dele, e não há escapatória para mim, ciente disso, resisto da única maneira que eu posso, cobrindo com as mãos meus seios, pressionando-os em meus joelhos, abraçando minhas coxas, sentindo frio. Meu cabelo longo em cascata, esparramados pelas minhas costas e braços, tremendo no colo dele.

— Pare de se encolher, olhe pra mim.

Fico em silêncio, ainda não olhando para ele.

— Isabelly... — Rosna impaciente. O medo vence, e sou covarde, levantando o rosto para ele, meus olhos marejados, e não me cubro mais com
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

as mãos, fico inclinada permitindo que ele olhe. Ele toca meu rosto, aguçando minha febre interna, mas sinto frio, nua e gelada. Ele pega minha mão, e devolve a aliança no meu anelar, para então focar em meus seios.

— São pequenos, como se ainda estivessem em formação. Dignos de uma ninfetinha. — Analisa metódico. Fecho os olhos achando que vai me machucar, mas ele aperta apenas um com a mão, muito gentil, tomando cuidado para não usar força demais, apalpando-o, fazendo-me prender o ar. — Perfeitos. Finalmente vou tê-los em minha boca. — Elogia, sedento em meu mamilo rígido, passando a língua.

Fecho os olhos absorvendo a carícia, pelo menos ele está calmo. Me tocar o deixa calmo, somente quando o desafio é que fica irritado. Arqueio meu corpo oferecendo-me para ele querendo mais, gemendo aos pouquinhos. E ele se delicia com o biquinho molhado pela própria saliva, mordiscando também, fazendo o calor aumentar no aperto dos seus braços.

Solto um grito quando ele coloca todo meu seio na boca, que por ser pequeno cabe inteiro, ele fica chupando-o, com fome. É muito bom, muito, então, relaxo permitindo-me sentir. Avido de desejo, intercala a atenção de um para o outro, ensandecido e me deleito entregue, gemendo de prazer, tendo meus seios chupados com força.

Seguro seus cabelos bem forte para mantê-los mais em sua boca, gritando forte quando ele morde, engolindo-os inteiro, de um jeito gostoso, deixando meus seios sensíveis entre os dentes.

— Yan! Yan! Oh...

— Isso, geme o meu nome... fico louco com o gosto da sua pele.

Ele beija meus lábios com tesão, controlando sua agressividade, prendendo a respiração sem parar de acariciar obsessivamente minha

tornozeleira dupla, de ouro, com pingente de trevo da sorte, e um mini coração em detalhe.

De repente me assusto com o barulho do zíper que ele abre da sua calça. Estou oscilante, deslumbrada, com os lábios entreabertos e trêmulos, evitando a todo custo olhar para baixo. Então, ele expõe seu pênis imenso e duro, afagando-o com a mão.

— Levanta um pouco e senta no meu pau, bem devagar... — O atrito da sua calça contra minhas coxas, prova que se despiu o suficiente apenas para liberar o seu pênis, porquê está impaciente para me ter.

— Não posso fazer isso... — Respondo assustada, meu peito está a ponto de explodir. Ele me olha sombriamente, e aproveita minha vulnerabilidade para raspar sua ereção em minha entrada, preparando-me.

— Que atriz maravilhosa você é Belly.

— Quero fazer xixi. — Improviso o artifício de defesa. E um sorriso distende em seus lábios, ele passa as mãos nervoso pelo cabelo, porém, acha engraçado. Seus olhos continuam insondáveis. Para comprovar, ele aperta sua ereção próxima a minha bexiga, e esconde o meu rosto em seu pescoço.

— Mentindo e tremendo de medo? O que é isso agora? — Sonda-me intrigado. — Tudo bem, eu já entendi, vou ser bonzinho.

Ele me tira do colo, e me deita na posição vertical no sofá, ajeitando meu corpo, enquanto fica de pé. E me surpreende, quando ao invés de me atacar, apenas se agacha e segura os meus pés contra o seu peito. Cheira e beija cada dedo em leve sucções, observando minha reação. Atormentada, excitada, digladiando com meus sentimentos. Ele não para, fico inquieta esfregando-os em seu peito.

— Está ouvindo essa música? *Je T'Aime Moi Non Plus*. Faz muito

sucesso na França, porque é obsessiva e apaixonante. Muitos homens apaixonados já mataram suas esposas ouvindo-a.

— Você já matou? — Coloco o dedo do pé em sua boca para distraí-lo.

— Se você morrer, vai ser de tanto treparmos. — Morde três de uma só vez.

— Ai... — Reclamo roçando as coxas uma na outra.

Minha respiração desestabiliza conforme distribui pequenas mordidas pelas minhas coxas segurando minhas pernas que mantenho o tempo todo fechada.

— Não feche as pernas para mim. Quero ver sua pussy. Abre... isso, abre mais. Boa menina. — Como é linda *Libelle*. — Observa de perto. — É pequena, rosinha e lisinha. — Conferi deslizando o dedo de leve, conforme fala e olha, queimo em febre, sentindo-me escorrer. — Olha só, mal toquei nela e já está assim, molhadinha... Como você é talentosa, esperta. Eu poderia te chupar agora até você gozar. Mas não merece, por ter me desacatado.

— Vem cá... — Puxa-me para frente, com carinho, com as mãos no meu rosto, e fico esperando, pelo o que virá. — Quero-o em sua boca. Agora. — Ordena frio, e com medo de contrariá-lo, sento de joelhos, refletindo claramente seu poder e o quanto eu estou me submetendo aos seus caprichos.

Fico estagnada, porque é tão grande que me assusta. Sem dúvida é um homem bem dotado. Seu pênis é grosso e roliço, há veias por toda a sua circunferência, a glândula é rosada, os pelos pubianos realçam a sua masculinidade em uma pequena linha do umbigo até sua ereção, onde são maiores, e pelo meu cálculo, deve ter uns 25 cm, não vai caber na minha boca. Ele percebe a minha avaliação que estou protelando, e levanto

covardemente pulando no pescoço dele.

— Isabelly... — Me abraça excitado. — O que está fazendo? — Começo a distribuir beijos quentes em seu peito nú. Minha boca deixa rastros de desejo conforme vou massageando-o, em um movimento lascivo. Ele imediatamente fecha os olhos absorvendo a sensação. — Não foi isso que eu pedi. — Me repreende, bruscamente.

— Eu sei o que quer. Mas você me intimida.

— Sou seu marido. — Suaviza a palma da mão em meu rosto. — Mostra para mim como você faz, eu estou louco para saber. Passa os dedos pelos meus lábios como forma de carinho, e eu não consigo desviar meus olhos dele. Então, ele beija minha boca com paixão, segurando-o em sua mão, enquanto a outra está nos meus cabelos. E quando o coloca nos meus lábios, mexe os quadris devagar, não me deixando tirar.

— Chupa. — Sussurra com a voz perigosamente rouca de desejo para me incentivar. É imoral, e afeta completamente minha mente.

Meu peito está arfando, e seu gosto é *Divino*. Sugo a pontinha delicadamente, absorvendo o líquido pré jaculatório, e passo a língua pelos lábios saboreando o quão é *Duro e Delicioso* de chupar. Seu gosto é muito bom. Quero mais. O desejo me faz inclinar mais para frente, no entanto, me desequilibro, e acabo escorregando até me sentar ao chão, os calcanhares roçando o topete, aberta, vagina latejando como ele quer, porque agora estou nua, indefesa, com seu pênis na boca, à mercê dele. Horrorizada com a ideia de que, ele pode me violentar se quiser, e ao invés de sentir repulsa, eu vou gostar. Vou gostar muito

Ele se diverte, se contraindo, gemendo, ficando com o pé direito entre minhas pernas que as abro para que se equilibre enquanto coloca o outro pé na beirada do sofá, empurrando ainda mais sua ereção na minha língua, e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

então, começo a chupá-lo com vontade, e mais forte.

— Isso, continua, baby. Está maravilhosa. — Rosna descontrolado, quando acaricio sua bunda, e ele acelera com o quadril. O gesto é brusco, mas eu não paro. — Ah, porra! Que delícia, vou gozar na sua boca...

A raiva, o medo e a excitação estão dominando meu cérebro, e continuo, tirando da boca só pra respirar, e volto desajeitada, tentando, agarrada a suas pernas com as duas mãos. Não vou permiti-lo ejacular na minha boca e muito menos que me ofenda. Não mesmo.

Mesmo consciente que vou ascender sua fúria, mordo-o com precisão calculada.

— Caralho... Caralho! — Ele tira gritando, esfregando onde mordi, e o guarda de volta, mas mesmo assim acabo engolindo um pouquinho do líquido que escapou, e de um jeito selvagem.

— Naughty girl. Niña traviesa... Não vai parar de me desafiar, não é? Não consigo me controlar. Não sabe o perigo que corre quando me deixa assim.

— Eu só queria te satisfazer, marido. — Abaixo a cabeça dissimulada.

— Sério? Me mordendo? Que mentirosa! Eu deveria ter feito você engolir cada gota para você aprender. Porém, não quis obriga-la, porque no momento certo você vai fazer por livre e espontânea vontade minha. — Brada furioso.

— Não, por favor Yan, não faça isso. — Imploro, abraçando-o e apertando-o forte na esperança dele entender o quanto estou insegura e assustada. — Menti porque não quero que seja tão estúpido comigo.

Ele não dá atenção ao que falo, me ergue furioso pelo que eu fiz, jogando-me sobre o *S.King*, ajeitando a almofada em minha cabeça, que
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

agora é parecido com uma cama macia e aconchegante.

Ele tira o terno e a camisa, atravessando-me pausadamente com o olhar como um raio-x em minhas perna torneadas, até os pés com unhas pintadas de cor-de-rosa. Seu olhar escurece, minha garganta fica seca, enquanto meu coração bate loucamente ao vê-lo tirar se livrar também da calça e a boxer, ficando perigosamente nu. Encolho-me de modo fetal protegendo-me com os meus próprios braços, trêmula com uma vontade incontável de chorar, e meu cérebro luta para dar conta de tudo isso.

Então, meu tempo acaba. Ele deita em cima de mim, aprisionando-me em seus braços. Viro o rosto para o lado esquivando-me dos seus lábios. Tento outra vez, e viro no sentido contrário.

— Abra a boca, Belly. Me beija... — Nervoso, pega meu rosto e o acaricia meio ríspido com as costas da mão. — se continuar lutando eu vou ter que amarrar você.

— Amarrar?

— Isso mesmo. Está vendo isso aqui nas laterais? É pra prender seus pulsos, abaixo também tem outros para prender seus pés. É isso que quer? Que eu te amarre e te coma? Hum? Fala pra mim?

— Não... amarrada não. Não... — Vacilo muito mais perante essa ameaça claustrofóbica. E como sei que é capaz, em total impotência, estendo os braços para cima, exposta, sem defesas. Tremendo muito, conforme ele afasta minhas pernas e me toca sem pudor.

— Boa escolha.

Suas mãos estão emaranhadas em meus cabelos, e ele se embriaga do aroma do meu shampoo. A chuva lá fora agora cai intensa e acompanhada de um estalo de trovão. Abraço-o procurando proteção desmanchando-me sobre

o seu toque. Ele gosta que faço isso, que eu o abraço, e aproveita para me beijar bem quente na boca, fazendo-me arrepiar inteira, e vai seguido por meus estímulos, até a base do meu pescoço.

— Que cheirosa. — Afasta meu cabelo, inalando minha pele como um viciado. Eu inclino para trás dando mais acesso a ele. Que agora morde e beija a parte supra-esternal brincando com o brinco em meu lóbulo. Eu deveria estar gritando, e não permitindo, mas tenho medo do que ele me faz sentir.

— Por favor... Não quero fazer, eu...

— Não quer fazer? Que bonitinho. Fala com tanta inocência. Que foi? Se sente culpada? — Franze o cenho ao ver o sofrimento em meu rosto.

— Sim.

— Não deveria se sentir assim. Steven não é esse anjo que você idolatra. E o namoro de vocês acabou no momento que ele te entregou em uma bandeja para mim permitindo você viajar comigo. Não existe mais Isabelly e Steven, você é minha agora, e vai fazer sexo comigo, porque estamos casados... Você está excitada, e é exatamente isso que você queria, porque me deixou te levar pra dentro da limusine como uma vadiazinha. Agora, esquece o meu primo, e para de agir como uma virgem assustada.

— Virgem?

— Sim, está se comportando como se estivesse em sua primeira vez.

— E se eu te dissesse que sou virgem?

— Eu te diria que você é uma mentirosa graduada. Quem no século 21 é virgem aos 20 anos? Quer que eu acredite que nesses quatro meses de namoro com ele não rolou nada? Não vou cair na sua chantagem. Mas respondendo à sua pergunta... se você fosse virgem, eu te possuiria do mesmo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

jeito, e me sentiria honrado em ser o primeiro. Talvez, eu fosse um pouquinho gentil, coisa que não preciso, já que não é o seu caso.

— Mas eu...

Ele não me deixa explicar, e molda meu corpo abruptamente ao dele. Não se importando com meus protestos, muito menos se comove.

— Eu só quero te foder, não precisa ter medo, vai ser muito divertido, eu prometo. Vem cá... — Me põe mais abaixo, e me faz entrelaçar as pernas em volta da sua cintura, com as mãos na minha bunda.

— Ouvi dizer que as brasileiras são ótimas na cama, e eu estou louco para provar. — Diz fomentado. Não protesto, deixo-o meu tocar. Ele explora minha boca com a língua. Seu gosto desce pela minha garganta e preenche meu organismo com uma força vital e expressiva.

— Essa tortura está me matando, faz logo, por favor...

— Você tem que aprender a se controlar, a se deixar levar e curtir o momento. Não vou te comer por 20 minutos e te deixar dormir. Eu gosto de sexo tântrico.

— E como é? — Sussurro.

— Por horas. Sua entrega precisa ser total, Belly! Quero você nos meus braços, incapaz de pensar em qualquer outra coisa que não seja o prazer proporcionado por mim. Vou fazer você ter consciência do que é inconsciente. Aqui comigo você não vai me negar nada, não há julgamento de conduta, do que é certo, errado ou moral. — Ele decora meu rosto delicadamente em fascínio. — Você é minha inspiração erótica, a obsessão que perturba meus dias. E te quero bem molhadinha, a minha disposição, para eu fazer com você, o que eu quiser.

— Então, vai fazer amor comigo a noite toda? — Pergunto. Meu peito

está arfando em antecipação. Ele dá um sorriso amistoso, entrelaçando minha mão com a dele, e beija os nozinhos dos meus dedos.

— Sexo, meu anjo, não confunda. — Diz e meu peito se aperta de dor. Porque no fundo eu queria fazer amor. Somente por amor. — Vou te foder a noite toda, porque você vem sendo muito desobediente, vou puni-la por cada infração que vem cometendo. E só vou parar quando eu estiver totalmente satisfeito. Eu só preciso saber de uma coisa... você se previne?

— Yan... — Seu nome sai dos meus lábios como se fosse um fio de esperança.

— Responda.

— Não.

— PORRA! — Ele levanta nervoso, e fica de pé, muito irritado. — Como não? Além de tudo é imprudente. Já vou avisando que não gosto de usar camisinha. Amanhã mesmo vou chamar uma ginecologista para te orientar. Posso imaginar como o meu primo sofreu. Você precisa se cuidar, para evitar uma gravidez. Quero foder e gozar dentro de você sem preocupação. Entendeu?

— S-im. — Balanço a cabeça amedrontada com suas palavras frias. Encabulada, mordendo os lábios em aflição.

— QUE DROGA! — Mesmo bravo ele volta e me beija passionavelmente, num impulso irrefreável. Ambos estamos derramando toda nossa raiva, desejo e frustração nesse beijo.

Nossos lábios se colidem, rolando sobre o S-king. Hora estou por cima, hora por baixo. Aquecidos pela lareira 3D. Sua mão desliza por minha barriga me deixando ainda mais ofegante, e me contraio toda ao sentir seu dedo roçando meu clitóris, dizendo o quanto sou perfeita e que gosta de me

sentir inteira dele. Ele bebe todos os meus gemidos, molha o dedo em minha vagina, e o leva até minha boca.

— Sinta o seu gosto, Libelle. — Sugo tudo literalmente tomada pelo prazer. Conforme vou cedendo, ele se torna mais gentil, rodilhando-me em seus braços, acariciando minhas bochechas possessivamente. — Você é minha, Belly, MINHA. — Estremeço, com a veracidade das palavras, e ele roça a barba por fazer em minha pele sensível. — Seu corpo me deixa louco, viro um animal, tenho fome de você. Quero te deixar toda marcada, sem dó, e você vai fazer tudo para me agradar.

Ele muda nossas posições ficando sentado, e puxa-me por trás, encaixando-me bem no meio, colando o seu corpo no meu para abrir minhas pernas. Solto um gemido ao sentir o tranco em meu glúteo, e com a minhas pernas em formato de V, volta a atacar o meu clitóris. Jogo a cabeça para trás em seu ombro, ofegando e correspondendo ao seu toque, deliciando-me com a carícia ritmada. Imploro gemendo desesperada, e ele força minhas pernas a permanecerem abertas, de um jeito que não tenho como escapar, e seus dedos ágeis causam tremor por toda parte.

— Está louca pra que eu te foda, não é? Mente que é virgem agora, vai...

— Eu não sei... Yan, juro que não sei.

— Como não sabe? Pensa que sou um idiota? Estava dançando naquele maldito clube como uma vadia. — Rosna em meu ouvido. — Meu primo você engana, mas eu sei cada detalhe sórdido do que fez. — É assim que você gosta? — Ele força, e grito, arfando subjugada por ele, contorcendo-me, gritando. É uma tortura ficar à mercê de um homem, suada, frágil, entreaberta, dependente do seu toque.

— Acabe logo com isso...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não funciona assim, meu amor, quero brincar muito com seu corpo antes de foder cada centímetro dele. — Sua voz é firme e cheia de segundas intenções. Ele dá dois tapas em meu clitóris como punição e ataca meus lábios furiosamente. — Isso, fique bem molhadinha. — é exatamente assim que estou, me contorcendo, aberta e cremosa beijando e gemendo na boca dele, enquanto esfrega minha vagina com a palma da mão. É muito delicioso, e não sei como parar, como fazer meu corpo acalmar...

— Não. — Protesto frustrada quando ele para.

— Sim, baby, você não vai gozar, entendeu? Você vem se comportando mal desde que nos conhecemos. Quer a lista? Então, vamos começar por aquilo que me deixou com mais raiva? Thomas comentou comigo que te descobriu no site *Seeking Arrangement*, e você se portou como uma vagabunda quando aceitou ser a *sugar baby*, ou melhor, a prostituta dele.

— Eu não iria me prostituir. Você não está entendendo, eu...

— Pelo o que eu me lembre, você dançou pole dance na despedida daquele velho filho da puta, para vários babacas, que ficaram babando pelo seu corpo e queriam te foder em pensamento. — Diz rouco soltando a respiração entre seus cabelos, e me coloca de bunda para cima em suas pernas. — Você se vendeu, e eu não gostei nenhum pouco.

— Não, por favor... — Tendo escapar mas ele me prende surrando minha bunda, duas vezes, me fazendo gritar. E não para, acertando tapas intercalando, cinco vezes.

— Saiu pra jantar com ele. Aceitou presentes caros. — Arquejo, tento me levantar, mas me contém com a outra mão em minhas costas espancando-me de novo. — E vem me tirando do sério desde aquele maldito clube.

— Ai, para. — Suplico e ele acaricia a parte ardente que sua mão

deixou na minha pele. — Para com isso, por favor.

— Confessa que estava louca pelo pau dele. Tanto que não quis ir embora nem com meu primo pra ficar lá, porque tinha marcado o encontro. Ele só não te fodeu porque eu estraguei, e eu já tinha a intenção de te tirar de lá, sendo a força, ou te carregando.

— Eu não iria transar com ele... eu só...

— Tudo isso aconteceu porque deu pro meu primo ao invés de namorar como uma menina recatada. Esse foi seu erro. E o trouxa nem notou que você toda assanhada se dispôs a um site de prostituição pra servir os velhotes com grana... — Ele ofega tentando se acalmar. — Você teve sorte aquela noite, porque eu não era o seu marido, senão... Preciso parar de pensar nisso, ou nem sei o que posso fazer com você.

— Eu não pedi para ser salva aquela noite. Deveria ter me deixado lá, pro Thomas fazer o que quisesse comigo. — Grito exaltada.

— Sendo noiva do meu primo, acha que eu ia deixar que fosse a putinha de um velho rico?

— Somente sua putinha. Sua porque você está me obrigando a ser.

— Não se contenta apenas com um homem, tem que ter vários aos seus pés, te idolatrando em um pedestal, não é? Você se faz de santa, tão novinha, mas é uma prostituta de quinta profissional.

Levanto a mão para bater nele, mas ele pega no ar.

— Nem pense em fazer isso... acho que gosta de apanhar por isso me desafia. Vai, me bate, porque te punir me excita. — Diz soltando-me para que prossiga o que estava prestes a fazer.

— Você está sendo injusto.

— Injusto? O que você quer que eu pense de uma garota que vendeu o próprio corpo para satisfazer um bando de sem vergonhas? E ainda no final ser comida pelo anfitrião, o dono de uma indústria pornográfica.

— O que?

— Não faz essa cara de inocente. Vai negar que não sabia? Agora, está aqui, se comportando como um anjo virginal na minha frente, tremendo quando te toco, sendo que não passa de uma pequena vadiazinha. Eu ia matar aquele desgraçado se ele relasse as mãos em você. Sou o único que tem o direito de te foder e mais ninguém. Não compartilho o que é meu. — Estremeço descontroladamente, protegendo meus seios nus com as mãos. — E para com essa encenação de falso recato, está me irritando. — Sussurra rude em meu ouvido, me virando de frente e bate levemente em meus seios deixando-os vermelhos com o golpe.

— Está me machucando...

— Seu pai sabe disso? Que você estava saindo com homens por dinheiro? Me fala? — bate pela última vez de surpresa em minha coxa.

Eu nunca fiz isso antes. A despedida de solteiro do Thomas foi a primeira e única vez. Mas eu não me importo com o que ele pensa de mim. Não tenho que dar explicação.

— Para de chorar. Você apronta e quer sair ilesa? — Escondo mais o rosto tímida, e ele me obriga a encará-lo. — Eu sabia que Thomas iria procurar a ninfeta perfeita para a despedida pervertida dele. Claro que tinha que ser você, 20 anos com corpo e carinha de menina de 16 inocente, uma putinha angelical, é perfeita para o sexo sujo. Se não fosse pela sua mão entalada, você passaria aquela noite sendo comida na cama dele. — Alicia os biquinhos entumecidos.

— Ya-n... — Choro de soluçar, descontroladamente, apoiando-me contra o seu peito, buscando proteção nele, no homem que me machuca, mesmo sabendo que não vou ter.

— Está tão assustada... — Diz embalando-me e tocando gentilmente meu rosto. — mas gosta de me desobedecer, não é? Se fosse um pouquinho mais compreensiva, não precisaria levar aqueles tapas, vem cá...

Ele me puxa, deitando comigo na cama, deixando-me por baixo dele. Está me olhando como se fosse me devorar. Louco de desejo, e parece confuso e inquieto por meu rosto repleto de lágrimas.

— Não precisa chorar assim, como uma criança de sete anos. Não é mais fácil admitir o que fez? — Parece que nunca mais vou respirar. Deixo-o pensar o que quiser subitamente envolta nos braços dele com o rosto pressionado contra o peito largo. Ainda soluçando na pele masculina quente, enquanto a mão dele se move em círculos nas minhas costas. Ao ver meu estado, como me deixou devastada, e que não consigo ficar calma, ele começa a distribuir beijos e carícias pelo meu rosto molhado.

Eu não estou em condições de explicar mais nada. Não quero. Ele acha que saio com homens por dinheiro. Ele me odeia, tem repulsa de mim, e descontou sua raiva em meu corpo. Opto pelo silêncio enquanto ele desce traçando com a boca um caminho de fogo pela minha pele, abocanhando meu seio febril, depois, espalha sucções e mais beijos por todo meu corpo, até chegar em minha vagina.

Minhas pernas parecem ter consistência gelatinosa, e ele se aproveita disso para mantê-las entreabertas, expondo-me para ele e abrindo minhas dobras.

— Parece tão íntegra, que não dá pra acreditar que já aguentou o pau de um homem. — Coro instantaneamente com essa inspeção feita a poucos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

centímetros.

— Vou chupar a sua pussy até que implore pelo meu pau dentro de você. — Com o hálito quente, ele passa devagarinho sua língua ávida de desejo, me chupando. Ele me acha saborosa, gosta de me chupar, e o prazer chega a ser insuportável quando suga e morde minha carne, e tento me equilibrar com as mãos para trás, entreabrindo-me cada vez mais para ele, suportando, enquanto abusa de mim.

— É tão macia, com gosto de vagina lavadinha, naturalmente perfumada. A mais gostosa que eu já provei. — Ofega voltando a me chupar lentamente, ao mesmo tempo em que agarra meus seios, mantendo meu corpo na horizontal. É tão intenso, fico louca, quero fechar minhas pernas, mas ele evita com seu corpo e sua cabeça, enquanto continua me devorando com sua boca carnuda, mantendo-me cativa para ele.

— Ohh... — Curvo o corpo, dando minha vagina em sua língua. — Não estou mais suportando, por favor... faça isso parar. Faz logo por favor... — Imploro, com a voz fraca e dominada pelo desejo.

— Olha só que safadinha, se desmanchando inteira na minha boca, e está toda apressadinha. Calma... Só mais um pouco e já te como.

Eu me odeio por não conseguir me negar, deixando que continue me experimentando com a boca, e estou embriagada com essa invasão. Gostando de ser molestada por ele.

Deveria sentir repulsa por fazer eu me sentir vulgar, ao invés de estar ardendo, com meu sexo cremoso em banquete para ele. Meus pensamentos estão incoerentes de tesão. Ele está me segurando firme minhas coxas abertas, obrigando-me a sentir sua boca quente e impiedosa.

Meus sentidos ainda permitem que eu escute a chuva que não quer

cessar. Serro os olhos. A paixão é como uma névoa, deixando o momento absurdamente erótico. Ele conhece mais meu corpo do que eu mesma. Me trouxe para um mundo cheio de prazer proibido e perigoso. Estou perdida nele, à mercê dos seus toques experientes.

— Amanhã você vai acordar dolorida, só sentindo e lembrando, o quão profundo e loucamente eu entrei, chupei e gozei em você.

Estremeço com seu vocabulário depravado que faz o desejo pulsar forte e insuportavelmente na minha vagina. Sei que é grande, eu já o toquei. Penso em implorar para que seja gentil, mas não vai me escutar. Está impulsionado por um ódio que desconheço. E eu estou tão excitada que não me importo com seu tamanho avantajado, e a possível dor que vai me causar. Eu quero muito senti-lo dentro de mim. Só de imaginar é desesperador.

Logo estou presa em seus braços novamente. Sua pele é tão quente que a lareira é dispensável. Ele me ataca, e mordo seus lábios prendendo a parte de baixo com os dentes, que sangra no mesmo instante. Furioso, ele passa o dedo médio em seu lábio inferior cortado para retirar o sangue. Em seguida, coloca o dedo em minha boca, e me faz chupá-lo, até estar completamente limpo. O gosto é de ferrugem, mas também excitante. E quando termino, me beija, sem se importar.

Minhas pernas tremem, suplicando. Ele deixa-as bem abertas segurando minhas coxas e canelas, e fico queimando e implorando atenção. Mas ele tem a boca cheia com os meus seios.

— Já chega! — Diz desconectando-se de mim. — Vou te foder agora. — Ameaça, afundando-me toda ao redor do seu corpo, e passa a glândula do seu membro colossais na minha entrada, preparando-me, enquanto roça os dentes no meu pescoço. Tento gritar, mas ele abafa meus gritos com seus lábios. O seu olhar sombrio, duro e inflexível me consome. Sinto-me inchada

de tanto ele me chupar. Ele segura minha perna entrelaçada em suas mãos fortes, e começa a introduzir devagar. Ao senti-lo entrar, contraio-me de medo, lutando contra a penetração.

— Nossa! Você é muito apertadinha...

Prendo o fôlego, e ele para um pouco, ficando imóvel, para me acostumar com a sensação de estar sendo preenchida.

— Ah, Isabelly... — Geme em completo triunfo.

— Está doendo. — Choro abraçada a ele, com seu pênis, latejante e grosso anexado em mim, rasgando-me.

— Shh... já vai passar, meu amor. — Sussurra me violando aos pouquinhos.

— É grande demais, você está me machucando. — Ele me olha fascinado, gostando do que faz comigo, sem piedade.

— Eu sei. Está doendo muito?

— Sim... tira, por favor! — Imploro, gemendo de dor.

— Tarde demais. Eu não consigo parar. Vou ter que terminar de comer sua bocetinha. Fica calma, e apenas sinta como cresce dentro de você... está sentindo? Estou endurecendo cada vez mais.

— A-ah...

— Respira. — Ele não se move, esperando eu me acalmar. Aos poucos vou me entregando, e sussurrando o nome dele. Minha mente se afasta para um lugar confortável, é mais fácil assim. Seus dedos permanecem o tempo todo retirando minhas lágrimas fervidas na bochecha.

Enquanto me toma, acaricia meu seio, passa da boca para o meu pescoço, e me esforço para obedecê-lo.

— Está uma delícia. Não contraia os músculos da sua vagina. Fica calma e relaxa, pequena, porque vou começar a me mexer. — Seu rosto demonstra a luxúria, me desejando em veneração. — Isso, trepa comigo assim.

Estoca com tudo, me possuindo de modo selvagem até o fundo, arrancando-me um grito de dor e mordo seu braço para suportar, conforme segura a sua mão junto a minha perna me imobilizando, me deixando apavorada com seu ataque, e eu não tenho outra opção a não ser sentir sua ereção entrando e saindo incinerando-me impiedosamente.

Não há como recuar das ações brutalmente íntimas dele, estou vulnerável, intensamente consciente de cada toque das mãos enormes dele sobre o meu corpo, e da minha vagina quente e dolorida em resposta.

— Yan... — Minha voz sai estrangulada de soluços, enquanto ele estimula meu clitóris inchado, me dando pequenas mordidas, apertando-me.

Queimo de febre à mercê do seu desejo urgente e faminto. Me sinto indefesa. Ele faz forte, cada vez mais impiedoso, fazendo-me contorcer e gritar. Aperto seu pênis, completamente capturada pelo ritual de sedução, e ele continua bebendo minha boca, minha língua, meu fôlego, tudo... deixando marcas e dores em toda parte. Permaneço úmida e trêmula.

— Puta que pariu, como você é deliciosa, vai me fazer gozar muito.

Ele finalmente sai de dentro de mim. E sinto pingos cremosos em minha barriga. Turvamente vejo-o respingar pela minha pele. Ele está gozando no meu corpo, me sujando. O prazer estampado em seu rosto é intenso e duradouro.

— Li-belle. — Me chama pelo apelido que me deu, com sua voz sedutora me fazendo tremer.

Ele desaba ao meu lado, recuperando o fôlego. E toca meus lábios inchados, pelos beijos fortes que pararam a pulsação do meu sangue. Estou chorando descontroladamente com a mão na abertura vaginal sentindo um odor metálico me deixando enjoada.

— Droga, Isabelly! Você está sangrando. Meu Deus. — Exclama desnortado. Mas que MERDA! Pode me dizer o que significa isso? — Nervoso, pega sua camisa, que estava jogada ao chão. Entre soluços vejo-o abrir minhas pernas e me limpar, impregnando o tecido branco de sangue vívido.

— Não sei o que está acontecendo. — Solução tapando o rosto.

— Claro que sabe. Você era virgem, droga! E eu tirei sua virgindade da pior maneira possível. Por Deus! E se eu te machuquei?

— Mas não era isso que você queria? Me machucar?

— Não dessa forma. Estou confuso. — Ergue meu queixo para que eu olhe para ele. — Eu nunca faria isso a uma menina virgem. — Olha para todos os cantos procurando algo, que ele acha jogado atrás do *S.King*. Alcança um tablet e digita no display. Após isso, envolve-me com seu terno, me pegando em seus braços. Agarro-me a ele, que sobe as escadas comigo enquanto sussurra em meu ouvido que ficará tudo bem, e o quanto se sente culpado pelo o que fez comigo, mas não consigo ver sinceridade nas suas palavras. Quando adentramos seu quarto, indo diretamente ao banheiro. Ele me deposita no chão, e me apoio nele quase desmaiando.

— Ei... segura em mim. — Tira o terno que está enovelado ao meu corpo, e me pega no colo de novo, colocando-me dentro da banheira com a água pré aquecida. Em algum momento, ele devia ter colocado a hidromassagem para encher, pois estava pronta para ser usada. Encolho-me e jatos poderosos me massageiam agradavelmente, lavando o vestígios de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sangue e sêmen das minhas coxas. Eu ficaria bem melhor se ele não estivesse completamente nu, observando-me como se estivesse preocupado comigo.

— Não fica assim. Toma um banho, tenta relaxar. Volto em 15 minutos.



Ao começar a me lavar, o choque da realidade toma conta de mim. Se ele está confuso, eu estou o dobro. Não entendo porque estou sangrando. Pego o sabonete para me limpar, mas deixo-o cair quando vejo aquela maldita aliança no meu dedo. Estico as duas mãos sobre a água, e fico revirando, olhando as duas alianças. Do lado direito sou a Isabelly que pertence ao Steven e no esquerdo, sou a Libelle que pertence ao Yan... Para completar, transei com os dois que acreditam ter tirado a minha virgindade. Dois homens na mesma semana.

As luminárias de bronze exaltam o luxo e a sensualidade do ambiente. Há espelhos enormes, uma pia larga e comprida... a cama ao fundo está preparada com pétalas nos lençóis, e muitas rosas vermelhas e brancas estão em cima da cômoda em dois vasos.

Não consigo relaxar com meu corpo cheio de espasmos de prazer e dor. Ele cumpriu sua promessa. Estremeço só de lembrar de cada centímetro do seu corpo magistral embriagando-me de prazer e negando-me também. Me fez conhecer o seu lado brutal, sua frieza. Fui enganada com sua gentileza de quando dançamos na sala. Sonhei tantas vezes acordada com a minha

primeira vez. Era sempre com um homem terno e amoroso, mas aqui não há herói no romance, mas sim o vilão, um homem sem escrúpulos que me roubou para ele. E ainda implorei para que ele me desse prazer, plenamente entregue em seus braços.

Minha cabeça está dando voltas, me sinto afetada pelos 5 sentidos do corpo humano. Seu cheiro ainda atua no meu subconsciente, seu toque permanece em mim. Abraço-me relembrando seu gosto, sua voz poderosa estimulante, sua imagem, e os instrumentais sensuais ecoando pela casa, atingindo o ponto fraco do meu cérebro, proporcionando-me um *frisson* musical intenso que me deixa arrepiada.

Estou me ensaboando quando ouço os seus passos. Meu corpo reage voluntariamente a sua presença, por vestir apenas uma toalha na cintura, sentando-se na borda, e toca meu rosto delicadamente.

— Libelle.

Sua voz é o estímulo sonoro que faltava para eu me arrepiar inteira e me deleitar com a carícia. A sensação que tenho é como se meu corpo passasse por uma experiência estética, um orgasmo de pele.

Tudo isso é possível porque o meu corpo sob o toque das mãos dele obedece a um único sentimento: *O desejo perigoso e primitivo*.

— Beba isso, vai te fazer bem. — Ele me desperta entregando-me uma xícara. E nesse momento eu penso que ele me olha com ternura.

— O que é isso?

— Chá calmante. Você está muito nervosa, precisa se acalmar.

Sim, e isso só vai ser possível com você fora daqui. Enquanto bebo, ele pega um vidrinho e pinga gotinhas em uma colher. *Ibuprofeno*, leio o rótulo.

— Isso é remédio de criança.

— Eu sei. — Ele me dá na boca, e me abraça por trás, beijando meu ombro até a base do meu pescoço.

— Não. Não me obrigue a mais nada. Já conseguiu o que queria, então por favor, me deixa. — Imploro, ao ser retirada da banheira pelos seus braços fortes.

— Shh! — Me silencia com o dedo.

— Por favor, Yan. — Peço choramingando. Inebriada pelo clima, pelo seu toque.

— Eu só quero cuidar de você agora. — Desliza suavemente os dedos pelas minhas bochechas.

— Isso não podia acontecer, Yan.

— Mas aconteceu... — Ele me começa a me secar, depois enrola a toalha em mim, e me leva até a pia espaçosa de mármore, me colocando sentada sobre ela.

— São 3 e meia da madrugada. Estamos sem sono, e eu preciso de respostas. Você disse que transou com meu primo, durante quatro meses de namoro, foi uma única vez?

— Sim.

— E como conseguiu evitar o sexo antes?

— Eu... eu...

— Por favor, me ilumine, Isabelly. — Viro para o lado cabisbaixa. — Deixava ele brincar com o seu corpo? Sem haver penetração? E na noite antes da festa você deixou ele te foder, é isso? — Obriga-me a olhar dentro dos seus olhos.

— Não, Steven sempre me respeitou, nunca me tocou. Ele gostava de mim pura, admirava e tinha orgulho por eu ser assim. A madre sempre dizia que deveríamos nos manter assim, até o casamento, para o nosso... marido.
— Digo sem jeito, mas é como fui ensinada.

— Claro. É por isso que chupou meu pau como uma virgem. Meu Deus!

— É que na quinta-feira, ele preparou um jantar romântico, e...

— Por favor, não me esconda mais nada. Se ele gostava da sua pureza e queria preservá-la, não deveria ter mudado de ideia de uma hora para outra, isso está muito estranho.

— Tudo que sei é que fizemos amor, ele foi o meu primeiro, não você.

— Desgraçado. E ainda, não fez a PORRA do serviço direito.

— Não importa. Ele não me tratou como uma qualquer. Ele foi gentil. Me encheu de amor e carinho. — Jogo na cara dele, ele me encara nervoso.
— Agora se quiser, pode me punir por isso também.

— Essa noite não vou te punir mais. — Exclama exausto, e fecha os olhos encostando sua testa na minha. — Só entenda que de agora em diante, meu primo, nunca mais vai te tocar. Essa foi a primeira e última vez que se cadastra em sites de relacionamentos. Não imagina como é perigoso, e é uma menina pra ficar à mercê de homens pervertidos.

— Perverso como você? — Alfineto.

— Sim, como eu. Você é minha, e está a salvo de todos, menos de mim. — Ele abre a gaveta da pia, e pega uma embalagem, que abre na minha frente. Ao escutar a embalagem sendo aberta, me encolho rente ao espelho.

— Tem tanto medo de mim assim?

— Claro que tenho, você me violentou.

— Lamento que tenha sido dessa forma. Se eu soubesse que era virgem, eu teria sido mais cauteloso. Deveria ter implorado pra mim, tentando me provar o contrário, mas ficou quietinha, gemendo, chorando, permitindo que eu acreditasse nas minhas suposições.

— Você não iria me ouvir, estava furioso. E pra que? Pra você tornar o trauma mais lento?

— Não vou te machucar, eu só quero ver como você está. — Diz ao reparar minha aflição em abrir as pernas. Minha respiração desestabiliza... — Preciso passar a pomada. — Assegura e com habilidade vai abrindo meu roupão afagando meus seios marcados pela sua boca. Afasto as coxas dando acesso a ele que segura os meus pés novamente contra o seu peito. — E olha só como te deixei, tremendo, cheia de espasmos. Sua pele está febril. Foi comida e abusada além da conta. Estou morrendo de pena de te deixar assim. — Observa de perto. — Está vermelhinha e toda deflorada. — Conforme ele fala queimo em febre, sentindo-me escorrer.

— O que é isso? — Pergunto quando ele espreme um pouquinho na mão.

— *ICExEasy*, composta por óleo essencial de menta. — Meu corpo reage violentamente, enquanto ele passa delicadamente a pomada, que me causa uma sensação gélida e anestésica curando a ardência instantaneamente, suavizando a dor em minha vagina. E ele passa mais, me sentindo lubrificada em sua mão. — Estou só cuidando de você, pequena. — Me chama com carinho caprichando na massagem. — Infelizmente não posso curá-la aqui... — Diz colocando o dedo no buraquinho que ficou aberto. — Sendo virgem não daria pra eu fazer nada, mas assim ficou muito melhor.

— E vou ficar assim agora? Aberta...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não, *mi cielo*. — Ele dá um meio sorriso. — É só eu tirar o dedo e vai fechar de novo. Eu só te fiz mulher, Belly. — Ele explica, masturbando-me com suas mãos experientes e habilidosas. Estou exausta, e elétrica. Ele é perigoso e possessivo. Seu olhar escurece, e minha pulsação se acelera quando remove o dedo, descendo entre minhas pernas, e beija toda minha vagina gentilmente, com todo cuidado, fazendo-me segurar em seu cabelo para relaxar. Então retorna, distribuindo beijos chilreados pela minha barriga, até o meu queixo e minha boca sedenta por ele. Correspondo o beijo e resfolegando, pega meu rosto com as duas mãos e o acaricia, parando os dedos sobre os meus lábios inchados e trêmulos.

— Está doendo ainda? — Massageia mais.

— Não.

— Que bom... — Reajo fechando as pernas para me proteger dele.

— Calma, não vou te comer. Só quero te levar pra cama, mas estou morrendo de pena de te deixar assim, você teve sorte que me controlei quando vi o seu sangue. Se não fosse isso, iria continuar te comendo, sem parar. Não estou conseguindo raciocinar, sabendo que te comi virgem, e você implorando por mais está me deixando louco. — Diz rouco, se desprendendo do meu beijo, passando a barba em minhas bochechas.

— Vem comigo, quero te mostrar uma coisa... — Me ajuda a descer da pia, me levando pela mão até a grande janela do quarto. A única coisa que está iluminando o ambiente é o mar salpicado de pontinhos azuis e o farol da Light House. A lua chega a ser indispensável.

Ele posiciona um dos braços na minha bunda, para me levantar, colocando-me sentada em seu abdome, e espalma suas costas no vidro, para me deixar de frente para a vista lá de fora.

A chuva continua, porém fraca, respingando gotinhas, e me distraio com elas, arranhando-as com a ponta da unha, meu queixo apoiado em seu ombro.

— Está vendo o mar? Você gosta de como ele brilha? — Balanço a cabeça assentindo, que estou ouvindo. — Você vai ficar olhando para ele, e vou te masturbar até você gritar de prazer. Depois vou te comer, e você vai gozar pra mim, bem na hora que eu mandar, enquanto defloro sua bocetinha.

Quando me dou conta ele já está com o dedo úmido entre as minhas pernas, e afasto um pouco, empinando meu corpo, ficando aberta para ele, gemendo, embaçando o vidro com a minha respiração, deixando cada gota esfumaçada, e minhas mãos escorregam, tentando suportar a forma como brinca com a minha vagina, e meu clitóris impiedosamente, enquanto me pega pelo queixo e beija a minha boca. Aos poucos, vou relaxando, me abrindo, gostando de ser beijada e aliciada ao mesmo tempo. Ele bruscamente me põe no chão, dando a volta, virando-se, ficando atrás de mim, me mantendo posicionada no mesmo lugar, e abre toda minha bunda. Sinto sua ereção morna e ereta nas minhas costas, e de repente, ele rodilha meu anus com o polegar, depois, deslizando a mão pelas minhas curvas, agacha e usa a língua, nas duas regiões, mesmo com medo, aproveito porque é tão bom que reviro os olhos agoniada.

— A sua bocetinha é a mais doce e linda de todas que vi na minha vida. É tão macia, e está cheirando a sexo suave. — Elogia e coloca a língua na abertura, lambendo sem piedade até prender meu clitóris entre os dentes, e ficar sugando forte. Grito descontrolada, tentando fechar as pernas para me livrar da tortura.

— E seu cuzinho é delicioso, Belly. — Fico angustiada esperando o que ele pode fazer. E se ele resolver... não, Meu Deus!

— Calma, não vou desvirgina-la aqui. Por enquanto, só vou te comer na vagina, pequena.

— Vai doer daquele jeito de novo?

— Todas as vezes que transarmos vai sentir um pouco de dor, porque sua bocetinha é muito apertadinha e pequena. Mas a dor pior de perder a virgindade já passou, e você está sendo muito corajosa, em querer continuar, estou orgulhoso. — Beija minha têmpora ternamente. — Vou ser bom, e generoso, não tenha medo. Não vou colocar tudo, só um pouquinho.

Tremo apoiada no vidro, conforme ele dobra os joelhos para se alinhar, e entra dentro de mim devagar, depois tira e desliza de novo e de novo, cinco, seis, quinze, me massageando por dentro, enquanto trança sua mão na minha, espalmada, toda suada, mordiscando minha orelha e vai descendo até meu ombro, com uma mordida mais forte, apacando com a língua ao mesmo tempo, me abraçando forte em seu peito.

— Yan... — Gemo bem dócil para ele.

— Isso, pequena, aproveita. — Meu ventre se contrai desesperadamente, enquanto assisto as ondas indo e vindo lá fora, na mesma intensidade que ele está fazendo comigo, penetrando-me só com pouquinho, com muita calma, em uma sinfonia tátil, deliciosamente acompanhada pelos gemidos arfantes e roucos dele, embevecido em tesão.

— Ah, minha menina! Linda e nua em minhas mãos. Fala que vai gozar pra mim quando eu pedir, Belly. — Como fico quieta, sem coragem, ele para, tirando-o de mim, e sinto falta do calor, da grossura me preenchendo.

— Não tira, por favor... eu quero gozar pra você, mas eu não sei como. — Ofereço-me sem reservas.

— Ah, *mi cielo*. Tão inexperiente. Apenas me sinta. Seu corpo está sob

o meu comando, só tem que me acompanhar. Não há uma regra, de como gozar, a única coisa que tem que fazer é me ouvir, escutar minha voz, e principalmente relaxar. Entendeu?

— Sim, enten-di.

— Ótimo. Agora se afasta da janela, e se entrega pra mim. — Pede em um tom de necessidade.

Com o impulso, deixo minhas mãos marcadas no vidro, e envolvendo minha garganta com a mão, ele me puxa com firmeza, girando-me, e devora meus lábios com violência, me deixando completamente suspensa no ar, acariciando meu clitóris com o dedo enquanto volta a introduzir seu pênis pausadamente, alargando-me, só com a metade por mais um tempo, enquanto oprime meus gemidos com seus lábios nos meus, e me enrosca na sua cintura, posicionando-me diante dele.

— Eu... tenho medo de você. Sabe disso, não sabe? — Me agarro ao seu pescoço, sentindo-me fragilizada. — Eu deveria sentir repulsa, nojo do seu toque, dos seus beijos, mas, eu sinto como se estivesse no...

— Paraíso. — Murmura em meu ouvido.

— Está tudo girando. EU... odeio você, mas eu te desejo tanto, tanto.

— Não precisa explicar nada. É a emoção de estar aqui minha linda.

Seus beijos me distraem tanto que sem eu perceber estou largada na cama. Ele está sobre mim, e me põe de bruços, colocando um travesseiro em baixo da minha barriga. Pelo espelho vejo suas mãos fortes se moverem nas minhas costas, até minha vagina rosada, deflorada, cintilando por entre as pernas.

Ele acaricia minha pele com as pétalas, espalhando-as sobre meu corpo, e me vira um pouco de lado, para esticar o braço e pegar um envelopinho de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

papel laminado numa das gavetas. Ele veste a camisinha em seu pênis tumefacto, e torna a me penetrar sem aviso, deitando novamente comigo, observando como agarro seus antebraços e fecho os olhos com força. Ele suspira, e para, me puxando mais pra perto.

— Mais?

— Sim. — Suspiro.

Movimenta-se para trás e faz de novo, extremamente sem pressa, e volta a parar. Gemo. Ele se apoia nos cotovelos e continua com os movimentos lentos, metendo e saindo de mim, me apertando. Eu mexo os quadris timidamente encontrando os dele, e à medida que me acostumo com a sensação, ele esmaga sua boca na minha, deixando de ser gentil, descumprindo sua promessa, descontrolado, me preenchendo por inteiro, depressa, intensivamente, num ritmo incessante, fazendo-me sentir tudo, batendo seu pênis no meu útero.

— Mentiroso... — Arquejo fraquinho, segurando nos lençóis emaranhados, traída pelo meu corpo que gosta e o segue, enquanto ele me penetra, todo possuído cada vez mais rápido, e eu tento me manter aberta para as suas arremetidas incansáveis... conforme solta rugidos no meu ouvido, rouco.

— Pode gritar à vontade, estamos sozinhos, ninguém vai nos escutar, então vai... goza... agora, pequena, estou mandando. Dê tudo para mim. — Ao ouvir essas palavras, me contorço de dor e prazer, choramingando.

— Ai... Yan, Yan... — Gemo transpirando e trêmula, anelada ao corpo dele, que me ilusiona sexualmente, sem pudores.

— Isso goza gostoso, no meu pau. — Ordena, e relaxo. É como ele realmente falou, meu corpo está programado, para obedecer o comando da

sua voz.

Nunca em minha vida havia sentido tal inquietação. E logo houve algo mais. E pude sentir realmente o sangue correndo pelas veias, flutuando em um mundo de sensualidade, sentindo apenas a vibração da nossa carne, tendo meu primeiro orgasmo. Grito, chorando e gemendo, induzida num prazer intenso, enquanto ele continua inchado dentro de mim.

— Ah Belly, seus gemidos estão me enlouquecendo. — Estimula ao pé do ouvido, e engolfo seu pênis soluçando de alegria por ter conseguido. — Quero que goze pra mim assim, toda vez que eu pedir.

— S-im.

Ele continua, e seu corpo transforma-se em uma bomba de hormônios entrando em combustão. O prazer ainda é intenso. Ele morde meu queixo, arranha minha pele. Suas mãos estão em minha garganta dominando cada molécula de oxigênio que adentra os meus pulmões, apertando com os dedos, impedindo a passagem de ar. E meu coração? Está acelerado. Estou inundada por seu cheiro, afetada, física e psicologicamente, parece que nunca vai parar.

O negrume total ocupa minha mente e cede lugar a uma explosão silenciosa; inúmeros pontos luminosos explodem dentro de mim, irradiando-se na escuridão. Ele me aperta forte, me sufoca, e o prazer aumenta a intensidade, deixando-o estendido, gemendo faminto como um animal, me fazendo sentir a força com que jorra dentro de mim, me aquecendo, e mesmo com a camisinha, suas emanções são mornas. Meu último folego ele tira com um beijo, e eu estou caindo na inconsciência na última sensação de estar em seus braços, exaurida, como algodão, ladeando-o e flutuando numa morte doce.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



A claridade do sol a pino através da parede de vidro desperta-me. Faço uma breve recapitulação dos acontecimentos anteriores observando o azul do mar e a areia perolada lá fora. As lembranças estão muito claras em minha mente. Meu corpo dolorido e a dor pungente em meu sexo denunciam a noite selvagem à qual fui submetida. Lembro-me das coisas rudes que me disse enquanto me punia e me agredia com beijos. Depois de fazer sexo comigo me carregou no colo e me tratou com extrema ternura.

A atração hormonal traidora incitou-me, e eu compactuei deixando-o me levar pra cama correspondendo aos seus caprichos, caricias libidinosas repletas de carinho, pra me confundir, deixando-me entregue como uma doce

prisioneira. Yan controlou cada segundo da paixão, e seu comportamento ultraviolento me proporcionou um orgasmo paradisíaco, como se uma alma peregrina completamente apaixonada pelo inimigo tivesse total acesso a minha mente e corpo, controlando as minhas ações, ofuscando a minha verdadeira identidade, estremecendo de prazer, até não ter consciência de mais nada exceto, ELE.

Será que ele e Steven tem alguma rivalidade? Yan estaria me usando para entregar ao primo a noiva danificada?

Não. Eles pareciam amigáveis na festa. Não há nada errado entre eles. Antes que o pânico me tome profundamente, tento pensar com lógica. A única coisa que sei até agora é que Yan é muito possessivo sobre mim. Extremamente possessivo.

Minha Libelle...

Recordo o apelido pelo qual me chamou a noite toda enquanto me fazia dele. É apenas um carinho para dispersar todo o perigo? Ou é como ele me vê? Como um bichinho que ele pode manter cativa entre os cinco dedos? Será que ele tem algum fetiche sobre trazer mulheres pra sua ilha privada e mantê-las em cativeiro até enjoar? Ele já provou ser o pior dos cafajestes e provavelmente essa ilha já esteve infestada de putas... E ainda achou que eu fosse uma delas.

Por outro lado, por que um homem tão lindo e rico precisaria disso? De obrigar mulheres a satisfazê-lo quando ele certamente as tem? Quantas quiser ao seu dispor. Eu mesma, teria facilmente ido num encontro com ele, se o conhecesse em outras circunstâncias.

A aliança em meu dedo me faz descartar a hipótese dele ser um aprisionador de mulheres. Ele fala muito sério quando diz que sou esposa dele, mesmo que seja provisoriamente. Ficou bravo por eu ter dançado no ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

clube como se eu fosse algo precioso que ele estava irado por terem tocado. Mas me possuiu furioso, como se me odiasse, depois cuidou de mim, deixando-me confusa. E se eu não parar de pensar no enigma que é esse cara, vou acabar fritando meus neurônios.

Meu estomago dá uma guinada na direção da bandeja dourada na cômoda, pego o cartãozinho e começo a ler:

Breakfast at Tiffany's, inspirado em Audrey Hepburn, especialmente para você. Bon Appetit! Minha bonequinha de luxo.

Solto o cartão e encolho-me ao mesmo tempo em que a porta se abre devagar. É ele, e está lindo de tirar o fôlego, vestido de calça preta e camisa vermelha. Meu coração acelera como hélices de helicóptero, e o que corre nas minhas veias no momento, não é sangue, é MEDO.

— Libelle? — Aproxima-se, e coloca a mão na minha testa, fitando-me com aparente preocupação. Percebo que estou nua, e instintivamente puxo o edredom cobrindo-me, deixando-o rente ao meu nariz. Encaro-o só com os olhos de fora. Ele me acerca, abaixa o edredom, e solta um suspiro trazendo o meu rosto para perto, no afago de suas mãos.

— Ainda com medo de mim? Foi tão horrível assim? — Desvio dele, corando por tudo que fizemos a noite. — Olha para mim. — Persiste acariciando o afogueado nas minhas bochechas, fazendo-me queimar mais com seu toque.

— Você quase me matou. Como quer que eu esteja?

— Tudo o que fiz ontem à noite foi te privar do oxigênio para que seu orgasmo fosse intenso, e te ver naquele estado me deixou com muito tesão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Conta naturalmente. — Eu deveria ter parado antes que apagasse em meus braços, mas você me enlouquece tanto que perdi o foco. Na verdade, passei a noite toda acordado, velando o seu sono, para ter certeza que dormiria bem.

Faço cara de quem não acredita.

— Você enfiou suas garras na minha jugular, mesmo que tenha sido por prazer, ainda assim é tentativa de homicídio.

— Mas está viva e é isso que importa. O que me preocupou de fato foi que se tivesse morrido, a mídia faria perguntas, e não estou afim de ser interrogado, nem que descubram que você está aqui. Falando nisso, liguei pro Steven hoje e pra aquela sua amiga, eles estão super felizes por você.

— Ele virá? Vai deixar ele me buscar?

— Tem esperança do seu noivinho te salvar? Ele não sabe o que estou fazendo. Não o quero perto de você. Eu dei a ele a gerencia da empresa de Los Angeles, e ele concordou. Não desconfia de nada. Durante dois meses, você será minha. Depois eu decido o que faço com você.

— Quer me usar por dois meses? Pra que se deu o trabalho de se casar comigo? Não era mais fácil me tornar sua amante?

— Casamentos se desfazem a todo momento, não se preocupe com isso.

Ele observa as minhas lágrimas caírem com os olhos cheios de triunfo, enquanto estranhamente posiciona uma pequena câmera de vídeo digital em meu rosto, ajustando algumas vezes, e uma luzinha vermelha ascende, indicando que já está gravando.

— Vamos gravar um pouquinho? Hum? — Toca minhas bochechas delicadamente. — Doce e inocente, Isabelly... Nossa que perfeito, muito perfeito. Chora, isso, chora, assim mesmo... — Incentiva em meio aos meus
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

soluços. — Se é assim que prefere, posso mandar esse vídeo pra ele, e vamos jogar limpo o que acha? Então, meu priminho ficará louco por eu ter deflorado a noivinha dele, e contará tudo ao seu pai, e antes que seu pai me denuncie, eu mando matá-lo. Você escolhe como vai ser.

— Me deixa sozinha, por favor. — Enrolo-me no lençol e corro direto para o banheiro, impedindo que continue a sua graça em se divertir comigo.

Assim que entro a porta se fecha automaticamente. Ligo o chuveiro e começo a me lavar, transtornada, com tudo o que está acontecendo. Quero fugir daqui.

Esfrego-me na tentativa de tirar de mim todos os vestígios dele. A dor entre as minhas pernas não cessa, e minha cabeça está girando tanto, que escorrego, sem forças, até cair no chão. Num estrépito, Yan irrompe porta adentro, descendo lentamente o seu olhar pelo meu corpo gotejante.

— Não se aproxima de mim. — Peço, mas ele ignora, chegando mais perto, tornando o banheiro claustrofóbico.

Ele me pega do chão, segurando-me forte, fundindo as nossas respirações. Apoiando-me em seu ombro, inalo o perfume hipnótico e sedutor impregnado em sua camisa. É uma fragrância que exala sedução e poder. Seus olhos inquisidores Inibindo-me, e me sinto pequena com o meu 1,59 de altura, nua e molhada em seus braços.

— Calma, eu peguei você, *mi cielo*. — Diz tocando-me com gentileza.

— Fecha os olhos, por favor, não olha para mim. — Escondo-me em seu peito.

— Você é absurda! — Aperta-me possessivo, segurando meu rosto com uma mão. — Sou o seu marido e tenho todo o direito de te ver nua, tudo em você me pertence. Não pode me negar nada, porque os seus lábios só

estariam negando o que o seu corpo grita.

Estamos muito próximos, e o oxigênio escapa de mim à medida que amoleço.

— Você pode fazer o que quiser comigo, e o meu corpo é tudo o que vai ter... — Solto o hálito dentro da sua boca. — porque nunca conseguirá tocar onde Steven me toca. — Pego a sua mão, coloco-a sobre o meu coração pulsante. — Aqui.

Ele puxa meu queixo, para que eu fique pertinho dos seus lábios. A sua expressão está fechada como um tempo negro de tempestade.

— Não me desafie, porque você está nua... Tudo que tenho que fazer é carregá-la de volta para a cama, e fazê-la minha outra vez, para que engula essas palavras que acabou de dizer.

Paraliso na hora, com as mãos grudadas em sua camisa. Os nossos narizes se tocam, acho que vai me beijar, mas não o faz. Apenas me coloca novamente em baixo do chuveiro, enxaguando-me como se eu fosse incapaz de realizar essa simples tarefa. Como se eu fosse uma garotinha mimada, dando trabalho para ele.

— O que mais quer de mim? Casou comigo, abusou do meu corpo, tirou a minha virgindade, fui sua... já chega!

— Está se rebelando porque perdeu a virgindade? Muitas meninas perdem por aí e não sentem nem a metade do que você sentiu. São violadas e jogadas em qualquer lugar e até mortas. Acha que sou mau porque eu te roubei, e trouxe pra essa ilha, pra minha cama, pra abusar de você? — Me tira do chuveiro e começa a me secar. — Depois de tudo que fiz, te carreguei até esse quarto e cuidei de você, me preocupei. Se continuasse em Los Angeles, sozinha, cadastrada naquele site, indo dançar em clubes como

aquele, seria apenas uma linda garotinha na estatística de mortes criminais. Você ainda não sabe o que é realmente o sofrimento, menina. E quanto mais rápido aceitar sua nova vida, mais feliz você vai ser.

— Agora vá se arrumar, você precisa ser examinada. Ah, sua roupa está sobre a cama, eu escolhi, para evitar que use outro vestido de luto. — Decreta enrolando-me na toalha. E sai do quarto trancando-me em seguida.

O vestido escolhido é florido e alegre, junto a echarpe colorida e as rasteirinhas decoradas com pérolas. Não acredito. Até minha roupa esse desgraçado vai escolher agora? Estou vivendo na época da ditadura. Por isso que eu o odeio, mais do que luz atrapalhando cenas de sexo em novelas mexicanas.

Irritada, visto-me rapidamente. Dou uma pré-secagem em meu cabelo, e fico ricocheteando em volta da deliciosa bandeja de café.

— Coma!

— Ai que susto! — Dou um pulo ao vê-lo de volta. — Você chegou de mansinho, nem percebi que estava aí. Vou ser consultada agora?

— Primeiro vai tomar o seu café. Depois da consulta vou sair o dia todo, e quero ter a certeza que vai estar alimentada. Só assim que você come, porque quando viro as costas faz greve. Se eu souber que não está se alimentando na minha ausência vou punir você, e depois dar na sua boca como uma criancinha...

Finjo que não escuto, e viro as costas para a bandeja.

— É o que quer agora? — Ele alerta vindo na minha direção. Quando passa a sua mão pela minha cintura, pronto para levantá-la, ajo rápido, pego o brownie por trás e levo a boca.

— Belly... — Desconversa, afastando o meu cabelo, expondo o meu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pescoço, enquanto mastigo.

— Acho que você sofre de *vampirofilia*...

— *Vampirofilia*? Vou te proibir de ver filmes e séries de vampiros, porque estão te afetando. Isso é sério. Olha... — Vira-me para o espelho para mostrar o hematoma roxo provocado por ele. — Ninguém pode ver isso, muito menos a ginecologista, não quero problemas.

— Hã? Ginecologista?

— Pra você não ficar constrangida, mandei chamar a doutora Andrea Ferreira. Ela vai cuidar bem de você. Em hipótese alguma abra a boca para ela, está ouvindo? Já sabe o que acontece quando me desobedece.

Então foi por isso que escolheu a echarpe como acessório. Reconheço e ele se afasta, pega-o em cima da cama e vem por trás de mim, roçando meu ouvido.

— Lembre-se, você é a minha esposa, uma Hunter, e não tire por nada essa echarpe, entendeu? — Ordena, posicionando-se atrás de mim, e antes de fazer o nó beija o hematoma, depois vira-me de volta para ele, esperando que eu responda a sua pergunta.

— Sim.

— Ótimo! — Ele roça a barba por fazer em meu rosto, depois se afasta analisando-me da cabeça aos pés. — Agora sim está apresentável para a consulta, como minha mulher tem que estar, sempre linda e elegante. Tenha isso em mente.

— Senhor, Yan ... — Drica entra afobada. — eu sei que havia me pedido para entrar em contato com a doutora, mas eu juro que tentei, e... — Ela para de falar e atrás dela, está um rapaz, com uma prancheta em mãos, jovem e muito bonito. Os olhos azuis e cabelos loiros o fazem parecer um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

anjo.

— Muito prazer senhor, sou o doutor Eduardo Varella.

Yan o cumprimenta com cara de pouca visita, e pelo visto Drica se deu mal, porque está claro que ele não quer um homem entre minhas pernas examinando-me. Ele é muito jovem para ser doutor, propriamente é um recém saído da faculdade.

— Tenho 22 anos, me formei recentemente. Porém, tenho as melhores referencias, inclusive da doutora Andrea que infelizmente não pode vir, mas fica tranquilo, sua esposa está em boas mãos, pode confiar. — Responde todo alegre, provavelmente a pergunta que Yan tinha feito e eu nem percebi.

— Tudo bem. — Yan concorda, tocando o cavanhaque nervosamente.

— Obrigado. Sua esposa era virgem? — Pergunta diretamente para ele como se eu não pudesse responder por mim.

— Sim doutor, virgem. — Responde como se revivesse seu momento de glória ao me tomar para ele.

— Desculpe-me, sei que é desconcertante essa pergunta, mas eu precisava dessa informação, agora que sei, vou examiná-la com o virgoscópio. — Explica mostrando o equipamento. — Esse é o número 1, não vai machucá-la, não se preocupe. — Esclarece ao ver o rosto aparentemente preocupado de Yan. — O senhor pode se retirar agora. Sinto muito dizer isso, mas consultas ginecológicas não são como parto onde o marido pode acompanhar, e tenho certeza que a última coisa que o senhor quer é ver um espécule abrindo sua mulher. Melhor guardar apenas as lembranças da lua de mel. — Ele bate no ombro de Yan todo audacioso e sorrindo, deixando minha situação mais constrangedora ainda.

— Cuidado com seus instrumentos ou... — Yan ordena com escárnio.

— Sua esposa está em ótimas mãos. — Repete tagarela. — Como ginecologista, aprendi a lidar de perto com as mulheres, e entender profundamente a sensibilidade feminina.

— Meu amor, vou estar lá em baixo, esperando o resultado da consulta. — Beija minha testa todo carinhoso encenando ser um marido apaixonado, e depois sai, deixando-me finalmente a sós com o anjo doutor.

— Bom, Isabelly Elena Hunter... — Lê na prancheta. Ainda não me acostumei a ter o sobrenome dele ao invés do meu. — Relaxa, fica bem calma, e afaste as pernas, por favor...

Seguindo as instruções, fico aberta como um frango assado, para o ginecologista novinho.

Após fazer sua pré avaliação, ele se instala confortavelmente entre as minhas pernas, e enquanto examina minha vagina, terrivelmente angustiada, ouço o tinido dos metais, o barulho de pinças, deixando-me numa situação vexatória.

— Desculpa a falta de ética, mas com todo respeito... você é linda.

Eu teria ficado lisonjeada, mas o fato, é que ele acabou de fazer um elogio, e não foi olhando na minha cara. Recebi um elogio de vagina, em meio a uma consulta ginecológica.

QUE VERGONHA! E o exame do inferno está só começando...

— Já fiz o exame externo, agora vou delicadamente colocá-lo dentro da sua vagina. Após inserido, ele será gentilmente aberto. Fala quando estiver pronta, ok?

— Prontíssima. — Digo e ele começa a me violar com o espéculo gelado.

— Dói?

— Não.

— E agora?

— Ai, agora está doendo.

Ele faz as anotações, e continua analisando minha intimidade. Quando inclina-se para me ver, seu olhar não é nada clínico.

— Parece que você se divertiu bem ontem. — Comenta naturalmente elevando o nível constrangedor.

— Transei com dois homens na mesma semana. — Confesso.

— Não precisa relatar os detalhes sórdidos.

— Sim, eu preciso, para que me ajude a desvendar esse mistério. Eu só sangrei ontem, mas na quinta-feira transei com o meu... meu...

— Amante? — Ele responde por mim.

— Como eu ia dizendo... — Não confirmo, muito menos nego, e continuo. — Na quinta também tive relação e não sangrou... diz aí, doutor... eu perdi a virgindade com dois homens?

— Tecnicamente, o seu marido que rompeu o seu hímen. Você perdeu a virgindade com ele. Explicarei lá fora perto dele, assim os dois saberão juntos de uma vez. Está um pouco vermelha e machucada, é normal, já que ele deve ser super dotado nas partes genitais.

— Muito. — Confirmo descaradamente. De repente, ele pega o celular e me olha de um jeito tão estranho, que não entendo, porém, ele fica passando do celular para o meu rosto reflexivamente.

— Não acredito! Você é a Isabelly Surfistinha? Meu Deus! Como não te reconheci? Você está famosa no Youtube, e eu examinei a sua vagina.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nossa! Eu sou seu fã. Piro no seu pole dance. E agora que estou na sua frente, não saio sem meu autógrafo. — Estende para mim, seu bloquinho de anotações.

Estupefata com a revelação, de estar sendo consultada por um doutor, que é meu admirador no Youtube, assino e entrego de volta para ele com os olhos arregalados.

— Ai... deixa eu me recompor. — Ofega feliz. — Você não está tomando nenhum contraceptivo? — Continua voltando ao foco.

— Não.

— Eu poderia sugerir o novo contraceptivo hormonal Implanton NXT. É seguro, não causa reação, e dura por 3 anos. Eu mesmo posso implantar em você através dessa cédula aqui.

— É rápido?

— Sim, posso fazer agora.

— Ok, então.

Com magnificência, meu fã doutor, afrouxa a echarpe, limpa minha pele, e aplica a anestesia local no lado esquerdo do meu pescoço, provavelmente vê o hematoma em minha pele, mas não diz nada. Depois com uma seringa, começa a inserir o implante contraceptivo, porém, o mesmo começa a apitar, intrigado, ele para o que está fazendo, e colhe o sangue que escorre em um frasquinho minúsculo.

— Estranho, mas eu não estou conseguindo usar esse método em você.

— Por quê?

— Fique tranquila, acontece, por enquanto, acho melhor que use o contraceptivo oral. E evite ter relação sexual, até que inicie com o método.

Aqui está a receita.

— Há algum problema comigo?

— Não, nenhum. — Responde sem convicção. — Quero que fique com o meu cartão. Nele tem todas as minhas informações, se precisar de qualquer coisa, não hesite, me ligue.

— Ah, obrigada. — Agradeço, mesmo sabendo que nem se eu quisesse conseguiria ligar.

— Foi um prazer examinar, e conhecer você tão intimamente, Isabelly.

— O prazer foi meu — Digo encabulada.

Que diálogo estranho. *Prazer e Ginecologista* não soam bem na mesma frase.

— Vem cá... — Aproxima-se e fala baixinho.

— É o seguinte... o que você me relatou aqui, sobre a sua traição, fica como confidência médica. Minha boca é um túmulo, não vou contar a ninguém. — Simula um zíper na boca jurando. — Mas posso de pedir uma coisa?

— Er... pode. — Respondo apreensiva.

— Posso ficar com a amostra do seu sangue? — Solicita erguendo o frasquinho.

Meu pai do céu! O que é isso?

— Quero guardar de lembrança. — Insiste.

O que está acontecendo com a minha vida? Dentro de 24 horas, fui sequestrada por um tecnólogo milionário, que diz que sou dele, e passou a noite usando e abusando do meu corpo. E agora acabo de ser examinada por um doutor que viu meu vídeo na internet, é doente por mim, e quer meu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sangue.

A situação causa um efeito tão bipolar sobre mim que desatino a rir sem parar. O doutor louco das amostrinhas entra no embalo, e começa a rir junto comigo, enquanto saímos do quarto, indo em direção ao corredor.

— Seu sangue então é meu? Obrigada borboletinha. — Guarda a amostrinha no bolso do jaleco. — Desculpa, eu inventei esse apelido pra você porque você flutua voando como uma borboleta naquele ferro.

— Você alegrou meu dia EDU, er... será que posso te chamar assim?

— Não só pode, como deve. Sorria pra selfie. — Posiciona o celular registrando o momento.

— Há tempos não dou risada assim, você é ótimo.

— Estou lisonjeado.

Despercebidamente, encosto no doutor rindo, na realidade minha barriga até dói de tanto rir. Porém, paro na mesma hora, ao avistar Yan de prontidão, esperando impaciente.

— Posso saber a piada? — Me traz para perto dele.

— É que o Edu... Quer dizer, o doutor Eduardo, é muito engraçado.

Ele não diz nada, apenas me abraça, e me acaricia, ainda no papel de homem mais apaixonado da face da terra.

— Então, doutor, espero que tenha feito um bom exame, pelo tempo que gastou.

— Sim. O hímen da sua esposa era complacente. Não é comum, é elástico, vai e volta, difícil de romper nas primeiras relações. Seria necessária uma cirurgia para rompê-lo, no entanto, o senhor está de parabéns, já que foi o próprio cirurgião.

Ótimo. O doutor acaba de ferrar minha vida, porque agora o senhor pretencioso vai se achar porque conseguiu.

— Obrigado... se está tudo resolvido, meu chofer está a sua espera para levá-lo.

— Sua esposa é uma gracinha, e existe de verdade! — Eduardo fala com certeza se referindo ao vídeo. — Até mais, linda! — Beija minha mão e despede-se de Yan com um aceno. — Até mais senhor, Hunter.

Ele espera até o doutor sair para desfazer o braço, e então volta ao seu humor de sempre.

— Edu? O médico em tão pouco tempo virou amiguinho? — Insinua seguindo em direção a adega.

— Acabou a farsa de marido amoroso? — Sigo-o. Ele serve-se de uma dose e vira de uma vez ignorando-me.

Subo em cima do sofá branco, para chamar a sua atenção.

— Vai ficar aí fingindo que eu não existo?

— Isabelly, por Deus! Desce daí.

— Você está com ciúmes porque ele examinou a minha vagina. — Ele me lança um olhar ameaçador. — O quê? Acha que é só sua? É aí que se engana, a vagina é minha! — Coloco a mão no peito para dar ênfase. — Faço o que quiser com ela, e quando voltar a ver o Steven, ele vai ter passe livre. Quanto a você, não vai poder me tocar por ordens médicas. Eduardo disse que não posso ter relações sexuais até descer pra eu poder tomar o contraceptivo. O que rolou ontem à noite não será mais mencionado, fui clara?

— Não tão clara quanto seus gemidos no meu ouvido. Olha, não tenho

culpa se meu primo foi tão frouxo, que te entregou a mim com o serviço incompleto. Apesar disso, não paro de pensar, em como foi excitante deflorar seu lacre elástico. Eu poderia dizer que lamento, mas estaria mentindo. — Ele me aperta forte. — A sua vagina é só minha. Se pensa que vai voltar a ver o Steven, está muito enganada, e esse doutor não é ninguém para me dizer o que fazer. — Deixa-me cair entre as almofadas, e começo a chorar copiosamente.

— O que é agora? Vai começar a chorar de novo, por quê?

— Deixa eu ligar pro meu pai. Eu não vou relatar o que fez comigo pra ele, eu só...

— Você não vai falar com o seu pai. O casamento termina quando eu decidir, você é muito desobediente, se continuar assim, reclamando, te deixarei desamparada e ainda dou um jeito de mandar o seu pai para a prisão, mesmo que implore o contrário, pra mantê-la aqui, sou capaz de qualquer coisa. — Diz misteriosamente.

— NÃO! Por favor, ele é a minha única família. — Imploro abraçando-o.

— Vai depender de você... — Ele me priva do abraço, e segura meu punho. — Não posso permitir que fale com seu pai, de forma alguma, e você tem que entender, mas para ver que sou legal e não deveria ser, vou permitir que fale com a Aria.

— Ok, mas sem um celular, isso fica impossível.

Ela tira do terno um embrulho de presente, e me entrega.

— Use, é seu. — Diz naquele tom autoritário, e quando finalmente desembulho, fico surpresa diante do aparelho.

— Esse celular foi desenvolvido pela Hunter's Technology. É
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

um *Glassy*, com estrutura totalmente feita em vidro. A tela é plana, sensível ao toque, assim como você. É 3D. Essa função para ativar é só pressionar com o dedo. Claro, tem mais funções, que vai descobrir conforme for usando. Ah, só para te informar, ainda não está à venda no mercado, olha que sorte você tem, vai usá-lo primeiro.

— Por que não vejo nada? Está gelado também. — Desdenha deslizando o dedo para baixo e para cima tentando desembasar.

— Está embaçado e gelado, porquê está frio lá fora. O display vai sempre te informar sobre as condições climáticas. A tela vai corresponder ao tempo, te alertando com as cores: Azul, amarelo, verde e vermelho, para que possa acompanhar, e elas vão te guiar também no que fizer no aparelho. A internet é por TechFi, vai entender quando começar a usar, e não precisa carregar. Não tem bateria. Muito melhor que um Iphone.

Afastando-me dele com um pulo, sento-me na bancada, o impulso faz meu sexo latejar, então, bufando de ódio, cruzo as pernas no estilo borboletinha, digito o número e aguardo ansiosa na linha.

Sua ligação precisa ser aprovada. Aguarde, por favor.

— Ligação consentida. — Diz a voz eletrônica, após ele clicar em um misero número no aparelho dele.

Arrogante, filho da mãe. Odeio aquele sorriso de canto. Só porque venceu a corrida pela vida, se acha o melhor espermatozoide do pai dele. E ainda fica parado ao meu lado me monitorando, que inferno!

— Coloque no viva voz.

Sem escolha, o faço, e no mesmo instante Aria atende, com o seu jeito Aria de ser.

— Quem perturba?

— Eu. — Respondo, e essa simples monossílaba faz com que reconheça minha voz.

— AH BELLY!

— Oi amiga. — A emoção e o fato de ter que esconder dela minha condição faz meus olhos encherem-se de lágrimas.

— Por que está falando desse número? — Yan ao sacar onde a conversa vai dar, olha para mim para que improvise algo rápido.

— Enjoei do meu, e comprei um novo.

— Que legal, ai, eu tenho tanta coisa para te contar...

— Eu também, mas o hotel que o Diego concedeu é a beira-mar, para você ter uma ideia, estou falando da janela, é o único lugar que funciona. E não posso falar durante o serviço. Estou bem restrita, mas vou mantendo contato, quando der volto a ligar, ok?

Yan revira os olhos perante o imprevisto pouco convincente.

— Belly, sabe com o que eu fico sentida? — Continua tagarelando.

— Hm? — Questiono em monossílaba, afinal fica difícil conversar na vigilância desse controlador sem escrúpulos.

— Steven que me perdoe e você também, mas você e o tecnólogo gostosão formariam um casal tão lindo. Eu já tinha até um nome de shipper para vocês... Yanlly. Fofo, não?

— Yanlly... — O desgraçado ainda repete baixinho zoando.

— Esse cara não é o meu estereótipo de homem, é arrogante, insensível. — Digo fitando-o em desafio. — Eu gosto de ser bem tratada, sabe, para sermos um casal, só se eu fosse sequestrada, e obrigada, porque eu jamais seria dele por vontade própria.

Yan puxa-me, e cochicha em meu ouvido.

— Cuidado com as mensagens subliminares. — Ameaça, e de repente, a voz de Aria é substituída pela de Steven.

— Oi, amor, que saudade de você, minha vida. — Yan serra os dentes nervoso.

— Oi. — Sua postura de Iceberg me congela e me intimida, e com medo, respondo de forma simples e evasiva.

— Como você está?

— Estou bem, o sinal aqui não é muito bom, por isso não liguei antes, desculpa... — Minto com dor no coração. Só de ouvir a voz dele, não me controlo e deixo as lágrimas teimosas caírem sem que ambos percebam meu sofrimento. — e o que estão fazendo juntos?

— A sua querida amiga fez o favor de furar o pneu do carro em uma vala, e ela me ligou para ajudá-la, e quando percebi que ela estava falando com você, não pude evitar, tirei o celular da mão dela para ouvir a sua voz, que tanto sinto falta. — Yan permanece sério, prestes a cortar a chamada. — Por que não me ligou quando chegou?

— Como falei pra ela, estou restrita a ligações, ela vai te explicar, não tenho muito tempo.

— Amor, não vejo a hora de ter você em meus braços de novo, eu não consigo esquecer a nossa noite, sinto falta do seu cheiro, da sua pele...

— Steven, eu...

— Eu sinto a sua falta, bebezinha.

Num gesto brusco, Yan tira o celular das minhas mãos completamente irritado, termina a chamada e me entrega de volta.

— O que pensa que está fazendo, Isabelly? — Pergunta batendo a mão na bancada, com os olhos em chamas.

— Steven é o meu noivo. Ele atendeu de repente. O que você queria que eu dissesse?

— Já está com saudade dele? — Me força a responder. — Pois não deveria, por acaso ele beijou a sua boca como eu beijei? Tocou seu corpo com paixão como eu toquei? Claro que não. Você acha que se ele te amasse tanto, iria mesmo permitir você viajar com outro homem? Ele com certeza vai se divertir com as outras enquanto aguarda para se casar com a noivinha virgem. Uma pena que não irá mais te encontrar assim.

— Ele só queria me ajudar. Nossa relação é baseada na confiança e no carinho. — Jogo na cara dele, num gesto de desafio. — Você me tirou tudo. Não sabe o quanto eu quis implorar para que fosse pelo menos gentil... mas você estava cego insinuando que eu era... — Engulo seco. — Eu nunca transei por dinheiro, nunca fui a puta de nenhum homem, até você me trazer para cá, e me obrigar a ser. Você é um cafajeste, vive rodeado de putas, e achou que eu fosse uma delas, pois se enganou.

— Existem várias maneiras de uma mulher dar prazer a um homem, sem perder a virgindade.

— Nunca o traí, porque sou mulher de um homem só, EU O AMO!

— Como pode dizer que ama assim de boca cheia com apenas quatro meses de namoro? O máximo que deve ter, é uma paixonite infantil.

— Eu me arrependo profundamente de ter te conhecido. Preferiria ter morrido naquela piscina, do que ter que continuar a viver esse inferno com você!

— Só pra constar, se tivesse se entregado ao Thomas Linfon, você poderia agora estar condenada para sempre, ele vive rodeado de prostitutas, e não duvido que seja portador do vírus mais temido do sexo. Você terá que me agradecer o resto da vida por ter salvo a sua vagina do dono da revista mais famosa das mulheres nuas. — Encaro-o sem entender o que está querendo dizer, e perante meu olhar confuso, revela-me o nome da revista:

— A Playboy!

— O QUÊ?

— Não se faça de vítima na minha frente. Sabe muito bem que ele comanda essa putaria. Então, qualquer teoria que levantei ao seu respeito, é porque tive motivos para isso.

Continuamos destilando nossos venenos um no outro, até que um homem vestido elegantemente de terno escuro, com um *Walkie-Talkie* interligado no ouvido, entra nos interrompendo.

— Mandou me chamar, senhor?

— Sim... Isabelly, meu amor, esse é o Daniel, sobrinho da Drica. Vou passar o sábado fora, e ele vai ficar aqui para o que precisar, será o seu segurança oficial.

— Segurança? Pra que?

— Sei o quanto é atentada e vai fazer travessuras, mas agora será vigiada. Daniel sempre fará isso quando eu estiver fora, e me comunicará sobre qualquer imprudência, então, comporte-se. — Em seguida, me beija suavemente e vai em direção ao elevador, nos deixando a sós.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



O projeto de robocop estuda-me com atenção. Foi só Yan sair para que seu olhar de FBI fosse substituído pelo de babão. Faço pose e sustento-o com altivez, afinal, não descerei do meu salto para obedecer ao soldado universal vestido de roupas quentes em pleno verão escaldante. O único benefício que ele terá com esse trabalho será estresse, cadeira de rodas, ou um tiro seguido de depressão, e acho que isso está estampado na minha cara, porque ele está demorando em sua inspeção.

— Se vai ficar me vigiando, é bom ir começando a aprender algumas coisas. — Ele abaixa a cabeça todo encabulado, evitando-me. — O que é? Está nervoso com o seu trabalho?

— Um pouco, senhora, Hunter.

— Pode me chamar só de Isabelly. — Digo rispidamente, corrigindo-o, pois não suporto esse sobrenome. — Mas me diz... Por que está tão nervoso? Por que sou gostosa e linda?

— S-Sim, por causa das duas coisas.

— Cuidado. — Murmuro, fitando-o.

— Desculpe-me, senhora. — Diz desconsertado, com medo de que eu o entregue, e até que não seria uma má ideia, porque não quero esse bigodudo e a cara do *Tom Austen* me perseguindo.

— Melhor que se desculpe mesmo, porque isso, foi bem inapropriado. — Dou o sermão e subo para o meu quarto.

Sento na cama, e começo a mexer no meu novo celular de vidro, que leva o nome dele embaixo na placa dourada. Clico direto no Facebook, mas não abre, pois pede pela identificação.

Coloque a sua digital sobre a impressão biométrica, para que a TechFi seja ativada.

Ao ser verificada, a luz fica verde e a rede é liberada como mágica no aplicativo Nology, informando acesso ilimitado para navegar. Wi-fi sem limite, quando e onde eu quiser por um app. E minha digital é a senha para a internet. Que loucura! A tempos esperei por esse avanço. Afinal, depender de 3G/4G quando o plano acaba, ninguém merece. Yan acertou em cheio com essa nova tecnologia. E se ele me deu esse celular, é porque treta tem. Para comprovar minha tese, entro no facebook e digito:

Sequestrada, por Yan Hunter. Estou no Brasil, Rio de Janeiro.

#SOCORRO!

Clico em enviar, e uma luz amarela pisca. Fico esperando, e agora é a vez da vermelha, a mensagem é postada com sucesso, porém, confirmando minha teoria, o post aparece de outra forma:

Se sentindo feliz no Brasil, Rio de Janeiro. #Adorooo!

Que macumba é essa? Testo o inbox, whatsapp, instagram, todas as redes sociais possíveis, e todas as mensagens são modificadas e alertadas com a maldita luz. E para confirmar como funciona a ligação, ligo novamente para Aria, e fico impaciente escutando a chamada.

Sua ligação precisa ser aprovada. Aguarde, por favor. — Diz a voz da locutora. E a luz fica verde. Hã? Mas que porcaria é essa?

— Oi... raio de sol. — Yan atende com seu sotaque irritante. Agora entendi as cores, e óbvio que essa coisa, só podia estar sendo monitorada por esse descarado libertino.

— É pra ficar me monitorando, que me deu essa droga de celular?

— Mais respeito porque você está falando com o cara que o projetou, e devo te informar que, sou o seu consultor. Todas as ligações que você efetuar, antes de serem encaminhadas ao destinatário, primeiro serão processadas para o meu aparelho, isso vale para as mensagens também, falando nisso, porque você não manda mensagens como as pessoas normais? Você está no Rio, tem que estar feliz, aliás está no seu país, por que essa

revolta toda?

— Não quero esse celular. Enfia ele no seu...

— Tenha modos, Isabelly... — Nem deixo ele terminar, e desligo. Idiota. Xingo-o mentalmente e deixo o maldito aparelho na penteadeira bem longe de mim.

No meio da noite acordo assustada quando o celular toca. Não atendo, e ele é persistente. O que esse infeliz quer? Clico em rejeitar e volto a dormir, mas a musiquinha chata ecoa outra vez, sem alternativa, visualizo a mensagem de texto, dizendo que vai ficar fora o domingo também. Com certeza deve estar na maior farra com alguma *trambiqueira* e eu aqui trancada olhando o teto, mas isso não vai ficar assim.



De banho tomado, opto pelas minhas próprias roupas que chegaram em uma mala enviada pela Aria que acredita que estou a trabalho no Brasil. Drica colocou todas no closet em perfeita ordem. Coloco saia, tênis, e cropped transpassado na altura do umbigo. Sento-me na cama, grande e macia, tentando articular um plano de fuga. Enquanto nada me vem à mente, desço as escadas até a enorme sala, e tenho uma visão mais ampla agora de como é toda rústica, com uma mesinha de centro, decorada com um lindo vaso de cerâmica com as rosas vermelhas e brancas mais uma vez. Reviro os olhos. Ao redor estão os sofás alabastrinos, o teto é metade madeira e a outra é feita de claraboias, que permite a entrada da luz solar e ventilação.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sinto um pouco de frio ao me abeirar, olho para cima e percebo que é por causa do ar condicionado sensorizado pelo movimento. Até isso? Reviro os olhos e ao me deparar com um computador central que controla o consumo de água, energia, e até a iluminação. Aproximo-me da tela, aperto um dos comandos e a luz que está fosforescente, volta ao seu estado normal. Por mais que o meu olho artístico aprecie a beleza dessa casa, me sinto entediada dentro dela.

Paro de frente com a porta principal.

— Abra. — Lanço minha sorte e sou escaneada por uma voz irritante.

— Voz incorreta.

DROGA!

— Boa tarde. — A voz alegre de Drica me interrompe. — Está com fome? Quer que eu prepare alguma coisa pra você? O que gosta de comer? — Diz toda eficiente.

— Não precisa, posso me virar.

— Nem pense nisso. Eu que preparo tudo aqui. Vem comigo... — Me chama, e eu a sigo entrando no ambiente amplo e arejado.

Na geladeira há um painel em slides, que contém as informações dele, o tipo sanguíneo, alergias, e o sistema sugere o cardápio ideal. Bom saber disso. Ao lado contém as informações: *TechFi* e leitor de códigos de barra para calcular a quantidade de comida armazenada e suas datas de vencimento. É possível também sugerir receitas baseadas nos ingredientes em estoque, há um mural *touch screen*, com fotos interativas dele com a mãe e algumas ao lado de amigos, que se mexem igual ao cartão que ele mostrou para mim no dia que nos conhecemos.

— E os talheres e as facas? — Pergunto absorta e ela me mostra o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

armário e os números que devo digitar para ativar.

— O café está pronto, menina.

— Obrigada. — Sou curta e grossa, e ela sai deixando-me sozinha outra vez.

Ao tê-la longe da minha vista, clico no número 10, e diante de mim, abre-se um gaveteiro enorme. Pego tudo que preciso, para criar minha própria arma improvisada e começo a trabalhar. Dispensando as colheres, porque são indefesas demais. Só preciso dos ameaçadores que são os GARFOS e as FACAS. Procuro pela fita adesiva e acho no número 0 que são os utensílios. Passo-a em volta, ficando de um lado a faca e do outro o garfo, faço vários por precaução, afinal, cada um luta com as armas que tem. Ergo-os como um leque para cima. Coloco-os dentro da jaqueta de couro preta que uso como escudo para incumbi-las, e desço a escada indo até a sala, onde me jogo no sofá branco, ligando a TV no principal canal brasileiro: GLOBO. Está passando o programa do Faustão, e estão falando sobre a entrega do Globo de Ouro. Qual será o tema de hoje? Mal respiro e o chato está encostado no batente, com a sua pose de machão. Esqueci que estou sendo vigiada como uma criminoso. Fala sério!

— Precisa de algo, senhora?

— Olha, o que eu preciso mesmo é que saia do meu pé, mas isso é impossível.

— Me desculpa, eu... bom, a senhora Drica quer saber o que quer comer no almoço.

— Avisa a Drica que quero comer brigadeiro de panela, e pipoca amanteigada. — O Sr. Bigode se retira e minutos depois retorna com o cheiro do chocolate inundando todo o ambiente. Começo a comer sem tirar os olhos

da tela. Tem também um delicioso suco de laranja.

Eu deveria estar na cama triste, chorando e lamentando o que aconteceu, ou furiosa por ele ter me deixado o final de semana todo sozinha, no entanto, estou aqui entretida na programação, camuflando minhas emoções. É melhor que ele fique longe de mim, é mais fácil encarar isso de uma forma natural, pelo menos... por enquanto. Estou nesse dilema quando Fausto anuncia o primeiro vídeo, e queimo o lábio inferior em choque. Ele disse o meu nome. Surto na hora. Estou na TV! Além disso, o vídeo já tem 8 MILHÕES de acessos. Aria sua louca! Você expandiu a minha vida.

— É a senhora que está dançando? — Pergunta o poste de barba, babando de olho na minha performance.

— O que está achando? Sou ótima não é mesmo? Fala aí... — Jogo pipoca nele.

— É impressionante, er... com todo respeito, senhora.

— Isabelly, já disse que pode me chamar assim.

— É que, eu não tenho ordens para chamá-la dessa forma.

— Olha, quando estiver comigo, eu dito as ordens. Aliás, você não vai dizer nenhuma palavra ao meu marido que fui convidada para dançar nesse programa, ou corto a sua língua.

Antes de entrar o comercial, o apresentador pede para que o público vote no melhor pelo site ou ligando no 0800... abaixo da tela. Quando volta e anunciam o resultado, fico pasma, pois disparei na frente com 90% dos votos. AI MEU DEUS! VENCI. Explodindo de alegria estalo um beijo na bochecha do robocop, que fica todo bobo e desconcertado. E como se isso já não bastasse, Fausto me convida para ir ao programa no próximo domingo. Mas como irei? Estou aprisionada aqui, no entanto, minha alegria dura pouco.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Já passam das 22:00 horas, e estou sentada no sofá, ouvindo música no volume alto, pintando as unhas do pé. Afinal, não tenho nada para fazer, estou entediada. Enjoada de ficar presa aqui, só olhando para a cara feia desse bigodudo. Na realidade estou tentando me distrair, pois não estou bem sabendo que ele passou o final de semana fora. Não que eu sinta falta dele, mas me sinto insultada por ele ter sumido após passar a noite toda abusando de mim.

Sinto meu fone ser retirado bruscamente. E estacionado na minha frente, está ele, Yan Hunter. Chocante e repentino. O impacto da sua chegada me faz encolher no sofá. Ele avança aos poucos, examinando-me com uma garrafa de whisky na mão, e os olhos como uma chama em temperatura gelada. Está abatido, despenteado, com a camisa semiaberta. A expressão é tão neutra quanto a Suíça nos conflitos históricos, mas seus olhos tem o brilho perigoso, e esse brilho faz com que o movimento errático das minhas mãos, derrube o esmalte sobre a almofada.

As lembranças da noite passada vêm à tona, e com medo que se repita, mantendo uma certa distância. Sem hesitar, vou enfiando devagar a mão por dentro da jaqueta.

— Daqui esses garfos e facas. — Pede segurando o riso de ironia.

— Não. — Nego e atiro um pra ele ver que tenho coragem. Ele permanece rindo da minha pontaria que para todos os efeitos é péssima.

Nenhuma acerta nele. Entretanto, o ignoro e lanço outro.

— 1, 2, 3, 4, 5... Mais algum? — Ele pergunta, depois de presunçosamente, com extrema habilidade pegar o último no ar, e um por um no chão, que atingiram a parede, o vaso de porcelana, a porta, menos ele. Que Merda!

— Pontaria não é o seu forte. O circo iria à falência se você trabalhasse de atiradora, mas por outro lado, é ótima dançarina de pole dance. — Caça com a voz embargada pela bebida. — Leve isso Daniel. Obrigado por hoje, pode ir descansar com os outros, quero ficar a sós com a minha mulher. — Passa os utensílios para o poste de barba, que sai obedecendo sua ordem.

Ele volta a encarar a mancha rosa choque escorrendo sobre o tecido branco. Fulminando-me, caminha até o meu novo estrago, abaixa-se, e dá um sorriso de escárnio. Sem questionar, coloca-o na mesinha de centro, e volta onde estou, com o olhar penetrante ao comprimento da saia curta que estou usando. Com medo do que ele possa fazer, ajoelho-me ao pés dele abraçando suas pernas.

— Me desculpa. — Peço apreensiva, e ele não diz nada, só me pega do chão, enrola o dedo na minha trancinha, e com o polegar acaricia meu rosto. Fecho os olhos, receosa.

— Não vou brigar com você porque derrubou um esmalte. Tenho outro motivo que você nem imagina. — Passa o indicador sobre meus lábios, e afetada pela adrenalina, entreabro-os molhando seu dedo de saliva. Ouço-o praguejar baixinho, de punho fechado, como se fizesse um esforço homérico para se conter.

— É melhor que suba para o seu quarto. Minha companhia não é segura para você. — Ordena com a voz meio trêmula e embargada.

Aproximo-me para conferir, seu hálito cheira a mistura alcoólica.

— Você está bêbado. Cheirando a perfume de mulher... e sua camisa está suja de batom. — Confisco-o. — Não pode negar que estive se divertindo no seu final de semana, trabalhar é que não foi. Por acaso a sua amante te deu o pé na bunda? Bem feito...

— Eu não te devo explicações! Posso fazer o que me der vontade. Mas se está preocupada, isso quer dizer que está começando a sentir.

— Do que está falando?

— Ciúmes.

— Eu com ciúmes? De você? Ah, fala sério! Não ligo para o que faz da sua vida, que aliás é bem chata. Pensando bem, se você foi atrás de uma mulher e está nesse estado é porque quer esquecer alguma coisa que te deixou atordoado. Chateação é emoção específica de quem se importa. É, realmente, alguém está começando a sentir aqui.

— Para beber agora só estando de coração partido e apaixonado? Por favor, não me faça rir. Então não, eu não estou bêbado, nem magoado, muito menos apaixonado... — Ele se diverte com a minha cara e dá um gole no gargalo afrodisíaco.

— Yan...

— Isabelly...

— O que aconteceu? Estou preocupada com você. Só quero te ajudar. Me conta...

— Não quero a sua ajuda! E vou te dar 10 segundos para que vá para o seu quarto numa boa... — Ele alerta, cuspidando gotas gélidas de álcool na minha cara.

— Se acha que isso vai me assustar como daquela vez, está muito enganado.

— 5... 4... 3...

Eu deveria ficar com raiva pela forma que está me tratando, subir para o meu quarto como ordenou e ficar lá, deixando-o se afogar sozinho, mas o consolo com um abraço, sem dizer nada, sei que precisa disso.

Sinto-o gemer, reclamando de dor em meus braços. Ao me afastar, ele coloca a mão sobre o ombro, e quando a retira, a mesma está cheia de sangue. Meu Deus! Está ferido!

— Deixa eu ver isso. — Digo tirando sem pedir licença o seu terno fino, para ter acesso ao ferimento. A sua camisa está rasgada e o corte é fundo, com a pele meio dobrada nas bordas. O sangue impregnado na pele não é o problema, mas sim o que escoar por cima. — Caramba! Isso pode infeccionar. Onde você guarda o kit de primeiros socorros?

— Já disse que não quero ajuda, vai dormir Isabelly.

— Chega de bancar o difícil. Tira a camisa! — Ele insiste em não colaborar, então, empurro-o até o sofá, entrelaço as minhas pernas em seu colo, e rasgo-a inteira, revelando de vez seus músculos abdominais delineados, que me distraem por um momento, é tentador demais.

— Quando penso que te conheço, você me surpreende de alguma maneira.

— Tem muita coisa que não sabe sobre mim.

Volto a rasgá-la, mas dessa vez, uma pequena tira. Pressiono-a sobre o corte até que o sangramento pare. Ele geme e se contorce.

— Desculpa, mas é preciso.

— O que pensa que vai fazer?

— Desinfetar, fazer sutura, você deveria ter ido ao médico, isso está muito feio, mas com certeza foi teimoso e veio para casa mesmo assim. Se eu não tivesse te abraçado, a sua ferida ficaria aberta, e você sofreria uma bela hemorragia. Você tem a sorte que estou aqui para cuidar disso.

— E eu posso saber como vai fazer isso sem o equipamento de primeiros socorros, enfermeira? — Caçoa.

— Fácil. — Como ele não quer se auto ajudar e nem me dizer aonde está o equipamento necessário. Parto para a improvisação. Lembro-me de que estou usando um brinco em formato de agulha, tiro-o, arranco o detalhe do coração pendurado na argolinha, em seguida, desfaço a minha trança. Ele lança o seu olhar incrédulo, não acreditando no que estou fazendo. Do couro cabeludo, puxo um fio de cabelo consistente, e dou um nozinho na ponta com cuidado para não quebrar. Para finalizar, pego a garrafa da sua mão, no intuito de desinfetar o brinco, por fim, com as mãos tremendo como se eu sofresse mal de Parkinson, faço a transpassarem.

— Você não vai foder o meu ombro com essa sutura pré-histórica, ficou louca, garota? Não é como costurar um simples botão.

— Você falando assim parece que vou te matar.

— E não vai?

— Se eu quisesse te matar, não estaria dando um jeito de fechar o corte, mas sim de rasgá-lo de vez. E fica quieto, porque qualquer movimento errado pode ser fatal.

Jogo o líquido anestésico sobre a ferida para que amorteça. Ele nem sequer vacila, não deixa transparecer que está doendo, feito isso, dou um longo gole para criar coragem e começo.

Minhas palmas ficam úmidas quando toco a pele aberta, meu estômago revira, mas continuo. Junto as bordas o mais suave possível. Seguro o brinco entre os dedos com extremo cuidado, e perfuro a pele na extremidade do corte.

Ele me observa em silêncio. Vez ou outra, olha a minha mão trabalhando, depois para mim.

Tento ignorá-lo e focar apenas no corte que precisa ser urgentemente fechado, mas estamos muito próximos. Por que eu tive que sentar no colo dele? Eu deveria estar concentrada na sutura, mas a única coisa que posso sentir é como o seu membro roça a minha intimidade. Ele está fazendo de propósito.

— Libelle... — A sua respiração está acelerada, e não sei dizer se é pela posição em que estamos ou se é porque estou fazendo-o sofrer.

— Como foi que conseguiu isso? Algum bandido te fez mal? Rio de Janeiro é perigoso e...

Paro porque ele não responde, o silêncio permanece, e minutos depois finalizo os cinco pontos.

— Prontinho. Não vai ficar uma cicatriz linda, mas fiz o melhor que pude.

— Obrigado. — Ele segura minha coxa, tornando a proximidade intensa.

— De nada. — Tento sair do seu colo, mas ele me força a ficar, puxando-me de volta. Com a colisão dos nossos sexos se unindo mais uma vez, gemo. Ele trilha todo o caminho das minhas costas até chegar no meu pescoço. O que vai fazer? Seus olhos deveriam estar agradecidos por te salvo a sua vida, porém estão cheios de raiva.

— Por que está me olhando desse jeito? Está bravo comigo?

— O que houve sexta-feira à noite me deixou pensando se eu estava sendo muito injusto e duro com você. Mas aí eu vi...

— Eu não consigo entender o que está falando.

— Claro que não consegue entender. E quer saber como consegui isso?
— Aponta para a sutura. — Saiba que foi por culpa sua!

— Culpa minha? Mas... como? .

— Isabelly, você postou um vídeo totalmente explícito dançando pole dance na PORRA do Youtube. Se você fosse uma menina pura, jamais postaria um vídeo como aquele na internet.

— Você não está entendendo...

— Não estou entendendo? É sempre a mesma desculpa. O maldito vídeo está com 8 milhões de acessos. E o pior é que eu vi na TV de um bar, com muitos babacas devorando você em pensamento. — Ele pega o celular, entra no Youtube e acessa minha dança. — Olha! — Obrigame a assistir. — Vai ter coragem de dizer que não é você? Que é uma duplicata, sósia, miragem? Hã? Vai ter coragem de mentir na minha cara, descarada?

Temerosa pelo seu nervosismo, apoio-me em seu peito.

— Não esconda o rosto quando eu estiver falando com você! — Ergue meu queixo. — Sou o seu marido e me deve uma explicação. Me conta... você gravou e alguém postou sem você saber? Ou você mesma fez isso? Porque se alguém postou sem a sua permissão, eu juro que...

— Não. Foi eu mesma que gravei, e depois... postei. — Assumo a culpa, porque tenho medo do que ele pode fazer se descobrir que foi a Aria que postou e me cadastrou no site.

— Isabelly Little Surfer? Que descrição promiscua! Em que estágio de loucura você estava ao usar o nome artístico da maior puta da história do Brasil, conhecida no mundo? E ainda descobri que esse vídeo estava vinculado no seu perfil daquele aplicativo pelos dados de compartilhamentos. Por que, Isabelly? Mesmo você não estando mais lá, deixou o vídeo disponível nessa droga de site, para babarem em você, como uma puta faz. Não sei como não leiloou a sua virgindade também.

— Falando assim, você me machuca, eu jamais faria uma coisa feia dessas.

— Você também me decepcionou. Por que você fez isso? Hã? Moça de bem não posta vídeos dançando desse jeito. Ontem eu perguntei se tinha mais alguma coisa, você deveria ter me falado. Cada vez eu descubro mais coisas sujas suas. Você não é do jeito que eu pensava que fosse.

— Isso não deveria ser da sua conta... — Estufo o peito com minha dignidade ferida. — não entendo como o que faço te incomoda tanto. Mas já que descobriu a verdade e me viu na TV, então sabe também que fui convocada para me apresentar no...

— Ahh! Então você também assistiu e está aqui se fazendo de santinha? Por acaso tenho cara de otário? Ouça bem... — Diz ríspido. — O inferno congela, mas você não dança naquele maldito programa!

— Estou presa nessa ilha, com um segurança barbudo no meu encalço, de olhos arregalados o dia inteiro em mim. Como vou dançar lá?

— Exatamente, você não vai, só por cima do meu cadáver.

— Me solta! Quero levantar.

— Fica aqui... no meu colo, vamos terminar de conversar. ... — Me arruma em suas pernas do jeito que quer, sempre me tratando como criança.

Fico com uma perna de cada lado, de frente para ele, nervosa. — Vamos afastar um pouquinho essa calcinha.

— Você não pode me penetrar, são ordens médicas. — Tento me levantar, porém, ele me detém. Abre o zíper da calça, para que eu sinta perfeitamente seu pênis coberto pela boxer.

— Ninguém me dá ordens. Só não te penetro agora porque nessa posição, posso te garantir que você não vai aguentar, então, fica sentadinha aqui, só vou esfregar meu pau em você. Um Heavy Petting...

— Heavy o que?

— Não me dirija esse seu olhar piedoso fingindo estar surpresa. Essa sua profanação de pureza desperta o meu lado perverso. Faça o que estou mandando, e movimente-se.

Temerosa, encaixo-me nele sem reservas, esfregando-me, em todo o seu comprimento, como ele quer. Ele coloca a mão ambiciosa por dentro do meu cropped capturando meu seio e fica apertando, sentindo-o enquanto roça também o pênis em minha vagina.

— Por que gosta de fingir inocência pra mim? Meu primo com certeza se saciou desse corpinho assim várias vezes pra aliviar o tesão. Chupou esses peitinhos, sua pussy, te ensinou a mamar no pau dele... e por pouco não te comeu.

— Yan...

— Está gostando de se esfregar nele assim, não é? Faz mais rápido que vou gozar. — Sua voz sai grossa de tesão puro. Em posse, abraça-me esmagando minha boca, atacando meus lábios, beijando-me com loucura, forçando o meu quadril para frente e para trás, sem parar, excitado e desesperado pela liberação.

Não aguentando mais, desconecta-se do beijo, e goza descontroladamente molhando minha calcinha, pendendo a cabeça para trás em alívio.

Observo-o toda errática, esperando pelo que vem a seguir. Seu olhar é implacável e cruel. Ele coloca minhas mãos dentro da sua boxer, e eleva meus dedos lambuzados em frente ao meu rosto.

— Coloque-os na sua boca, quero ver você chupar dedo por dedo.

— Não, isso é degradação. — Recuso virando a cabeça.

— É isso o que eu quero. Vamos, sinta o meu gosto, Isabelly. Anda logo antes que seque, e se deixar isso acontecer, te coloco de joelhos e te faço me chupar, escolhe. — Impõe impiedoso, e escolho fechar meus olhos e levar meus dedos molhados até minha boca começando a limpá-los, como quer.

— Que menina obediente. Fez uma boa escolha, estou adorando ver... isso, chupa tudo, engole tudinho. — Incentiva com palavras afastando meu cabelo para ver meu rosto, e mantém um dedo estocando dentro da minha vagina, fazendo-me gemer amparada a ele com meus dedos na boca.

— Aqui, tem mais um pouquinho, abre a boquinha. — Ofegante em busca de ar, ele aproveita minha boca aberta e me dá mais, agora com os dedos dele, me fazendo chupar um por um, limpando-o.

— É o suficiente por hoje. É assim mesmo que tem que se comportar, como uma putinha. — Ele retira dos meus lábios o polegar que é o último que limpo, me solta, pega a carteira do bolso da calça, coloca várias notas de R\$ 100,00 reais na borda da minha calcinha e me joga bruscamente no sofá. Possessa, tiro-as de mim, pico todas em conjunto, e jogo-as na cara dele.

— Estou cansada de ser tratada dessa forma, como se eu fosse essa vadia que você criou na sua mente. — Meus olhos ficam turvos, e impulsiva

e esquentada, eu jogo todo o whisky que ele chegou bebendo, por todo o tapete que se espalha rapidamente, formando uma enorme poça.

— Sempre me desafiando. — Aproxima-se pisando sobre as notas rasgadas, e temerosa, dou um passo para trás, porém, me puxa para perto, senta no sofá, e me põe em seu colo de bunda para cima.

— Não, de novo não. — Choramingo ao sentir sua mão erguer minha saia e arrancar com raiva minha calcinha. — Não tem o direito de me bater. — Esperneio gritando. — Eu nunca apanhei do meu pai e ...

— É por isso que preciso te educar, coisa que o seu pai não fez. — Mal termina de falar e sinto o tapa certo na minha bunda. — Estou batendo porque está se comportando como uma criancinha mimada, e não vou admitir...

— Mentira, mentira. — Continuo esperneando no colo dele. — Está fazendo isso porque está bravo comigo, por dançar pole dance e postar no Youtube. Quer saber. Eu posso dançar até nua se eu quiser, o corpo é meu.

Nem acabo de falar e outro tapa é dado com mais força e entusiasmo. Grito. Me debato. Ele me imobiliza

— É o suficiente ou quer mais? — Rosna, bêbado e vil.

— Eu não sou o que você pensa. — Choramingo.

— Você não vai mais exhibir o seu corpo em clube, em vídeo, nem em porra de lugar algum. E toda vez que me desafiar, vou te punir, você entendeu?

— Entendi... — Solução mole, pendurada nas pernas dele, vulnerável de cabelos tocando o chão. Minha bunda está ardendo, e ele afaga minha carne com as mãos fortes, gostando de me ter submissa, degradada, inferior a ele em respeito.

— Não sei porquê, mas eu acho que você gosta que eu faça isso. — Diz levantando-me, permanecendo comigo no colo, arrumando meu cabelo. Estou queimando. Por fora e por dentro, e chorando descontroladamente.

— Eu deveria enfiar o meu pau em você AGORA! Mas, ainda deve estar dolorida, pela forma bruta que tirei a sua virgindade. E você salvou a minha vida essa noite, mesmo depois de tudo que causei a você... por esses motivos, vou te poupar dessa vez. Vá pro seu quarto!

Fico encolhida, soluçando perante a crueldade das suas palavras. Aos poucos vou me levantando, mas ele me deixa tão apavorada que não consigo dar um passo à frente.

— Suba, antes que eu me arrependa e volte atrás em tudo o que disse. — Sussurra em meio aos meus soluços. — Some da minha frente! — Esbraveja, e na mesma hora, saio correndo, assustada.

Entro em meu quarto indo direto ao banheiro, lavo meu rosto banhado em lágrimas, tentando me recompor. E visto minha camisola branca de unicórnio, a mesma que usei no dia em que invadi a empresa dele. Como eu me arrependo de ter cruzado o caminho desse homem, de ter caído sobre ele no clube. Seco meu rosto e vou até cama, para me deitar, e de repente ele entra, o olhar em meu corpo revelando a sede de me possuir. É pra isso que ele veio...

— O que está fazendo aqui? — Dou um passo para trás.

— Sou o seu marido, e não consigo dormir sem foder você. — Diz tirando o que resta da camisa rasgada por mim, ficando apenas de calça, e vem para cama, espreitando-me com o seu corpo. — Estou no meu direito... eu quero você, gemendo em baixo de mim, com paixão, e é isso que você quer também, Isabelly!

Antes que eu diga alguma coisa, ele me joga quase que violentamente sobre a cama, e deita junto comigo, por cima de mim, prendendo-me pelos pulsos.

— Você disse que me pouparia. — Reivindico a promessa.

— Eu mudei de ideia, meu amor. Te deixar toda marcada pelas minhas mãos, ascende o meu tesão. Fica de quatro, vou te comer bem rápido.

— Não, Yan... você está bêbado. — Ele agarra meus pulsos e bate-os fortemente contra o travesseiro.

— Não me aperta, está me machucando.

— Eu aperto, porque você é MINHA!

— Não, não! — Protesto descontrolada.

— Minha! — Repete com as suas mãos entrelaçadas e presas acima da minha cabeça. — Abra as pernas para mim! — Exige forçando-me me obedecer. — Vamos fazer sexo, dessa vez vou gozar dentro de você, e pouco me importa as consequências...

— Se não se importa, por que então não fez isso quando tirou a minha virgindade, ao invés de gozar no meu corpo? E depois no seu quarto, usou camisinha, não estou te entendendo agora, eu...

— Simples. Eu queria te provar, conhecer cada parte do seu corpo, antes de te foder como realmente quero. Agora que já o decorei, posso muito bem gozar dentro de você sem nenhum tipo de lacre ou plástico para atrapalhar o meu prazer. Ainda bem que não começou com o método do doutor Varella, porque vou entrar em você nem que seja a força... então vai, entregue-se à mim, e vamos acabar logo com isso.

— Por que está fazendo isso comigo, por que?

— Por que quero que se apaixone por mim, terei o imenso prazer em te dar o divórcio depois e nesse dia deixarei você totalmente desolada, destruída sem o meu amor.

— Desolada, destruída sim. Sem amor não. Não posso perder algo que nunca vou ter de você. — Digo com o coração apertado sem entender porque esse homem é tão bipolar. — Remexo agoniada tentando perder o contato com ele.

— Por favor, pare! Eu já disse, está bêbado, vai me machucar, e eu não quero, por favor.

— Não vou parar! Eu só quero que me dê um filho.

— Não quero ter um filho seu. Me solta! Canalha! Covarde! — Grito me debatendo, chorando ao sentir suas mãos tentando arrancar minha camisola. Desesperada acerto dois tapas, um de cada lado da cara dele, e finalizo com o abajur golpeando-o na cabeça inesperadamente. Aproveito que está com a mão na testa e tento escapar dele, mas é muito mais rápido e forte que eu.

— Você está muito tensa, vem comigo. — Como se eu não pesasse nada, me coloca em seu ombro esquerdo, não ferido.

Ao chegarmos na porta dupla e secreta, coloca-me no chão, digita a senha, e a porta se escancara, deixando-me boquiaberta com o que está bem à minha frente.



Observo com o peito arfando minhas expectativas caírem por terra. Meu raciocínio imaginou um quarto sadomasoquista por trás da enorme porta, porém, é apenas um truque de perspectiva, porque o que há em minha frente é uma ponte estreita de vidro prateada, que dá até três discos enormes, flutuando no oceano atlântico. A fachada é toda redonda, com iluminação branca, e me causa arrepios por causa da altitude. É assombrosamente fascinante, exatamente como esse arrogante endiabrado.

— Ah, meu Deus! O que é isso? Estamos flutuando! — Exclamo enquanto meu cérebro está fritando meus neurônios com o que estou vendo.

— Nada é o que parece ser, Belly. Bem-vinda ao Flyer. O que está vendo é uma ilusão de ótica tecnológica. Em baixo, há um alargamento arquitetônico, construído em cima de um pólo elevado a 15 metros, é isso que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sustenta e nos mantém aqui em cima.

Minha camisola levanta com o vento. Enfurecida dou murros em suas costas, não achando suficiente, mordo-o também.

— Cretino, aproveitador... me põe no chão, eu sei andar. — Xingo-o, e como castigo recebo um tapa na bunda, enquanto escuto o barulho das ondas que incidem sobre o mar, fazendo meus cabelos voarem.

— Não confio em você, e é melhor parar de se mexer porque podemos cair lá em baixo, olha... — Propositalmente, avança para frente, desprovido de equilíbrio.

— NÃO! — Grito, apavorada ao sentir suas mãos frouxas na minha perna. O desgraçado está rindo, sou a diversão exclusiva dele.

Ao chegarmos, ele me coloca no chão, abre a porta ao comando de sua voz, e recua para me dar passagem. Respiro fundo, e quando entro, a luz se ascende automaticamente, revelando o que ali contém. Uma sala esportiva? O que isso significa? Por que me trouxe aqui?

Faço minha inspeção no ambiente íntimo e privativo que obtém um desfile constante de luz, sombras, ondas e cor. As janelas são enormes e dão um contraste estonteante com as bases cinzas envernizadas. Tenho a sensação de estar deslocada da terra.

Prossigo a minha inspeção de modo abrangente para as paredes cobertas por espelhos do chão ao teto a frente, onde as enormes máquinas estão instaladas por toda a sala. A esteira é a única que conheço. Os pesos cobrem uma parede inteira, e a maior parte do chão é coberto por forro. O bebedouro, os chesterfields e sumiês azuis dão o descanso necessário após muito treino.

O mar parece translado de tão vivo refletindo perante nós através do

vidro. Estamos submersos. É magnífico, me aproximo para ver, mas antes de chegar mais perto, tropeço em um dos seus equipamentos no meio do caminho, batendo o joelho. Ao notar que vacilo de dor, ele me abraça por trás amparando-me, massageando o local com a barba por fazer roçando meu rosto.

— Achou que fosse um quarto erótico com brinquedinhos sadomasoquistas? — Meu coração salta do peito me deixando totalmente vermelha feito um tomate. — O meu fetiche é outro, muito melhor, e que fique claro, que você virá para cá comigo, sempre que me der vontade... se submeterá as perversões que eu quiser, estamos entendidos?

Filtra-me com ódio e desejo, deixando-me desorientada, repleta de sensações que me apavoram. Sinto-me vulnerável demais, e perante a sua presença máscula brutal, concordo confusa.

— Sim.

— Ótimo, boa garota...

Nos aproximamos do pêndulo, onde está o saco de pancadas pendurado de frente as estantes de halteres, sendo o destaque principal. Ele ergue uma das minhas mãos, segura meu pulso, e o fecha, posicionando-me, em seguida dá batidinhas no meu cotovelo para que eu prossiga. A vontade que tenho é de acertar a cara dele, mas apenas puxo meu braço para longe e golpeio com força, fazendo o saco tremer.

— Nada mal para uma iniciante.

Iniciante? Gargalho alto em meu pensamento.

— Continue, mas agora coloque as luvas, que estão bem ali, e descarregue toda a sua tensão, enquanto eu tomo uma ducha. — Olha para baixo, sigo seu olhar e sei ao que se refere.

— A sutura poderia abrir por me carregar até aqui, não pode fazer esforço, e muito menos molhá-la por 24 horas, tem que cuidar disso, senão pode inflamar, espero que tenha algo que possa cobri-la, e... — O que estou dizendo? Belly, cala a boca!

— Por favor, não me faça rir... Sei me cuidar sozinho. — Grosso, estúpido! — Volto em 10 minutos. — Antes de ir, beija meu pescoço, e com lágrimas nos olhos, volto a dar socos na grande espuma.

Faço isso sem parar, cada vez mais forte, recordando-me da tentativa de estupro aos meus 15 anos, quando eu estava indo à *Woodbine* para a aula de educação física, a qual seria ao ar livre aquele dia, e eu estava atrasada. Não queria que meu pai soubesse sobre isso, mas ligaram para ele comparecer na delegacia. O ato não foi consumado, porque tive a sorte de ser salva por um homem o qual não vi o rosto, e depois pelos policiais, que chegaram a tempo, porém, foi o suficiente para me deixar perturbada. Nunca mais fui a mesma desde então. Com isso, papai todo preocupado, me ensinou a ser forte e combater meu trauma nos fins de semana.

Minhas mãos estão doloridas e começando a inchar. A raiva me domina ainda mais por lembrar que na verdade, perdi a minha virgindade com o pior dos cafajestes, me sinto suja toda vez que me toca, odeio ser manipulada por ele, e só de pensar, ele volta, vestindo apenas uma calça jeans branca, aberta, exibindo seu peitoral másculo. Noto que a sutura está coberta por uma bandagem, ele fez o que eu disse, dou um leve sorriso, mas logo o fecho. Seu corpo e cabelo estão pingando água. Ele com certeza faz de propósito, porque sabe o quanto distrai, e usa isso para se exhibir, e mexer com o meu psicológico, desgraçado de uma figa!

— Eu disse para colocar as luvas! Quer quebrar a unha? Ou pior ainda, as mãos? — Ele pega uma delas e analisa preocupado com o inchaço.

Ao virar-se de costas para pegá-las na prateleira, dou-lhe um chute certo no quadril, derrubando-o no chão.

— Quer lutar? Então vamos fazer isso direito. — Decreta massageando aonde o atingi, e ao se levantar, vai até a prateleira pegar as luvas. — Desde que nos conhecemos está usando o seu dom de *Holly Holm* contra mim. Eu sabia que você seria encrenca, mas é isso que gosto em você, porque somos iguais, love. — Afirma, carregando-as, voltando em minha direção. — Estou curioso para saber como aprendeu a se defender tão bem, para roubar a arma daquele policial num piscar de olhos, usar aquele Lime Crime dos infernos contra mim, sem contar as outras coisas que já aprontou. Você me deixa louco e preciso saber, isso tudo com certeza não aprendeu sozinha. Quem te ensinou?

— Foi o meu pai. — Respondo colocando as ferramentas do ofício. — Sou muito boa no *Kick Boxing*. Surpreso?

— Uh, quer dizer que tenho à minha frente uma pequena guerreira? Hm... até que tem uma boa postura. — Comenta analisando-me.

— Não me subestime, ou...

— Ou nada. Prova para mim o quanto é boa. Está disposta realmente a me enfrentar como adversário?

— Será um prazer moer você todinho.

— Lembrando que toda luta tem a medalha no final, mas como não há nenhuma aqui, então proponho que se ganhar, o castigo será menor, mas se perder, vou terminar o que comecei antes de virmos para cá, pronta?

— Nem em sonho que você vai voltar a me tocar!

— Isso é o que veremos, love.

Ele me entrega as luvas vermelhas e fica com as azuis. Visto-as rapidamente, e antes dele fazer o mesmo, ativa o alarme do relógio para um minuto e meio, em seguida, cruza os braços esperando que eu comece, rindo de mim. Cretino! Vou acabar com esse sorriso agora mesmo!

Avanço para cima dele, com a mão estendida para lhe deixar um roxo bonito, mas ele me ataca primeiro, me dando uma rasteira.

— Isso vai ser divertido. — Caçoa.

Tento vários golpes, mas ele se esquivava de todos, maldição!

— É tudo o que sabe, pequena? É melhor desistir. — Imobiliza-me contra o seu peito. — Será que consegue lutar no chão?

— Não desisto fácil. — Respondo, e ele de surpresa me atira ao tatame, aprisionando-me pelos pulsos.

— Essa é uma manobra de submissão, precisa fazer o adversário se render. Tem que fazê-lo sentir muita dor, a ponto de querer se render.

— Somente pela dor você se renderia? Talvez eu tenha propostas excitantes. — Percebendo como isso o afeta, continuo articulando sedutoramente cada palavra. — Você quer se render... agora?

Imediatamente ele remove as luvas, move a mão direto para a minha bunda, apertando-a, e dá dois tapinhas leves em sinal de resistência. Aproveito, e giro, sentando-me em cima dele. Abaixo-me lentamente, até estar pertinho dos seus lábios, tencionada a beijá-lo.

— Quando estiver jogando comigo, se distrair pode ser fatal.

Ao se dar conta das minhas intenções, e que parafraseei o que me disse no dia do seu aniversário, ele tenta se levantar, mas utilizo uma das minhas chaves favoritas, dou-lhe uma cabeçada, levando-o de volta ao chão e o

tempo acaba.

— Ganhei! — Levanto-me com a mão na cintura, rindo da sua derrota.

Tiro as luvas para guardá-las, e ao me virar meu coração pula ao ver as paredes que antes refletiam o mar afrodescente, agora, me refletem. O que ele pretende com tudo isso? A minha pergunta tem retorno quando vejo uma barra dourada de pole dance atrás de mim. MEU DEUS! Esse cara tem muito dinheiro, inteligência e muita obsessão por mim.

— Surpresa? Não é só você que sabe surpreender. Também tenho as minhas táticas... quando te vi dançando no *Night Club*, tive que fazer alguma coisa em relação a isso, então fiz essa adaptação. E já que ganhou a luta, vai ter que dançar para mim, exatamente como fez na privacidade do seu quarto. — Diz apontando para as paredes com as minhas imagens em movimento.

— Não quero dançar.

— Está vendo lá em cima? Olhe bem... — Acompanho o seu olhar. O teto é cheio de orlas metálicas e de equipamentos de luz, mas não só isso, há um grande orifício espelhado entre elas. — lembra sobre a ilusão de ótica? — Assinto em resposta. — Negue novamente e vai estrear a *Cage Dorée*. — Acena com o queixo para o espelho descomunal.

Como pode ser tão arrogante e autoritário? Ele sente um prazer sexual em mandar em mim. Então, disposta a não ativar a sua ira, caminho até a barra, seguida por ele.

— Estenda as mãos. — Obediente, estico-as para ele, que passa cuidadosamente o *Mighty Grip* fixador, fazendo o contorno dos meus dedos. Feito isso, ele guarda o produto, e me rodeia, lentamente, avaliando-me como se eu fosse uma mercadoria. E olhando dentro dos meus olhos, aproxima-se, desfazendo o lacinho da minha camisola, ajeitando a rendinha para expor um

pouco mais meus seios.

— Assim está melhor, não precisa se produzir hoje, porque gosto do estilo ninfeta que está usando, é bem mais instigante. — Comenta mordendo os lábios carnudos. Engulo em seco, estarrecida. — Agora vai, e capricha. Me satisfaça.

Depois de pré-estabelecer o meu figurino, ele se acomoda no chesterfields, cruza as pernas presunçosamente, e espera que eu me posicione, ao fazer isso, viro-me de frente para ele, cerrando os lábios de tão nervosa.

— Pare de morder esses lábios, ou vai acabar ferindo-os até sangrar. — Ordena, com os olhos cheios de promessas de tortura, e através do seu celular, ativa as luzes estroboscópicas, agrupadas a música *Dance Without You* de Skylar Grey.

Tão séria o tempo todo

Eu sinto angústia, sinto-me presa

Eu não posso ouvir o seu sussurro

As batidas fortes da canção aceleram-se dentro do meu peito. Tomada pela adrenalina da luta e disposta a não ceder, enfrento-o.

— Essa dança é tudo pra mim, e me faz lembrar minha mãe. Eu só danço por paixão, por amor. Cometi o pior erro da minha vida quando usei o pole dance para ganhar dinheiro, não cometerei o mesmo erro dançando obrigada por você. Eu nunca vou dançar pra você assim, nunca.

De repente, estou prestes a cair, mas ele me pega em seus braços a

tempo.

— Se não quer dançar, ok, sem dança. Então, terei que concluir o que fui procurar no seu quarto há uma hora atrás.

— O que? Não. Eu ganhei a luta!

— Você trapaceou, baby, cometeu uma infração grave, a cabeçada te desclassificou. E ainda não quer dançar pra mim, isso quer dizer que ganhei.

— Sei muito bem disso, acontece que na hora da raiva usei essa tática para vencê-lo. Apesar de ser trapaça, achei que não entendia de box, que só exercia para treinar.

— Confesso que quis deixar você sentir o gostinho da vitória, fui cavalheiro, não bato em mulheres, exceto quando estou num contexto sexual. Acho que você se lembra muito bem como é... — Fecho os olhos e é quase palpável a sensação de suas mãos me punindo, fazendo-me arder minha pele. — Sei que ainda deve estar dolorida, com medo por ser tudo novo pra você, por isso optei por te trazer aqui pra se acalmar, mas quis lutar, não se preocupando nenhum pouco por eu estar suturado. — Ironiza de propósito para eu me sentir culpada, e reviro os olhos em resposta, fazendo-o lembrar que o aconselhei a cobrir a sutura... Como me arrependo, não quero e não posso me importar com esse cara.

Ele solta aquele sorriso de canto, me põe de pé e continua.

— Quero que saiba que, amanhã vou começar os tramites para tirar o seu vídeo do ar, porque você me pertence, só eu tenho acesso ao seu corpo. Agora, vamos ao que interessa.

— Isso é jogo sujo!

— E quem disse que jogo limpo? O que vai acontecer aqui é inevitável, minha vida. Vamos acabar com a brincadeira. O que você quer? Um preço

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mais substancial? Que descuido o meu ofertar apenas aquelas notas a você, eu devia ter lhe feito uma oferta que você apreciaria. Me deu sua virgindade, assim, se tem exigências, faça-as e lhe pagarei o quanto quiser.

— Minha virgindade não tinha preço. Não quero o seu maldito dinheiro... — Encosto o nariz no seu queixo. — Odeio você, odeio seu toque, odeio você inteiro.

Começo a debater em seus braços, usando toda a força que possuo. Minha rejeição o atinge, e enfurecido me leva quase violentamente para cima do tatame. Ergo a perna tentando golpeá-lo, porém, segura meu pé e me gira num movimento exato para se encaixar no meio das minhas pernas, prendendo minhas mãos no alto, imobilizando-me.

— Tem certeza que quer entrar em outra luta corporal comigo? — Enfia a mão entre minhas pernas e afasta minha calcinha, encontrando-me pronta e úmida.

— Não... — Choramingo.

— Não? — Questiona presunçosamente sarcástico. — Eu poderia aceitar a trapaça e deixar você ir, mas não posso, sua pussy está molhada, Isabelly... — Sussurra as palavras sujas em meu ouvido. — Está assim desde a hora que surrei sua bunda lá na sala. O peso das minhas mãos deixa sua bocetinha implorando pelo meu pau. E você me odeia por te deixar assim. Então vamos resolver nossas divergências aqui mesmo. Como é uma adversária fabulosa, serei bonzinho, vou deixá-la escolher. — Afunda o rosto entre meus cabelos ansioso.

— De que jeito você prefere que eu te coma? Gentilmente ou a força? Escolhe.

— Não, Yan... por quê?

— Porque você me intriga. — Fica me masturbando e raspando a barba por fazer em minhas bochechas aquecidas. — E porque estou sentindo um tesão do caralho, saiba que tenho uma agenda cheia de telefones de mulheres que matariam para estar em seu lugar, porém, toda essa sacanagem que está na minha cabeça... é você quem está motivando, meu amor... só você.

— Cínico... — Gemo, contorcendo-me em seu dedo.

— Realista... — Alterna. — Achou mesmo que eu iria te deixar dormir? Sem te ter assim nos meus braços? Hã? Não me olhe assim Belly, parece tão pura, que sinto estar pervertendo um anjo. Faz essa carinha de menina inocente para todos os seus clientes? Aposto que ficam loucos. Meu primo ficou, e quase te comeu...

Acerto um tapa em sua cara e aproveito que suas mãos relaxam para correr pela escada, em direção a porta dupla automática completamente desesperada. Ele vem atrás de mim, despreocupadamente. Entro, e quando as portas se fecham, pressiono a alavanca para travá-las.

Avisto uma saída e corro para alcançá-la, ele está rindo e me seguindo muito devagar, por quê? Só consigo entender ao olhar para frente e perceber que estou encurralada em plena a uma área especular. E fico boquiaberta ao ver a areia fina caliginosa abaixo dos meus pés numa altura colossal, como estar no *SkyDeck* da *Sears Tower*, no estilo praiano.

Decidida a não permitir que me toque outra vez, me aproximo da vidraça aberta na balaustrada em passos leves. Lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto, mas eu tenho que colocar um fim nisso, e se o único jeito é me jogar daqui de cima, farei isso. Coloco os pés na grade e passo a primeira perna para o outro lado. A brisa fria faz o meu cabelo esvoaçar, queimando a minha pele. Tento passar a outra, mas me desequilibro. Apoio uma das mãos trêmulas no vidro avante e faço o processo de inspiração repetidas vezes, para

trazer de volta o ar aos meus pulmões. Sinto como se estivesse no topo de uma colina, à beira do precipício.

— Não faça isso! — Ele pede aproximando-se com a voz baixa, cauteloso.

— Não se aproxime, ou eu juro que me jogo daqui. — Ameaço. — Não vou suportar ser mais uma vez humilhada por você, prefiro morrer.

— Você não quer fazer isso, vem, eu puxo você de volta. — Oferece com a mão estendida para mim.

— Não! Fique onde está ou vou me soltar. Eu falo sério. — Sibilo.

— Não acredito em você.

— E por que não? Você não me conhece. Eu vou pular!

— Se quisesse mesmo já teria feito e não estaríamos aqui conversando.

— É porque você está me distraindo...

— Se eu fosse você não faria isso, porque além de morta, será devorada pelos tubarões.

— Er... muitos tubarões? — Indago vacilando.

— Essa ilha é cheia deles. — Responde de braços cruzados ao notar que estou protelando.

— Então, eu prefiro ser devorada por eles, do que por você. — Alfineto para não dar o gostinho.

— Não é o que parece... porque você ainda está aqui. — Ele me quebra na resposta com aquele maldito sorriso torto. — E quer saber? Estou perdendo a paciência. Volta para cá, ou...

— Pra que? Pra me violentar de novo? Me machucar mais do que já

machuca? Não mesmo. E quer saber? Você é um desgraçado, Yan Hunter!

— Cuidado com o que fala, garota, você sabe muito bem porque está aqui, e tira essa ideia maluca de pular da cabeça, porque não quero ter que me explicar para a mídia, nem para as autoridades, vamos, sai daí...

— Você está preocupado com o que a mídia vai dizer, e de ser preso porque uma garota caiu da sua sacada? Ah, claro, o CEO mais importante do mundo tecnológico não pode ser visto com maus olhos, mas é isso que você merece, seu idiota... o remorso! — Balanço freneticamente meu corpo para frente e para trás. — Mas se vou ser devorada pelos tubarões não terá vestígios meus pra encontrarem. Não se preocupa. Estou facilitando tudo pra você e pra mim.

Extremamente furioso, me puxa de volta pela cintura de forma brusca. Com o movimento caímos no piso frígido. Caio por cima dele, como naquela noite no clube. Estou chorando de raiva por ter salvo a minha vida, sendo que eu não queria. Esmuro-o enquanto nos levantamos, e ele apenas me abraça, fazendo-me desabar em contato com o seu peito.

— Acabou? — Ele confere meu estado, levantando-me junto dele. Então, aperta um dos botões próximo a porta e todas as vidraças se abrem em conjunto, fazendo a brisa congelar minhas têmporas e o meu cabelo volta a voar.

— O que está fazendo? — Abraço o meu corpo em concha para protegê-lo do vento cortante.

— Saiba que estamos em um elevador panorâmico, mas funciona como sacada também. Incrível, não? Olha que vista maravilhosa, Libelle! — Encoraja-me. No entanto, estou de olhos cerrados, e me nego a olhar.

Aproveitando-se, ele me carrega nos braços, me senta na balaustrada, e

começa a tirar a minha camisola, seguida da minha calcinha num movimento vertiginoso. Com a íris revestida de desejo, atira a peça longe, que voa em junção a brisa, e escorrega a mão pela minha coxa, fazendo o meu corpo grudar ao dele.

— Ah, Libelle, adoro a sua cara de assustada, isso me excita muito... — Coloca as mãos em meu peito sentindo as batidas aceleradas.

— Seu coraçãozinho está disparado. Estamos vivenciando uma aventura e tanto essa noite, não acha? Poderia ter sido possuída em sua cama real, mas eu acho que é do perigo que você gosta, não é? — Afaga meus seios enquanto fala. — Não há mais nada que possa fazer, renda-se, e prometo que serei rápido.

A brisa fresca é um choque térmico com a minha pele ardente em chamas, e ele inclina minha cabeça para baixo, possibilitando-me ver as estrelas.

— Não me solta! — Choramingo.

— Ué, está com medo agora? Não queria pular daqui, corajosa? — Me provoca introduzindo dois dedos na minha vagina, e... — Nossa, Belly, você está excitada, vê? O medo anda de mãos dadas com a excitação, baby. Por que resiste tanto?

— Porque você me odeia, e não é gentil.

— Não vou machucar você, está segura comigo.

— Como posso estar segura, se você quer me fazer mal?

Ele não responde, apenas tira a sua roupa, me deita no mármore gelado e se aconchega junto a mim, unindo nossos corpos nus, o que só faz com que meu pavor aumente ainda mais.

— Fica calma e vamos brincar um pouquinho aqui em cima. — Propõe carinhoso, retirando minhas lágrimas com a ponta dos dedos, em seguida beija os nozinhos de cada um deles, envolvendo-me.

Olho de relance para baixo e fecho os olhos. Minhas bochechas estão ardendo, e o meu coração está batendo descompassado. Ele é a armadura de gelo derretendo-se em minha pele quente. Estamos no alto, sem barreira de proteção e a atração que o perigo me causa é tão intensa que me deixa alarmada.

Sinto-o completamente por todo meu corpo, acalmando-me com beijos e sussurros gentis, e eu me rendo elevando os braços acima da cabeça. Ele acaricia-me dos pulsos até as costelas massageando-me, acolhendo o soluço que escapa da minha garganta com um beijo.

— Você está muito apreensiva meu amor, relaxa... — Como posso relaxar se estou nua e totalmente impotente nas mãos dele a 15 metros de altura, prestes a ser possuída com a praia de testemunha?

Ele beija minhas bochechas e me estimula com palavras excitantes. Estou a ponto de ter um orgasmo cerebral. Seu magnetismo, sua força, o jeito intenso de me desejar, me atraem irremediavelmente. Esse lugar é uma conspiração para que ele possa obter tudo de mim. Fico imóvel, deixo-o fazer o que quer comigo, e ele utiliza suas mãos, sua voz rouca para me enfeitiçar, seduzir, submetendo-me as suas vontades, imorais e egoístas, com um sortilégio de paixão. Estou queimando viva, mal consigo respirar, inflamada pela adrenalina e o desejo perigoso.

Estou rendida, e ele gosta de ser o causador da minha reação. Está com meu rosto entre suas mãos, completamente hipnotizado.

— São como chocolate quente... — Comenta sobre a cor dos meus olhos. Eu temo ser violentada novamente. Minha angústia é real, profunda.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Estou mais aterrorizada, do que se acreditasse que ele me mataria.

— Não vou fazer o que está pensando, Libelle...

— Então vamos sair daqui, me leva de volta pro quarto. Aqui é muito alto, vamos cair, estou morrendo de medo.

— Terá que confiar em mim, apenas sintá-o. — Esfrega lentamente seu pênis em minha vagina fazendo-me desfalecer em seus braços, ampliando a sensação nas alturas, enquanto meu pé direito balança no ar.

— Ah menina! Você me sobe à cabeça mais rápido que qualquer bebida. É muito apetitosa, eu adoro te comer inteirinha. — Sussurra numa frequência correta em meu ouvido.

— Yan... — Gemo, toda entregue, permitindo que ele esfregue sua ereção entre minhas pernas, intercalando beijos molhados em meus seios, e eu me deleito ao brilho da lua.

— Você quer gozar como aprendeu na minha cama? — Mordisca meus lábios, seduzindo-me, com seu timbre ardente, e os dedos apertando meu pescoço ameaçando me tirar o fôlego.

— Quero. — Digo ansiosa pela pequena morte.

— Então, por que não goza pra mim, bem gostoso?

— Porque você não me deu... permissão.

— Ah, Libelle, Libelle... você aprendeu direitinho. — Diz alienado para entrar em mim com seu pênis duro, apertando-me com suas mãos fortes. Estou desesperada para ser dele. Não queria me sentir assim, mas meu cérebro é bloqueado pela sua boca que percorre minha pele deixando-me em brasas. Se eu caísse e morresse agora, morreria sentindo muito prazer. Ciente disso, me deleito, oferecendo meu pescoço, capturada pelos beijos e mordidas

que me fazem arrepiar.

— Goza para mim doce criança, estou louco para ver. — É o estímulo que faltava, estou tão excitada que não aguento tê-lo duro roçando a minha vagina molhada. Esse homem diabolicamente divino me consome, e rapidamente meu corpo é possuído sem negligência, e grito sentindo-o me rasgar aprisionada em seus braços. Nossos sussurros reverberam pelo oceano. Ele goza também, entrando e derramando todo o seu líquido quente dentro de mim.

Furiosa, por ele ter me usado para concretizar seu plano absurdo, cravo as unhas em suas costas, afundando ao máximo, do ombro até em baixo. Ao senti-las perfurando sua pele, ele me penetra completamente, e eu grito de dor, ao senti-lo agora todo dentro de mim, e gozamos juntos outra vez, num prazer assassino.

Estamos tomados pelo instinto selvagem, agarrados um no outro. Cravo mais a fundo as minhas unhas nele, conforme milhares de partículas cortantes atravessam nossas células, cheios de espasmos de prazer, nos levando a perder o equilíbrio, escorregando para fora da balaustrada.

— Prenda a respiração. — Ele grita, seguido do meu grito ansiado, apertando com firmeza as minhas costas, e então caímos abruptamente.

Ao entrarmos em contato com a água, a temperatura é um choque considerável em nossos corpos. Seus lábios continuam nos meus, enquanto mergulhamos mais a fundo. Ele ainda está dentro de mim, e minhas pernas presas em seu quadril em borboletinha, e não consigo pensar em nada além de gozar por segundos descontrolados num prazer ilícito. Permanecemos conectados, à medida que vamos liberando nossos gemidos em bolhas, que organicamente, se perdem entre as outras.

Abro os olhos e numa espécie de delírio, com os polegares em meu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

rosto, ele me acalma: Confie em mim. Faço a leitura labial, entendendo-o perfeitamente, após isso, tranco a respiração enquanto acaricia minhas coxas e beija meu ombro esquerdo, fazendo o mesmo com o direito. Encho meus pulmões, dividindo o mesmo ar com ele, correspondendo-o. Agarrada em seu corpo, espero pelo ataque de pânico, mas meu medo se dissipa. Quando emergimos, por fim, estou me sentindo segura em seus braços, como jamais pensei que estaria.

Já na superfície, continuamos nos entregando ao beijo molhado. Ele está encarando-me fascinado. *Meu Deus! Foi perfeito!* Penso, ainda envolta as sensações, porém, logo lembro que estamos em perigo...

— Yan, os tubarões, temos que sair daqui! Rápido! — Alerto, agora realmente com medo e agitada.

— Libelle, calma, calma. Amplie a sua visão, pequena. — Diz tentando me tranquilizar.

Faço exatamente isso só então que me dou conta que estamos em uma enorme piscina com bordas infinitas, interligada ao mar, dando a impressão que é uma coisa só ao ver de relance. FILHO DA....

— Seu idiota! Por que não me contou que aqui embaixo tinha uma piscina? — Explodo descontrolada ao ver a borda infinita, e outra área grandiosa após a escada. Quero me desgrudar dele e ir até lá, mas não o faço e ele sabe o porquê.

— Belly... — Murmura deliciando-se com a posição. — Não caímos a 15 metros, apenas um patamar, você viu sim o mar lá de cima, mas esqueceu que o *Flyer* possui ilusão de ótica tecnológica? Essa incrível piscina e o mar fazem parte disso. Achou mesmo que eu seria tão imprudente de transar nas alturas com você sem uma apólice de seguro? Gosto do perigo, mas precaução é tudo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu quero que você, a sua maldita ilusão de ótica, e a sua tecnologia vão para a treva! — Esmurro seu peito, entrelaçada em sua cintura. — Eu estava com medo e você se jogou comigo lá de cima de propósito, confessa, imbecil!

— Não, não. Foi um acidente parcial. Com nossos corpos suados, a balastrada ficou escorregadia, você me atacou como uma selvagem e aqui estamos. Está vendo só? Metade da culpa é sua, mas não se preocupe, sei que estava muito alienada compartilhando um prazer indescritível em meus braços para se dar conta disso.

— Agora a culpa é minha?

— Eu sabia que as chances de cairmos aqui eram grandes, devido ao seu gênio indomável, mas confesso que fiquei surpreso, nunca vou me esquecer o momento que você esticou os braços para cima, se rendendo literalmente a mim... e caímos no ápice de um orgasmo, Libelle. Os franceses chamam isso de: *La Petit Mort*, ou seja, *pequena morte*. Acho genial como eles conseguem descrever um turbilhão de sensações em três palavrinhas. Foi o orgasmo mais excitante que já tive, e compartilhei com você.

— Você não tem limites, viu o desastre que foi quando cai na sua piscina em *Los Angeles*, e ainda teve coragem de...

— Por isso mesmo. Estou te ajudando a perder essa sua fobia. Temos uma química perfeita na água, não acha? Agora vamos sair daqui. — Diz desconectando-se do meu corpo. — Não quero te ver doente. — Ele me coloca na escada, e eu subo rapidamente, enquanto acrescenta, subindo atrás de mim.

— Vamos tomar um banho, vem comigo. — Puxa a minha mão, me levando para dentro. Furiosa, ameaço dar-lhe um soco com a outra, e ele ergue as mãos em falsa redenção.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Calma. Espera aí, Libelle, eu só estava te testando. Está nervosa porque caímos de uma sacada? Foi só um susto, Belly, eu disse que estava segura comigo. Fui gentil, não era a minha intenção estar dentro de você, mas me atacou com suas unhas de gata e não tive escolha.

— Teve sim, mas me manipulou, me seduziu, porque era isso que você queria, seu estúpido. E agora? Se eu engravidar? O que vai fazer comigo?

— Não precisamos pensar nisso agora, love.

— Quer saber? Sai da minha frente! — Empurro-o de volta àquela projeção de piscina do diabo, arquitetada apenas pra ludibriar as pessoas. Pego um dos roupões pendurados na esteira e adentro entre uma das portas.

O ambiente é aconchegante, com uma sala de TV, cozinha, e mesa de jantar com dois lugares. Mais adiante, vejo uma porta a minha esquerda, acredito ser o banheiro, mas é um quarto. Dou meia volta, e ele está atrás de mim, em seu roupão, me causando arrepios. Por que esse desgraçado tem que ser tão bonito?

— O banheiro fica ali. — Aponta para a porta na parede horizontal de frente a enorme cama.

Passo por ele batendo o pé de ódio, entro, e ligo o chuveiro. Meu corpo está acometido de adrenalina, não consigo parar de tremer, perante todos os acontecimentos da noite.

— Meu anjo? Belly? — Bate na porta, mas finjo não ouvir. Não satisfeito, se aproxima e levo um susto com a sua sombra no box. Que atrevido! — Vê se relaxa, já separei uma roupa para você. — Avisa, passando a mão no vidro embaçado.

Não respondo, apenas abraço-me na água corrente e quente, tentando manter a estabilidade. Se algum dia, alguém me dissesse que tudo isso

aconteceria comigo, eu diria, *você é maluco, procure um centro de recuperação, antes que comece a espumar pela boca e rasgar dinheiro*. Lembro que ele me disse, que só faz por horas, que significa que não vai me deixar dormir tão cedo.

Angustiada, retiro uma toalha branca da gaveta, e após me secar, enrolo-me nela. Assim que saio, ele ainda está na porta de prontidão, e me puxa para o seu peito, conduzindo-me até a beira da cama.

— Calma, Libelle, está tudo bem. Coloca isso. — Passa uma camisa dele que separou para mim, o tecido é leve, superconfortável.

— Nem pense que vou dormir com você. — Aviso, vestindo-me.

— Não se preocupe, seu sono será tranquilo essa noite, pequena. Pode deitar desse lado da cama, não te farei mal algum.

— Não confio em você, não quero ficar perto, entende? Vou voltar pro meu quarto.

— Já está tarde, você fica, não quero mais falar disso. Se não quer contato comigo, pegue o edredom, seu travesseiro e durma no chão, na sala, onde você quiser.

— Você não é nada cavalheiro! — Comento incrédula de raiva.

— É a sua escolha, Libelle... E fique à vontade, e se me der licença, eu preciso ir até a cozinha. Quer alguma coisa para comer?

— Não quero nada. — Cruzo os braços repelindo-o.

Em rendição, dá uma piscadela, e sai, deixando-me finalmente sozinha. Não quero dormir com ele, e vou direto ao meu improvisado. Coloco cobertores e dois edredons dobrados no chão, e deito-me de bruços com os cabelos espalhados sobre o travesseiro. É difícil conter as lágrimas que banham a

fronha limpinha. Sinto uma pontada no peito e me permito chorar copiosamente até pegar no sono.

— Que droga! — Acordo com ele resmungando, e me erguendo nos braços. Estou tão sonolenta que deixo-o me transferir para cama, e se deitar comigo sobre ela, retirando os resquícios das lágrimas com as costas das mãos. Agora ele é cuidadoso, e se embriaga com meu cheiro, assim como fico sentindo o dele mergulhando num sono profundo e incerto.



Acordo em meu quarto real, pensativa, enquanto reparo na aliança sofisticada moldada a ouro branco, com diamantes cravados em fileiras que Steven me deu, que causaria euforia em qualquer mulher, mas o que eu sinto quando seu brilho reluz é pânico, me lembrando que sou uma propriedade de Yan Hunter. Dou um beijo sincero no anel com uma pontada de dor intensa em meu peito, desatinando a chorar, ao relembrar os momentos com ele...

Entre os lençóis, me reviro atormentada pela lembrança da voz de Steven, suave dizendo que me ama, enquanto me esforço a esquecer as mãos fortes de Yan acariciando o meu corpo, abrindo-me as pernas, posicionando-me na balaustrada para o próximo round de prazer.

É óbvio que aquele arrogante me trouxe para cá enquanto eu dormia.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Olho para o relógio ao lado marcando exatamente 11:00 horas da manhã. Levanto-me, e vou ao banheiro tomar um banho. Logo que olho no espelho, o mesmo reproduz a imagem de uma modelo eletrônica sugerindo dicas de beleza, penteado e maquiagem. Imediatamente me lembro de Aria, ela surtaria com essa tecnologia.

Os últimos raios solares anunciam o crepúsculo vespertino. Reparo no sol no horizonte, enquanto visto um macacão jeans curto, com uma Lezzie branca por baixo, e finalizo dando uma bagunçada no meu cabelo.

Desço cabisbaixa para tomar meu café, e Drica se preocupa por eu estar remexendo o meu milk-shake de chocolate sem parar com o canudo.

— Está tudo bem, menina?

— Na realidade eu estou bem triste.

— É porque o senhor Yan a deixa trancada aqui o dia todo, não é?

— Esse é um dos motivos. — Respondo evasiva, pois sei que estou proibida de entrar em detalhes.

— Olha, se gosta de ler, você vai adorar a biblioteca que tem aqui, posso te levar até lá se quiser, que tal?

— Biblioteca? Gosto sim, Drica.

— Então vem comigo. — Ela me chama atiçando minha curiosidade.

Meu coração gela ao passar pela porta que transporta para o labirinto da tortura. Estremeço só de lembrar as suas palavras naquele lugar enfeitiçado: *Você virá para cá comigo e se submeterá a todas as perversões que eu quiser.* A ordem ressoa em meu cérebro fazendo meu corpo todo estrugir. Fizemos sexo a 15 metros de altura, e caímos numa piscina ótica.

Nunca pensei que inteligência também despertasse tesão.

— Está com a cabecinha longe daqui. O que está pensando?

— Em nada, Drica.

— Não gosto de ser intrometida, mas percebi que ficou assim ao olhar essa porta. Como sou a governanta, é claro que cuido de todos os ambientes da casa, portanto se já conheceu o Flyer, pode compartilhar comigo. — Sinalizo balançando a cabeça. — Eu amo a inteligência desse homem, mas as vezes me assusta. Como a piscina de baixo da balaustrada, sem contar aquela coisa estranha no teto, sustentada pelas orlas de metais, cruz credo. — Faz o nome do pai. — Aquilo me causa arrepios.

— A Cage Dorée?

— Vai me desculpar, mas se o senhor Yan não te apresentou, eu não devo me meter, minha boca é um túmulo.

— Drica, me diz uma coisa, o que ele falava com você sobre mim enquanto eu estava ausente? — Desconverso. Para ela com certeza estive em uma clínica psiquiátrica, e só saí porque acha que Yan conseguiu uma autorização, e acredita que não estou 100% curada. Preciso saber o que esse cretino falou sobre mim pelas minhas costas.

— Muito pouco, senhora, ele não é de falar da sua vida particular, apenas disse que a sua noiva voltaria do Radley e pediu à mim e ao Antônio que ficássemos atentos a qualquer recaída.

— E ele já levou outras mulheres ao Flyer enquanto estive internada?
— Pergunto sustentando a mentira.

— Claro que não, ele é um homem fiel e o Flyer inaugurou faz um ano, acho que foi esse o tempo que ficou na clínica. Ele tem muito amor por essa nova invenção, é a segunda no mundo inteiro.

— Mas aqui na ilha ele já trouxe muitas mulheres?

— Essa ilha é um santuário pro senhor Yan, nunca trouxe mulher aqui, aliás ele nunca teve namorada... claro, ele saía com mulheres mas sem compromisso com nenhuma.

— Então, eu tenho sorte. — Digo com sarcasmo.

— Agora entendo muita coisa. Se a levou lá é porque queria lhe fazer uma surpresa com um espaço para que pratique o seu pole dance, aquela barra dourada é um arraso, que homem nos dias de hoje satisfaz a mulher? — Revira os olhos em insatisfação.

— Eu vi essa barra dourada. É incrível, maravilhosa. Eu nunca havia visto uma assim, tão linda e brilhante, mas eu recusei, não quis dançar pra ele.

— Mas por que? Ele é seu marido. Quando vi a barra pela primeira vez, perguntei pra ele, você tinha que ver como os olhos dele brilhavam ao falar que era sua, e o quanto você era talentosa e dançava bem. Era orgulho puro, era sim. — Arfa sonhadora.

— Não parece ter orgulho. Ele acha que é dança de puta.

— O que é isso menina? Que feio falar assim, esse nome não deveria estar na boca de uma mocinha tão bem criada como você, que creio que foi.

Não fazia parte do meu vocabulário, até ser sequestrada por ele, e escutá-lo me chamar assim a todo momento. Porque nem quando tirou minha virgindade parou de acreditar no que ele criou de mim na mente dele. Pensar nisso enche meu peito de dor...

— Por que está chorando?

— Por que estar aqui na ilha me deixa emotiva. Todo lugar que olho

me deixa triste. Eu não deveria estar aqui, eu não sou o que ele quer Drica. — Me expresso sem contar a verdade, porque não posso e nem ela acreditaria.

— Não fica assim. Para você ter uma ideia, estou esperando o Antônio se declarar para mim a muito tempo, e nem isso faz. Já você tem um marido que te ama, que se preocupa com você, com sua saúde, te dá tudo e fica triste? — Diz com a mão em meu ombro. — Por outro lado te entendo, porque não pode sair, te mantém presa, por causa do seu transtorno mental e o odeia por isso, porém é para o seu bem, querida, mostre-se disposta a mudar, quem sabe as coisas não melhoram?

— Tem razão, vou me esforçar... — Ela nem imagina para quem trabalha, mas não posso colocar o trabalho dela em risco por minha causa. — ah, quanto ao Antônio, posso te ajudar qualquer dia, nada que um bom plano e uma make não resolva. Eu era uma ótima cúpida na época da escola. — Seus olhos brilham com as minhas palavras, é fofo de ver a sua empolgação.

— Obrigada querida. Eu gostei muito de você viu. Quero que me veja como uma amiga. — Sorri amistosa.

— Ele foi trabalhar? É que ontem ele disse que iria... — Nem preciso terminar a frase, é como se já soubesse o que estou perguntando.

— Foi atrás de tentar tirar seu vídeo daquele site de vídeos famosos.

— Youtube.

— Esse mesmo. Nossa, tinha que ver ele no telefone, estava virado no bicho.

— Será que ele vai conseguir?

— Não vai ser fácil. Mas o patrão tem muito dinheiro, não há nada que ele não consiga. Mas não precisa ficar envergonhada, não vi nada demais na forma como dançou. Claro, é muito sensual e íntimo. Deveria guardar essa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dança apenas para ele que é seu marido.

— Todos vocês assistiram então.

— Sim. Daniel nos contou que viu o vídeo da senhora dançando no programa do Faustão. Ele gostou tanto que não para de ver no Youtube, e eu já falei para ele: Não fica vendo a mulher do patrão dançando quase desnuda, pois se te pega... ai ai, nem quero imaginar. — De súbito bate a mão na testa me pedindo desculpa. — Ai, me perdoa pelo o que eu disse, é que...

— Tudo bem, Drica, sei como estou no vídeo, não precisa se desculpar, e Daniel pode continuar vendo se quiser, afinal está na maior rede mundial, qualquer um tem acesso, meu marido não pode fazer nada... e foi uma amiga minha que postou sem eu saber. — Fofoco. — Eu até briguei com ela quando soube, porque não concordei, mas agora, até que estou curtindo a ideia.

— Você tem é que agradecer essa sua amiga, porque graças a ela está famosa, quero te ver no programa, então se comporte essa semana, para que possa estar lá, com certeza o senhor Yan deve estar muito orgulhoso... — Solto um meio sorriso para ela que sorri de volta.

Ai Drica, se eu pudesse te contar, eu preciso de uma amiga nessa casa, Aria está a quilômetros de distância e só posso falar com ela sendo vigiada. Saco! Não aguento mais ficar sozinha e não ter ninguém para contar os meus problemas.

— Tudo aqui é ativado assim, Drica? — Vejo-a colocar a senha no painel.

— Não tudo. As portas do primeiro andar por exemplo são por comando auditivo. Todos nós temos a voz gravada para serem reconhecidas. O resto é por senha, até a *Light House* onde fico, aliás, se quiser trancar o seu quarto é só apertar o número 1, digitar a senha que deseja, depois enter e

pronto, está registrada para usar quando quiser... não que eu seja curiosa, mas tenho curiosidade de saber uma coisa. Por que dormem em quartos separados?

— Tem coisas que é melhor não saber, para o bem de nós duas, mas eu não me incomodo com isso, acho bem melhor assim. — Rebato.

— Agora vamos, quero ver um sorriso de verdade quando eu abrir essa porta.

É a biblioteca mais linda que já vi. Avanço para conferir e fico impressionada com a imensidão de livros. Entre vários enfileirados, há um em evidência. Puxo-o, e leio o título: *Lolita* de *Vladimir Nabokov*.

— Não parece ser uma obra que se enquadre ao estilo dele. — Comento devolvendo-o no lugar mas o que me chama a atenção mesmo é outra coisa, no epicentro, e só de olhar sinto meu coração pulsando, ritmicamente.

— Esse homem sofreu tanto. Gostava desse lugar e nunca mais entrou aqui. Era triste de ver, por tantos anos chorava pela casa, disfarçava, mas meus olhos são melhores que binóculo.

Yan chorando? Por quê? E por quem? Seus sentimentos são tão frios que me nego a acreditar que possa amar ou ter amado alguém.

— O que aconteceu que deixou ele assim?

— Desculpa, mas não posso me meter nos assuntos pessoais do senhor Yan. Eu e essa minha boca grande. Eu vou me retirar, se precisar de algo, é só chamar.

— Drica, muito obrigada. Ficar aqui será uma distração e tanto. Será que pode deixar a porta aberta?

— Claro que sim, querida.

Então a porta do meu quarto pode ter senha? Muito bom saber disso.



YAN

Estou num interurbano com Chad Hurley, presidente executivo do YouTube, e o infeliz tem o disparate de me dizer que não pode remover o video de Isabelly, porque é um dos mais acessados do site na categoria pole dance. Insisto, ofereço dinheiro, mesmo assim ele diz que precisa falar com seus sócios e aquele blá blá blá todo de que o video já se espalhou, e que está fora do meu controle. Mas que droga é essa que esse cara está falando? Nada pode fugir do meu controle. Exausto, sem mais paciência, encerro a ligação.

Ao desligar o motor, ouço uma melodia cadenciada que vem do lado de fora. Desço e peço para Antônio guardar o *Lamborghini*, dando dispensa após o serviço, à medida que a música continua me deixando inquieto.

Para ter certeza do que estou ouvindo, entro em casa e o som fica mais alto do que antes, ecoando por todas as arandelas espalhadas no canto externo das paredes.

Sei exatamente de onde estão vindo as notas melancólicas e suaves. Peço à Felipe que leve o que pedi para cima, e quando chego a biblioteca, Daniel está na porta em sua posição, mas peço para que se retire. Fico em seu lugar, não acreditando no que vejo e embevecido, encosto-me no batente para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

continuar prestigiando. Isabelly está linda de macacão jeans, sentada no banco enquanto seus pés estão nus sob os pedais. Uma verdadeira Juliana D'Agostini.

Seus dedos pressionam as teclas com tanta delicadeza que enrubesço. Permaneço em silêncio. Não quero que pare. Ela está tão desolada e concentrada dentro da sua bolha que nem se quer nota a minha presença. A melodia é triste e pungente, isso me faz querer envolvê-la em meus braços, porque está sofrendo e a culpa é minha, sei disso. Eu não deveria me sentir assim, muito menos culpado, mas ela me atrai como uma mariposa à luz, é difícil evitar.

Com cautela, vou me aproximando de mansinho, observando o seu rosto angelical, que atua em meu cérebro como anfetamina, demonstrando a dor quase palpável, desmentindo todas as ameaças que já lhe provoqueei. Não sei exatamente o que essa garota tem. Mas está no jeito que ela me deseja, no jeito que olha para mim, em como me toca, e me desafia.

Ela está cantando baixinho em sopro enquanto toca. Extasiado, abaixo-me, colocando o queixo em seu ombro, roçando seus cabelos, para ouvi-la mais, abraçando-a. *Tale as Old as Time*, leio mentalmente o título da partitura sobre o atril e ela bruscamente para, facultando o instrumental que continua estrugindo no playback.

— Por que parou? — Indago, olhando-a de frente. — Desculpa, não queria te atrapalhar, mas não pude deixar de ouvir. Eu deveria ter ficado parado te olhando, mas não pude deixar de conferir de perto, toca perfeitamente, uma verdadeira Juliana D'Agostini. Desde quando você pratica?

— Desde os dez anos. — Diz seca, sem querer estender.

— Então você começou com dez anos? — Insisto querendo mais

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

detalhes.

— Sim... — Vira de costas para mim, escondendo o rosto, coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e cabisbaixa começa a contar parte da sua história.

— Quando a minha mãe morreu, meu pai me colocou no internato de freiras, o *Sacred Heart*, porque ele trabalhava muito e não tinha com quem me deixar, mas me visitava sempre que podia. Foi lá que aprendi, era como se as melodias estivessem dentro de mim, e quando eu colocava os dedos sobre as teclas, as notas certas fluíam, e foi graças a freirinha Luce que... — De repente para, vira para o lado, enxugando as lágrimas que escorrem. — Nem sei porque estou te contando tudo isso se você não se importa comigo.

Apesar da sua insensibilidade e frieza comigo que sei que mereço, posso ver através dos seus olhos, uma linda garotinha de cabelo castanho dourado com a mão estendida pedindo para sentar ao seu lado e acompanhá-la na melodia, mas proponho uma troca... me aproximo, dou *restart*, estendo a minha palma e ela se levanta vacilante, pegando-a, capturando-me com seus olhinhos acusadores que transpassam minha alma. Trago-a para os meus braços, embalo seu corpo suavemente, segurando suas mãos junto ao meu peito, e com um gesto labial peço para que seja *Celine Dion*. Ela apoia a cabeça no meu ombro acanhada, cobrindo o rosto com a mão.

— Eu não tenho voz de mulher, mas posso começar para que se sinta à vontade e você fará o *Peabo Bryson*, ok? — Sua resposta é silenciosa sem se desgrudar da minha camisa. E afasto seu cabelo, me aconchegando próximo ao seu ouvido.

— "*Conto tão antigo quanto o tempo, tão verdadeiro quanto pode ser.*"

Ela cai numa risada abafada ao me ouvir tentar imitar a voz da cantora e bate em meu peito para que eu pare. É tão bom vê-la sorrir outra vez como

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

a garota de dez anos que imagino na minha mente.

Antes da minha parte terminar, viro-me de costas, solto a sua mão, e caminho em direção a porta, deixando-a, quando...

— *"Apenas uma pequena mudança."*

Sua voz ecoa, olho para ela de relance que vem correndo e pula nas minhas costas como se voltasse a ser criança. Giro-a, trazendo-a de volta para mim, e minha vontade é de beijar a sua boca de menina, mas quero continuar ouvindo seu doce trinado de beija-flor que só ela tem e me encanta.

— *"Pequena, só para constar, ambos um pouco assustados. Nenhum dos dois preparados..."*

— *"A Bela e a Fera."* — Canto com ela.

ISABELLY

Seus olhos que não me conhecem penetram os meus profundamente. Ele solta minha mão esquerda, gira meu corpo e me traz de volta. Não consigo explicar o que acontece quando ele me segura possessivamente enquanto dançamos. Eu só sei que me acalma. Mesmo eu estando magoada, sentindo muita raiva pelo o que fez comigo, estou fragilizada com a conexão magnética perfeita dos nossos corpos.

Sem tirar os meus olhos do dele, trago a sua boca para perto da minha, e ele me pega em seus braços, me girando ao redor do piano. Estamos embriagados pela melodia contagiante, como uma taça de vinho que transborda, porque é inevitável. Depois recuamos e nos aproximamos da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

janela, onde a lua toca o mar com a sua luz. Não sei dizer o porquê dele me causar tantas sensações assim... Está no jeito que me deseja, em como olha para mim, em como me toca, e me desafia.

Nas notas finais, inclina meu corpo, apoiando-me em um braço, memorizando meu rosto. E ficamos assim, até que a música é substituída por um silêncio opressivo. Suas mãos estão tocando meu rosto, e abro os olhos, saindo do sonho perfeito.

— Daniel me disse que você não comeu nas últimas oito horas. — Comenta, trazendo-nos de volta a realidade.

— Precisa desculpar o meu estômago por não funcionar de acordo com a sua vontade. — Respondo sem graça pelo momento que compartilhamos.

— Não quero que fique trancada, triste, e você tem que se alimentar.

— Foi você que quis assim, só estou agindo de acordo.

— Só não quero te ver exposta para o resto do mundo, é diferente, e para mim você tem que estar sempre disponível, bem apresentável... aliás, Drica está preparando um jantar maravilhoso para nós dois, quero que vista uma roupa apropriada porque essa está bem inadequada. Não parece minha esposa, e sim uma menina com sonhos bobinhos e surreais.

Baixo a cabeça sentindo meu coração apertado. Ele tem toda razão. Eu sou mesmo ingênua e bobinha que acredita nos sonhos. E foi por isso que vim pra cá, pra sonhar um pouco, ler, tocar e fugir da realidade que me acerca. Pra fugir do vilão.

— O que foi? Sente falta de ser amada? Falta de carinho? — Indaga, como um psicólogo em sua análise. — Vou te explicar, baby. O amor nos dias de hoje é somente uma palavra bonita banalizado nas redes sociais.

— Não. O amor é lindo. É tudo que alguém pode sonhar, pode querer.

É realmente uma pena, que o amor nos dias de hoje foi esquecido por pessoas como você, que não sabe como amar.

Com o meu peito transbordando de dor, dou-lhe as costas e apresso meus passos pelo corredor indo de volta ao meu quarto. A última coisa que quero, é chorar na frente dele.



Drica me chama para jantar com ele umas 5 vezes alegando que está servido, mas eu estou disposta a levar meu plano adiante. Chega, eu não vou mais me submeter a ele, não sairei do quarto por nada. E agora que aprendi a senha, ele não conseguira me arrastar daqui. Ouço as vozes arrulhantes do lado de fora, Drica e Felipe presenciam a impaciência dele. Encosto o ouvido na porta e posso escutar seus passos ricocheteando no corredor.

— Precisa acalmar seus nervos senhor Yan, ela já vai descer. — Drica tenta tranquilizá-lo.

— Não, Drica, eu a conheço muito bem, ela não vai descer.

— Com o perdão da palavra, mas a coitadinha fica trancada o dia todo, cabisbaixa, tão triste dá até pena de ver, deve ser por isso que age assim, precisa dar uma chance à ela, confiar, para que mostre ao senhor que está disposta a mudar. — Ela parte em minha defesa.

— Está me dando um sermão, Drica?

— Claro que não, eu só quero ajudar e...

— Não fique contra mim.

— Perdão, senhor.

Grosso. Acha que todos tem que obedecer a ele.

— Vocês brigaram, patrão? — Pergunta Felipe.

— Sim, nós tivemos um desentendimento. — Diz ocultando a verdadeira e drástica razão pelo qual eu o desprezo.

— Olha, então só está chateada, quando ela sair, dê um sorriso, trate-a bem, essas coisas sempre funcionam com as mulh...

— Querem saber? Estou cansado de esperar. Vou abrir a porta e arrastá-la de dentro desse quarto agora.

— Já insisti, ela não quer sair, e a porta está trancada, ela colocou senha, patrão. — Daniel informa.

— Drica! — Ele grunhe, e sei o quanto ela está encrencada por minha culpa. — Não fique me olhando com o rabo entre as pernas. Foi você que a ensinou como trancar a porta, não é?

— Foi sim senhor. Ela estava triste, aí a levei para a biblioteca, como a porta tem senha como todos os cômodos da casa, me perguntou se tudo aqui funciona dessa forma, então expliquei, e não achei que teria problema. Não pensei que ela fosse trancar a si mesma pra se afastar do senhor, me desculpa.

— Desculpa? Tem noção do que fez? Por sua culpa agora não posso arrastá-la desse quarto como quero...

Ele está muito nervoso.

— Isabelly... vamos, saia, estou te esperando, sei que está ouvindo tudo. Então, já sabe como estou furioso, não teste minha paciência.

— Eu não estou com fome!

— Escuta aqui, Isabelly, se não sair daí, vou derrubar essa porta e te arrastarei até a mesa do jantar.

— Posso estar errado, mas essa não é a melhor maneira de tratar uma mulher... — Felipe comenta surpreendendo-me com sua audácia em confrontá-lo.

— Seja mais gentil, patrão. — Daniel sugere.

— Mas ela está sendo tão difícil. — Resmunga pela tentativa fracassada.

— Seja mais cavalheiro e ela vai ceder, controle sua raiva, senhor. — Drica aconselha.

Ele pragueja pisando duro no chão. E ouço-o outra vez...

— Quero que me acompanhe no jantar.

— Por favor... — Felipe pigarreia, tossindo.

— Por favor? — Repete.

Aff que dissimulado, idiota.

— Eu já disse que NÃO! — Meu grito é estridente. Quem sabe assim ele entende e desiste de vez.

— Estão vendo só? Não funcionou. — Comenta com os três.

— Senhor, se ela não quer sair, eu posso trazer o jantar aqui para ela.

— Nem pense nisso, Drica. Ela vai jantar comigo, ou simplesmente não vai comer nada! — Adverte como uma fera. — A culpa dela estar trancada é sua Drica, que deu as instruções à ela. E sua também seu mongoloide, porque não a vigiou devidamente. E você, Felipe não fez nada, porém, a única coisa que sabe fazer e se meter dando sugestões erradas. Ouçam, não me importa como, ela terá que sair. Esperarei lá em baixo, e vocês dão um jeito de fazê-la

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

descer.

Pronto. Colocou a culpa em todos os empregados da casa. Quando o único culpado por eu não querer sair é dele mesmo. Apesar que minha vontade é abrir essa porta e dizer umas verdades na cara dele.

Mas preciso me acalmar, para não tomar decisões estúpidas. Ando pelo quarto pra lá e pra cá, posses de raiva, enquanto escuto a voz dos empregados. Que insistentes!

— Senhora, abra, o senhor Yan não está mais aqui, confia em mim. — Drica pede com sua voz de proteção. Tenho muito carinho por ela, e não posso deixar de pelo menos atendê-la.

— O que você quer? — Digo digitando a senha *prisão* e a porta se abre.

— Meu Deus! Nem está pronta. Não pode jantar assim, você tem tantos vestidos lindos, vamos ver aqui...

Ela passa por mim indo diretamente ao meu guarda-roupa.

— Hm... Ah, esse não. Muito extravagante, parece de mulher da vida. — Ergue um vermelho cortinho no ar.

— Até você, Drica? — Exclamo indignada.

— Não quis ofender, mas porque até eu?

— Nada, esquece.

— Olha esse azul. É elegante, fino como de uma princesa. — Exalta expondo a peça. — Esse sim é apropriado.

— E quem decide o que é apropriado? — Tomo-o dela e jogo de volta ao guarda-roupa. — Se dissessem que o apropriado é se vestir com penas pretas e andar com uma melancia na cabeça você andaria?

— É claro que não, menina. Esse macacão jeans que está usando te deixa uma gracinha, mas acho melhor se trocar, e está descalça como uma moleca, se aparecer assim para jantar ele vai ficar ainda mais bravo, além do mais você disse que tentaria se esforçar para melhorar as coisas entre vocês.

— É que você não entende, Drica. E que fique bravo, estou pouco me lixando. — Cruzo os braços e dou meu veredito. — Não vou me trocar e muito menos jantar com ele. Pode avisar que fez sua parte e tentou me convencer. Que entre o próximo. — Empurro-a para fora.

— Senhora... — Felipe intervém parecendo o advogado do diabo. — Dê a ele a honra desse jantar, faz as pazes, nós homens cometemos erros, precisa perdoá-lo, pois será melhor para todos nós.

— Vocês não sabem, mas o que ele fez é imperdoável. — Revelo o efeito sem revelar o dano.

— E a senhora acabou com as costas dele, que eu vi, então, também tem culpa no cartório.

— Está defendendo ele, Drica?

— Ihhhh, não vem não, se eu digo que a senhora está certa me encrenco com o patrão, se digo que ele está certo me encrenco com a senhora.

— Se retirem por favor!

Dando-se por vencidos, Drica e Felipe me deixam sozinha, para que o Sr. Bigode entre e tente me convencer, já que ambos falharam na missão.

— Mas que zona que virou meu quarto hoje, hein? — Digo puxando-o para dentro e trancando a porta antes que Yan volte e aproveite a brecha.

— O senhor Hunter, quer que a senhora desça...

— Repito, estou sem fome. Mas se quer ajudar, traga uma garrafa

de whisky pra mim.

— Bebida alcoólica, é a regra número 3 no tópico de coisas que não deve fazer, senhora, portanto, não posso. — Estranhamente, checa um relógio enorme de pulso com design quadrado.

Ao notar minha cara confusa, ele esclarece erguendo o pulso.

— São ordens digitalizadas pelo seu marido.

— O quê? Ele fez um tópico digital do que devo ou não devo fazer? Quer saber? O senhor Hunter não ordena nada. — Faço gestos com as mãos mostrando minha indignação, e aponto o dedo no nariz dele. — E você seu bigodudo, está aqui para me servir, então terá que acatar as minhas ordens. — Bato no peito em decreto.

— Portanto, foda-se as exigências dele. — Passo as mãos no cabelo transtornada. — Preciso beber para me acalmar, então vai traga o que estou pedindo.

— Não posso fazer isso, senhora, é contra as regras, e estou sendo muito bem pago para exercer o meu trabalho, e o farei com eficiência.

— Você é todo eficiente, então? Espera um pouco. — Digo explodindo por dentro.

Voltando do banheiro, caminho como quem não quer nada em sua direção e aplico um pontapé frontal num movimento rotatório exato para desestabilizá-lo ao chão. Ele fica estático por ser pego de surpresa, eu aproveito, sento na sua barriga e arranco o seu bigode com o meu depilador elétrico.

— Isso é por ter me entregado ao meu marido ontem, e sem contar que esse bigode estava me irritando. — Jogo o tufo de cabelo preto no lixinho, enquanto estudo a cara impagável dele. — Ficou bem melhor assim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele levanta-se do meu ataque relâmpago, me olha com medo, passando a mão na ausência do bigode, e antes de deixá-lo sair, ergo o cantil que roubei do bolso do seu paletó.

— Como fez isso?

— Truques do ofício. Eu posso roubar a sua cueca sem retirar a sua calça, quer ver?

Ele dá um pulo para trás evitando-me, e presunçosamente, ameaço-o.

— Você não sabe o que uma mulher na TPM é capaz, então, se gosta dos seus pêlos é melhor não mencionar ao meu marido que te roubei ou da próxima vez vou te depilar todinho. Agora anda, vai, pode avisar à ele que vou descer em 10 minutos. — Digo destravando a porta, empurrando-o para fora.

Ele me olha com um olhar arregalado, e para amedrontá-lo ainda mais, ligo o depilador, fazendo-o correr mais rápido que o Flash dos Incríveis.

Com o whisky em mãos, dou um longo gole e parto para o jantar com o inimigo, escutando minhas versões conselheiras do bem e do mal.

BEL: *Hoje você está querendo, e vou avisando, você vai ter. Deveria ter permanecido trancada no seu quartinho com senha, volte para lá e estará protegida.*

LY: *Ih! Lá vem você encher o saco. Bel, você é muito chata, hein. Ainda bem que estou aqui para dar um UP e por fogo nesse romance. Se dependesse dos seus conselhos, essa história seria ZzZzZz. Não dê ouvidos a essa desauréolada, Bellyzinha. Bebe mesmo, encurta mais esse macacãozinho, chuta o pau da barraca, e mostra para ele que quando você levanta até o capeta diz: Corram, ela acordou.*

BEL: *Belo conselho você está dando, sua chifruda, está pervertendo a*
 ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

garota.

LY: *Ué? Não é essa minha função? Não pense que me ofendo com esse xingamento, eu tenho orgulho do meu chifre.*

BEL: *Isabelly, ainda dá tempo de ser uma menina boa, volte.*

LY: *Continue, essa ilha está precisando mesmo de uma chacoalhada, extravasa que eu quero ver.*

Paro no alto da escada, ignoro a anjinha irritante, e atendo ao pedido da minha capetinha. Puxo o shortinho mais para cima, deixo as alças caídas, e vou disposta a causar nesse jantar.

Ele está lá embaixo, vestido todo de preto, falando ao celular, de costas para mim. Não ouço nada da conversa e pouco me importa. Viro o gargalo e dou outro gole generoso. Eu nunca fui adepta a bebida, mas o efeito que o álcool causa em meu sistema nervoso é reconfortador.

— Então é isso que você acha? Que vou me apaixonar por essa pirralha e que o feitiço vai virar contra o feiticeiro? — Cai numa gargalhada amarga. — Não acredito que me ligou para falar isso, pra me incomodar. — Ele desliga e joga o celular no sofá me deixando curiosa sobre com quem ele estava falando. É obvio que se trata de mim.

Fuzilo-o com meu olhar vingativo e mentalmente praguejo: CAFACHORRO, CRETINO, TRAÍRA, mais traíra que download quando falha em 99%. Um dia eu pisarei em você com meu salto agulha, enquanto baba e implora por mim, amargurado, curtindo Adele, sozinho, nessa ilha.

Faltando dois degraus, tropeço nos meus próprios pés, caindo de quatro, e o cantil estatela no chão, parando diante dos sapatos dele. MERDA! Ele ainda de costas, olha para baixo, pega-o, coloca no bolso da calça e volta a sua posição enervante, porque não se vira logo? Será que está me dando a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

chance de correr? Sei que está furioso porque demorei para descer, agora mais ainda.

Arqueio as costas para me levantar, mas paraliso ao vê-lo finalmente se virar, e quando vejo o que está dobrado nas suas mãos, fico estática e empalideço. Ele estala o couro ponderadamente abaixo dos meus olhos.

Penso em abraçá-lo e suplicar por perdão, mas não quero dar esse gosto à ele, então permaneço no lugar, com as mãos no chão.

— Muito bem... Vamos acabar logo com isso. — Bate de leve a cinta na perna, e agarro o corrimão da escada, encolhendo-me bem no canto dela.

Ele me observa com os olhos apertados, decidindo o que fará a seguir, e resolve por fim, conversar em vez de agir, escondendo a cinta com cuidado atrás de si, antes de se agachar ao meu lado.

— Isabelly...

— Não vou permitir que bata em mim!

— Ah, não? — Ele ergue as sobrancelhas rindo. — Sinto muito em te dizer, mas, por mais que saiba o motivo, tem uma grande diferença em saber mentalmente e sentir bem lá no fundo. Vem cá! Não pode beber desse jeito, sua vulnerabilidade genética não suporta grande concentração de bebida. E você é uma Hunter agora, me pertence. Aceita de uma vez!

— Eu nunca vou aceitar, mas também não importa, desde que eu esquente a sua cama... isso é o que represento para você? Uma pirralha que sequestrou para enfiar o seu pau quando tiver vontade. Com quem falava de mim ao telefone?

Ele fica pálido como cera e me chacoalha violentamente.

— Isso não importa. Cala essa boca! Ou eu juro que...

— Vai me bater? Vai, me bate, seu covarde!

— Droga! — Exclama, descontando o couro em um dos degraus. — Eu sei a quem pertence o cantil, e não posso culpá-lo. — Ele solta uma risada como se lembrasse de algo engraçado que viu. Claro, que ele e Daniel se encontraram depois que depilei aquele bigode horroroso, que o deixou mais sexy devo admitir.

— O senhor mandou me chamar? — Daniel passa com a mão no rosto.

— O que aconteceu com o seu bigode?

Ele não responde, Drica e Felipe contém o riso.

— Foi minha esposa quem fez isso com você?

— Sim, patrão.

— Por que deixou?

— Não deixei, ela me golpeou feito ninja, e desculpa a franqueza, mas a sua mulher sabe se defender muito bem, não precisa dos meus serviços. — Adverte.

— Te contratei para vigiá-la, se isso está sendo difícil, te dou a sua remuneração e contratarei outro que não reclame.

— Desculpa, patrão, eu...

— Estão dispensados. Todos. Eu assumo daqui, podem se retirar.

— Mas patrão não é melhor deixar esse jantar pra outra noite, quando estiverem menos alterados? Ou vai acabar matando essa menina. — Drica exagera dramática.

— Mas é isso que eu quero...

— Matar ela (ele). — Falamos juntos fuzilando um ao outro

intensamente.

— Ai meu Deus! Estou vendo que essa noite será o preludio de um crime passionai. Tentem se acaihar... — Ela implora pra mim. — Menina, não provoca mais ele.

— Drica vai com os outros, agora, não desobedeça minha ordem. — Diz sem desviar a atenção de mim.

— Com licença, patrão. — Ela se retira e passa pela grande porta automática deixando-nos perigosamente a sós.

Ele balança a cabeça, mal acreditando na minha capacidade.

— Acho que está fazendo tudo isso de propósito para se vingar de mim pelo o que aconteceu no Flyer, mas saiba que perdeu o seu tempo... tudo isso é culpa sua. Se tivesse me escutado, não precisaríamos estar nessa situação agora, mas não, você não me ouve, age como bem entende... Não trocou de roupa como pedi e ainda por cima, está bêbada! — Seu sotaque inglês britânico torna-se cada vez mais forte, sinal de que está muito furioso.

— Não! Tudo isso é culpa sua! Admite... — Retruco. — Você me levou a força para aquele lugar, conseguiu o que queria. E sabe o que é pior? Senti prazer, mas não queria, porque foi sujo, porém não pude deter meu corpo porque ele é destinado a sentir, e você se aproveitou disso pra me degradar, como se eu fosse um buraco apenas para satisfazer o seu prazer, ainda por cima, me mandou dormir no chão! E quando lembro do que me obrigou a fazer aqui na sala, eu... depois acha que tudo se resolve com um jantar romântico? Isso é ridículo!

— Ridículo é esse papel de bêbada que está fazendo. E não vou permitir que continue, porque se uma vida estiver se desenvolvendo dentro de você, seria um risco, ficou maluca?

— Mas eu nem bebi, foi só um pouquinho assim... — Afirmo com os meus dedos em gesto. — quando Daniel me emprestou, já tava no finalzinho, e...

— Ainda confessa na cara dura? E sei que não foi um empréstimo.

Como que ele sabe? Aquele linguarudo está me desafiando, mas deixa estar, quero só vê a cara dele quando eu colocar o depilador na potência máxima.

— Você não para nunca, não é? Você é uma bomba, uma bomba *Yanclear*, criada para tentar me destruir e eu tenho permitido que fique me testando... até hoje! — Complementa.

Se eu já não conhecesse seu processo repetitivo, diria que ele está assim por minha causa. Maravilha! Acho que finalmente estamos chegando onde eu quero... tornar a vida dele um inferno pelo que fez comigo. E isso é só o começo.

— Isso acaba hoje! — Continua. — Eu vou dar um jeito em você que nunca irá esquecer! — Ele parece estar soando frio enquanto aponta a cinta negra em minha direção. É impressão minha, ou ele está trêmulo?

Ótima oportunidade para aproveitar sua vulnerabilidade. Escapo, saio correndo até a sala de jantar, e sento-me de frente para ele na mesa.

— Sabia que nunca fiz aqui em cima? — Provoco-o.

— Do que está falando? — Ele franze o cenho.

Não respondo, apenas fico em pé em cima da mesma, e disposta a confrontá-lo, desço as alças do meu macacão, abro violentamente os primeiros botões da blusinha fazendo-os voarem na cara dele. Ele me olha incrédulo, dá três passos em minha direção, me faz sentar e agarra os meus seios, sem se desfazer do couro em sua outra mão.

— Durante toda minha vida, eu achei que só faria sexo por amor, mas para que eu preciso de amor? — Sussurro, mordendo a sua orelha de forma bem molhada e prazerosa. — Sendo que tenho que me contentar em ser a esposa de um tecnólogo poderoso, o homem mais inviolável incapaz de ter algum tipo de sentimento. Devo agradecer todos os dias de joelhos, não é? Afinal, em meio a tantas mulheres, você me escolheu para satisfazer as suas necessidades de macho predominante, a número UM do seu "cardápio." — Faço aspas no ar. — A estrela do seu filme pornô... e não me jogou num beco escuro, me trouxe para essa ilha paradisíaca, então, tenho que te agradecer.

— Isabelly...

— O quê? Não é isso que você quer? Ah, sim, ainda falta eu me apaixonar por você... mas só uma dica, com essa cinta entre nós, não funcionará direito, então larga isso e faz o que sabe fazer de melhor, sei que está louco para me beijar.

Agarro suavemente a sua nuca, contorno cada parte dela com beijos molhados, enquanto vou descendo os meus dedos até o seu bolso dianteiro cheio, para recuperar o que me roubou, quem ele pensa que é? Vou tirando com muito cuidado e...

— Procurando por isso? — Ele pergunta, tirando-o de lá, esfregando na minha cara e guardando de volta. — Achou mesmo que me passaria a perna com esse truque de sexo e tentação? Está brincando comigo? — Estala o couro preto diante dos meus olhos em contato com a madeira para voltarmos à estaca zero.

Estico o braço a procura de algo para me defender, ele analisa curioso o meu próximo passo de defesa, rindo. Por fim, pego um dos pratos, e antes de arremessá-lo, me adverte.

— Vai mesmo fazer isso? Esqueceu como a sua mira foi boa com as
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

facas quando tentou me acertar? — Lembra-me, dando alguns passos para trás. — Vou até ficar parado, e bem na sua frente, nem vou desviar. — Coloca a cinta na poltrona debochando.

Isso é o que veremos, miro bem na cabeça dele e arremesso com tudo, mas ele pega no ar, jogo outro, o mesmo acontece, de raiva, pego o terceiro, com listras azuis e douradas, mas ele implora para eu não fazer isso.

— NÃO, Isabelly! — Adverte desesperadamente, o que demonstra que o prato parece ser importante. Levanto-me rapidamente e corro para o outro lado da sala, erguendo o mesmo no alto.

— Me dê isso, Isabelly!

— Não! — Lanço um olhar determinado à ele, que estão um tanto arregalados. Meu queixo está no alto, olhando-o de cima.

— Libelle... esse prato... — Apela tentando se aproximar para alcançá-lo. Grande idiota! — Me dê... AGORA!

— NEM MAIS UM PASSO! — Sacudo a porcelana no ar, insinuando que a qualquer momento irei moê-lo no chão.

Seus olhos negros estão fixos em mim e ameaçadores, mas eu estou no controle agora. Em um gesto descontrolado, o vejo pegar e lançar com toda a força a cinta contra a poltrona seguido de um rosnado de raiva.

— Faça isso e verá o que te acontece. — É engraçado a forma que ele pronuncia as próprias palavras, porque dão a insinuação de que parece estar tentando convencer a si mesmo do que diz.

— Ex-pe-ri-men-te! — As sílabas ecoam lentamente dos meus lábios a fora chegando aos seus ouvidos. É no momento exato em que inclino meu corpo e giro meu braço, impulsionando a sensível porcelana contra seus pés, que se espatifa, quebrando-se em partes contáveis, fazendo-o dançar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Observo sua reação. Seus dentes entram em um atrito anormal, causado pela fúria que eu acabo de desencadear. Ele vem derrubando tudo. Cegamente. Acertando fortemente todos os objetos e móveis que vê pela frente. Ao meu lado, estão duas luminárias, e ele vem ao encontro delas, chutando-as furiosamente, sem me dar tempo de esquivar quando se vira para mim, como se eu fosse um dos móveis a ser golpeado e destruído por ele. Seus olhos demonstram o quanto está descontrolado, suado e vermelho de raiva, as veias da testa estão dilatadas, e dos braços também, o que demonstra que seu sangue está correndo mais rápido. Milhões de vezes mais rápido. Engulo em seco olhando-o bem de perto enquanto caminho entre os cacos.

— Isabelly, se cortar os pés, pode ter certeza que vou te dar uma surra dobrada.

— Qual é? Olha ao seu redor, senhor Hunter! — Digo disposta a atormentar ainda mais sua mente. — Destruíu toda a sala por causa de uma porcelana! — Dou um breve sorriso de escárnio. — Nada disso valia tanto quanto aquele prato. Tudo nessa sala poderia ser destruído e quebrado, menos esse, não é?

Ele não se defende. Continua estagnado, em sua postura, ameaçador e enigmático.

— Você golpearia tudo nessa sala, menos ele. Acho que era muito valioso, e pertencia a alguém especial pra você... — Suponho me aproximando. — Alguém que mora aqui! — Coloco a mão sob a parte esquerda do seu peito, mas ele instintivamente recusa tal insinuação tirando-a bruscamente e me apertando tão forte que chega doer.

— Vou ser punida pelo estrago que fiz com o seu prato de porcelana francês? — Pergunto tentando não demonstrar o medo.

— Rosenthal, porcelana alemã. — Ele me corrige.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Tanto faz.

— Vou falar somente uma vez. O jantar está encerrado, suba para o seu quarto e fique longe bem longe de mim.

Assim que ele fala, subo correndo pelas escadas direto para o meu quarto, deixo a porta aberta porque sei que hoje conseguirei escapar dele usando as instruções que Drica me deu. Através delas eu mudei todas as senhas internas daqui, incluindo da enorme porta que dá para a varanda. Testo e logo a porta corre para o lado dando-me a vista da noite. A enorme escada com *radiância* de luzes no corrimão, que refletem nos enormes pinheiros ao redor da mansão. Minha claustrofobia ganha vida ao ver que o céu não é mais um salpicado de estrelas. Uma tempestade se aproxima, mas não desisto, é minha oportunidade e tenho que tentar.

Desço correndo pela escadaria externa e curvada, e para piorar, não estou livre como pensei que estaria, pois, há uma cerca enorme. Observo-a e noto que dá para pular... ao me aproximar, tropeço em uma pedra, mas não desanimo, levanto, tiro a areia da minha roupa e quando volto a olhar para frente, há uma placa que eu não havia percebido, dizendo: Cerca Elétrica com voltagem de 10.000 *volts*. Foi por pouco. Quase viro churrasquinho. Ah! Mas não vou voltar para trás agora. Pego a pedra a qual tropecei e arremesso para testar se está ligada. Nada acontece.



YAN

Ainda estou em meio ao caos que causamos na sala de jantar, mal acreditando na capacidade dessa menina. Como me enfrenta, como nunca uma mulher ousou fazer. Estou tentando me acalmar, e meu celular começa a apitar. Pegó-o e visualizo o aplicativo *StealthGenie*, e me dou conta do que se trata. É ela. O que está fazendo correndo pela areia? Como foi que conseguiu fugir?

Completamente irritado vou direto para o estacionamento e Antônio me encara preocupado quando me vê naquele estado.

— A cerca elétrica deu problema, então tive que desligar para arrumar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o funcionamento, e com isso acabei por não fazer a vigilância nas câmeras. Se ela fugiu a culpa foi minha, perdão, senhor. Por favor, não me demita.

— Não foi culpa sua. Drica também ensinou as senhas para ela, até como trocar as do próprio quarto. Ela é esperta, até demais. Não se preocupe, ela não está muito longe, vou trazê-la de volta.

— Qual dos carros vai usar senhor?

— A Hillux.

Entro na caminhonete, conecto o meu celular no painel, ligando-a. E enquanto o portão abre, o meu pensamento está focado na imagem dela transmitida no aplicativo.

Ah, Belly, você não vai conseguir ir muito longe, afinal o céu está cada vez mais escuro, e os pingos começando a cair, com trovões e relâmpagos que incidem entre as nuvens.

ISABELLY

Corro o máximo que posso, tentando achar qualquer lugar para me refugiar, mas ao meu redor só há a praia e a floresta sem fim. Para piorar a chuva começa a respingar gradativamente. Talvez eu devesse ir até a *light house* pedir para a Drica me acolher. Mas ela já está tão encrencada por minha causa que desisto. Eu sei que é impossível escapar dessa ilha, mas sou impulsiva e não consegui jantar com ele como uma doce prisioneira passiva e depois deixa-lo abusar de mim, e o pior corresponder aos caprichos dele.

De repente, eu não estou mais sozinha, *DROGA!* Ele está atrás de mim
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

em uma *Hilux* prateada acompanhando o meu ritmo. É claro que ele viria. E a pergunta que não quer calar é: Como me encontrou tão rápido? Poderia facilmente ter me rastreado pelo *Glassy*, porém, o deixei lá. Minha nossa! Isso é sinistro.

Ele abaixa a vidraça, meneia a cabeça para fora com o olhar incrédulo, e ordena severo:

— Entra no carro!

— NÃO! — Respondo impetuosa.

— Não quero que fique doente, e já está respingando, por favor obedeça.

— Prefiro ficar doente a voltar com você!

Ele suspira exasperado, estaciona, sai com o guarda-chuva, com sua “raiva pisando no acelerador”, e se aproxima de mim.

— Você vai comigo, querendo ou não. — Arqueia as sobrancelhas, impondo todo arrogante. Empurro-o, mas ele me agarra pelo braço e me arrasta apertando-me nele, erguendo-me no colo. Por fim, me coloca no chão ao lado da porta aberta, e me encurrala com o seu corpo.

— Fica longe de mim! — Esmurro o seu peito, mas ele não se afasta. — É assim? Ok... você que pediu. — Mordo a sua mão, esperneio e me debato, mas ele me segura firme, e envoltos a nossa luta corporal, o guarda-chuva voa pelos ares, deixando-nos expostos, e ele fica ainda mais nervoso.

— Olha o que você fez! — Me culpa, chacoalhando-me, e cheio de raiva, entrepassa os dedos nos meus cabelos molhados puxando-me bruscamente para ele. Perco o foco ao ver a água escorrendo pela sua nuca. É excitante, e me faz tremer mais do que o frio que estou sentindo.

— Meu Deus! Eu nunca senti tanta vontade de esganar uma mulher com essa cinta, como eu sinto de esganar você menina. — Diz alterado e furioso.

— Quer me esganar? Esgana...Vem. — Desafio oferecendo-me, jogando cabeça para trás, e ele vem deitando sobre meu corpo banhado. — Mas tem que ser aqui ó... — Coloco minhas mãos suavemente sobre a minha clavícula e subo até o pescoço em um gesto sedutor e tentador. — na garganta, Yan, onde o meu ar passa... — Gesticulo como se desenhasse o retrato das minhas palavras sob a pele pulsante. — e chega aos pulmões, dando-me vida! — Arfo.

— CHEGA! — Brada não suportando mais. — Chega de graça ou te pego com essa cinta no capo da Rilux, no meio desse temporal, e não vou parar até sua bunda estar vermelha e admitir o que fez.

— Vai, estou aqui, indefesa, me pega, e me bate se for capaz.

— Não me provoca, porque não tenho escrúpulos e posso me portar pior ainda. Acabou com o nosso jantar, fugiu de mim, e estou furioso, então, não me faça perder mais o controle

— Não está gostando? Acha que só você sabe "causar" quando está bêbado? — Solto uma gargalhada, engolindo água de chuva que escorre pelos meus lábios. — Você não quer me bater, quer outra coisa, e posso ajudar... — Tiro minha blusinha e jogo na cara dele, descendo as alças do macacão revelando os meus seios.

Seus olhos disparam de encontro aos meus rastreando-me de cima em baixo. E por trás, aperta-me contra ele, enrola meu cabelo em sua mão, para ter acesso ao meu pescoço, e inclina a minha cabeça, cravando seus lábios na minha jugular como se fosse um vampiro sedento pelo sangue fresco, beijando-o sem se importar com a água de chuva que escorre pela minha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pele, sobre nós. Avido, escorrega a cinta na minha perna esquerda traquejada, e com seus lábios e a tira de couro percorrendo o meu corpo, posso sentir a umidade aquecendo entre minhas pernas. NÃO! Tento lutar contra, porém, ele percorre a ponta na minha boca para que eu sinta o gosto do que me espera. Encolerizada, cravo os meus dentes em torno dela, com os olhos fixos nos dele. Ele puxa dos meus lábios, tentando recuperar o fôlego, fazendo a minha respiração sair em arquejos, enquanto os nossos rostos se mantêm colados.

Solto um gemido quando ele me ergue colocando-me de bruços sobre o capô. Tento afastar os meus quadris, porém ele me traz de volta pelas coxas com tanta força que fico altamente excitada.

Fico ali, sobre o capô da *Hilux*, o rosto colocado sobre a pintura prateada, molhada dos pés à cabeça, tremendo, exposta a crueldade dele. Ele segura as alças do macacão caídas, e abaixa furiosamente até minhas canelas junto com a calcinha, a outra mão segurando o cinto, e fecho os olhos esperando o que ele irá decidir. Então, o couro desce na minha bunda, molhado e ardente, fazendo minha pele queimar em fogo, numa carícia violenta por minhas coxas e bunda. Grito esperneando, e para minha surpresa a dor vem acompanhada de arrebatamento e prazer. São apenas três golpes e meu corpo amolece, derrete. Ele para, e espero pelo pior, porém escuto o barulho da fivela bater no chão, e ele me vira de frente, está resfolegando, cobiçando meus seios que ofereço para ele. Suga-o inteiro com a boca cheia de calor, e gemo descontrolada enquanto ele se delicia com os biquinhos molhados.

— Quer me enlouquecer? — Sussurra bravo comigo, a voz embargada de desejo. — Se eu te foder no estado em que estou vou machucar você. — Diante disso, se afasta, ficando de costas, buscando se recuperar do desejo

que parece querer consumi-lo. Aproveito para puxar minha roupa toda molhada, mas só consigo a calcinha que ajeito de volta ao meu corpo. As trovoadas aumentam e um relâmpago estala clareando seu rosto encharcado quando vira-se olhando para mim.

Então, a chuva cai forte em uma torrente furiosa.

Num ímpeto, me jogo em seu colo, cruzando as pernas na sua cintura, apertando-me forte a ele, freneticamente.

— Estou com medo Yan, muito medo, por favor me tira daqui, por favor!

— Calma, vamos entrar no carro. — Conforto-me em seu abraço, meu coração quase saltando do peito, enquanto soluço em seu ombro.

Abre a porta da *Hilux*, comigo agarrada a ele. Deposito-me no banco do carona, e entra no do motorista. Em seguida a porta se fecha com força impulsionada pelo vento.

— AHHHH... — Grito apavorada, grudada em sua jaqueta encharcada.

YAN

— Se acalma, Belly. — Toco-a gentilmente, e isso a faz encolher-se ainda mais. — Calma... — Repito, acariciando seus cabelos, embalando-a como uma criancinha. Lembro o que Steven disse, sobre ela ter fobia. Está muito agitada. O que eu faço agora? Afasto-a do meu ombro, afago seu rosto gélido. Paro a ponta do dedo em seu lábio, bem pertinho.

— Sabe que tem astrofobia, e mesmo assim, correu no meio da tempestade? Mas que teimosa! Estava tentando se matar? — Seguro firme seus pulsos. — Fugiu pra me provocar, porque quer descarregar toda a sua raiva e ressentimento sobre mim, mas saiba que, se você está aqui VIVA, é porque eu vim nesse temporal para te resgatar de uma missão estúpida e idiota que é escapar dessa ilha. Não tem como ir embora daqui, entendeu?

— Sim...

— Se aquela cerca estivesse ligada, você estaria morta agora, meu Deus, Belly! Por que é tão inclinada a idiotices fatais? Só de pensar nisso eu... Está tremendo como folha verde. Você está dentro do carro comigo, está segura agora. — Uma puta de uma mentira.

Seus lábios estão entreabertos e roxos de frio, enquanto treme. Isso torna o meu desejo ainda mais intenso. Volto a beijá-la sem pedir licença. Distribuo beijos por todo o seu rosto. Observo maravilhado, que funcionam como calmante, porque a sua respiração e seus lábios estão voltando ao normal novamente. Com sofreguidão, beijo seus lábios frios e gélidos. Sua língua roça a minha em uma dança erótica.

Ela devagarinho, talvez, sem perceber o quão perto está chegando, devido ao seu medo perpétuo, senta no meu colo e me abraça, levando-me a um estado de excitação extrema. Abraço-a forte, conforme a beijo, de imediato, as janelas começam a embaçar com o vapor da nossa respiração.

— N-Não! Não posso. Isso é errado. — Geme, quando percebe em que posição está, e a minha mão pronta para afastar sua calcinha coladinha na sua pele.

— Eu sei... mas você é muito gostosa. — Na tentativa de me impedir, os nossos dedos se entrelaçam, e ela volta a gemer anelando suas pernas em volta de mim. Começo a me movimentar, puxo os seus quadris para frente e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para trás, fazendo o seu corpo bater contra o volante, mas deposito minha mão por trás, para que não se machuque.

Inerte ao sentir meu pau roçando a sua intimidade, protegida apenas pelo tecido de algodão, ela deita a cabeça para trás, implorando por mais, me deixando louco.

— Como eu quero entrar em você... — Rosno intensamente no seu ouvido.

Uma onda de eletricidade percorre o meu corpo, e sei que ela quer desesperadamente a mesma coisa, porque é assim que o seu corpo está agora, perante o meu, desesperado para ser fodido.

— Meu Deus, Belly, eu preciso disso... agora... não aguento mais. — Alerto sem fôlego, completamente excitado, porém perco o tesão quando abro os olhos, e tenho uma surpresa ao avistar dois homens vindo até nós a passos largos em um enorme guarda-chuva. Um estalo de outro trovão ilumina e consigo enxergar em suas roupas o emblema escrito: *Equipe de segurança. CACETE!* Afasto Belly do meu colo, coloco-a ao meu lado, a tempo deles chegarem e baterem no vidro.

— Conseguiu encontra-la patrão? — Pergunta Daniel com o dedo no bigode recém depilado, olhando diretamente para os seios expostos de Isabelly. — Que bom que está tudo bem.

Estava até sermos interrompidos. Da vontade de responder isso.

— *Se cobre*, Belly. — Ordeno baixinho, ela tenta com as mãos toda desconcertada, e abro a janela. — Estamos voltando para casa, muito obrigado. — Digo e eles se afastam até o carro que vieram.

— Põe o cinto, vamos embora. — Ela desaba no banco dando uma trégua.

ISABELLY

Ele estaciona a *Hilux* ao lado dos outros carros. A porta ao meu lado abre ativada pelo celular dele. Balanço a cabeça em negação, e saio. Vou seguindo na frente dele até o elevador. Quando chegamos no *hall* de entrada, me joga em seu ombro de bunda para cima, e me debato sendo levada pelas escadas a força por ele.

Ao atravessarmos a porta do meu quarto, me põe no chão, bate sua mão direita contra a parede atrás da minha nuca, mantendo-me presa. O impacto me deixa eletrificada. Seus olhos estão muito próximos, desejando meus lábios. Solto um protesto quando o seu corpo poderoso me pressiona, e com uma das mãos, levanta meus pulsos acima da cabeça, mantendo-me imóvel.

— Viu o que acontece quando me leva ao extremo, então, por que, Belly? — Rosna segurando-me forte. — Por que?

— Eu nunca vou te perdoar pelo que está fazendo comigo, NUNCA! — Desabafo, não suportando mais tudo isso, chorando compulsivamente. — Tenta se justificar porque acha que sou uma *puta*, mas você não é o fodão que se diz o tal? Então, por que não pesquisa direito para ter certeza?

— Fodão? Por Deus, olha como está falando.

— Aprendi com você. Todas as coisas sujas aprendi aqui. — Nossos olhares passam dos lábios para os olhos diversas vezes. Como se fosse difícil não se dar conta do que está acontecendo, mas não perco o foco. — Você já me viu chorar e em momento algum mostrou se importar.

Nenhuma *puta* merece ser maltratada por você. Nada lhe dá esse direito. Acho que bem no fundo, sabe que não sou, está fazendo isso pelo prazer de me humilhar e destruir o meu caráter. Ainda pergunta porque eu fugi? — Minha respiração se corta e ele faz um movimento com a cabeça como se quisesse tirar algo da mente.

— Já chega! CHEGA! Está completamente gelada a ponto de pegar uma pneumonia, essa noite não era pra terminar assim. — Vocifera chacoalhando-me, e me arrasta até o banheiro para de baixo do chuveiro.

— Você disse tudo o que queria, está nervosa comigo, me odeia, te entendo completamente. Agora vai me ouvir! Sei que estou sendo um carrasco com você, e sei como se sente, mas eu sou egoísta, Isabelly, ainda farei muitas coisas que irão te magoar. — Afirma. — Você me tira do sério assim que surge uma pequena oportunidade! Em um momento parece o ser mais genuíno que existe no mundo, mas logo se transforma no satanás! Atirou em mim para me matar, depois me abraçou de joelhos, se trancou nesse quarto pra se privar de mim, e fugiu no meio da tempestade a ponto de morrer...

— Você me bateu com seu cinto, você teve coragem...

— Eu não ia fazer isso. Mas você precisa entender que há consequências para as suas ações.

Irritada, aperto o *shampoo* na sua camisa, esfrego e passo no seu cabelo o que ficou em minhas mãos, respingando um pouco nos seus olhos, obrigando-o a cair em baixo do chuveiro comigo.

— E ainda continua tentando me testar! — Ele vai falando, me repreendendo e rasgando nervosamente minha calcinha toda ensopada, deixando-a em trapos. — Olha o que VOCÊ faz comigo, Isabelly!

— NÃO! Olha o que VOCÊ faz comigo, Yan Hunter! — Devolvo a pergunta ainda com sem me mover. — Em nenhum momento tem oscilações de sentimentos. Tudo o que faz se resume na pura, amarga crueldade e de nada vale. Quando me toca me destrói. — Meus olhos marejam. Não pisco em nenhum momento. — Olha para mim! Olha o que está fazendo comigo! OLHAAAAA! — Meu pranto rasgado se espalha entre o vapor quente. — Não sou eu o diabo aqui! Eu sou a prova viva de que você não vale nada, Yan Hunter! — Cuspo seu nome com deboche. — Você é o mau.

YAN

Estou queimando, molhado, ardendo e agonizando no meu próprio inferno, resumido em um único nome: Isabelly. Minha crise existencial. Toda descontrolada, frágil, pequena e seminua, a mercê do ser cruel que sou, insultando-me com sua boca doce de anjo demoníaco.

— Que *droga*, Isabelly! — Esmurro o box, e com as emoções avassaladoras percorrendo-me, tomo os seus lábios, num beijo furioso, cheio de raiva, tensão, tudo misturado, fazendo-a desfalecer ao recebê-lo por cada centímetro da sua boca. A água morna escorrendo, me torna mais sedento, como se estivéssemos em um barril de pólvoras soltando faíscas.

Eu já não me lembro qual foi o momento exato em que ela começou a se tornar um tormento para mim. Talvez isso seja apenas o resultado básico do acúmulo das várias vezes em que ela me desafiou, desobedeceu e testou. É claro que levando em conta o cara controlador que sou, acabo por consequentemente ter que lidar com minha própria hiperatividade. É assim

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que estou nesse exato momento, me esforçando e me controlando para não possuí-la da forma mais brusca e violenta que meu físico necessita e pede, até mesmo contra minha própria vontade.

Suspiro fundo, liberando-a lentamente do beijo. Ela parece que faz isso só para me provocar! Hora está me esmurrando e gritando comigo, hora está desmanchando-se inteira para mim em baixo de um chuveiro. Ela está avermelhada, com os olhos fechados, com a boquinha entre aberta, e encharcada pela água que escorre por todo o seu corpo. Uma verdadeira boneca de porcelana moldada para testar as forças do homem errado.

— Yan... — Suplica mole em meus braços, toda minha.

— Ah, Isabelly... O que vou fazer com você? — Volto a beijá-la enlouquecido de paixão. — Isabelly... Olha pra mim. — Ordeno e encaro-a com a boca entreaberta e encharcada pela água que escorre por todo o seu corpo. Ela se aconchega a mim, rendida nos meus braços, sem reservas. Trêmula e mansa ao toque das minhas mãos, pra eu fazer o que quiser...

— MEU DEUS DO CÉU! — Viro-a bruscamente de costas para mim. — Não se entregue assim! — Ordeno já ofegante procurando desesperadamente uma forma de me distrair, desviando meu olhar de puro desejo selvagem do dela. Como se isso fosse adiantar. Sua presença já é o suficiente para me colocar de quatro. Seu calor, sua pele, seu corpo escultural, seu cheiro adocicado que exala a mais sedutora inocência, até mesmo o som da sua respiração, que nesse momento está resumida em soluços de um chorinho. Deslizo meus dedos em suas costas e ombros, passando a água quente, enquanto esconde a face nas mãos.

— Quando você me machuca dói. Disse coisas horríveis na biblioteca, como quer que eu me sinta disposta para jantar com você, a ir pra cama com você, como se nada tivesse acontecido? — Soluça confessando. — Dói

porque é você.

— Por Deus... Não deveria se importar com o que eu penso a seu respeito. Mas se importa e por isso me confunde a todo instante, em todo momento. É tudo ao mesmo tempo, eu não consigo acompanhar você, não consigo compreendê-la. — Continuo deslizando os dedos pela sua pele enquanto confessa como se sente em meio a soluços fraquinhos.

— Chora como uma criança desamparada, por favor, não faz isso. — Tento consola-la como se ela fosse se quebrar nas minhas mãos, a menos que eu tomasse cuidado com a fragilidade.

É quando me dou conta dos hematomas em sua cintura fina, onde visivelmente se encaixam meus dedos. Um pouco acima da cintura há mais dois, um de cada lado nas laterais das costelas, com tonalidade mais arroxeada. Ela é magra, mas nem tanto, por isso estranho quando vejo de relance o vermelhidão na linha reta da sua espinha. Neste momento um *flash* passa pela minha cabeça, de como perdi o controle e bati nela com meu cinto, e do exato momento em que a joguei contra a parede há minutos atrás. A força que impus sobre seus pulsos ao imobilizá-la colocando-os acima de sua cabeça, explica as marcas nos punhos, e todo o efeito da minha grosseria durante o sexo.

— Está toda marcada, é tão frágil. Eu sinto muito. — Sussurro calorosamente em suas bochechas, ela está apática, e sei que está com medo. E me comove o quanto tenta se proteger de mim, e quando a pego, busca proteção em meus braços.

Ela não tem apenas fobia, tem traumas. Mas que tipo de trauma especificamente ela tem? Talvez eu devesse ser gentil ou afetuoso perante o que estou vendo, até mesmo a culpa que tento não sentir, luto para não ceder, mas...

— Para de chorar, isso aqui não é a pior coisa do mundo. — Digo cinicamente mascarando ao mesmo tempo bloqueando tudo, pego a toalha do lado de fora do box, e enrolo-a pela sua cintura.

ISABELLY

— Estou com medo. E se não descer pra mim? Vai me mandar embora daqui grávida e sozinha? — Choramingo. — Com certeza usará seu poder para fazer o pior, e me destruir para sempre não é? Por que me odeia tanto? Qual pecado eu cometi para merecer isso, Yan? — Insisto na discussão para obter respostas à medida que sai comigo em seus braços enrolada na toalha.

— Você existe.

— Meu pecado é existir? — Questiono. — Então, acaba com isso logo de uma vez, ou me deixa ir embora, já conseguiu o que queria.

Ele não responde, está ocupado pegando uma das minhas calcinhas da gaveta íntima, depois desenrola a toalha do meu corpo, e me põe sobre a cama de bunda para cima.

— Sinta como fico por sua causa. — Aperta-me contra sua ereção. — Você é incontrolável, menina, e eu vou acabar cometendo uma loucura se continuar por muito tempo. Agora, por favor, para com isso... — Esfrega minhas bochechas para retirar minhas lágrimas, e com a outra mão passa uma pomada para aliviar a ardência em minha pele. Não sei lidar com esse homem, tão frio e tão doce. — Não chora mais porque isso... Você fica tão vulnerável quando te toco, isso prova que me pertence. É minha, Belly. —

Aproveita a posição para deslizar a peça e finaliza ajeitando-a ao meu corpo.

Me derreto fechando os olhos, enquanto me traz de volta para os seus braços, e aplica um beijo casto em minha testa, depois na boca. Ele me tem seminua, a mercê dele, o desejo está brilhando em seus olhos, mas ele decidiu não ter relações comigo, deixando-me ainda mais intrigada com suas ações.

— O que é aquilo atrás da porta? — Pergunto para dispersar a tensão, apontando para a caixa de poá vermelha, num canto.

— Pedi para Felipe trazer pra cá. É um presente, era para ter visto mais cedo, porém estava tão nervosa comigo que...

— Um presente? Você acha que com um presente vai apagar tudo que me fez? Não importa o que tenha comprado... — Vou até a caixa e volto fazendo devolução. — Eu não quero!

— Ok, mas faça isso pela manhã, está muito mal, precisa descansar. — Afasta-se indo até a porta, e para antes de sair.

— Já que colocou senha, tranque após eu sair, porque posso me arrepender e não responderei por mim.

Jogo o maldito presente em cima da cama com tanta força que se abre, mas dou as costas, tranco a porta e deixo-me escorregar pela parede transtornada com tudo o que aconteceu. Desgraçado. Ainda tem a audácia de comprar um presente para mim. Quem ele pensa que... Paro ao ouvir uma frequência de som diferente, parecido com um ronronar.

Nas laterais há duas pequenas patas e uma cabecinha peluda com orelhas pontudas. É um gatinho rajado. Seus olhinhos se arregalam quando me vê, exalando amor. Eu amo gatos. Meus olhos ameaçam lacrimejar, mas me contenho. E antes que eu chegue perto, ele pula em mim.

— Oh, como você é lindo! — Acaricio seu pêlo macio. — Seu único

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

defeito é ser presente daquele cleptomaniaco, mas não se preocupe. — Olho-o de frente. — Não deixarei de te amar por causa da sua origem, ok?

Enquanto o acaricio, olho para o cartão junto a caixa. Agacho, pego-o, e leio:

"Para a garota do vestido branco que amava o seu French Lover.

P.s: **YH**"

Como ele sabe disso? São informações pessoais. Encosto-me na porta com o felino aconchegado em mim, enquanto agarra meus dedos com suas patinhas. Estalo o gatinho de beijos, falando...

YAN

— Eu adorei você, mas olha, eu já vou te avisando, não vou poder te levar para passear, pois o cara chato que te deu para mim não me deixa sair. É sim, infelizmente. Eu estou presa aqui, por quanto tempo ele desejar me manter. Essa ilha deve ser tão linda. Desde que cheguei aqui, só vejo o mar através desse vidro. E nessa noite que tentei fugir, vi de perto o quanto ele é brilhante. Eu me sinto muito sozinha aqui, sabia? Ainda bem que agora eu tenho você.

Escuto-a confabulando com o gato atrás da porta, e ouço também os estalos de beijos. Não resisto, e entro no aplicativo que uso para vê-la,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

StealthGenie, conferindo-a seminua abraçada ao mascote.

Ela gostou do meu presente.

Estranhamente, seu desejo de passear pela praia me corta o peito. O que essa garota está fazendo comigo? Eu não deveria estar afetado dessa forma. Eu já não me lembro qual foi o momento exato em que ela começou a se tornar um tormento para mim. Talvez isso seja apenas o resultado básico do acúmulo das várias vezes em que me desafiou, desobedeceu e testou. No entanto, não paro de pensar no seu corpo curvilíneo, no gosto da sua pele. Céus, a lembrança de tocá-la é torturante.

Suspiro pesadamente enquanto assisto-a com o bichano alojado em seu busto, que se aquece docilmente em meio aos seus pequenos e perfeitos seios nus. Permaneço assistindo a doce e meiga cena, enquanto deslizo lentamente meus dedos pela porta na direção certa onde sei que está encostada. É possível escutar sua respiração, quando abre a porta surpreendendo-me ao ficar na minha frente com o gatinho rajado... Guardo o celular que usava para vê-la e fico simplesmente parado, conferindo mais dela, tocando seu rosto com meus dedos, embevecido diante da sua presença. *Libelle*. Meu pecado. Meu desafio. Minha contradição.

— Boa noite. — Digo fascinado e saio deixando-a ali.



ISABELLY

No outro dia acordo com uma sensação bem clara em minha mente. É impossível fugir daqui. Não tenho escolha a não ser aceitar e conviver com ele. Aceitar que ele tem todas as cartas na manga. E quanto mais me convenço disso, mais fácil é para respirar levemente. Levanto-me espreguiçando, pego meu gatinho no colo e vou até a parede envidraçada mostrar o mar para ele.

— Olha como é lindo. Você gosta?

— Miauuu. — Ele grunhe, e Drica se espanta saindo afobada do meu banheiro. E por estar de avental, é certo que está limpando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Onde conseguiu esse animal?

— Bom dia pra você também Drica. Foi ele que me deu.

— O senhor Yan?

— Sim.

— Eu não entendo vocês dois. Eu vi como destruiu as costas dele, além disso, ele tem uma sutura feita com seu cabelo, sinistro... Outro dia lá no Flyer, achei a sua camisola toda molhada, junto as roupas dele perto da sacada... Ontem por pouco ele não esquentou a bunda da senhora na minha frente com o cinto dele. Que por falar nisso, Daniel achou o cinto junto do seu macacão jogado na areia e trouxe pra eu lavar. Ah, e agora no seu banheiro também encontrei sua calcinha, toda rasgada. Aí você me lembra com um gatinho de presente. Desisto de entender essa relação. Essa coisa que vocês têm chega a ser assustadora. Vocês são muito passionais. — Destaca.

— Ele te contou que suturei ele, é?

— Não, ah, menina, cabelo dourado acastanhado não é qualquer uma que tem, e quando ele disse que foi uma tigresa, claro que deduzi. Ah, e o que foi aquela briga na sala de jantar? Vocês deixaram bem parecida a terceira guerra mundial. Você não assiste noticiário?

— O que tem os noticiários?

— Crimes passionais regidos por emoções fortes. O senhor, Yan era um homem centrado, equilibrado, até trazer a senhora para cá, dá um tempo para ele, seja mais dócil, ou vão acabar se matando. Deus me livre guarde.

— Desculpa Drica, sei que preparou tudo com muito carinho, mas ele me deixa a flor da pele, ele me...

— E sei que tentou fugir dele no meio da chuva ontem. Mesmo que

conseguisse, há um mundo cruel lá fora, pessoas más, que Deus me livre guarde podem fazer tanta maldade com meninas como você.

— Você diz isso porque está do lado dele, porque não sabe... — Me calo antes que fale demais.

— Falo isso porque sei que está protegida aqui. O senhor Yan precisa de você, tanto quanto você precisa dele. Não há luz, sem escuridão.

— Senhora, Isabelly... — O sem bigode entra. Não desiste do cargo mesmo.

— O que você quer? Não vou sair do quarto hoje, então não precisa ficar atrás de mim.

— É que o senhor Yan mandou eu avisar que a senhora está liberada para passear com o seu gatinho pelos arredores da ilha.

— Ele mandou dizer isso é? — Dou de ombros. — Diga a ele que agradeço, mas não quero.

— Menina, não faz isso. Olha como você está branquinha. Tinha uma pele mais rosada quando chegou aqui, agora só fica presa e isso pode te deixar doente. Vai passear um pouquinho. — Ela insiste, e olho mais uma vez para o mar. Sim. É o que quero fazer.

— E você vai ficar andando atrás de mim?

— Não. Você pode ir sozinha. O patrão disse que confia em você. — Ele avisa e se retira.

— Viu só? Vai... eu vou cuidar do seu quarto.



Caminho pela praia com meu novo mascote. Eu deveria estar deprimida, mas estou levemente feliz de poder sair. Me deixa devastada passar todo tempo germinando raiva por ele e pensando em fugir, ou no que vai acontecer comigo depois que ele se cansar de mim. Meu psicológico não suporta ser constantemente uma vítima e bloqueia tudo, então, prefiro a pequena sensação de liberdade, de brincar com meu novo gatinho como fazia com o *French* quando eu tinha 12 anos.

Exploro os arredores da casa, caminho pela areia somente até onde a água bate em meus pés. Não sei nadar, mas amo o mar. Depois estendo uma toalha que eu trouxe, deito e início o livro, *A menina submersa*, até relaxar viajando na mente do autor.

Mais tarde, estou na sala, e meu gatinho que ainda não decidi o nome pula no meio das pernas de Daniel. Fico puxando-o tentando tirá-lo das extremidades dele, assim que finalmente consigo, olho para a porta e Yan está parado de cara fechada para a cena, cerrando os lábios disposto a me repreender.

— O que está fazendo toda arrebitada, vestida de shortinho jeans que mal tampa essa bunda de cabeça baixa nas extremidades de Daniel?

— Ihh, sei o que está pensando... — Interrompo. — mas estou apenas salvando o meu gato desse brutamonte e principalmente de você, que o assustou ao chegar. Isso é culpa sua. Ele prefere a companhia feminina, no caso, a minha, que sou a dona, porque quando vê a cara de vocês dois, se

esconde ou ataca.

— Daniel pode se retirar. — Dispensa-o, e assim que estamos a sós, meu felino salta do meu colo e urina nos sapatos dele. Não posso evitar a gargalhada gutural.

— Merda! Você adestrou esse bicho só para me atacar, Isabelly? — Brada furioso.

— Vamos, Wody! — Grito entusiasmada o nome que invento na hora, ignorando-o e passando por ele em alta velocidade, me divertindo e girando sem parar em minhas botas de rodinha. Ele fixa o olhar a procura das rodinhas, e pra que ele perceba a presença delas, estico uma perna no ar andando de um pé só deixando-o louco.

— O QUÊ? Wody? Só pode ser brincadeira. Por que não colocou outro, tinha que ser justo esse? — Indaga, indignado ao ver que dei para o gato o diminutivo de Wodsen, sobrenome do Steven.

— Esse é o nome dele e não vou mudar. Não é mesmo, Wody? Como você é bonito... ai, que pêlo macio você tem. — Falo e acaricio meu gatinho, provocando-o. — Está vendo como ele é dócil, inteligente, calmo, carinhoso, sociável, afetuoso, tranquilo, brincalhão...?

— Você queria me deixar nervoso não é? Conseguiu. — Ele vem com tudo e puxa o gato que está com as unhas cravadas em minha blusa, e mesmo arisco, e arranhando-o, não desiste, até colocá-lo para fora.

— Por que fez isso? Ele vai subir na árvore e não vou conseguir pegá-lo, ou pior, pode fugir, e não voltar mais.

— Ótimo! Um problema a menos. Esse gato eu trouxe para que me perdoasse, e porque não queria que se sentisse sozinha, mas ao invés de agradecer, o tornou seu cúmplice nas suas travessuras contra mim, treinando-

o para que urinasse nos meus sapatos novos.

— Eu não fiz isso. — Sento-me no sofá com as pernas esticadas para ele, e com braços cruzados, fazendo beijo.

— Ah, não? Olha, é melhor fechar essas pernas, você sabe como fico quando estou irritado. Imagino que estou entre elas, isso me ascende. E tira essa porcaria de patins, olha os rastros que deixou no piso... — Aponta para as marcas no granito. — Não vai estragar o meu dia com suas *bellyces*, porque estou conseguindo o que quero, saiba que estive numa reunião com o dono do *Youtube*, para que tire o seu vídeo do ar e bloqueie toda vez que tentarem postar novamente.

— Não pode fazer isso! Graças a esse vídeo fui reconhecida no mundo todo. Eu amo dançar e me esforcei muito pra chegar onde cheguei.

— Você quer é deixar todos os homens de pau babando por você.

— Pense o que quiser! E você não tem um império para cuidar, não? Sério que está fazendo disso seu assunto primordial? Depois diz que não te afeto.

— Você é moleca demais.

— Ah, mas você gosta. Porque ao invés de ir transar com a sua amante que é louca por você, prefere ficar aqui passando as mãos em mim, me atacando. E está assim desse jeito, porque me viu dançando mais gostosa que chocolate na TPM, para o mundo inteiro prestigiar. Confessa vai. — Dou de ombros nele provocando.

Disposto a provar o contrário, ele pega o meu fone de ouvido enrolado em meu pescoço e puxa-o, trazendo-me para bem pertinho dele.

— Será que ele vai bater nela? — Daniel fofoca baixinho com Felipe.

— Vai nada, é briga de araque, igual a de ontem, para aumentar o tesão.

— Vocês dois estão aqui ainda? Deram para fazer fofoca agora? Podem sair, já estão dispensados.

Nesse momento o celular dele toca. E pela formalidade da conversa, presumo que seja da empresa, ele atende rapidamente, sem se afastar de mim. Após concluir a chamada, volta ao ponto que estávamos.

— Sabe o que eu acho? Que estava me provocando porque me quer, mas prefere que eu te pegue a força, para depois pôr a culpa em mim.

Que convencido! solto uma gargalhada debochada, como se ele tivesse contado a maior piada do universo.

Com sofreguidão, puxa mais o fone. E minha risada cessa na hora em que ele me traz para mais perto, de forma que nossos narizes quase se tocam.

— O que fez ontem à noite foi incrivelmente estúpido, jamais... — Decreta severamente, a milímetros dos meus lábios. — faça aquilo, de novo.

Paraliso, arfando, equilibrando-me na pontinha dos pés, sem conseguir desviar do seu olhar ameaçador.

— Preciso ir para o escritório, e se não tirar essa coisa barulhenta dos pés, juro que a sua liberdade acaba, antes mesmo de ter começado, sei que não quer voltar a ficar trancada, então, obedeça, não faça com que eu me arrependa de ter deixado você sair pelos arredores da casa com esse gato, que está mais para um *Neofelis*.

Eu só espero ele desaparecer do meu campo de visão para correr para fora atrás do Wody. Vou chamando-o pelo nome, até que avisto-o atrás da mansão, numa enorme árvore, no galho mais alto que faz sombra no lago esparso. Ele está miando assustado, e criando coragem subo lentamente para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pegá-lo, evitando olhar para baixo.

— Wody, vem, das as patinhas pra mim. — Faço a primeira tentativa de pegá-lo.

— Desce que eu já te vi. — Yan grita lá em baixo.

Entreolho para ele grudada no galho, com olhos arregalados, tremendo de medo.

— Para de gritar! Você me assustou e quase cai. — Digo nervosa.

— DESCREEE! — Atira o *blaiser* no chão furioso.

— Não posso. — Aponto para o gato, e mantenho-me firme com medo de cair no grande lago que há de baixo de mim. Olho para baixo de fininho e ele está rindo.

— Mas na hora de subir sabia que teria que descer, e não teve medo, agora desce. — Cruza os braços esperando, sem deixar de achar a cena engraçada.

— Não desço, eu preciso pegar o Wody.

— Vamos ver, se você não vai descer daí. — Tira os sapatos e começa a subir na árvore com extrema habilidade, até aonde estou pendurada.

— Vem aqui... — Tenta me puxar, porém quase caio ao tentar me afastar dele. — Meu Deus do Céu, calma, Libelle, para de se mexer, fica parada, não sai desse galho!

— Eu não vou descer sem o Wody, seu estúpido, você me deu de presente, agora quer deixar o coitadinho dormir no sereno? Ou você pega ele para mim, ou eu passo a noite aqui, morrendo de medo dos morcegos, mas passo.

— Maldito bola de pelos! — Pragueja olhando-o um pouco mais

acima. — Não acredito que isso está acontecendo. Veio se arriscar aqui, a ponto de se afogar lá embaixo por causa de um gato? Eu posso te dar quantos gatos quiser, para com isso, por Deus!

— Não quero outro, quero esse! E como sabia que eu gostava de gatinhos e que ganhei o French no meu aniversário de 12 anos? Para a garota do vestido branco, que amava o seu French Lover. — Repito, e ele sabe que me refiro ao que ele escreveu no cartão.

— Você não disse para pesquisar mais sobre a sua vida? Então... mas como consegui isso vou deixar no ar para que fique pensando.

— Ai, quer saber? Ou você pega ele ou eu pego, mesmo que eu acabe mergulhando com ele lá embaixo, porque não vou deixar esse morrer também.

— Ok. Eu vou pegar a porcaria do gato, e você não se mova!

Ele sobe mais um galho e o bichano pula igual macaquinho.

— Está vendo só? Ele não quer vir. Vamos descer, já disse que compro outro para você.

— Tudo você resolve assim, é? Substituindo? — Cruzo os braços embotada.

Ele cerra os dentes de raiva, aproxima-se do gato e ele nada, nem se move do lugar.

— Chama que ele vem. — Dou as dicas.

— Gatinho, vem cá, vem.

— Não é assim que se faz, ele tem nome, é Wody.

Ele resmunga palavrões britânicos com aquele olhar terrorista chamando-o.

— Vem, Wody... — Diz, e o gatinho pula em mim como num passe de mágica.

Depois de descer galho por galho, trazendo eu e o gato com ele, arrasto-me pela mão para dentro de casa.

— Você poderia cair de lá e morrer, o que você tem na cabeça? Por que não veio pedir para alguém pegar para você? Ontem te poupei de apanhar de cinta, mas quando faz isso, tenho vontade de te dar uns tapas. — Digo ao atravessarmos a porta que dá para sala.

Os empregados estão todos postados em fileira, e de súbito, paro de gritar com ele, mudando totalmente de comportamento.

— Eu fiz isso por amor, se quer brigar comigo, briga, me xinga, mas xinga outro dia, agora não, ou não vou melhorar nunca e vou acabar voltando para aquela clínica. — Dramatizo, usando sua mentira contra ele. Depois, aproximo-me do seu rosto tocando-o. — Eu te amo, sou a sua mulher, e tem que me tratar com carinho.

— Fingida. Encena tão bem que quase acredito. — Diz baixinho.



Passo horas vendo filme, e Daniel está em sua posição me fazendo companhia. Estou sonolenta e ouço os passos dele na escada, não quero que me toque depois do que me fez, então, finjo estar dormindo no *S.King* aninhada com o Wody.

— Ela estava brincando com o Wody e pegou no sono agora a pouco, eu...

— Até você chamando esse gato por esse sobrenome dos infernos?

— Poderia ser Hunter já que o senhor é o marido dela.

— Não precisa puxar meu saco. Eu assumo daqui, está dispensado.

— Tenha uma boa noite, patrão.

— Dorme como um anjo, mas acordada dá um trabalho. E sabe enlouquecer um homem. — Ele conversa sozinho e me pega abraçada ao meu gatinho protetor, e sobe as escadas me levando em seus braços, com cuidado para não me acordar. Ele entra no meu quarto, me coloca na cama, e me surpreende ao deslizar o dedo sobre o meu rosto.

— É linda como uma princesa. Essa noite estará restrita as minhas investidas sexuais. — Suspiro baixinho ao ver que minha encenação está dando certo. — Mas não vou descansar enquanto não for completamente minha, inteira minha.

Seu toque possessivo não cessa, e depois de ouvi-lo falar assim tenho vontade de abrir meus olhos e beijá-lo, mas não posso, ele me magoou muito, e dói quando me lembro. De repente ouço Wody rosnar.

— Shh, silêncio, vai acordá-la. Não vou machucá-la, ok? — Ele dá satisfação para o meu gato, é até engraçado de ouvir. Então me cobre com o edredom, e retira a mecha que cai em meu rosto. Sinto os pelos do Wody se aconchegando ao meu lado, todo herói. Ele pode ser Yan Hunter, dono das multinacionais da tecnologia, pode ter me sequestrado para me esconder do mundo só para ele, mas seu toque me passa uma sensação de melancolia. Mesmo com todo mal que me fez, sinto que há bondade nele. Ele vai embora, e coloco a mão no lado da minha bochecha que ele fazia carinho.

— Wody você acha que ele gosta de mim? Não só do meu corpo, mas de quem eu sou? — Converso sonolenta, e meu bichano mia em resposta. E nessa noite eu durmo no meu refúgio, estranhamente feliz.



Na quarta-feira, Drica está preparando o meu café da manhã, enquanto lê a CONTIGO em cima do balcão. Quando percebe que os meus olhos batem diretamente na grande foto, ela esconde nervosa.

— O que é isso?

— O patrão pediu que não deixasse a senhora ver porque vai entender errado, e sabe como é revista de fofoca, inventam muita mentira.

— Ah, agora que eu quero ver mesmo, me dá aqui e não se atreva a contar que vi, senão corto a sua língua. — Puxo-a com tudo das suas mãos e lá está ele. Na capa, beijando uma loira peituda.

Namorada ou Affair?

O milionário solteiro mais cobiçado do mundo, mal acabou de chegar ao Brasil e já está tendo um caso com a Panicat Emanuelle Araújo. Fontes

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

confirmam que os viram aos beijos no bar Astor em Copacabana. Segundo a sortuda da vez, não é a primeira vez que eles têm um lance.

— Drica, o que o meu marido come no café da manhã? — Pergunto, levemente irritada.

— Ora, a senhora que é casada com ele deveria saber, mas por tudo que passou no último ano deve ter esquecido. Ele adora comer panquecas com geleia de uva. — Ela posta a mão na cintura indagando. — O que você está tramando, menina? Está brincando com fogo.

— Eu? Não estou tramando nada. — Me faço de desentendida. — Ah, Drica. Já assistiu Presença de Anita? Cíntia amava tanto Nando que queria morrer entre as chamas com o amado e ele a golpeou com uma facada, matando-a, pessoas fazem loucuras quando amam... é lindo. E ela sempre dizia: Não existe coisa mais parecida com o amor do que a própria morte. Passo o dedo e coloco na boca restos de morango vinculados na faca, que peguei em cima da tábua de madeira que ela estava usando para cortá-los.

— Menina, para com isso.

— Imagine só, os amantes na madrugada, em uma briga tórrida, a faca perfurando o coração, o outro arrependido, se mata em seguida, e se despedem com um beijo sangrento antes da morte roubar a última batida. — Respiro e olho para a face fantasmagórica dela. — Nunca sonhou em morrer por amor, Drica?

— Cruz credo, Ave Maria! — Ela faz o nome do pai. — Para de assistir essas coisas, menina, olha aí ó, já está incentivada.

— Estou brincando, sua boba... — Sorrio e logo fico séria. — Mas em toda brincadeira tem suas verdades. — Ela dá um meio sorriso debochado do

tipo: Para com isso, e vai até o fogão. O cheiro do suflê rapidamente se incendeia, mas a minha fome não existe mais e tudo por causa daquele maldito beijo na capa da revista. Eu já sabia que ele me traia, e me traiu no fim de semana, mas por que eu deveria me importar? Por que isso me incomoda tanto?



À noite sempre foi uma grande inimiga para mim, levando em conta os medos que sinto todas as vezes que deleito minha cabeça sobre o travesseiro, incomodada com a possibilidade de mais uma vez reviver o que tanto me fez mal e me traumatizou durante minha infância ao perder minha mãe, e também aos 12 anos no *Sacred Heart*, aqueles poucos minutos de um quase abuso pelo meu professor, que foram o bastante para devastar-me.

Infelizmente, essa noite não está sendo diferente. As cenas atormentadoras estão presentes em minha mente mais uma vez, forçando-me a debater-me várias e várias vezes sobre a cama, soando e gemendo. Como se não bastassem, um novo pesadelo me assombra. Yan leva meu bebê embora, e some com ele numa escuridão, deixando-me devastada de dor.

— NÃO! NÃO! NÃO! — Grito e imploro, por alguém que venha me socorrer, para pegar-me nos braços e dizer que vai ficar tudo bem, que estou segura, que foi só um pesadelo, que nada vai me machucar. Sobressalto na cama em meio a um espasmo *hípnico*, e meu berro desesperador esparge denunciando tudo isso que estou sentindo. Não demora para que o socorro

invada o quarto, não sei como, mas não me importo, Yan entra correndo e salta sobre a cama agarrando-me de forma desesperada para oferecer proteção, puxando-me para si.

— Ei... ei... o que foi, hã? Ouvi o seu grito lá de baixo, não pude deixar de vir acudi-la. Já acabou! Já foi. Foi só um pesadelo, Libelle... nada, nem ninguém vai te machucar! Vai ficar tudo bem, você está segura. Se acalme... eu estou aqui agora.

Não consigo evitar de me refugiar em seus braços fortes que me abraçam, esforçando-se para me manter calma. Assustada, agarro suas roupas, puxando-o mais para mim, tremendo, gelada.

Enquanto afaga meu cabelo, encolho-me em seu peito, e ele fica acariciando os fios, balançando-me em seus braços, acalmando-me.

— Calma... Libelle. Vá se lavar, ok?

Olho em seus olhos, questionando o seu pedido, então me avalio, entendendo o que houve. Há uma pequena mancha de sangue perto da barra da camisola branca. Estou menstruada, sangrando nos braços dele, é tão constrangedor que cerro os olhos ruborizada de vergonha.

— Desculpa. — Murmuro tímida.

— Não precisa ficar com vergonha de mim. Está tudo bem... só sujou um pouquinho. Deixa que eu cuido dos lençóis.

Apenas assinto e não responde nada. Não quero nem um tipo de contato com ele, por mais que tenha aceitado seu refúgio, não tive escolha. Estava amedrontada e eu precisava de alguém pra me abraçar.

Quando volto, ele ainda está me aguardando ansioso no pequeno sofá abaixo da janela, ao me ver sair do banheiro trajada em um shorts de malha e uma regatinha azul com um decote em V, me olha com água na boca, então

aproxima-se devagar desejando os biquinhos dos meus seios roçando no tecido fino.

— Está se sentindo melhor? — Me toca nas bochechas, e sua gentileza inoportuna acaba comigo. E querendo que me deixe, digo que estou bem, porém, ele não acredita e eleva seu olhar questionador à mim.

— Estou cansada, Yan... — Suspiro.

— Te trouxe isso. — Me mostra uma pequena bandejinha de alumínio repleta de manjar turco de goiabada, com chá de frutas vermelhas e remédio pra dor. Inacreditável como ele me entende só de me olhar e sabe o que preciso sem eu precisar pedir. — Mulher com TPM é exigente nos doces! — Apela levando um à boca. — E sei que quando as mulheres sangram precisam de chá e algo pra aliviar a dor da cólica.

— Tensão pré-menstrual! Pré... — Destaco — Não durante! — Rejeito rudemente.

Ele deixa a bandeja na cômoda e quando passo por ele, sinto uma pontada na barriga, a cólica angustiante me fazendo contorcer em dor.

— Ei... — Chama baixinho segurando meu pulso. — Só quero ter certeza de que está bem. — Diz puxando-me para o meio do seu peito. — É a cólica?

— Sim. — Ele abre a tampa do frasquinho escrito *Buscopam*, e segura meu queixo para fazer beicinho para eu tomar.

— Abre a boca... — Pinga as gotinhas na minha língua. — Daqui a pouco faz efeito e a dor vai passar. — Assegura me dando a xicara de chá em seguida. É estranho e curioso como ele se preocupou com cada detalhe e cada necessidade minha antes de me trazer pra ilha.

— Deita na cama, vem... — Afasta o edredom, e vejo que ele trocou os
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lençóis, está tudo limpo novamente. Deito ajeitando-me no travesseiro, o peito arfando sem deixar de olhar para ele. É intenso e misterioso como me olha. Ele toma uma decisão e sua mão se instala em minha barriga afastando minha blusinha, fazendo massagem. Suspiro em fissura e a dorzinha chata vai diminuindo com o toque dos seus dedos. E ficamos assim, conectados, sem tirar os olhos um do outro, enquanto ameniza minha dor com seu toque.

— Está melhor? — Certifica e balanço a cabeça apenas. Ele suspira fundo e desliza lentamente seus dedos pelo meu decote sobre meus seios desenhando as curvaturas, fazendo-me clamar ofegante.

— Não! Yan... para... Não...

— Ssshh-ssh! — Sussurra acalmando-me. Minha respiração estabiliza ao me dar conta que ele só quer dissipar o meu temor, não está com segundas intenções. Sem reação desvio o olhar. Ele continua gentil, ajeitando o edredom sobre mim. Então, segura meu rosto e pousa serenamente seus lábios sobre minha testa. — Volte à dormir. Se precisar de mim, é só me chamar e eu virei, não importa a hora. O susto passou, tudo ficará bem. — Se retira deixando-me descansar.



No outro dia à tarde, estou no meu quarto e levo um susto ao vê-lo encostado na porta observando-me acariciar o Wody. Sem pedir licença, ele entra.

— Antônio está preparando o Charter. Vamos dar uma volta e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

jantaremos juntos lá. — Diz todo mandão, nem parece o homem preocupado de ontem à noite, nem bom dia ele é capaz de dizer.

— Navegar?

— Sim. De Yacht. Me deve isso pelo o que aprontou na segunda... vamos navegar por Taquari. Arrume suas coisas. Não demore.

— Não quero ir a lugar algum com você. — Cruzo os braços.

— Ficar me odiando não vai mudar o que aconteceu. Já não é questão de você querer ou não, você reclamava quando ficava trancada e Drica me dava os sermões, que eu tinha que ser mais gentil e te deixar sair, para que possa mudar esse seu jeito comigo. E você vai, nem que for para manter as aparências. Ah, quanto ao que fez com o bigode do Daniel, quero que peça desculpas à ele.

— Mas ele estava me irritando, e...

— Não se atrase. — Ele avisa e sai, todo dono de si, que adora ficar mandando em mim.

Assim que fico pronta, vou até o Daniel que está no jardim, para pedir desculpas.

— Daniel...

— Olá, Isabelly.

— Meu marido quer que eu me desculpe com você pelo bigode, e vou pedir, apesar de achar que você ficou mais gato assim. — Fico na pontinha dos pés beijando demoradamente as bochechas dele. — Me desculpa.

— Não foi nada, senhora. — Ele responde formal, e sei o porquê. Yan está nos observando de cara fechada, de olho no meu biquíni de oncinha, e vestido de praia transparente.

— Porém, você também me deve desculpa, porque contou que roubei o seu whisky, levei a maior dura. — Daniel, agora mal presta atenção em mim, pois Yan está olhando para ele pedindo descrição, levando seu indicador a boca. — Daniel, estou falando com você.

— Sim, senhora.

— Detesto que me chame assim, eu já te autorizei a me chamar pelo nome. Mas vou te perdoar, se conseguir para mim aquele pirulito que vem com *pózinho* mágico. — Ele faz cara de desentendido. — Não vai me dizer que nunca chupou um pirulito desse? — Ele nega com a cabeça. — Nossa, você não teve infância então, porque é muito gostoso, parece que temos estrelinhas no céu da boca. Eu sempre tive o desejo de dar um beijo estralado em alguém com aquele *pózinho*. — Suspiro sonhadora. — Um dia eu vou dar! Vai ser gostoso como raspar panela de brigadeiro.

— Vamos? — Pulo ao ouvir a voz de Yan, que está atrás de mim, balançando a cabeça, soltando um meio sorriso.

— S-sim. — Respondo com um pouco de falta de ar e fecho a cara. — Ele faz sinal de partida a Daniel, pega na minha mão, e seguimos andando pela areia até o Charter.

— Não precisa pedir nada aos funcionários, se quer alguma coisa, eu mesmo trago para você. Não precisava ficar flertando e beijar o rosto dele daquele jeito.

Solto a mão dele, e saio andando deixando-o seguir sozinho, subindo à bordo.

— Obrigado! — Agradeço à Antônio dando-lhe a mão.

— Eu me encarrego de pilotar. Pode tirar o resto do dia de folga. — Despede Antônio que acena com a cabeça. Claro que ele iria querer ficar

sozinho comigo.

Olho para o mar em combinação com o azul mediterrâneo do céu. Respiro fundo sentindo a brisa fresca. Charter é muito maior de perto, e futurístico, como se tivesse saído das histórias em quadrinhos de James Bond, nunca vi nada igual. Na fuselagem está escrito *Hunter's Technology*. Claro. Se Yan pensa que navegarmos a sós vai mudar alguma coisa entre nós, está muito enganado.

Todo o interior é composto por madeira escura e couro marrom. Ao longe há duas escadas. Escolho a da direita, sem saber aonde vai dar. No final dela me deparo com a cabine de tripulação, por trás do vidro vejo uma área de lazer com piscina e espreguiçadeiras. Exatamente o que eu queria encontrar.

Tiro o vestido, coloco-a sobre ela, passo um pouco de protetor e deito de bruços para tomar sol. Olho pelas brechas do meu óculos para a cabine. Estou sendo observada por ele, todo sexy em sua camisa branca aberta e boné. Ignoro-o, pego o livro que trouxe de dentro da bolsa, apoio os cotovelos nas laterais e começo a ler.

Minutos depois dou um sobressalto, ao sentir as minhas costas sendo massageadas.

— A sua pele estava gritando por socorro de tão vermelha, então espero que não se importe que eu... — Ele murmura, parando, esperando uma aprovação. Sem alternativa, não querendo virar camarão e por não poder fazer isso sozinha, permito que continue. Ele desfaz o laço de trás do biquíni enquanto estudo-o, lembrando de quando nos conhecemos no Night Club. Ele é lindo em contato com a luz do sol, como um deus Grego de feições classicamente esculpida a mão. Penso, sentindo-o deslizar mais loção protetora em meus ombros, fazendo-me cair no sono gradativamente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Depois de jantarmos silenciosamente, ele fica observando-me, fixado em minha boca enquanto me delicio despreocupadamente com a taça de sobremesa.

— Esse também foi você quem projetou? — Pergunto para dispersar a tensão.

— Sim. Charter é um modelo 122, exclusivo feito em parceria com a empresa sueca Strand Craft. Richard, o CEO dessa empresa, é um dos líderes mundiais na fabricação de super Yachts com base em materiais avançados.

— Continua enquanto me lambuzo.

Desajeitada, derrubo um pouco, nos braços. Ele levanta da cadeira, e vem por trás de mim, e começa a me limpar com um lenço. Mas ele está fazendo muito mais que isso, está me abraçando, segurando-me intimamente enquanto como.

— Yan...

— Termina de comer. Adoro escutar seus gemidinhos. Me conta... Como é essa sua fobia?

— Eu cai no lago quando tinha 13 anos. Houve um temporal na hora. Fui salva pelo meu pai, mas desde de então, tenho pavor de entrar em lagos, piscina, mar, e os trovões me deixam daquele jeito que você presenciou. É meio pessoal, difícil explicar...

— Entendo...

— Que horas vamos voltar? — Mergulho a gelatina no leite condensado.

— Não voltaremos hoje, vamos dormir aqui essa noite. Como eu disse, precisamos manter as aparências, e você precisava sair um pouco também, arejar... — Afasta meus cabelos, acariciando a parte decotada do meu poliéster. — Sua pele está ardendo? Ficar exposta ao sol sem proteção é brincar com a saúde, e quero você saudável para mim, é tão difícil fazer isso?

— Arde um pouco, mas vou ficar bem, não se preocupe.

— Está gostando do passeio? — Traz meu rosto para ele.

— Sim. — Respondo trêmula.

— Até quando continuará me odiando?

— Para sempre.

— Não acha um pouco exagerado demais?

— O que fez ontem à noite... — Digo sem jeito, remexendo o restinho na taça. — Foi uma atitude altruísta, você passou por cima do seu ódio. Confesso que fiquei surpresa quando entrou correndo, me pegou nos seus braços e cuidou de mim, provando que tem uma pontinha de coração.

Seu olhar escurece perante minhas palavras.

— Não suporto te ver triste, e distante de mim. Quero que seja feliz enquanto estiver aqui.

— Desculpa, mas não dá pra ser feliz assim. Já deixou claro o que quer comigo, e que quando enjoar me mandará embora. Eu tenho sentimentos, você os fere todos os dias.

— Não te trouxe aqui para te obrigar a nada. Não precisa dormir

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

comigo se não quiser.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Estou sonhando, e Steven entra em meu quarto real, sorrindo ao meu encontro. Apaixonado, deita comigo em baixo dos lençóis acariciando-me.

— *Eu gostei muito da nossa primeira vez. — Sussurra. — Quero repetir de novo.*

— *Eu também. — Confesso, beijando-o toda entregue.*

— *Eu também gostei muito da nossa primeira vez. — A voz de Yan soa do outro lado da cama, me fazendo soltar Steven, intrigada. — Meu primo não sabe o que quer, mas eu posso te dar tudo o que você deseja, tudo que vocês dois se negam a confessar...*

— *Mas eu o amo.*

— *Tem certeza? — Yan questiona. — Ou quer a nós dois?*

Tenciono protestar, porém, Steven tira o meu poliéster, acaricia-me toda, enquanto Yan tira minha calcinha, toma meus lábios e me beija sem se importar por eu estar sendo tocada pelo seu primo também. Extremamente excitada, trago-os para perto, beijo um, depois o outro, dividindo a atenção, sentindo quatro mãos elevarem a temperatura do meu corpo, enquanto me deleito sendo o brinquedinho delicioso dos dois.

— Isso não é certo... — Protesto. — Não podem fazer isso comigo.

— Eu sou o seu noivo. — Steven murmura sôfrego, girando a aliança da mão direita.

— Eu sou o seu marido. — Yan murmura dominador, fazendo o mesmo com a aliança da mão esquerda.

— Esse será o nosso segredo, nós três... — Decretam juntos, um em cada lado do meu ouvido. — VOCÊ É NOSSA!



Acordo num sobressalto, ofegante, sobre o efeito do sonho ilícito. Levanto-me apavorada, e coloco um robe albugíneo, pequeno, semiaberto, mexendo no cabelo. Vou até o banheiro jogar uma água no rosto e pelo espelho vejo que estou meio pálida. Droga de insônia.

Saio do banheiro, pego o livro que estava lendo antes de dormir e desço as escadas espreguiçando-me.

Ao chegar na cozinha, vou até o armário, pego uma xícara, dou

um click e a porta se fecha automaticamente. Depois de preparar meu chocolate, coloco o cabelo atrás da orelha e começo a tomar, apoiada na bancada, enquanto abro o livro e coloco meu óculos de leitura.

De repente uma melodia está tocando baixinho, e ouço passos na madeira, olho para cima em alerta, e ele está parado no alto da escada, fazendo meu corpo crepitar. Ele vem descendo como um perfeito predador exultante atrás da sua presa, até estar no mesmo ambiente que eu.

Ele passa por mim, e não se manifesta, senta do outro lado da bancada, puxa minha xícara, bebe um gole do leite com chocolate que estou tomando, e empurra-o de volta. Minhas bochechas chamuscam desviando a atenção. Lentamente vem até o lado em que estou. Prevendo a proximidade, levanto-me, porém, ele já está impedindo-me com sua ereção encostada em minha barriga, denunciando seu desejo descarado. Seu hálito de chocolate escapa dos seus lábios ardentes, à medida que meu coração pulsa ligeiramente disparado. A tensão sexual entre nós dois é tão intensa que chega a ser palpável.

— Não vai me perguntar por que vim aqui?

— Não me atrevo. — Respondo com a xícara trêmula nas mãos.

— Por que está acordada a essa hora? Estava tendo outro pesadelo? Quer me contar?

— NÃO. — Respondo rápida. — Eu só perdi o sono, e... eu... eu gosto de tomar chocolate, ler e observar as estrelas.

— Hmm... e você? Sabe do que eu gosto?

— Não.

— De levantar de madrugada e devorar mocinhas como você. — Engulo o fôlego apavorada perante essa revelação.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Me deixa passar. — Peço contra o seu peito fazendo a tentativa.

— Tarde demais. Se não quer ser atacada, não deveria andar assim no meio da noite. — Alerta, pegando na pontinha do laço curto do meu robe, que se ele puxar, me terá da forma que realmente quer que eu esteja para ele. — Ainda mais sabendo que é esposa de um predador sexual. É minha mulher, o que me permite o livre acesso e exclusividade.

— Sabe que não podemos ter relações. — Dou três passos para trás, e ele me encurrala na pia.

— Sim, eu sei, porém, há outras coisas que podemos fazer, ou melhor, que você pode fazer comigo... Libelle. — Propõe, naturalmente pervertido. — Não sabe as coisas sujas que estou pensando em fazer com essa boquinha linda.

Rápida no gatilho, alcanço o garfo de churrasco no gancho da parede, inspirado em uma espada de esgrima, e aponto bem rumo ao seu peito, fazendo o movimento de circunferência, como uma felina, sustentando seu olhar numa postura combativa, sem perder o foco da lâmina, ameaçadoramente trêmula em minhas mãos.

Disposto a jogar comigo, pega o outro par, aponta, e persegue-me sorrateiramente, como quem avalia um produto, fascinado com o efeito enervante que causa, enquanto subo a escada de ré, degrau por degrau.

— Fique longe de mim, ou eu juro que perfuro você! — Ameaço, apontando-a com todo vigor que tenho.

Inadvertidamente ataco-o, e ele apara com o seu, formando um X entre nós, testando minha agilidade, rebatendo comigo, fazendo as pontas afiadas tilintarem. Ele avança, agarra meu punho, aperta meus dedos forçando-me a soltar o garfo, elevando a lâmina, até que resvala ao chão deixando-me

totalmente sem defesas.

Ele me encosta no corrimão com a ponta do dele, e calculadamente percorre-o pelo vão do meu robe, rumo aos meus seios. Meu sangue gela sentindo o objeto frio, transpassando por minha pele, até roçar a veia pulsante em meu pescoço. Ele desliza os dedos sobre a minha bochecha até minha boca trêmula e puxa o laço com força exata abrindo-o. Depois, impulsivamente gira, ficando por trás de mim, apertando-me possessivamente.

— Te ver defendendo sua honra me ascende.

Yan Hunter não tem limites, e pelo histórico das outras vezes, só consigo imaginar as suas mãos fortes sobre a minha pele, cruéis e dominadoras. Estremeço involuntariamente.

— Calma, shsssh shssh... achou mesmo que eu iria te degradar dessa forma, pequena? Hein? Eu estava brincando com você.

— Brincando? — Indago ofegante.

— Sim. — Assegura.

Ele me leva de volta aonde estávamos, posicionando-se diante da parede especular, ficando diante de mim, mantendo-me presa em seus braços. Então, suavemente, aloja o nariz em meio aos meus cabelos, alcançando a pele do meu pescoço, aspirando meu cheiro e murmurando coisas melífluas.

— Fico feliz que tenha gostado do meu presente. Não paro de pensar no seu corpo seminu aquecendo o gatinho que eu dei, e em você chorando nos meus braços, no gosto da sua pele. Céus, a lembrança de tocá-la é torturante.

— Yan...

— Não precisa ter medo, *sweet child*, não vou te atacar. Estou sendo bom, tanto que liberei você para passear pela ilha. Porém, quero te dar muito mais. Eu só preciso fazer umas perguntas, e quero que me responda, sem pensar no que é certo, mais sim no que está sentindo nesse momento.

— Gosta de sentir minhas mãos em você, não é?

— S-sim. — Arfo fechando os olhos ao sentir sua mão ousada tocar pouco abaixo do meu umbigo, forçando-me a contraí-la.

— O que está sentindo nesse momento? — Ele desliza a ponta dos dedos do meu ombro até o pulso, tornando-me consciente do aroma forte da sua colônia moscada.

— Sinto como se estivesse tocando cada célula do meu corpo. — Confesso de olhos fechados.

— Muito bem. — Diz roçando a barba por fazer em minha nuca.

— Existe outra coisa que você gosta de fazer enquanto observa as estrelas, não é? — Relembra minha entrega na sacada. — Se você aceitar, domingo, te levarei ao Flyer, vamos passar o dia todo lá. Será minha de todo jeito que eu quiser, e vamos transar loucamente, Belly. Você ainda não conheceu a melhor parte daquele lugar.

— Você sempre me toma, sem pedir licença. O que aconteceu para que mudasse de tática? — Indago excitadamente curiosa.

— Eu não estou suportando suas vibrações de hostilidade, portanto, não quero forçá-la, quero que venha e admita, que por mais errado que isso seja, você também me quer. — Diz segurando-me contra sua ereção *elevadamente* dura. — Sinta como você me deixa. — Acrescenta com um gemido gutural tirando meu oxigênio por segundos.

— Yan.. — Gemo dissolvendo-me, em seus braços.

— Calma... — Ele me segura, e continua, surpreendentemente terno, bem baixinho no meu ouvido. — Não sabe o prazer que me causa, saber que me odeia, mas adora que eu a toque. Estou atormentado pelo desejo, tenho FOME de você, Libelle.

— O quanto? — Instigo-o.

— DEMAIS! — Sussurra arranhando meu ombro nu com seus dentes, como se descontasse seu desejo da forma menos violenta.

— E como será dessa vez? — Arqueio a sobrancelha pensativa.

— Vou ser gentil, o tempo todo. — Morde minha orelha e desce traçando caminho de beijos molhados. — Vou tirar toda a sua roupa, beijar cada pedacinho desse seu corpinho gostoso... — Ele continua, agora passando a pontinha da língua pelo meu pescoço, insinuando coisas. — E chupar a sua pussy até ficar molhadinha, bem assim... — Ele molha meu dedo em minha xícara de chocolate ao lado, coloca-o em seus lábios, e chupa de um jeito que faz minhas pernas fraquejarem, em seguida molha o seu, coloca em minha boca para que eu chupe também, e eu o faço, capturando o restinho que sobrou.

— E você vai fazer o mesmo comigo. — Insinua, rouco de tesão. — Quero isso aqui... — Ele toca meus seios por dentro do tecido me fazendo engolir seco, compelida em uma agonia insuportável.

— Eles me deixam com água na boca. Pequenos, como se estivessem em formação... — Circula o indicador na pontinha. — Eu vou sugá-los com vontade, como sempre faço, até ficarem vermelhinhos e quentes, do jeito que eu gosto, enquanto entro em você e escuto seus gemidos fraquinhos.

— E depois? — Sussurro inebriada pela adrenalina da proposta indecente.

— Vamos começar outra vez, por cada canto, inclusive no chuveiro, nua e molhada só para mim. — Ele afasta o cetim e acaricia-os devidamente afetando de vez minha circulação sanguínea. — Tem ideia do quanto desejo tudo isso, Belly? — Aperta-me mais ainda e relatando.

— Já estou imaginando, você de lado, eu segurando sua perna e colocando bem devagarinho, você apertadinha se contorcendo, o rostinho delicado todo corado, os olhos turvos de desejo, gritando, enquanto eu te fodo, de novo, de novo, e de novo...

— Steven não pode saber disso. — Concordo. Beiro a insanidade completamente, trêmula e fraca de desejo, nos braços dele.

— Ele não vai saber. — Murmura, rouco contra o meu pescoço, fazendo minha pele se arrepiar. — Impossível alguém saber o que acontece nessa ilha. A não ser que eu mesmo ligue e conte que estou com você, que me casei com você, que a roubei, e que você é minha. — Acaricia minhas coxas, minha bunda, apertando-me toda nele, fazendo-me senti-lo por completo. — Você veio para trabalhar não foi? Use esse rostinho de ANJO, a seu favor, e ele nunca vai saber, que esse tempo todo, na realidade, você estava gemendo deliciosamente em baixo, e em cima de mim.

— E o meu pai? Até agora não me deixou falar com ele, e...

— Eu deixo, desde que continue aqui comigo até me fartar de você.

— Você promete?

— Prometo. Você é extremamente encantadora, é a única que quero. — Entrelaça suas mãos na minha, unindo as alianças reluzentes. Ele me olha com triunfo, como se escondesse algo proibido.

— Se vou continuar me prostituindo, não quero que se refira a mim como puta, nem que seja brusco, me machuque, ou pior, que tente me

engravidar de novo. — Peço com a voz fraca, bamba em seus braços, enfeitiçada por suas palavras, seus gestos. Seu controle sobre mim.

— O que quiser. — Concorda, me erguendo e sentando-me na bancada, depois pega o meu rosto com as duas mãos. — Não está se prostituindo, nos meus braços, você é simplesmente, minha. Minha, Libelle. Quero que abra esse sorriso encantador quando eu chegar do trabalho, que pule no meu colo, e me deixe fazer o quero com você.

— Então, acho que podemos contemporizar nossa relação. Eu topo. — Respondo hipnotizada pelos seu olhos cor de mel. — Vamos começar de novo. Eu serei sua, do jeito que quiser.

Ele se aproxima, e beija a minha bochecha. Quando abro os olhos ele está me estudando, cogitando essa hipótese, com os olhos revelando a velha expressão: "Brincar com a comida."

— Boa noite. — Murmura, e fico olhando-o se afastar, tomando mais um gole generoso sem desviar os olhos dele, que também está protelando, fixado em mim. De repente ele solta um palavrão, e volta. Então me dou conta do que está acontecendo. A xicara está inclinada e minhas bochechas escorrendo leite até o meu robe

— Chocolate e você... — Ele sussurra sorrindo sexy de canto, e coro, toda melada, exposta a ele que me olha fascinado me tratando como se eu fosse uma criança bagunceira. Entregue, cerro os olhos, cheia de expectativa, e ele começa a retirar os vestígios das minhas bochechas com a boca deliciosa que só ele tem. Ele passa pelo meu pescoço, e desamarra meu robe para obter meus seios úmidos cheirando a leite. É incrível, mais nesse momento, eu esqueço o mal que me fez, esqueço o sequestro, esqueço tudo, e só tenho consciência dele, me limpando, sugando os biquinhos e absorvendo as gotas de chocolate com a língua.

— Doce criança. — Ele me pega no colo de robe aberto, o que me permite sentir todo seu peitoral quente em minha pele. Ele saqueia minha boca e vai subindo pela escada, comigo entrelaçada em seu quadril. — Já que temos um combinado, vai ter que dormir comigo. E vamos brincar um pouquinho...

Ele chega no quarto e me coloca no chão, tirando meu robe.

— Yan, eu estou...

— Eu sei. Mas vamos apenas tomar um banho juntos. Vem... — Ele me leva pro chuveiro, e quando vejo está removendo meu absorvente interno, e me lavando em seguida. Ele prende meu cabelo num coque para que não molhe e me leva até a banheira de espumas, deixando-me em seu colo, mas não me penetra, fica apenas roçando o pênis na minha vagina por dentro da água. Acariciando meu corpo coberto de espumas, me inalando como o ar, e me beijando com paixão. Está funcionando, estou em seus braços de bom grado agora. Aproveitando suas caricias, deitada no ombro dele, e a parte preocupante é que eu gosto, aprecio ter intimidade com o homem que me sequestrou, e que pode ser tão cruel quanto gentil. A paixão é tanta que quando vejo estou gozando, com os sussurros dele em meu ouvido, gozando sem penetração, apenas sentindo-o molestar minha vagina, a água tépida, as ondas azuis lá fora, e meu corpo tremendo nos braços dele num gozo íntimo e delicioso, inflamada em sua aureola colorida. Ele está duro, com muito tesão, e ergo os olhos flertando com ele, numa insinuação do que ele quer.

— Não vou te comer. Tenho medo de não conseguir parar e gozar dentro de você novamente, e ainda não está usando contraceptivo, então... escorrega um pouquinho, e deita de ladinho entre minhas pernas... Isso... Agora me chupa, e alivia meu tesão com sua boca, Isabelly.

Ele pede já me dando seu pênis enorme, e começo a sugar, deitada na

banheira. O vapor condensado se espalhando no ar, compactuando com o pecado, sentindo seu gosto muito melhor do que uma maçã. Não me importo com mais nada, somente na carne dura na minha boca, e a seiva me alimentando enquanto ele se perde em mim.

Quando vejo estou embrulhada na toalha, e ele sai comigo delicadamente, apanhando os sons da minha respiração com beijos, me transportando até a cama como algo frágil e precioso. E me deixa deitada entre os lençóis cheirosos e macios enquanto sai. Depois volta do quarto em que eu estava, trazendo uma calcinha de algodão branca, e minha bolsa. E me faz corar ao dizer em meu ouvido o que pretende fazer. Fecho os olhos deixando-o cuidar de mim, e colocar o absorvente interno, depois a calcinha. Escondendo-me em seu peito envergonhada, sendo acariciada, e seus olhos em meu rosto em completa devoção.

— Você noivou com meu primo, mas vai ficar comigo. Comigo, comigo, comigo...

YAN

Domingo, às 15 horas, estou editando uns projetos, e ouço batidas na porta. Abro, e para minha surpresa, é Isabelly, toda linda, de saia perolada curtinha, e blusinha rendada da mesma cor, mostrando a barriga.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Que surpresa agradável! — Exclamo apreciando.

Impulsivamente travessa, ela se joga em meu colo cruzando as pernas em volta do meu quadril. Seguro sua bunda exposta, e subo uma mão pela sua cintura desnuda.

— Eu vim brincar um pouquinho com o meu tecnólogo preferido. — Revela provocante com seu sorriso de menina.

— Está andando assim pela casa, com o Daniel cuidando de você? — Pergunto distribuindo beijos pelo seu rosto, queixo...

— Estou. — Responde naturalmente. — Acho que pode despedir ele por hoje, aliás iremos ao *Flyer*, e como pode ver estou me comportando muito bem.

— Vou dizer a ele que está dispensado. — Digo sentindo-a deslizar os dedos em meu rosto.

— Tenho uma surpresa. — Retiro de dentro do terno, diante da sua expressão boquiaberta, o pirulito de pozinho, *Dipn'lik*.

— Não acredito!

— Comprei para você, e já sabe o que quero em troca. — Confesso em seu ouvido. — O beijo mais gostoso que raspar panela de brigadeiro.

Sem desviar dos meus olhos, abre-o com o dente, mergulha o pirulito no pozinho, e chupa diante do meu olhar faminto babando por ela. Em seguida, emaranha uma mão em meu cabelo e me beija docemente, introduzindo a língua de um jeito infantilmente ilícito, cristalizando pela minha boca um agridoce de morango caramelizado fazendo-me apertá-la e gemer numa explosão de estrelas no céu da sua boca.

— Hm... — Murmuro após retomar o folego. — O melhor beijo que já

recebi.

— Gostoso, não é? Não existe nenhum como esse. A fórmula deve ser tão bem guardada quanto a da Coca-Cola. — Informa com os olhos brilhando, como se me passasse uma informação que iria mudar o mundo. Estudo-a bem de pertinho, sorrindo, afetado pela sua energia contagiante.

— Que linda! — Elogio erguendo seu queixo com o indicador.

— Eu estou muito ansiosa para ser sua de novo. — Atiça agarradinha a mim, me enchendo de beijos. Sento-a na mesa, ainda na mesma posição, puxando-me pelo pescoço, chegando a base do meu ouvido.

— Eu quero dançar pole dance, nua... para você. — Sussurra com a voz meiga e rouca — Enquanto assiste meu corpo escorregar na barra, me desejando cada vez mais. E quando eu acabar, vou sentar em seu colo naquela posição que você disse que não aguento, aos pouquinhos... — Ela aperta meu pau. — estará dentro de mim... — Solta o ar na minha boca. — A música continuará tocando, me motivando a continuar remexendo, fazendo você gemer como um louco, até não se aguentar e me obrigar a sentar nele todo, e...

— Isabelly...

— Não me interrompa. — Coloca os dedos sobre os meus lábios. — Vou me entregar e gemer dentro da sua boca, enquanto me beija e me possui exatamente dessa forma que está pensando agora.

— Você gosta de me provocar, não é? — Deposito-a, deitada sobre a mesa.

— Ahan. — Concorde mordiscando meus lábios. — Gosto de saber que você me quer. Diga que é louco por mim, diga.

— Sou louco por você. — Afirmando roçando minha barba por fazer na

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pele macia do seu rosto.

— Repete.

— Sou louco por você. — Reafirmo a centímetros, roubando-lhe outro beijo doce. — Sabe que não podemos quebrar as regras, por causa do seu estado. Já iniciou o método?

— Sim, a doutora que você chamou, veio hoje e aplicou a injeção em mim. Doeu muito quando ela aplicou.

— Patrão? — Daniel bate na porta que já está aberta.

— O que foi? Não está vendo que estou ocupado?

— Desculpe interromper, mas tem dois representantes da *Strand Craft* querendo falar com o senhor sobre o *Flyer*, acho que eles querem fazer algum tipo de avaliação. Não sei, não entendi direito.

— Ah! Droga... — Reclamo pendendo a cabeça para trás.

— Por que simplesmente não os manda embora? É domingo... — Ela choraminga.

— Não dá! A *Technology* está esperando a avaliação da *Strand Craft* para a parceria e divulgação de produtos da empresa. Realmente, é simplesmente um saco estar ardendo por dentro, com meus pensamentos apenas em tirar sua roupa, mas tenho que apresentar o *Flyer* à esses incompetentes, que agem como duas crianças pobres que nunca viram um celular que comanda todos os recursos com apenas alguns toques na tela. É uma merda! — Dou de punhos na mesa.

— Não fica assim, nervoso. — Ela me acalma e puxa-me forçando mais um selinho, sorrindo de cantinho. — Vou te esperar ansiosa para brincar com o meu tecnólogo preferido. — Afirma chupando o pirulito, deixando-me

completamente vidrado.

— Eu volto logo. — Prometo beijando-lhe na testa, e me retiro.



YAN

Apenas alguns minutos, é isso que cedi do meu precioso tempo. Olho a cada instante no meu relógio de pulso para que entendam que não estou com paciência. Nunca desejei tanto estripar alguns seres de terno. De qualquer forma, no momento em que os dois vão embora elogiando os projetos, sinto como se fosse um dos maiores alívios que já senti, como se fosse um livramento.

Saio do *Flyer* indo diretamente para dentro da casa à procura de Belly. No entanto, ao entrar, percebo certa movimentação anormal e agitada vinda dos empregados na casa, que parecem muito aflitos, como se fugissem de mim, até mesmo executam suas tarefas mais rápido que o normal.

Quando vejo Drica passar por mim em passos rápidos carregando uma pilha de toalhas brancas em direção às escadas, ela me olha de canto, temerosa.

— Drica! — Chamo. Neste instante, escuto um alto barulho na parte de fora da casa, um som alto que oscila como se fossem... Hélices? — Onde está, Belly?

Ela simplesmente me olha inquieta, sem responder. Sem dar um pio.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

É muito óbvio, saio correndo atravessando a sala até a porta dos fundos, derrubando as toalhas que ela carrega ao chão.

— DANIEEEEEEEELLLL!!! — Grito completamente desequilibrado por perceber que ele não estava vigiando-a.

— Sim, patrão? — Ele aparece no alto da escada, assustado com o grito e fechando o cinto da calça, o que me faz subentender claramente que ele estava no banheiro. Imbecil!

— Desbigodado, inútil! — Saio porta a fora dando de cara com um enorme helicóptero levantando vôo. É inacreditável! Realmente não pode ser. É impossível.

Abro o aplicativo com intensão de saber quem é o cúmplice de um resgate que está com ela.

— Não acredito! Maldito. — Balanço a cabeça negativamente sorrindo ironicamente, sentindo um gelo subir por toda a área da minha espinha. — Isabelly, você conseguiu elevar o nível do jogo a um patamar... digamos... ALTÍSSIMO! — Sorrio embasbacado.

ISABELLY

Tudo simplificou quando me dei conta do quanto o afetava. Eu tive certeza disso na noite de terça-feira, enquanto dormia com o meu presente. Sabia que para sair dali, eu teria que usar o que me favorece. Minha arma. EU MESMA. Carregada e cheia de munição. Eu me usei para seduzi-lo e deixá-lo pensar que eu havia esquecido tudo o que me fez, concordando com a ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

proposta indecente de me usar até que seu desejo por mim dissipasse. Confesso que fiquei surpresa com sua abordagem, que facilitou tudo para mim, convenhamos. Não sou hipócrita a ponto de dizer que não o desejo, mas o que me fez não será perdoado como se não significasse nada. Então, percebendo que sua obsessão por mim o cegava, e eu o usei também.

SÁBADO À NOITE

Estávamos deitados no sofá, agarradinhos, então, aproveitei para por meu plano em ação. Beijei-o até que perdesse o fôlego e só tivesse consciência de eu estar ali, com ele. E roubei o seu celular, após pedir que fosse buscar sorvete para mim. Correndo um grande risco, apliquei meu método adquirido no tutorial da internet pelo meu lado curioso: Segurei o botão de + por 20 segundos e tcharam. Celular desbloqueado. Claro que não resisti, dei uma conferida em seu cardápio e eram muitas mulheres seduzidas por esse CAFACHORRO:

Tirei um certo cartãozinho de dentro do meu sutiã e liguei para o meu cúmplice planejando a minha fuga em baixo do nariz dele, usando o seu próprio celular como munição, apagando o vestígio logo depois.

Preocupada com a sua demora, fui atrás dele, e sem que notasse, ouvi sua conversa com o advogado traidor.

— Diego, amigo, entenda. Eu só quero usá-la, você sabe como eu sou, ela é um desafio, e me desperta desejos com aquela carinha de menina, no entanto, é questão de transar com ela por pelos dois meses consecutivos, porque eu não suporto mais olhar para ela.

Disfarcei, e voltei para a sala. Quando chegou fiz cara de santinha,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

como se eu fosse incapaz de matar uma mosca.

— Achei que tinha ido buscar na fábrica da Kibon. — Fiz piada.

— Estava atendendo uma ligação internacional. — Mentiu impudicamente.



O descarado ainda me deu sorvete na boca me chamando de *Sweet Child. Sweet Angel. Sweet Heart*. Porém, eu não sou mais criança, e definitivamente não sou doce. Desempenhei com êxito o meu papel, e Yan não desconfiou de absolutamente nada. Ele foi um idiota ao ter comprado para mim o Dipn'lik, porque só ajudou a concretizar o meu plano. Aproveitei a situação para roubar a sua carteira também enquanto o seduzia, colocando dentro da minha calcinha. Peguei todos os dólares que continha, devolvendo da mesma forma que peguei sem ele perceber. Pobre homem rico. Acreditou cegamente na ilusória Isabelly Palouli. Eu disse que faria os caras maus serem bonzinhos por um fim de semana, no entanto, o homem inviolável foi bonzinho por uma semana toda. Olho e acaricio Wody ao meu lado, que está adorando a viagem de helicóptero.

— Tem certeza do que está fazendo, gata? — Comenta um certo anjo, fã meu da internet.

— Absoluta. — Confirmo.

— Ele acreditou mesmo nos falsos representantes que mandei?

— Caiu como um patinho. Só me leve por favor para bem longe daqui, Edu.

Ele acena a cabeça em sinal de sim.

— O que significa isso? — Pergunto intrigada, achando tudo muito estranho por estarmos pousando.

— BEM-VINDA AO PROJAC, GATA!

— O QUÊ?!

— Preciso revelar uma coisa. Antes de me tornar ginecologista, eu trabalhava no Projac da Globo produções. Você é a estrela do pole dance mais comentada do momento, e como sortudo que sou, tive o prazer de consultar a sua vagina, diante disso, falei diretamente com o João Roberto Marinho e informei que a garota do vídeo famoso estava aprisionada em uma ilha com um tecnólogo gostosão. Não precisei mexer meus pauzinhos para trazê-la para cá, porque você me ligou primeiro facilitando tudo para mim. Fofa, você vai A-RRA-SAR, e euzinho aqui, aumentarei meus créditos com a produção.

— Não posso Edu, eu preciso ir urgentemente para o aeroporto e...

— Eu te ajudo a fugir, e em troca você dança no programa. Parece justo. Por favor, não vai sujar minha imagem, todos estão eufóricos para recebê-la.

— Imagino que sim. — Digo, ao ver a imprensa do lado de fora. Olho para a minha imagem no espelho, e retoco meu batom roxo. — Ok, eu me apresento e em seguida, você me leva ao aeroporto. Combinado?

— Combinado. Seu marido, deve estar fervendo uma hora dessas.

— Fervendo é pouco. — Comento pensando na encrenca em que me

meti. Ele disse que o inferno congelaria se eu dançasse no programa. Então...
— Coloco os óculos escuros, e desço a escadinha exibindo aos flashes o meu figurino poderoso. Toda de preto e salto fino, fazendo uma nota mental.

O INFERNO VAI CONGELAR, SENHOR HUNTER!



Com o meu braço entrelaçado ao de Eduardo, sou guiada até uma das portas do corredor, na tentativa de escapar do tumulto causado pelos meus possíveis fãs notórios. Já dentro do Projac, em um dos corredores, vejo uma plaquinha com o meu nome no meio de uma das portas. Há vários tipos de maquiagem em cima da grande penteadeira, e muitas roupas se destacando a minha frente. UAU! MEU CAMARIM! Estou prestes a entrar, mas Edu me impede, pedindo para eu esperar um pouco do lado de fora, para falar com o possível maquiador e explicar a minha chegada. Entretanto, curiosa que sou, encosto no batente, dando uma pequena espiada.

— Kaká Moraes, meu querido, quanto tempo! — Ele o cumprimenta, beijando-o no rosto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você aqui de novo? Achei que havia se tornado ginecologista.

— Pensou que se livraria de mim? Se enganou, mon amour. Para sua sorte ou talvez azar, vai ter que me aturar aos fins de semana, afinal não posso deixar o meu consultório, acho que isso responde a sua dúvida, se bem que, na verdade... queria ser urologista. — O maquiador e eu olhamos para cima em sintonia, rindo, enquanto ele arruma o pó vermelho. — Coisa de família. Enfim... voltei com a bola toda.

A conversa prossegue abafada, misturada com os gritos faceiros da aglomeração que cresce e urra com o meu aceno.

— Você pode não acreditar, mas Roberto Marinho garantiu que eu poderia voltar as minhas sombras e blushes, ter aumento de salário, na condição de eu conseguir convencer e trazer a estrela do *Youtube* para o estúdio, após eu dizer que a havia consultado particularmente. Esperto o chefinho. Assegurei-o que seria apenas questão de tempo, porém ele já havia preparado tudo antecipadamente para que eu fosse buscá-la em seu helicóptero particular e a trouxesse o mais rápido possível para cá assim que conseguisse. Pode imaginar como os meus créditos estão altíssimos. Essa garota é sucesso... Pode entrar, borboleta!

Estou absorta, e digerindo o fato de eu ter me tornado celebridade, quando ele começa a bater palma na minha aurícula, exibindo-me ao moreno careca que me olha embevecido. — Achou que eu estivesse falando da Buckmann? Que atraso de vida, hein, gato... e desrespeito com a Little Surfer. — Ele me puxa, balança a cabeça, e senta-me na cadeira giratória.

— Não liga para esse ignorante, porque quem navega discada nunca vai saber o que é banda larga! — Solta para que todos da sala o ouçam. Kaká o ignora, se aproximando para me maquiarmos, mas ele o impossibilita, batendo em sua mão rechonchuda.

— Quem a trouxe?

— Voc...

— Exatamente, portanto, quem vai maquiar sou euzinho aqui. — Avisa sorridente. — Agora, vamos lá! Vamos, agilidade, porque senão a garota não dança hoje. Angelina! Chama a Soraia e a Helena. As unhas dessa menina estão chamando a help movél. Ai que horror!

Ela puxa algo da cintura e clama o nome delas no pequeno aparelho.

— Argh! A lerdeza desse povo me estressa! — Arfa, olhando as manicures adentrarem apressadamente com seus equipamentos.

— Se a minha estrela tiver alguma exigência é só falar. — Comenta enquanto as duas moças começam o seu trabalho. — Ah! E me diz uma coisa, gata... você vai dançar aquela música do seu vídeo, né? Diz que sim pelo amor de todos os santos! Piro nela! Não faz ideia. *Off To The Races* de Lana Del Rey, combina perfeitamente com você. — Garrincha em verificação.

— Vou sim, Edu, mas tem como avisar a banda para mesclar com a música da Katy Perry? — Sussurro o nome em seu ouvido e ele berra. — ANGELINA! Traga aquele look poderoso, a estrela tem que brilhar! E você vai avisar o Caçulinha sobre a música que a borboleta está exigindo! — Aponta para Kaká que perdeu a sua função aquela tarde. A loira bonita se atrapalha com os trajes e Eduardo não gosta nada.

— Não... esse NÃO! Quer que a garota espante a plateia com isso? Quero aquele look composto por um short pretinho de couro... — Ela arrisca novamente e agora, ele a aplaude. — isso, esse mesmo, criatura!

— Ai, que lindo! - Solto um berrinho agudo, erguendo para ele a página que ostenta um piercing de coração no umbigo de uma das modelos.

— Um dia colocarei um igual.

— LURDINHAAAAA! — Ele uiva, batendo palmas pelo corredor a fora, e uma mulher baixa, gordinha de cabelo preto enrolado bem curto, entra sem fôlego, esperando a ordem. — Nossa diva quer por um piercing, rápido, providencie tudo. E olha. — Ele mostra a foto. — Ela quer esse daqui, decore bem.

— Não, eu só fiz um comentário e...

— Relaxa. Estamos aqui para te agradar. Marinho pediu que te tratasse como rainha. Só pelas chamadas que fizeram nos comerciais, o ibope subiu lá em cima, sabia?

— Eduardo? — Lurdinha o chama com a sua prancheta de anotações.

— O que éééé?!

— Quem iremos chamar para colocar o piercing faltando duas horas para a apresentação?

— Quanta incompetência. Liga para o Vin Diesel. Meu Deus! Estou cercado de idiotas. Se não sou eu aqui, nada acontece. Vá rápido!

— Mas ele não é tatuador?

— Sim, mas põe piercings também, vai, se mexe, mulher!

— Vin Diesel? — Pergunto curiosa.

— Ele é a cara do ator, por isso o apelido. Você vai ver quando chegar aqui. — De repente, o camarim é invadido por câmeras e pelo...

— JOCA! Que surpresa, sempre invadindo, não é? — Eduardo pula com a visita inesperada.

— Bom te ver também, Varella. Está de volta, que alegria! — Eles se abraçam brevemente e Edu lhe dá três beijinhos no rosto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Isabelly, é um prazer enorme te conhecer. Nós viemos fazer uma entrevista exclusiva com você para ir ao ar amanhã no Vídeo Show. — Diz me encarando.

— Você se importaria? Ou estão ocupados? É bem rápido. Prometo. Tudo bem?

— Ela não pode gravar. — Eduardo fala por mim. — Ela deve.

Os preparativos são tão rápidos para iniciar a gravação, que em menos de um minuto, Joaquim já está me anunciando em frente às câmeras, fico pasma.

— Fala, Otta e Moniquinha! Estou aqui com a grande musa do Pole dance, que está virando a cabeça de muitos marmanjos na internet. — Pode dar uma voltinha, linda?

Antes que eu o faça, Eduardo me cutuca, e eu giro no impulso.

— Não se preocupe, antes de ir ao ar, o vídeo será editado. — Ele explica.

— Daqui a pouco ela vai estar no palco do Faustão e vamos estar lá também acompanhando tudo de pertinho, tudo isso, é para vocês aí de casa, bellynáticos que pediram nas redes sociais por essa matéria. — Ele vira para mim com o celular em mãos e prossegue. — Temos aqui algumas perguntas no twitter... Como foi virar celebridade da noite para o dia?



Depois da entrevista, o tão esperado Vin Diesel dá as caras. Meu corpo todo gela. Ele é tão idêntico ao ator que parece que foram separados na maternidade.

— Me chamaram? — Ele entra, pisando como um brutamonte prestes a abrir o chão no meio. Incrível.

— Vin, essa mocinha linda aqui, quer por um piercing, capricha que hoje ela tem que atear fogo no palco do gordinho das seis, temos só uma hora e ainda tenho que fazer a make dela, então... agiliza, gato!

A cadeira que estou vira uma maca e o moreno tatuado com as luvas cobrindo as mãos, começa a esterilização. Depois com a ponta de um tesoura linguística, posiciona o meu umbigo no ângulo certo para então perfurar. Fecho os olhos esperando pela dor, porém o que sinto é apenas uma leve físgada. *Ouch!*

— É esse que você pediu, certo? — Pergunta, mostrando-me o pequeno coração entre seus dedos fortes. — Confirmo olhando em seus olhos negros. — Trouxe de prata com pedra de zircônia para que não ter problema de inflamação.

Com o furo já pronto, tira a agulha e coloca o piercing, acochando a bolinha delicada, por fim, conclui pedindo uma selfie para registrar sua obra. Tiramos abraçados, mostrando então o seu trabalho feito.

— Foi um prazer, Isabelly... obrigado! — Despede-se beijando ternamente a minha mão direita.

— Deixa eu dar um close nisso! — Eduardo franze o cenho analisando-me. — UAU! Ficou *gatíssima!* Agora, vá se trocar... A sua roupa está te esperando no provador para o arraso!

Faço o que ele pede, e ao voltar, deixo ele e Angelina embasbacados.

— Perfeita! — Ele aplaude. — É assim que tem que estar, mas, ainda está faltando alguma coisa. — Fixa nos meus cabelos. — Já sei! — Grita. — Mechas, isso, quero mechas na cor rosa.

Eduardo sai andando, e volta com um spray.

— Poderiam ser originais, mas esse improviso é o que tem pra hoje. — Informa, e sem me questionar, colore as pontas do meu cabelo, e depois oculta prendendo-o em um coque.

— Minha nossa senhora dos babados! Hoje o programa vai ferver mais que o Caldeirão do Huck! Você tem 30 minutos para entrar. Vamos te deixar descansar um pouco agora, e quando faltar 5 minutos, venho te chamar, tá? Esteja pronta.

— Edu? — Ele volta energético em seus calcanhares. — Eu posso te pedir uma coisa?

— Se estiver ao meu alcance, claro que sim, gata!

— Eu deixei o meu celular no helicóptero e preciso fazer uma ligação importante. Será que...

— Pode usar o meu, coração! — Ele me entrega o seu Vertu, uma das marcas do olho da cara, mas não me surpreendo, afinal, trabalha no meio das celebridades, o seu salário fala por si só... — Vou mandar reaverem o seu, ok? Volto já! — E sai jogando beijo.

Rapidamente, com meus dedos titubeando, chamo a causadora do meu sucesso no *FaceTime*. Não demora muito e meus olhos lacrimejam ao vê-la na tela.

— OMG! Não acredito... BELLY!? Que saudade, amiga. — Abafa com a mão o grito de empolgação em me ver. — Mas espera... de quem é esse celular? O e-mail que aparece aqui é: *ed.gm@outlook.com* e sei que não te

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pertence. Já perdeu o seu novo? Porque eu ligo, ligo e não completa a chamada. O que está havendo? Onde você está?

— É uma longa história, eu estou...

— O quê? Você está vindo para Los Angeles?

— Por enquanto não... só estou ligando para agradecer pelo o que fez por mim e avisar que graças a você estou no programa do Faustão! — Ela solta um berro, olhando em volta, há muito barulho e pessoas sentadas em mesas ao seu lado, irritadas, degustando seus pedidos.

— Não acredito! Que loucura! Mas eu sabia que isso uma hora aconteceria. Você é um arraso e merece essa chance... Por incrível que pareça estou no Bossa Nova. O seu favorito. Quando sinto sua falta, venho aqui, comer as comidas típicas do Brasil, principalmente o pão de queijo com cappuccino, que aprendi com você. Esse é um dos lugares que frequento para me sentir mais perto da minha best... Dois meses sem você vai me render uma carteira vazia, e a culpa vai ser toda sua. — Rimos juntas, mas a minha vontade mesmo é de chorar por estar vendo-a por uma tela e não pessoalmente, porém a tristeza em meu peito logo cessa, pulando agora de alegria, porque depois da apresentação eu voltaria para ela e Steven fazendo uma surpresa. — Vou pedir para o garçom colocar na Globo. Mas me explica, como...

— Aria, agora não posso explicar. Preciso me aquecer, e... o Steven? Como ele está?

— Ah! Ele tem viajado direto esses dias para as Bienais, hoje está na Flórida. — Conta, revirando os olhos em desgosto. — Ele me manda Whats todos os dias perguntando se consegui falar com você, porque depois daquele dia quando me ligou, você voltou a sumir, agora do nada aparece, e solta essa bomba atômica! Para de fazer isso!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Desculpa, o trabalho está muito corrido, o uso de celular é restrito na empresa e chego cansada, mas vou dar um jeito de não sumir mais. Tenho que ir agora. — Digo ao sentir o aparelho vibrar em minhas mãos, avisando a chegada de uma ligação. — Preciso devolver o celular ao dono, está tocando, ah! Vou estar no palco... — Olho para o relógio acima e volto a olhá-la. — em 25 minutos. Acompanha aí... foi bom te ver e falar com você, amiga, estou com saudades, te amo! — Jogo um beijo, ela faz o mesmo e desligo. A vibração continua. E agora? Será que atendo? Eduardo não está aqui, e pode ser importante, mas não sei se é cliente clínico ou alguém da produção. Como atender? O que devo dizer?

— Celular do Varella? — Atendo sem comprometimento, retocando meus lábios com o gloss.

— Nunca lhe disseram que a melhor maneira de afastar um homem é permitir que ele a pegue? Quanto mais foge à caça, mais ávido fica o caçador.

Minha imagem congela no espelho ao ouvir aquela voz que me envia calafrios através das ondas eletromagnéticas.

— Vestido vermelho, curto e rodado. Hm... essa cor cai muito bem em você, gostei, *love*. — Como ele consegue? Esse cara está em todo lugar. Parece o satanás ou um possível membro da sociedade secreta dos *Iuminatis*. Nervosa levo as unhas na boca para mordiscá-las.

— Cuidado! Vai acabar quebrando-as fazendo isso, que por sinal estão lindas. — Comenta, fazendo eu me sentir em um trailer de suspense.

Como ele consegue ver tudo o que faço? Onde ele está? E de onde está falando? Olho para os quatro cantos em busca de alguma câmera escondida. E nada. Quando volto a olhar o espelho, vejo a maçaneta da porta se mexendo. AI MEU DEUS! Clamo internamente cerrando os olhos, e quando se abre, me deparo com a imagem dele refletindo-se atrás de mim, fazendo-
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me derrubar o celular que cai literalmente no carpete alabastrino aveludado.

Ele está aqui? Isso não é possível! É apenas uma projeção do meu subconsciente tentando pregar uma peça em mim. Tem que ser. Continuo estagnada ao vê-lo avançar lentamente, ao vivo e a cores. Seus olhos estão escondidos por trás das lentes do óculos aviador, e na cabeça está usando um boné da NY. Suas mãos estão dentro dos bolsos. Seu corpo moldado a perdição está encoberto por uma jaqueta puída. Sinto um arrepio subir pela minha espinha dorsal, eriçando todos os meus pelos quando ele toca a minha cintura e afunda os lábios no meu pescoço, beijando-o. Calma Belly. Inspire, expire...

— O que foi? Seu gatinho comeu a sua língua? — Profere o ditado popular com um toque sombrio. Não digo nada. Apenas sinto-o tocar a minha pele, enquanto me encurrala contra o vestuário, raspando seu nariz no meu, arfando deliciosamente.

— Eu não sei o que dizer, nem o que pensar sobre isso. A única coisa que sei... é que... — Ele tira os óculos, segura-os ao lado do corpo, fixa seus olhos cor de mel nas minhas córneas, com uma expressão austera como centelhas, enquanto passeia a mão forte na minha coxa esquerda. — Quero arrancar esse seu lindo vestido bem aqui, e agora, enquanto as pessoas lá de fora, escutam os nossos gemidos e desejam ser nós dois. — Subitamente, Edu começa a bater na porta desesperado. — Mas talvez, isso não seja uma boa ideia, não é?

— É... — Arfo, ofegante, ruborizada, excitada, assustada, desconcertada... prestes a um desmaio iminente.

— Shhhh! — Ele levanta o dedo em direção aos meus lábios. — É a hora do show. Arrasa... Vou estar na primeira fila... — Volta a colocar os óculos, e acaricia minhas bochechas ruborizadas com o indicador. — Até

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

daqui a pouco... Amorr. — E desaparece por entre as cortinas ao lado da mesa farta de petiscos fabulosos, que eu nem sequer havia notado, até esse momento.

Espelho, espelho meu! Existe alguém mais encrencada do que eu? Penso divagando em meio a um monólogo. Você sabia que ele viria atrás de você! Isso é verídico. Por que você é tão estúpida, Belly? Agacho, pego o celular, verifico e por um milagre não trincou, continua funcionando. Ainda bem.

A insistência na porta persiste. Abro e Eduardo entra feito um jato.

— O que foi? Por que está assim, pálida como uma integrante da Família *Addams*? — Como não me manifesto ele continua. — Bom, deixa pra lá... trouxe o seu celular, minha ninfa. — Fazemos a troca, e o agradeço pelo empréstimo.

— Meu Deus! Essa palidez é falta de... — Todo agitado, vai me guiando até a cadeira giratória. — Menina! Esqueci da sua maquiagem e você nem me avisa! A sua pele é tão sedosa que você ao natural transluz todo o glamour, mas tenho que mostrar serviço. É tanta coisa em cima de mim aqui que fico louco. Ainda bem que ainda temos 10 minutos. Vem, senta. Vamos fazer isso direito. — Ele bate na cadeira com a mão. — E já que você me disse que vai dançar aquela música da Perry, vou te deixar uma verdadeira gata selvagem!



YAN

— Estamos ao vivo, com mais um Domingão do Faustão! E o programa de hoje vai começar com essa grande fera. Os internautas do mundo inteiro veneram o Pole Dance dessa garota! Sim, estou falando dela... Vem pra cá, Isabelly!

Entra eufórica exalando seu sorriso perfeito moldado pelo batom vermelho atrevido, ressaltada pela caricatura felina no nariz e nas bochechas, acenando para a plateia com seu ar pueril de menina. Encaro-a, e ela sustenta o meu olhar, sorrindo furtivamente com a ponta da unha indicadora por entre o lábio inferior.

Oh, vontade de arrancar esse batom devasso com um beijo. Que Maravilhosa!

O apresentador a recebe com um cumprimento no rosto em meio aos aplausos.

— Obrigada. — Ela sorri. — Parece que estão felizes em me ver. — Brinca.

Todos gritam em conjunto concordando, e eu articulo:

— Linda. — Artigo enquanto todos gritam e ela enrubescida, faiscando de raiva, faz a leitura dos meus lábios.

— Você já viu tanta gente te idolatrando assim? Há dois fã clubes aqui presentes. Olha só... Também foi uma surpresa para nós. É brincadeira bicho! Patrícia! Pode entregar o microfone para a menina ali no canto.

— Ai meu Deus! Não acredito! Você é ainda mais linda pessoalmente. — Começa uma das meninas na faixa dos seus 14 anos talvez, com a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

camiseta escrito Team Belly e a foto dela estampada no centro, fala pelas demais. — Você é a nossa musa inspiradora, porque todas nós começamos a praticar pole dance, por sua causa, queremos dançar como você... O que te levou a gravar um vídeo e postar na internet?

— Nossa que honra ser a madrinha de vocês! — Ela joga à elas um beijo fremente. — Ah, adorei as camisetas, muito criativas, demais... Então. Na verdade, não gravei. Eu não fiz nada disso. Meu pai nunca foi a favor por causa da sensualidade. Porém, ele permitiu que eu praticasse contanto que fosse apenas na privacidade do meu quarto. Então, um dia eu estava ensaiando, e minha amiga Arianna me filmou sem eu saber e postou o vídeo no Youtube. No começo eu briguei com ela, no entanto, teve uma grande repercussão e nesse momento... — Ela me encara. — Estou A-do-ran-do.

Agora tenho que admitir que tenho algo em comum com o carrasco do pai dela.

— Belly... — A menina da camiseta oposta, Little Surfer, pega o microfone com empolgação e continua. — sobre a descrição do vídeo, inspirada no filme Bruna Surfistinha, foi ideia da sua amiga também? E depois que estourou na rede, qual foi a maior loucura que já fizeram por você?

— Sim. Ela queria chamar a atenção dos internautas, por isso colocou esse nome. E na realidade, eu nem sabia que tinha fãs, até um médico pedir para ficar com amostra do meu sangue em uma consulta. — O QUÊ!? Filho da... aquele doutorzinho metido a Ken de araque vai virar boneco de verdade exposto numa vitrine! — Se você acha que a sua vida é uma droga, saiba que poderia ser o seu sangue nas mãos de alguém nesse momento. — Ela aconselha fazendo a plateia cair na risada.

— Oloco meu! A galera não pede mais autógrafo, pede sangue,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

barbaridade!

— Pois é, Fausto. Já passei por cada situação. Essa com certeza foi a mais embaraçosa. E a melhor de todas é estar aqui com você e esse auditório lindo! Não imaginava essa recepção maravilhosa. Eu só tenho a agradecer por todo esse carinho... Ah, eu posso dar um abraço nelas? — Ele consente, e ela vai até a multidão, tira algumas *selfies* e retorna ao palco.

— Chegou a hora! Isabelly mostra para essa galera que quem sabe faz ao vivo!

Apenas dois holofotes num ângulo de noventa graus iluminam o palco, projetando raios amarelos sobre ela e a barra metálica. Aplaudo junto com a platéia fervescente, quando a música estridente, a mesma que dançou para mim na noite em que a conheci no *NightClub*, começa a ecoar fortemente, martelando o meu cérebro.

As luzes aumentam de intensidade, revelando uma Isabelly de costas, com o antebraço direito apoiado na cabeça. Observo o seu corpo escorregar no primeiro toque, enquanto passa as mãos pelo tórax, dirigindo-se à frente. O clamor e a contorção se exteriorizam, pois Belly parece não ter ossos por ser tão flexível. Ela joga todo o peso do corpo no material brilhoso. Seu tronco retesa, permitindo-a levitar, dando a ilusão de estar andando no ar. Os aplausos são inúmeros junto com os assobios, fazendo o público delirar. Ofegante, com os pés firmes no chão, fixa o seu olhar no meu, roçando a sua intimidade contra o meu inimigo, jogando a cabeça para trás com os lábios presos entre os dentes.

"Porque sou louca, amor

Preciso que venha aqui e me salve

Sou sua pequena Scarlet, estrelinha

Cantando no jardim"

Ela executa movimentos acrobáticos com perícia, arrancando sussurros e bramidos do auditório. Os homens ao meu lado parecem lobos famintos de desenho animado. Loucos para ser o poste que ela desliza. E a DROGA da música que parece que foi escrita só para ela, continua elevando o nível do êxtase, agitando consideravelmente o meu sangue com seu repertório de sedução.

"Desculpe por não me comportar

Sou sua pequena meretriz

Rainha da ilha de Coney

Fazendo de toda a cidade um inferno

Beije-me na minha boca aberta"

De costas, arrebatada o vestido, que resvala até o tablado nivelado, levando todos para uma visão espetacular. Agora os lobos se transformaram em babuínos, desatinados à arpoar Jane Porter por atear-las com o seu corpete de oncinha levemente aberto atrás com dois lacinhos. E sua bunda está emoldurada apenas com a porra de um shortinho minúsculo, de couro preto, cavado. Remexo na cadeira inquieto, crepitando.

“Luz da sua vida, fogo da sua carne

Sou uma boa criança, me diga que pertenço a você

Luz da sua vida, fogo da sua carne

Me dê as moedas douradas deles

Dê-me as moedas”

Não bastava dançar, ela tinha que fazer um *Streap*. Será que a produção não vê que isso é impróprio para o horário? Tento não entrar de vez no modo efervescente, mas a tentativa falha, pois na hora que ela vira de frente, borbulho e meu queixo cai ao ver algo brilhar, em seu umbigo. Isabelly! Minha raiva só não é maior que o tesão que sinto por você.

Ciente do quanto me afeta, desfaz o coque, ensejando seus cabelos a caírem sobre seus ombros airosos. Mas. Espera. Mechas? Mechas Rosas?

Encolerizado, cerro os lábios, perscrutando-a se postar de quatro, engatinhando como uma tigresa indômita a adestração.

ROAWWWW!

O rugido estruge na nova melodia. *Roar* de Katy Perry. Através dos meus contatos, descobri que pediu para tocá-la, afinal sua intenção era me mandar um *Facetime* avisando que conseguiu escapar de mim, do seu captor, rugindo alto agora pela sua liberdade. Eu a olho com ferocidade avisando: Vou te pegar! Mas ela ignora, joga o cabelo para trás e mostra as garras afiadas de preto, querendo pelejar, à medida que franze o cenho, mostrando os dentes, brilhantes como diamantes.

"Eu tenho o olho do tigre, de uma lutadora dançando no fogo

Porque sou uma campeã e você vai me ouvir rugir

Mais alto, mais alto do que um leão
Porque sou uma campeã e você vai me ouvir rugir
Oh oh oh oh oh oh
Você vai me ouvir rugir"

E eu também estou rugindo por dentro, ao vê-la numa altura colossal, levando uma das pernas ao pescoço. Ela se pendura firmando-se com seus dedos enrolados no metal de ponta cabeça, enquanto com a outra mão faz charme, e de lá, se solta de uma vez, desafiando a lei da gravidade, com ambas esticadas em linha reta, caindo. Quando chega ao tablado, acaricia-se e rebola de um jeito que deveria ser crime, de tão obsceno. AH! BELLY! *Eu quero levantar dessa cadeira e...* com os calcanhares no chão, gira-os, abrindo um *espacato*. Por entre seu ombro direito olha para os seus admiradores, deixando-os nervosos pelo perigo. O que sinto nesse momento é inenarrável.

Meu celular apita. Droga! Esqueci de desligar. A última coisa que quero agora, é alguém da empresa me enchendo o saco com assuntos sobre negócios. Verifico e...

Enquanto você a observa, eu observo você.
Nunca se esqueça desse grande ditado... Por ódio a gente MATA, e
por amor a gente MORRE.

Olho ao meu redor a procura do destinatário, mas não encontro nada de estranho. O número é restrito, mas não por muito tempo. Quem quer que seja

vou descobrir e vai me pagar por interromper esse momento excêntrico.

ISABELLY

Meu peito está arfando pela adrenalina. Yan rosa chiclete range os dentes como se mandasse uma mensagem subliminar do que me espera. Como sou abusada, ergo meu queixo em altivez e afronto-o. Quem ele pensa que é? Achou que viria aqui abalar minha estrutura e me fazer vacilar? *Anna Bolena* só pensava com seu coração e foi decapitada, porém eu, aprendi a sobreviver na selva, senhor caçador. Mando vários beijos para os meus fãs e um especialmente para ele.

— Essa garota é espetacular... — Fausto vem até mim, enquanto gritam o meu nome em coro batendo palmas. — Por isso é a campeã do Globo de Ouro desse ano. Bem merecido. Você é o grande fenômeno do pole dance! — Agradeço abraçando-o.

— Esse presente é para você, de alguém muito especial, que pediu para a nossa produção te entregar. — Ele pega da mão da sua assistente e me entrega. Analiso a embalagem, mas antes que eu pudesse abrir, Fausto me bloqueia. — Quer descobrir quem mandou? Então... de quem é essa boca? — Ele aponta para a imagem labial no grande telão atrás de nós. Olho e o meu queixo cai. Eu a reconheço perfeitamente. Se antes eu estava fodida, agora estou *dobradamente*. Ele sabe. NÃO!

— É do Steven Wodsen, meu noivo. — Respondo com um nó na garganta. Minhas mãos estão trêmulas. A expressão do Yan é de surpresa,

que por sinal não gosta nada do que vê, me deixa mais confusa e nervosa ainda.

— Ele está ao vivo, direto da Flórida, e quer falar com você, solta aí!

— Oi, bebêzinha!

— Oi. — É o que consigo dizer. Lágrimas já estão escorrendo, em duas camadas de sabor, pavor e alegria.

— Obrigado, Fausto por me permitir falar ao vivo assim de última hora... estou assistindo o programa, e são tantas novidades que não resisti. Então. Eu e a Belly nos conhecemos em um karaokê de um barzinho em LA há 4 meses, foi engraçado porque cantamos juntos a música *Flashlight* da Jessie J, depois desse dia começamos a sair, a nos conhecer e a pedi em casamento, não tínhamos porque esperar mais, sei que é ela a mulher da minha vida... Belly, lembra quando te disse que a nossa história era digna de um livro? Então, aconteceu... — Ele pede para eu abrir o pacote e me debulho ao ver o livro, fungando-o em meu peito, como se o tivesse jogado diretamente em minhas mãos.

— É lindo, estou ansiosa pra ler. — Confiro o título da sua obra: *Light Of My Life*.

— Estamos na capa, fiz questão... quero que todos saibam que você é a Luz da Minha Vida. Achou que eu só escrevia piadas idiotas, né? Mas foi apenas para despistar você da verdade, então bolei esse plano... Aliás, eu sou ótimo em bolar planos, Belly. Você sabe.

— Sim, e deu certo, porque não desconfiei de nada. Me enganou direitinho. —Comento.

Meu Deus! Estou tremendo como uma velhinha. É certeza que ele sabe de alguma coisa.

— Sucesso, minha linda. Nos vemos em breve. Muito em breve. —
Reforça. — Te Amo! — Finaliza formando um coração com as mãos. Faço
outro em resposta, e ele manda um beijo carinhoso.

A forma com que nos falamos, senti que mandava mensagens
subliminares. Porque mandou presente, e falou comigo por Skype, dizendo
coisas de amor assim tão apaixonadamente? Chego a pensar que foi tudo
fingimento, eu o conheço, percebi em seu olhar que está magoado e bravo
porque descobriu a mentira, que ocultei dele, sobre o meu video. Antes fosse
só isso. Eu estou triturando o seu coração mesmo sem ele ter consciência.
Pensar nisso, me faz vacilar por um instante e perder o momento seguinte.

— Yan Hunter no Domingão, galera! Programa ao vivo é assim, bicho,
cheio de surpresas! Seja bem-vindo, garoto. O que te traz aqui?

— É um prazer estar no seu programa, Faustão. — Seu português é
carregado, porém seu sotaque é super sexy. — Estou aqui porque fui
convidado pela sua produção para entregar o prêmio à ela. — Convidado para
entregar prêmio? Há, há, sei... Com certeza usou seu poder, seus contatos e
armou esse tramite como pretexto para estar aqui e sentado na primeira fila
como disse que estaria. UGH! Faço minha análise mental, estudando-o em
seu assento, que vem desfilando, fitando-me intensamente, exalando
magnetismo, com o Globo e o dinheiro em suas mãos.

— Parabéns. Você foi maravilhosa! — Me entrega como o perfeito
empresário bem sucedido e com ótimas intenções. — E acho que merece
muito mais. Portanto quero fazer um convite...

O auditório delira em expectativa, e ele anuncia, atuando muito bem,
como se me visse pela primeira vez. Que cínico.

— Então, Isabelly... percebi a sua desenvoltura em se apresentar com
pouca roupa para toda essa gente assídua por você, e devido a isso, gostaria
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de convidá-la à participar comigo da sessão de fotos para edição de final de ano da revista *Vogue*, que será um especial em parceria com a *Calvin Klein*, e não aceito um não como resposta. — Completa com aquele famoso sorriso enviesado.

O QUÊ? Eu e ele em um ensaio sensual numa revista? Que dissimulado!

— ACEITA! ACEITA! ACEITA! — Começa os gritos de apoio.

— Ela é tímida, talvez eu deva fazer o convite de pertinho. — Sugere, fazendo a mulherada bradar de euforia.

— Estou louco para foder você... — Sua voz é tão suave quanto imponente. E assedia-me perante as câmeras somente para eu ouvir.

Fico estática, robótica, incapaz de me mover um centímetro. Estou tomada pelo desejo proibido em visível ascensão. Percebendo que estou protelando, ele abaixa a cabeça e reforça dessa vez no microfone. — Você aceita?

— SIM, eu... aceito. — Dando um sentido duplo, juntamente a uma sexy mordidinha nos lábios carnudos. Impulsionada pelo acerto sensual, fito-o sem piscar com a voz embargada pelo desejo.

Ele sorri. Porque sabe pelo tom da minha voz que estou respondendo ao convite imoral, segredo entre nós dois. Desgraçado. Tento me convencer do contrário. Eu só queria dar um fim naquilo, e sair logo desse palco, só isso. Nada Mais.

Nesse momento a banda solta as primeiras notas musicais, tema de *A Bela e a Fera*, criando um clima. Mi -Fá -Ré -Mi -Do -Sol...

— Por ter dito sim, me concede a honra dessa dança?

A plateia emudece. Ele me dirige um olhar minucioso. Meu Deus! Essa música!

— Ela está tremendo, gente! — A assistente pega nossos microfones, e ele envolve minha mão em uma conchinha. — Calma... vem... me deve isso. — Propõe, puxando-me para mais perto, me levando para o centro do palco, e automaticamente afundo em seu corpo argiloso. O que estou fazendo? Bel está envergonhada e Ly dando piruetas acrobáticas.

— O programa está cheio de revelações. Não há nada premeditado. — O apresentador sai do palco, nos deixando a sós, e a luz diminui de intensidade, onde outra se ascende, focando em nós dois.

— O que é isso Yan? — Questiono incrédula, disfarçando entredentes. — Essa música é de quando estávamos...

— Na biblioteca. — Completa.

— Sim. — Concordo. — E naquele dia eu...

BEL: *Para aí, boca fechada! Seu namorado te mandou uma mensagem de amor. (E está chateado com as minhas mentiras). Então, não estrague mais as coisas.*

LY: *Essa asuda não sabe de nada. Vai! Ele ferve os seus feromônios. Admita! Já está no inferno, então, termina de se queimar, se joga nos braços dele e incendeiem esse palco com essa dança sensual que vão desempenhar muito bem... Tale as old as time. — Cantarola.*

— E-eu queria ter dançado com você.

YES! — Urra a minha conselheira vencedora.

— Está agora... estou aqui. — Yan assegura. — Dança comigo, e entra no jogo. Seja o mais brilhante possível.

YAN

O som da guitarra inicia-se num adágio. Ela vem de pontinha de pés em um ritmo cadenciado, e num impulso gira uma estrelinha caindo próxima a mim, com a mão afagando meu rosto. Em declínio, aconchega-se por trás, retira minha jaqueta, e abraça-a com total posse. Ofegante, e mãos trêmulas, paira sobre o couro seu rosto angelical que transparece todas as emoções implícitas em sua pele felídea.

Remexendo-se, veste as mangas em um gesto simétrico moderado, e simula como se quisesse dilacerar a peça. Porém, cessa, com o rosto flagelado por não conseguir lutar contra.

Nesse momento eu compreendo porque Isabelly é um fenômeno. Ela é cinematográfica. Dança como se fosse uma bailarina dentro de uma caixinha de música, que não se importa com nada à sua volta, apenas dança com seu sutil encanto, alienada ao público de olhares congelados. Show de alvedrio, tornando cada partícula do ar que respiro, um repertório de paixão.

Sob esse efeito, envolvo-a por trás. Seguro o tecido do seu corpete com força exata para esgarçá-lo. Ela se dissolve em meus braços remexendo-se sensualmente, então suavizo, acariciando-a até os pulsos. Em questão de segundos, gira em volta, vestindo a jaqueta em mim. E de costas um para o outro, ela eleva a perna direita no alto da minha cabeça, firmando as mãos em meus ombros. Seguro seu tornozelo com firmeza, e confiante, gira parando apenas com o pé direito na palma da minha mão, no ar em perfeito equilíbrio. Em seguida, apoio-a no centro do meu peito, enquanto estica o outro, rente a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nuca.

Logo, minhas mãos são dois eixos sustentando sua constância. Em um compasso, pisa um pé em cada palma, fazendo alterações, como se fosse um passeio. Com uma piscadela, ela sinaliza seu próximo ato, eu consinto, então ela impulsiona o corpo e dá um salto mortal, caindo perfeitamente entrelaçada na minha cintura.

Trêmula e delicada, recosta-se ao meu peito, como se estivesse desamparada e eu fosse seu escudo de proteção. O seu toque ígneo é como fogo, alastrando-se pela minha pele. Nossos corações palpitam no ritmo das notas. Completamente enternecido, eu correspondo, locomovendo-me em círculos, embalando-a. Nossos narizes se encostam, deslizo meus dedos pelo seu rosto, numa dança teatral de cumplicidade e carinho. Seus lábios de geleia doce vermelha como sangue estão pulsando para serem drenados, mas não posso.

Como uma boneca maleável, sobe em meu ombro, e senta com uma perna de cada lado, fazendo o coraçãozinho metálico da sua barriga encostar em minha boca. Estimulada, com nossas mãos entrelaçadas, ela ergue os pés, levitando, e de ponta cabeça faz uma abertura com flexibilidade magistral enquanto elevo-a mantendo a simetria reta. Sustentando-a apenas com os punhos. Aplausos. Aplausos. E ela desce, entregando-se a mim, desencadeando comigo um ritmo lento, excitante, sinuoso e sensual.

Em um reverse, ela se separa do meu toque, arfante, toda trepida. Desliza suas pequenas mãos pelo próprio rosto repleto de paixão e intensidade, estilhaçando-se para milhares de pessoas. Ela reflete metaforicamente tudo que vivencia comigo, confrontando minha sede atroz de vingança. Essa menina está me enlouquecendo e mudando todo o percurso das coisas, deixando-me completamente atormentado pelo desejo lancinante

que me desperta. Resumindo todos os meus planos em uma bela desculpa esfarrapada. Eu seria capaz de tudo para trazê-la de volta. Seria capaz de coisas espantosas, até mesmo de propor uma sessão de fotos comigo e dançar com ela, numa decisão de última hora, somente para que Steven assista como ela fica em meus braços. Não suporto a ideia dele tocando-a. Só de pensar nisso, fico louco de ciúme. Louco. Decididamente, não a quero exposta para o mundo, eu a quero exposta somente para mim.

Sendo assim, disposto a finalizar o show, posiciono-me por trás. Aprisiono-a ao meu corpo, retiro minha jaqueta, e envolvo-a possessivamente. Delicada e protegida, refugia-se, ao mesmo tempo em que inalando o seu *La Vie Est Belle*.

— Esse perfume... te entrega, deveria cobrir seus rastros! — Sussurro baixinho entre as mechas rosas. — Nunca deixe vestígios, porque sou um bom apurador e sempre acho você... eu jamais vou te deixar partir, amorrrr.

Clap! Clap! Clap!

— Acho que já temos um casal formado para a Dança dos Famosos! Vocês dois arrasaram, bicho! — A plateia concorda urrando pedindo BIS...

Fausto agradece a nossa presença, e termina chamando os comerciais.

ISABELLY

Saio do palco nervosa pelas sensações caóticas e perturbadoras que experimentei ao dançar com ele. Estou usando sua jaqueta, que ele com certeza colocou em mim propositalmente para me privar dos olhares.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Cafajeste, bipolar, insano! Demolidor. A minha vida se tornou uma síntese perfeita do Belo Desastre. E para piorar, seu cheiro e o meu estão aglutinados no couro, funcionando como heroína. Que droga! Divago, e disposta a me recompor, adentro o camarim em busca de paz, no entanto, o motivo do meu estado conturbado já está lá, emanando conflito. Recostado na penteadeira, hipnotizando-me com sua virilidade eletrizante.

— Você demorou, amorrr, eu amei a sua apresentação. Ferveu o sangue da plateia com o seu... Belly dance. Se eu fumasse, podia ter acendido o cigarro nos dois sujeitos que estavam ao meu lado. Pensei que fossem pegar fogo! — Comenta altamente metafórico. — Mas também, vestida desse jeito...

— Cala a boca! — Ordeno arremessando a sua jaqueta, junto com os pertences que auferi num canto, fechando a porta com ímpeto.

Completamente excitada, parto para cima dele, grudo em sua roupa, passo os dedos em seus lábios, e beijo-o desesperadamente, deslizando minhas garras por sua nuca. Sobre o mesmo efeito, ele me pega no colo, gira e me senta na penteadeira, sem deixar a minha boca, sincopando e derrubando objetos no chão.

— Ahh, esse piercing... — Arqueja em meus lábios, mexendo no coração delicado.

— Eu já disse para calar a boca. — Interrompo-o. Atraindo-o para mim, com a perna direita enlaçando sua cintura. Sua mão forte aperta a parte exposta da minha bunda, deixando-me indecente, querendo-o na... na... na... Meu Deus. Meus delírios estão me sufocando. A pequena parte do meu cérebro que mantém a sanidade grita para eu parar com isso, no entanto, eu agarro seus ombros fortes, dissolvendo-me com fome, e ele devora meu beijo, alimentando-se da minha boca aberta sem dar trégua para a respiração.

Cérebro e pele numa batalha. E não dá empate. A pele ganha. E contra toda a razão, minha língua brinca com a dele movendo-se de forma perturbadora. Não quero nada, a não ser o sabor da gin tônica que extraio dele. Que homem delicioso. Malvado. Sexy e ardiloso. Puta MERDA!

O tesão é tanto que minhas mãos ansiosas serpenteiam até a fivela do seu cinto, porém, ele veta meu ato aparando minha nuca, segurando forte minhas mechas entre os dedos. Dói. E a dor é doce. Porque ele mescla a agressividade com o roçar delicado do polegar em meus lábios borrados. Me deleito, arfando e gemendo ao contato minucioso. Ele nem pisca, só desliza o seu dedo ali. Suave. Não consigo me segurar, e sugo-o. Ele solta um palavrão que não compreendo, e com a manga da sua camisa, começa a retirar rudemente os resquícios de cereja do meu batom.

— Esse é um batom de mulher, não de menina. — Fricciona, repreendendo-me como se eu fosse uma criança travessa.

— Ai... — Gemo baixinho. Ele alcança o lenço umedecido, e começa a limpar o resto do trabalho de Eduardo. Recosto-me no espelho e permito que faça o que quer. Estou febril, tudo que ele faz me deixa excitada.

— Passou a semana toda se comportando como uma atriz digna de um Oscar! Agora me beija desse jeito? Feito uma fêmea apetecível? Está tentando me enlouquecer?

— Acho que sim... — Ofego de olhos fechados, com a bochecha no punho da sua camisa álgida, toda manchada.

— Ainda está me desafiando? Sua mentirosa. — Acusa apertando-me fortemente em seus braços. — Eu te ofereci dinheiro e você não quis, mas quando teve a oportunidade me passou a perna, e me roubou aplicando o golpe do pirolitinho. Uma perfeita ladrazinha. — Diz dando a entender que o que eu aprontei o excita.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Use essa carinha de anjo a seu favor... — Parafraseio o seu conselho. — Eu era uma garota pura, e você fez coisas sujas comigo.

— Pura? Há há... Admito que rompi o seu hímen complacente, mas... meu primo já tinha feito sua tentativa antes de mim. — Ele entreabre minhas pernas. — brincava de casinha com ele, deixando-o te experimentar. — Aperta a minha intimidade por cima do short, tão bravo que parece que vai perder o controle a qualquer momento e me machucar. — E é claro, a noite foi tão boa que ele louco, todo apaixonado deve ter escrito cada detalhe do que fizeram nesse maldito livro, e ainda fez questão de vocês dois estarem na capa, com certeza em agradecimento pelo presente. — Aponta-o furioso, em cima da sua jaqueta, abaixo dos nossos pés.

— E você... — Assopro dentro da sua boca — está com ciúmes porque não é o único homem que já esteve entre minhas pernas.

— Escute bem, quando sairmos daqui, e voltarmos para a ilha, eu vou te pegar de jeito, e quando eu te pegar, eu vou te arrebentar! — Enterra os dedos em minha cintura, com uma calma mascarada, e a testa encostada na minha, me ameaçando.

— Arrebentar? — Gemo trepidando na base dos seus lábios.

— Todinha. — Ele promete.

— Não! — Nego levando um choque de realidade. — Você não pode fazer isso, eu não vou voltar com você, eu vou voltar para Los Angeles.

— Você não vai. — Ele me puxa. — Porque estamos casados, e se ainda não entendeu a gravidade disso, eu farei com que você entenda.

— Eu grito! Faço um escândalo aqui. Revelo a todos a verdade, para o seu nome ser estampado em todas as revistas e jornais pela manhã!

— Grita, vai. — Desafia. — Grita para o mundo inteiro ouvir. A
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

verdade já foi revelada, seu namoradinho viu com os próprios olhos a namorada que tem... me notou na plateia, presenciou a entrega do prêmio, o convite, a nossa dança, esquematizei tudo com a produção. E não me importo nenhum pouco, ele tinha mais é que ver mesmo e saber que nós dois vamos causar um estrondo por todo o mundo quando sairmos na capa da *Vogue*. Então vai, pode gritar, eu te ajudo, arrancando a sua roupa, e anteciparemos a sessão de fotos para agora mesmo... Ah, só para constar, sei muito bem quem te trouxe aqui, e como você veio. Não deveria ter fugido com o doutorzinho, não vou permitir que minha mulher se comporte desse jeito.

— Se me der vontade eu fujo de novo, pois ao contrário de você que é um estúpido, ele é gentil e me trata bem.

— Claro, ele é gentil até demais. O que prometeu à ele, hein? — Pressiona.

— Já que vive insinuando que não valho nada... — Dou de ombros. — Vou te conceder o benefício da dúvida.

— Prefere que eu pense que...

— Não me interessa o que você pensa ou deixa de pensar, e...

— Gata, você abalou as estruturas! Mostrou para a galera como se pega no ferr... — Tão rápido quanto um flash, Yan desferi um soco no rosto de Edu, que só percebo que entrou no camarim quando o vejo caído ao chão, mas logo levanta limpando o sangue no canto da boca.

— Você é um animal. Deixa ela em paz! Agora estou percebendo o fluxo, quando a consultei, estava tensa, pois não queria que você soubesse que ela tem outro... o bonitão arrasou na mensagem, até eu vou querer ler aquele livro, e está nervosinho por isso.

— Olha aqui doutorzinho. Ela carrega o meu sobrenome, portanto. É minha, e você, e nem ninguém tem que se meter. Maldito o dia em que permiti que a consultasse, e entrasse na minha casa. Imagino que deve ter ficado excitado por consular a vagina da sua dançarina predileta que sabe... — Ele encara a nós dois e acrescenta. — como segurar no ferro.

— Deveria era agradecer. Sua governanta não estava achando ninguém, em pleno domingo, e entrou em contato comigo através de uma amiga que temos em comum. Ela é só uma garotinha. O hímen dela era complacente, difícil de ser rompido, e você foi um bruto, só para constar, arrebentou ela, que eu vi. — Avisa apontando para Yan que respira descompassado.

— Está me ameaçando?

— Oficialmente.

— Parem!

— Se não sair por bem, sairá por mal. Vou chamar os seguranças, ou melhor, a polícia para te tirar daqui, seu...

— Se atreva!

— JÁ CHEGA! — Entro no meio, ficando de frente para Yan. — Parem com isso. Ele só me trouxe porque eu pedi. No dia da consulta me deu um cartão, e no sábado à noite eu liguei porque queria voltar para Los Angeles, e você sabe muito bem o motivo, porém eu fiquei surpresa, quando no meio do caminho...

— Ele te trouxe pra cá, entendi o pacto de vocês. Você deu seu sangue em troca dele te levar para longe de mim. Deve ser por isso que riram tanto aquele dia. — Ele vira na direção de Eduardo e o ameaça. — Infeliz, minha vontade é de te matar.

— Você não vai matar ninguém, deixa eu terminar. Eduardo não é

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

somente ginecologista, também é maquiador, ele trabalha aqui, e sugeriu que eu dançasse para não decepcionar os meu fãs. E depois iria me levar para o aeroporto...

— Viu só? — Edu interrompe, apontando para Yan. — Sou tudo isso aí que ela está falando. E não vou deixar de exercer meu trabalho porque você não confia no seu taco. — Ele vira para mim. — Minha Borboleta, eu trouxe o seu vestidinho, pode ficar com ele e toda a roupa, é presente meu e...

— Sua borboleta? Presente? — Yan troveja, prestes a lhe acertar outra vez, mas impeço-o a tempo, envolvendo meus braços ao redor do seu abdome. Ouço perfeitamente o seu coração acelerado. Sua respiração e corpo oscilam. Eduardo nos observa sem entender o que se passa.

— Por favor, Yan. Não faça nada. — Imploro, colada a ele sem me mexer. — Por favor... — Repito. — Ele encosta o queixo no alto da minha cabeça, e acaricia de leve meu cabelo.

— Em casa a gente conversa, Isabelly. Felipe está te aguardando no corredor. Pega suas coisas, seu gatinho e me espera no carro... — Ordena com a voz gélida, pegando sua jaqueta do chão, colocando-a por cima dos meus ombros, seguido de um beijo singelo na minha testa.

— Obrigada. — Digo ainda emaranhada em sua camisa, sentindo o cheiro do seu suor misturado com a colônia fresca em minhas narinas.

— Não vai acontecer mais nada. Eu e o doutorzinho sanguessuga, vamos apenas resolver uma pequena e última pendência.



— Viu só, Wody? Me meti na maior encrenca. — Sussurro, indo em direção a porta, aflita por deixar os dois sozinhos se enfrentando por minha causa.

— Miauuuuu. — Ele responde me compreendendo. E logo na lateral do corredor Felipe está de braços cruzados, numa pose de eficiência. Continuo andando a procura de um banheiro, e ele vem atrás fazendo sombra.

— O que é? Vai fazer xixi por mim também?

— Não cause mais problemas senhora, o patrão disse...

Continuo andando, e ele persiste em me seguir. Fui sequestrada, tentei fugir, e ainda sou taxada como: A causadora de problemas. Argh!

— Tá vendo? — Mostro à ele a porta escrito: Mulheres. — É aqui que vou entrar, e pode ter certeza, não fugirei pelo vaso.

— A senhora dá nó até em pingo d'água. E seu histórico não ajuda. Portanto, vou ter que ficar aqui de prontidão. Ordens do patrão. Pensando bem... — Ele pega o celular. — acho melhor eu ligar e informá-lo que...

— Ai, Ai... — Reclamo. — Mas que saco, viu! Me dá isso aqui. — Tomo o aparelho, entro no Google, digito, BÍBLIA e quando aparece a foto, coloco as duas mãos em cima e faço o juramento.

— Eu Isabelly, juro, diante da escritura, fazer apenas xixi e voltar aqui, isso é a verdade, nada mais que a verdade. — Ele arregala os olhos para mim, e eu continuo. — Agora vai buscar algo para eu beber enquanto isso, porque estou com sede. E como prova de que não vou mesmo fugir pelo vaso, eu deixo meu gato com você, e minha bolsa com meus pertences. Quer mais? — Ele não fala nada e entro, finalmente, empurrando a porta.

Vou te arrebentar? Eu que vou arrebentar a cara dele, se tentar me fazer mal outra vez. E o que ele ficou fazendo com o Edu? Que pendência é essa que não entendi? Penso lavando meu rosto após fazer meu tão desesperado xixi. Ai que alívio.

— Então você é a nova putinha dele? — Insulta uma mulher de cabelo preto chanel, de óculos escuros, em seu porte de *Paola Bracho*. — É só uma menina, o que será que ele viu em você?

Nem sei quem é essa doida, nem de onde veio. Só sei que caiu aqui agora, e como está botando a banca, vai me ouvir.

— Você deve ser a puta velha? Ou melhor, o aplicativo antigo, que não serve mais para a nova tecnologia dele.

Digo, e saio deixando a doida sem resposta pra me dar. Era só o que me faltava! As *Crushs* dele me fazendo abordagem no banheiro. Estou arfando de ódio, quando saio do banheiro. Não vejo Felipe, e sou barrada por dois caras, distintamente vestidos, que checam seus celulares estranhamente...

— Você acha que é ela?

— Sim, é ela. Liga para o Liborn, e diz que encontramos a ninfeta.

Tento gritar, porém sinto uma físgada gelada me atingir por trás, paralisando-me, fazendo o ruído sair afônico.

— Escuta bem, princesinha... — Eles me abraçam, um de cada lado, com um pequeno punhal abaixo da minha costela por dentro da jaqueta. — caladinha, não para de andar... ouviu?

Esse é o meu final? Ser morta e jogada na beira da estrada? É, talvez seja melhor. Pelo menos assim o jogo acaba. Steven sofrerá mas é forte, vai me esquecer, e sobreviver. Quanto a Yan... se remoerá de insatisfação para o resto da vida com o meu sangue cravado na sua consciência. GAME OVER!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



— Onde estamos? — Balbucio letárgica, após me permitirem enxergar.

— Quieta! — Os olhos de jabuticaba me chacoalha.

Estamos em um elevador, não tão grande quanto a sacada de Yan. Meus olhos lacrimejam, ao lembrar do quanto eu estava segura nos braços dele, agora estou desprotegida, e não quero de fato morrer. Pensar assim foi mais fácil para me livrar do que me aflige. A verdade é que eu queria que Yan estivesse aqui, e sei que vai me achar mais uma vez. Não sei como tem essa proeza, só espero que seja logo.

Quando as portas se abrem, um estrondo musical indecifrável entra pelos meus tímpanos e o meu queixo despenca. É deslumbrante, todos estão impecáveis, com muita luxuosidade. Dois lustres enormes irradiam suas luzes cróceas sobre o forro de marfim, clareando também os carpetes, que ganham cor duo, agora acerejada, através do fulgor das letras faiscantes em tom *safírico* na parede central em destaque excêntrico: Royals. Que lugar é esse?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O que querem?

— Vocês conseguiram! Realmente é ela mesmo! A ninfeta. — Um homem áureo e elegante vibra alegremente em minha direção, fazendo sua análise ao tocar a minha bochecha. — Ela tem o perfil. É casta, pura, sexy sem ser vulgar. Liborn soube escolher. Espero que não tenham sido seguidos por aquele tecnólogo idiota.

Tecnólogo? Eles conhecem o Yan? O que ele tem a ver com isso?

— *Esqueceu com quem tá falando, maluco? Somos os irmãos Ortega. Fica de boa aí, Fortis.* A gente nunca falha em serviço. — O irmão moreno estufa o peito em satisfação.

— *Tá ligado que só encontramos a mina, porque eu tava de boa na TV, e pá, apareceu ela dando mole no comercial...* — Vangloria-se o loiro com o punhal inferido nas minhas costas. — Senão, essa grana não seria nossa, só acho que a maior parte da parada tinha que ser minha.

— Chega de trela... avise o Lecionador! — Comanda o tal Fortis ao trigueiro de preto a sua direita, que rapidamente some. — Ele e o Liborn deixaram claro que se capturássemos a ninfeta na inauguração do Royals haveria recompensa, então, como a entrega foi um sucesso, em nome deles, tenho a honra em comunicar, que a bebida está liberada! — Anuncia em comemoração com os demais.

A balconista serve um afrodisíaco vermelho à todos, em taças triangulares, enquanto o irmão moreno me carrega até o balcão, sentando-me em uma das banquetas colorada, para pegar a sua das mãos da albina, avançando no decote avantajado dela, puxando-a para perto dele. Nojento! Observo-os com o cotovelo apoiado fingindo estar absorta. No entanto, estou mais robótica que apresentador de telejornal, corroendo-me em completa agonia, tentando decifrar o motivo pelo qual se referem a mim como: A
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ninfeta. O que está acontecendo com a minha vida? Está parecendo um livro de matemática de tanto problema que tem. Me encaixo perfeitamente na música que está tocando agora, sou um Chandelier. Estou tentando aguentar firme, mas desvio o meu olhar para baixo. A única coisa errada nisso tudo é que, não me ligam, e sim me raptam para se divertirem. Fala sério! Estou pior que a Britney Spears, todo mundo quer passar a mão, ou ter um pedaço de mim. Que coisa!

— Estou com sede. — Reclamo, levantando a cabeça, na tentativa de parar aquela cena, que não sou obrigada a ver. Queria que fosse apenas isso, mas a minha boca está mesmo salivando.

One, Two, Tree, One, Two, Tree, DRINK!

One, Two, Tree, One, Two, Tree, DRINK!

Sem tirar seus lábios do pescoço dela, desliza a sua taça até mim. Por que não vão para um motel? Viro de costas para eles, e passo a língua na borda para experimentar. É doce. O gosto é diferente de tudo que já provei. O que seria? Interrogo-me à medida que o todo de preto passa em volta de mim, inspecionando-me. Bebo tudo e minha sede cessa. Com um puxão, ele arranca a minha jaqueta, fazendo-me levantar, ampliando sua visão.

— Nossa! Seu pai é astronauta, gatinha? — Fico quieta, e ele prossegue. — Porque sua bunda é de outro planeta. — Os outros desatam uma risada debochada junto com ele, fitando-me com olhares maliciosos. E o autor da piadinha tenta encostar em meu rosto enquanto me esquivo.

— Bem que o Liborn disse era linda. Você é perfeita para o que ele quer. Além disso... — Ele roça o nariz em meu ombro. — é muito cheirosa.

Lecionador ou Liborn? Estou confusa.

— Não encosta em mim. — Decreto entredentes.

— Hm... não sabia que anjos falavam! — Persiste.

Posto uma mão na cintura e aponto o dedo na cara dele.

— Vou te dar a chance de você se afastar e calar a boca. — Ameaço, e ele expande seu sorriso asqueroso, raspando a barba nojenta em minha pele propositalmente.

— Eu disse NÃO! — Grito quebrando a taça na sua cabeça raspada. Porém, não cai, e aparentemente não sente dor.

— Então a bonequinha é valentona? — Comenta sarcástico. Ele e seus companheiros estão em linha reta, um do lado do outro, subestimando-me, com evidentes más intenções, prestes a me pegar.

Não vou permitir que me toquem, não sou mulher de bandido. Se querem fazer isso, então, terão que enfrentar a Holly Holm existente em mim. Chamo-os com uma das mãos, em posição de ataque, respondendo à pergunta.

— Isso vai ser excitante! — Diz o trigueiro, preparando-se para avançar.

Sua corrida é tão rápida que só preciso pular para o lado para que deslize batendo na mesa redonda, derrubando tudo que há nela. O moreno tenta sua vez, mas desvio de todas as suas investidas baixando e levantando como se estivéssemos jogando vivo-morto. Farta, giro o seu braço em 360 graus. Seu irmão tenta me atingir com o próprio punho, mas agarro o seu pescoço, atingindo-o antes, com dois socos no nariz. Coloco a mão na cintura para cantar vitória, mas, antes mesmo que eu pudesse, sou agarrada por trás, por um forte e musculoso braço cheio de veias ao redor da minha garganta,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me puxando para trás, conforme me sufoca, e tenta rasgar meu vestido, porém, sou empurrada para frente assim que uma voz rouca ecoa severamente.

— O que estão fazendo? — Um homem de terno branco os repreende, descendo as escadas. Provavelmente é a mão direita do anfitrião, ou anfitriões? — Não podem machucar, nem tocar na garota, bando de idiotas. Se eu contar o que fizeram, vocês serão mortos, mas como estamos sem tempo para conseguir outros homens, deixarei passar. Que isso não se repita! Será que estamos entendidos? — Diz intransigente apontando o dedo na cara dos três.

— A gente não ia machucar ela, só achamos interessante uma garota lutando. Foi da hora!

— Entendidos? — Reforça impaciente.

— Sim, Gardenal. — Respondem em uníssono se recompondo.

Meu Deus! Que nome é esse? Fico estática, curiosa, arfando e transpirando em adrenalina. E o Gardenal, que eu prefiro chamar de Remédio de loucos dirige-se a mim.

— O Lecionador está lá em cima, ansioso, contando os segundos para vê-la. Ele precisa acertar umas contas com você, antes de levá-la ao Liborn.

— Que palhaçada é essa? Eu nunca ouvi falar desse cara, quem dirá dever pra ele. Quem é o chefe de vocês afinal? E por que ele quer me levar intacta pra esse tal de Liborn?

— É senhor, Liborn. Um homem muito poderoso. — Corrige.

— Por mim pode ser até o rei do gado.

— Não se preocupe, daqui a pouco irá descobrir, docinho. — Ele me

encara atentamente.

Mal consigo processar, e ele pega no meu braço.

— Vem comigo.

— Não precisa me arrastar, eu sei muito bem andar sozinha. — Ele levanta as mãos em rendição, e prosseguimos pelos corredores. Liborn me quer intacta. Sigo tentando adivinhar. E quando uma luz ilumina meu pensamento, eu o preno contra a parede.

— Remédio de loucos, me diz uma coisa, esse Liborn faz parte de uma seita secreta que sacrificam virgens em cima de uma pedra como oferenda para o diabo em troca de dinheiro e poder?

— O QUÊ? — Indaga de olhos arregalados.

— É que já vi isso num filme do Hitchcock. Conhece os filmes dele? — Ele fica estático sem reação, e eu continuo. — Porque se for isso, pegaram a garota errada. Não se deixem levar pelo significado do meu nome. Esse ar de candura é só fachada... eu não sou mais virgem. — Vendo que ele prossegue vidrado, eu advirto-o. — Bom, se o ritual sair pela culatra não diga que não avisei.

— Hã? Mas que raios você está falando?

Quando ele abre a porta, recuo assustada, lançando meu olhar analítico por cada canto. Há apenas uma carteira, de frente à uma mesa retangular, e atrás, um quadro negro com uma aritmética sem resolver.

O quê? Uma sala de aula? Qual o significado disso?

— Agora a bonequinha só tem que seguir as instruções, é necessário para a encenação. E só uma dica. É melhor não desacatar as ordens prescritas, afinal, o Lecionador não suporta desobediência. — Gardenal avisa, e sai

fechando a porta. Ouço o trinco ser passado a chave. Isso não é nada bom.

Que loucura é essa? Como assim encenação? Prossigo em modo errático, tentando resolver mentalmente a conta. A) $5^2 + 8^2 - 18 - 7 \times 2$. Que é igual $25 + 64$ subtraído pelo caralho à 4, que é igual ao de cima e o de baixo... *Argh!* Desisto. Se queriam me fazer tremer na base, conseguiram. Pois nesse exato momento, eu só sei que meu medo elevado ao quadrado é igual a medo perpétuo.

Só pode ser brincadeira. Solto uma lufada de ar. Mordo o lábio nervosa, ao notar em cima da carteira, um conjunto bordô e um bilhete, escrito: *Vista-o e dê cinco passos à frente*. Só de olhar o que tenho que vestir, um nó revira meu estômago, deixando-me debilitada. NÃO. NÃO! Esse pesadelo não pode estar acontecendo. Não pode ser real. Meu subconsciente grita a verdade, porém eu me recuso a acreditar que a obsessão de alguém possa atravessar um país.

Começo a me trocar mecanicamente deixando o vestuário que ganhei de Eduardo em cima da cadeira. Não queria me desfazer do presente, mas que escolha tenho? Apesar de não ter ninguém na sala, o que é estranho, cubro os meus seios, e me visto.

Olho por todos os lados, enquanto coloco os sapatos, depois dou os cinco passos até a grande mesa central, onde há um laço azul em cima. Aproximo-me mais e o reconheço, simplesmente pelo arco-íris no lado esquerdo. Era da minha mãe. Pego-o, levo até o meu peito em um abraço forte, marejando, e percebo que na parte detrás há outra instrução escrita: *Prenda-o*. Enquanto faço isso de forma errática, noto um porta retrato ao lado dos livros aritméticos. Meu queixo despenca ao notar que SOU EU! De cheerleader há 5 anos atrás. Exatamente como estou vestida agora. Levo minhas mãos até a barriga, sentindo uma pontada em meu piercing, ao ouvir

o Toclof. Toclof ecoando sobre o piso vinílico acústico. Então, mãos fortes me seguram e me viram em câmera lenta. E a minha frente está alguém de capuz preto arroxado, e uma máscara dourada sinistra.

Começo a trepidar ao vê-lo mostrar o rosto em uma aparência galante. A índole lunática implícita pelo seu smoking dotado ao seu corpo viril, enquanto me examina com os seus olhos verdes traiçoeiros, intensos, agressivos e sedutores, regressando-me de vez ao momento mais claustrofóbico que já vivi. Ele tinha 22 anos na época. Filho da diretora do colégio interno que eu estudava. Meu professor de matemática.

— Professor, Alex? — Engulo seco minha surpresa.

— Minha doce, cheerleader! — Exalta taxativo. — Meu arquétipo favorito de ninfeta. Você continua com o mesmo rostinho pueril de quando tinha 15 aninhos. — Ele me rodeia. — As mesmas medidas. Que maravilha. — Elogia. — Ah, essa pedrinha no seu umbigo, só te deixou mais tentadora ainda. — Diz mexendo no coraçãozinho de cristal. — Sem falar nessas mechas, combinando com o tom natural das suas bochechas.

— Não ouse tocar em mim! Por favor...

— Está com medo? — Ele me estuda. — Não fique... — Puxa algo do bolso e estende em minha direção, com um sorriso travesso. — Para conseguir passar nas RPs, você me dava maçãs, como essa daqui, e eu adorava. Era incrível a sua capacidade de subornar. Lembra, uma vez, na aula de reforço, quando cortei em duas partes, para dividirmos e te explicar uma divisão? Você calculava com uma mão, e com a outra, mastigava. A cada mordida que você dava com seus lábios rubros, parecia que seu sangue estava coagulando. Esse dia foi esplêndido.

Isso está ficando cada vez mais curioso.

Com o coração acelerado, encaro incrédula a maçã sendo posta por ele ao lado do meu retrato.

— Ah, essa foto... É da grade anuária. Quando fui apresentado as alunas às quais daria aula e vi a sua estampada naquele livro, não resisti. Escaneei, para colocar nesse porta retrato, tão linda de se admirar. E essa não é a única. Durante as aulas, nos intervalos, eu tirava fotos suas, sem que percebesse. Era tão tolinha. — Levanta o aparelho móvel me mostrando mais. — Está tudo aqui, inclusive o famoso vídeo onde você está dançando, do mesmo jeitinho que te deixei há cinco anos. — Ele revela, ignorando meu pedido, tocando-me e arrumando o laço do meu cabelo. — Fiquei pasmo quando vi. Muito excitado na verdade. Tanto que você não faz ideia. — Ele me aperta. — Sabe pra que uso as suas fotos, e principalmente o vídeo? — Sussurra em meu ouvido.

— Não sei. — Digo enfraquecida pelo medo.

— Como é inocente! Uso para bater punheta bem gostoso. Porém, cansei disso, quero sentir. Faz uma semana que estou no Brasil a sua procura, e dessa vez não vai escapar de mim. Será minha, e amanhã partiremos para o aeroporto em minha nova aquisição. A potente Harley-Davidson. — Ele balança as chaves de ignição. — Comprei somente para estrear com você.

Minhas pernas ganham consistência gelatinosa, e minha cabeça dá voltas enquanto tento achar coerência em tudo que está acontecendo comigo. Por que de repente minha vida se tornou um espetáculo de homens perversos, sequestradores e fanáticos, me arrastando para um emaranhado de situações periclitantes? Prisioneira de Yan Hunter, e agora estou aqui com meu ex-professor abusador, que faz parte de uma máfia em potencial.

— Veio de tão longe só para...

— Não subestime meu hedonismo, cheerleader. — Ele me põe sentada

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

na carteira e começa a me cercar. — Eu tenho que admitir que prefiro você no outro uniforme, rodado com aquela gravatinha e meias listradas de *Grifinória*... era uma tentação, mas esse foi o único que consegui obter, melhor do que nada, não acha? Ah, você era tão fogaosa que fazia as outras alunas parecerem insípidas e sonsas comparadas a você, que balançava os seus pezinhos graciosamente durante as provas. Nunca foi boa em exatas, aliás, eu adorava te dar um 4, porque assim, ficava de recuperação, e eu podia te ter aos meus olhos. Era só nós dois. Você não parava de morder aquele lápis, e eu ficava louco imaginando outra coisa no lugar...

Tapo os ouvidos para me privar daquelas lembranças.

— Nunca me esqueço daquela tarde. Como eu era o exímio e seu íntegro professor, fiquei encarregado de levá-la para o Woodbine, após a prova, que aliás corriji enquanto se trocava para a próxima aula, e você deu uma avançada com um seis. As aulas de reforço fizeram bem. Aquele dia, você poderia ter ido no ônibus junto com as outras, mas a matemática é o seu calcanhar de Aquiles, e eu sou a sua flecha. Que azar o seu... Como te disse, sempre te observei, desde que comecei a lecionar no Sacred Heart. Tudo graças a minha formação em economia, e por ser o filho da diretora, afinal quando ela morresse eu herdaria tudo, então, tive que começar cedo, para aprender a administrar o que um dia seria meu. Mas fui deserdado por culpa de um imbecil que entrou no meu caminho. Eu nunca quis pisar naquele internato, muito menos ser professor, eu queria crescer, ser dono de uma grande empresa, comandar um império, mas minha mãe insistiu e só mudei de ideia ao te ver. Sabia que um dia conseguiria te ter só pra mim, era questão de tempo, até que no meio do caminho para a aula de educação física...

Ele sente prazer em presenciar meu sofrimento. Como se contasse histórias de terror a uma criança. Então, ele me levanta apertando-me a ele.

Nesse momento eu não consigo me mexer, porque o medo que sinto é tão pungente que afeta efetivamente meu cérebro.

— Te perguntei se já tinha sido beijada, sua resposta me fez parar bruscamente, para atacar os seus lábios. Você correspondeu. Fui o seu primeiro, isso me deixou excitado demais. Eu queria avançar, mas você abriu a porta do carro e saiu correndo, se escondendo em um beco.

— Não quero reviver essas lembranças, para com isso por favor!

— Aquele lugar era abandonado... — Troveja. — Você facilitou tudo. Te ver toda frágil, se encolhendo, me deixou com muito tesão. Consegui fazer horrores com esse corpinho, foi delicioso tirar toda a sua liderança, enquanto você gritava, mas os considere de prazer. Como pode ver, guardei seu uniforme com sete chaves para esse momento. Não deveria ter aparecido ninguém para me impedir de te possuir, você estava gostando, sua putinha! Até aquele cara aparecer do nada, me tirar de cima de você e me dar um soco, no momento exato em que eu ia te rasgar inteirinha. Depois eu te vi na viatura, com aquele policial dos infernos que ELE chamou. Por culpa dele fiquei preso, fazendo serviço social, e perdi a minha licença de lecionar. Cretino. Mas dessa vez não vai me impedir de ter o que quero!

— Para! Para, por favor, para com isso! — Começo a gritar.

— Quietinha... Falando nisso. Você está sobre a proteção dele. Aliás, você fugiu dele. Por que? — Faz sua análise. — Tem algo errado nessa história. Um passarinho me contou que ele te mantém exilada em uma ilha, e...

— O quê? — Indago chocada com a surpresa. — Foi Yan quem me salvou? E fez a denúncia? Por isso aquele policial estava lá?

Aquilo foi tão horrível, eu estava apenas de crop e calcinha, quando

ouvi a voz de um homem dizendo: CORRE, e então eu vesti o meu casaco, a única peça que consegui ter de volta. Corri sem nem olhar na cara dele. Depois eu já estava na viatura, indo para a delegacia.

— Olha só que incrível. O que é? Vai me dizer que não sabia? Ele não te contou? — Me sonda com o rosto inclinado tentando me decifrar.

— Não. — Engulo os soluços.

— Que coisa mais linda. Está emocionada. — Ergue meu queixo conferindo meus olhos marejados. — Mas deixa o seu professor aqui, refrescar a sua memória... o tecnólogo te salvou de um estuprador para estuprar você 5 anos depois. Ele não é o seu herói, é o vilão. Porém, bastou ele jogar charme, fazer convite, e ainda dançaram juntos naquele programa, para seus olhos brilharem como uma menina bobinha, bem típica da sua idade.

— Como sabe de tudo isso? — Questiono, e ele sorri furtivo. Até parece que vai me contar.

— Sentiu muita dor? Ele teve piedade de você?

— EU QUIS. EU DEIXEI ele fazer tudo comigo, coisa que você nunca terá. Você me dá nojo! — Rebato com raiva. Mesmo sabendo que Yan não me deixou opções.

— Vejo que já está na *Síndrome de Estocolmo*, defendendo as ações do vilão. Ah, cheerleader, você não sabe de nada. É uma rede de intriga, envolve muitas pessoas. E saiba que tudo isso é culpa sua.

— Culpa minha? Como?

— Sim, você existe.

De novo essa coisa? Como assim eu existo? Por que ele está falando

como Yan, que também já me disse que meu pecado é existir?

— Não estou entendendo nada. — Balanço a cabeça.

— Que pena! Não perderei o meu precioso tempo explicando, pois na atual conjuntura, nada disso é relevante. Só posso te garantir, que quando o *teorema de Isabelly* for decifrado, as peças se encaixarão e será um grande espetáculo! — Seu sorriso é maquiavélico. — Bom, iremos ao que interessa. — Está na hora de continuar a aula, ninfetinha. — Diz de um jeito tresloucado, ascendendo um cigarro e solta a fumaça na minha face.

Paraliso. O trauma habitual me toma completamente.

— Lembra do joguinho? Doce ou Travessura?

— S-im.

— Aquele dia você escolheu errado, e saiu correndo feito um coelhinho assustado, de dentro do carro, me obrigando a ir atrás de você naquele beco imundo. Mas vamos jogar de novo, e por favor, não me decepcione, faça direitinho, ou poderei te deixar mais marcada que aquela vez. — O que é? Esqueceu como se brinca? — Ele balança a cabeça desaprovando.

— Acho que sim.

— Vou ensiná-la mais uma vez. Você é o doce. Eu poderia pegá-la agora enquanto está passando por essa agonia insuportável, deixar você gritar e te obrigar a me fazer sentir. — Fecho os olhos tremendo. — Agora sabe qual é a travessura? — Balanço a cabeça em sinal de não, e ele prossegue.

— Quanta ingenuidade! A travessura é o seguinte, eu vou fingir que te deixo ir embora, cruzo os braços, e assisto suas tentativas falhas para escapar de mim. Você corre em círculos, grita por socorro, bate naquela porta até ficar exausta, pode tentar a janela também, então, eu vou lá e recolho meu doce. Entendeu? O que me instiga é te possuir em modo agonizante. Minhas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

preliminares são seus gritos. Eles que estimulam meu prazer. Bom, o tempo está correndo. Pode escolher. TIC-TAC.

O que eu faço agora? Entro no jogo? Isso Belly entre no jogo dele. Você consegue.

Escolho. Faço o percalço correndo até a janela aberta gritando por ajuda, porque a porta trancada não vai adiantar, e quem tiver passando na rua pode me ouvir. Sem mais delongas, ele vem até mim, virando-me de frente, lentamente. Nesse momento volto a ser a garota de 15 anos, traumatizada e medrosa.

— Que bobinha, porque sempre escolhe o jeito mais difícil? Nunca aprende, por isso suas notas eram baixas... quero ver como está a sua matemática, afinal se formou em administração, que ironia do destino. A menina que só ficava de RP, é uma economista como o seu professor.

— Como sabe tanto sobre a minha vida?

— Você era minha favorita, já disse. Saber que escolheu os números para a sua formação, e que te fazem lembrar de mim, me deixa muito excitado, querida aluna. — Ele puxa minha mão para baixo para que eu sinta a sua ereção relevante. — Sente isso? O número um vai estar na sua entrada zero assim que resolver aquela conta. Estou muito ansioso. Vem... — Pega meu braço, e me arrasta até o quadro negro, eu o sigo paralisada. Não quero que me toque mais. Não quero. Yan, Yan. Clamo internamente.

— Resolva essa equação, administradora. — Sopra em meu ouvido.

Trêmula, começo a somar, porém empaco, ele percebendo, vem por trás de mim, me abraça, e segura o giz junto com a minha mão, me ajudando a chegar até o resultado final.

$$A) 5^2 + 8^2 - 18 - 7 \times 2$$

$$25 + 64 - 18 - 7 \times 2$$

$$25 + 64 - 18 - 14$$

$$89 - 18 - 14$$

$$71 - 14 =$$

— Setenta e um menos quatorze é igual a quanto, Isabelly?

— Er...

— Vou facilitar para você, e agora? — Ele monta o cálculo separadamente, no canto superior.

$$71$$

$$-14$$

?

— Cinquenta e sete?

— Repete. — Me aperta, com o queixo entre o vão do meu pescoço.

— Cinquenta e sete.

— Boa Aluna. Sabe o que isso significa?

— Não.

— Achei que tinha ficado esperta, mas continua horrível, era o que eu queria provar, os números sempre serão o seu pé esquerdo. O resultado significa... Você por baixo e eu por cima. — Ele desenha no quadro os números inclinados enfatizando suas palavras. — Está vendo? Somos nós

dois, vamos fazer essa posição, e depois faremos o sessenta e nove, meu favorito. Temos até às vinte e três horas para brincar de somar, dividir e multiplicar antes da inauguração acontecer e você finalmente conhecer o Liborn. — Ele me coloca sentada na mesa de frente para ele, em seguida ascende outro cigarro, que quase me faz engasgar com o cheiro. Depois me dá. Com o filtro entre os meus dedos, puxo um trago, soltando a nicotina na cara dele e o descanso no cinzeiro.

— Sexo é pura matemática, amor. Primeiro precisamos diminuir as roupas. — Ele desce o zíper, abrindo sua calça, e tira também a minha calcinha. — Agora você vai dividir bem as pernas... ISSO, minha cheerleader. — Elogia minha obediência. — E vou adicioná-lo bem aqui... — Tira o seu membro espesso para fora, em direção a minha entrada. — Reza para não haver multiplicação, querida. — Adverte. — Caralho! Finalmente vou sentir como é estar dentro de você, ah, como quero sentir!

Jogo as mãos para trás, tilinto-as contra o cinzeiro metálico, ao tempo em que ele deita sobre mim, posicionando-se. Ele relincha feito louco, gemendo de olhos cerrados prestes a estocar dentro de mim. Não hesito, agarro seu membro, pego o cigarro com a sua ponta crepita, e queimo-o com vontade. Bem ali. Ele solta um rugido sonoro...

— Está sentindo agora? — Indago irada.

Ele me insulta com palavrões, e desconta sua dor arranhando o meu seio com a ponta afiada de um compasso. Grito sentindo minha pele arder enquanto ele quica como saci por todo ambiente com as duas mãos no meio das pernas.

Com dificuldade, caminha até mim, e quando pega a maçã, não sei porque, sinto um pavor oceânico. O trauma que carrego se alastra pelo meu sistema nervoso como fogo, e sinto como se um elevador despencasse dentro

do meu peito.

— Sua *vadiazinha*. Você prefere o jeito difícil. Então, que assim seja...
— Ele força a maçã contra a minha boca, enquanto aperta minha garganta. Em busca de ar, eu entreabro, mordo e engulo em seguida.

— Vamos ver se agora continuará fria como a neve. — Ele solta uma gargalhada. — Como eu tenho orgulho do meu lado teatral. Minha criatividade metafórica desbancaria Stephen King. — Comenta, e lentamente, começo a ter dificuldade para separar realidade e ficção.

— Não, não. — Digo fraquinho à medida em que ele me deita sobre a mesa, desabotoa a camisa e se junta a mim. — Me solta, por favor. — Imploro sem forças para impedi-lo. — Por que estou sentindo essas coisas?

— Porque me quer, amor. — Ele começa a beijar meu ombro, subindo pelo meu pescoço, até chegar ao meu queixo, que ele segura e toma meus lábios, aproveitando-se. Eu choramingo sem forças para impedi-lo. Estou sem vantagem, não há possibilidade de escapar, e ninguém virá me salvar dessa vez, nem mesmo...

— Yan! Yan! Yan! — Grito apavorada.

— Yan? Há. Há. Ele não vai salvar você! Sua estúpida! Dessa vez escolhi melhor o lugar, para ninguém nos interromper. — Alerta, e com um puxão me prende ao seu corpo.

— Quer apostar? Solta ela, ou eu mato você! — Yan adentra pela janela, apontando uma arma prateada para Alex, com os olhos diabólicos, aflitos e surpresos, examinando-me.

— Você de novo? — Questiona, reconhecendo-o.

Respiro pesadamente, ao ser colocada em pé por ele que pega uma tesoura do portador de utensílios e encosta a ponta em meu pescoço. Minha
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

veia proeminente pulsa na ponta afiada.

— Por que você sempre atrapalha minha diversão? — Alex pergunta, subindo o zíper rapidamente sem perder o foco, apertando minha cintura.

— Cala boca! Porque se quiser continuar respirando, sugiro que tire as mãos dela.

— Não vai me interromper dessa vez, tecnólogo, já aviso, se vai ficar, podemos dividir ou sente-se aí e assista. Tenho fetiche pelo exibicionismo.

— Seu verme, asqueroso. — Dirige a Alex um olhar que se pudesse, exterminaria ele do planeta.

— Falou o cara que está abusando dela na privacidade de sua ilha. O sujo falando do mal lavado!

— Não me compare a você. — Sua expressão é austera. — Em todo caso, ela é minha, tire as mãos sujas de cima dela, porque vou levá-la comigo.

— Pense bem, antes de apertar o gatilho, pois um milésimo de segundo é o que preciso para enfiar isso na jugular dela, então, serão dois corpos que irão se desintegrar. Meu cálculo é exato, não protelo.

Yan continua, enervante, em uma posição de disparo, alinhadamente para atirar.

— Você não é burro a esse ponto!

— Obrigado pelo elogio, mas não duvide de mim. Você a quer? Antes vai ter que assistir o que farei com ela... hm, tão cheirosa. — Ele se aloja ao meu pescoço, e Yan grunhe perante o comentário. — Adorei tanto essas mechas, que quero uma para guardar de recordação. Cinco dedos está ótimo. — Ele corta, em seguida guarda no bolso da calça. — O que mais posso

fazer? — Desliza o objeto em minha bochecha.

— Faça isso, e te mando para o inferno num piscar de olhos. Você não sabe o quanto essa garota é preciosa para mim. — Yan me olha com ternura.

— Preciosa? Nossa! Quanto amor pela garota. Se ela vale tudo isso mesmo, coloque a arma em cima da mesa. — Ordena. Yan protela, encarando-o furioso. — AGORAAA! — Reforça, estridente, fazendo-me gritar de olhos fechados. É tudo tão rápido, e quando abro-os novamente, a arma está onde ele pediu.

Alex a alcança, e corro desesperadamente para os braços de Yan, que me aperta, com os lábios carnudos em minha têmpora, protegendo-me, fazendo carinho.

— Achei que você não viria. — Abraço-o forte, eufórica e soluçando. — Achei que não viria.

— Lembra, do que te falei, pequena? Não importa pra onde vá, eu sempre vou te encontrar, e te pegar de volta pra mim. — Ele afaga o meu rosto entre suas mãos, retirando minhas lágrimas, até o meu pescoço, massageando-o, e a dor vai desaparecendo a cada toque, minha pele está hipersensível e tenho a sensação de estar em um deleite multiplicado.

Sinto-me misturada a batida eletrônica com sons distorcidos. Como a música que está tocando lá em baixo. Abraço-o mais forte a cada vez procurando proteção.

— Me abraça, quero sentir suas mãos em mim, não sei o que teria acontecido se não chegasse, eu... me perdoa por ter fugido de você.

— Fica calma, estou aqui, Libelle. Se ele quiser te fazer mal de novo, vai ter que me matar primeiro. — Assegura aprisionando-me entre seus braços, depois me coloca atrás dele, protegendo-me com seu próprio corpo à

medida que Alex ameaça puxar o gatilho.

— Hora, hora... — Alex interrompe com aplausos. — Que cena mais linda, cheerleader! Você está compactuando com o vilão! Então, deixa eu te contar um segredinho, para apimentar um pouco mais essa história. O objetivo dele é matar você no final de tudo isso... Lentamente, assim que estiver apaixonada por ele, o que não deve estar muito longe. E mesmo assim corre para os braços da morte feito um anjinho alado? Vocês mulheres são mesmo surpreendentes!

A medida que ele fala, estremeço, consideravelmente afetada pelo tesão, agarro mais ainda os músculos de Yan que coloca as costas da mão por todo meu rosto, como se estivesse verificando minha febre.

— Sua pele está queimando, pequena. O que fez com ela seu imundo? Você a drogou?

— Ela está sobre o efeito da famosa maçã envenenada, mas como está vendo, é diferente do conto de fadas, porque no lugar do veneno coloquei ecstasy, e o único jeito dela voltar ao normal é dando o que ela deseja. SEXO. — Ironiza.

— Filho da Puta! Vou te matar!

— Há. Há... A festa está só começando, e ela precisa que alguém a satisfaça, então, vamos tirar a sorte grande de quem fará o serviço. Já são 23 horas, vamos descer, porque essa noite vai ser um grande espetáculo... GARDENAL!

— O que deseja, senhor? — Ele adentra tão rápido, como se estivesse atrás da porta o tempo todo.

— Comprou o vestido?

— Sim, como me pediu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ótimo... Leve-a para o ateliê e a ajude a se vestir, depois peça ao Regis para fazer maquiagem e cabelo, quero que fique linda, mas não ouse tocar no que ela está vestindo, entendeu? — Assente pegando a ordem. Meu coração acelera e grudo mais em Yan que me segura, afagando meus cabelos, enquanto em pedaços, escuto seu batimento.

— Não me deixe sozinha com esses homens Yan, eles querem me fazer mal, não deixa por favor.

— Não vão fazer nada. Eu prometo. Fica tranquila.

— Não faça nada estúpido! — Aconselha. — Fiquem atentos se ela tentar alguma coisa. — Ordena a seu assecla, e depois vira para Yan novamente. — Sua preciosa será preparada, e quanto a nós, iremos para a grande festa, que está acontecendo no andar de baixo. Está escutando a música? — Fala enquanto está com os braços cruzados, deixando a arma em forma de balanço sobre o indicador.

— Se tocar em um fio de cabelo dela...

— Você vai para o salão principal, agora. A elite carioca e muitos convidados que vieram de longe estão aqui para a inauguração. Aconselho você a não estragar a festa. Ah, não se preocupe, Liborn também não quer que a machuquem. — Passa por ele recompondo-se e alinhando seu smoking.

— E nós dois, camarada, iremos lá pra baixo, esperar pela *Snowcinder*... Um aviso. É melhor não tentar nada, porque Gardenal tem as minhas ordens, nem queira saber o que fará com ela, caso tente, acho que não quer arriscar, mas se quiser, vou adorar acabar com a sua vida, e a dela... bem, tudo depende. — Ameaça com a arma apontada na cabeça dele.

— Vou te tirar daqui, Libelle. Confie em mim. — Assegura, beijando o alto da minha cabeça, conforme se afasta nossos dedos vão se soltando aos

pouquinhos, ele está sofrendo por ter que ir sem mim. Então, Gardenal me puxa para longe dele, pressionando meu braço com seus dedos fortes até a porta, levando-me dali, até que perco os dois, que somem do meu campo de visão.



O trio de preto saca suas armas ao avistarem os seguranças de Yan na escada, apontando-as para ele e outras para os seus homens, que não ficam atrás. Felipe está com a dele em direção à Alex, enquanto Will para um deles que o está encarando em retaliação.

— Atenção veteranos, e calouros, abaixem as armas. Vamos brindar ao tecnólogo, porque graças a ele, Belly está aqui, e brindará conosco, apreciando toda a festa. — Gargalha na cara de Yan, enquanto vibram perante a sua regra circumspecta.

Fortis pega duas taças cheias do balcão e entrega a Yan uma delas, que não recusa, absorvendo o líquido enigmático, porém exótico e vivificador, o mesmo que tomei ao chegar.

O ambiente é faustoso, cheio de pessoas distintas ostentando a opulência. Há cadeiras nos jogos de mesas, conjunto de máquinas, roleta, craps, blackjack e bazará. As paredes não têm janelas nem relógios, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para que o jogador perca a noção de tempo. E a cor predominante, o vermelho, torna o local aconchegante e desafiador. Estão inaugurando um cassino?

— Boa noite. Senhoras e senhores... — Inicia Gardenal. — Cassinos são hoje grandes parques de diversões para adultos, que sonham com a riqueza. São lugares de grande tensão. Como todos devem saber, os jogos de azar são proibidos no Brasil desde 1946. Por isso, muitos brasileiros investem fora do país. Mas com a legalização aprovada, enfim, podemos trazer um pouquinho de Las Vegas a essa cidade maravilhosa. Houve um imprevisto, e Liborn, o proprietário, não pode estar conosco hoje, mas em nome dele, agradecemos a presença de todos. É uma honra compartilhar com vocês a inauguração desse luxuoso cassino. Como muitos aqui, devem saber, nos jogos precisamos de sorte. Cada qual acredita em uma superstição, Liborn acredita na *Garota da sorte*, a menina de beleza rara, difícil de encontrar, como um trevo de quatro folhas. Então, foi feita uma seleção, e agradecemos à todas que participaram, com seus vídeos sensuais. E a escolhida é...

As luzes escurecem e no telão o meu nome se destaca no meu vídeo dançando pole dance, mas o que está acontecendo aqui? Quem é Liborn? E só pelo fato dos convidados acharem isso normal, comprova que são pessoas mancomunadas atuando nessa encenação ridícula. Eu achava que Yan era louco por ter me sequestrado para me usar, mas aqui estou eu, em um covil de psicopatas.

— É uma dança intrigante não é mesmo cavalheiros? — Gardenal ressalta e Yan está inquieto, difícil decifrar o que sente.

Após o vídeo, um ronco de motor ecoa, deixando todos surpresos, é de uma moto, que está adentrando o salão. É o Alex. Desgraçado. Ele pede para

eu subir na garupa, sem questionar obedeço e ele segue entre todos, exibindo-me. Yan aperta os lábios numa linha fina e reta mantendo a impassibilidade, enquanto Alex pilota até o palco pela rampa. Estou usando no cabelo o laço azul, dando charme ressaltado pelo vestido de princesa na mesma cor azul, em sobreposição a cor vinho por baixo. Ele me desce, tirando de mim a jaqueta de Yan, pendurando-a no guidão. Alguém passa o microfone pra mim e Alex afronta Yan entrelaçando seu braço ao meu, implorando para ser estripado vivo.

— Estou muito feliz por terem me escolhido. Honrarei meu nome e serviço. — Alex me obrigou dizer isso. Os nervos de Yan parecem estar atrofiando-se, a ponto de quebrar a taça com a pressão da mão.

— Que linda a nossa Ninfeta da sorte. Agora mesmo ela atenderá à todos que quiserem ter o fado a favor! Isabelly vai dançar com todos os cavalheiros presentes, por isso que foi pedido para que deixassem o nome de vocês nessa caixa na entrada. Vou sortear o primeiro felizardo, que é você... — Gardenal aproxima a caixa quadrada e de lá tira um nome. — Christopher Madx. Aproveite.

A música começa a tocar. *The Heart Wants What it Wants*, e os pares começam a se formar, até Will e Felipe estão agrupados, cada um com a sua romena. Yan não para de olhar para mim, enciumado, sabendo que estou ardendo em uma febre de desejo dançando com homens de diversas idades, jovens, velhos, todos querendo obter a sua sorte antes do jogo. Ele assiste como um tigre enjaulado alimentado pelo espectro do ciúme.

— Não vai me tirar pra dançar, bonitão? — Ouço uma voz feminina ecoando atrás de mim, quando me viro, fico surpresa. É a mesma mulher que apareceu no banheiro no programa.

— Fernanda? O que faz aqui? — Yan a cumprimenta, ele a conhece.

Claro que conhece. E agora seu foco é o vestido preto curto brilhante dela, e ela expõe para ele, seu pescoço adornado por colar de pérolas. Ela é bonita, muito na verdade, e usa bastante maquiagem, que faz jus...

— Nanda, me chame apenas assim. — Ela abre um sorriso perfeito, passando a ponta do dedo em seu cabelo chanel. — Vem, vamos, adoro essa música. — O conduz junto aos demais e não consigo escutar mais nada do que dizem. E odeio ver ela se aconchegar ao seu corpo entrelaçando os dedos nos dele como se fosse dona.

Homens! Mentalizo passando de mão em mão. Realmente acreditam que trago a sorte para o jogo. Como são tolos. E coloridos. Alguns preto e branco. Não sei. Não estou bem. Droga de maçã! Agora eu estou dançando com um senhor grisalho, que oferece uma nota preta pela minha calcinha. Digo que estou sem, ele faz a famosa cara de velho babão. Alex me tira dos braços dele, girando-me, e decidida a desempenhar à risca meu papel de Cinderela, deixo que minha cabeça se apoie em seus ombros. Ao som da batida sensual e suave, observo Yan dançar divinamente com a mulher sexy do banheiro. O meu sistema imunológico está tentando reagir ao sentimento complexo que corre em minhas veias em doses alopáticas. Estou alterada, e meus glóbulos sanguíneos recarregados pela droga. Sinto ciúmes de como ele a abraça, como ela retribuí passando a mão pelo corpo dele. Quando seus olhos encontram os meus, me perco neles por um tempo, lembrando o jeito passional de tirar o meu batom, que está impregnado em sua camisa implícita pelo seu terno fino. As carícias quentes, e os beijos que me tiram o fôlego. Eu já me acostumei com sua obsessão tóxica. Eu quero tudo exclusivamente para mim.

"Estou presa, tudo meio nebuloso"

Com a mão no coração, estou rezando

Para sobreviver a isso tudo"

Respiro fundo, fecho os olhos, e aperto Alex com vontade. Quando abro, a usurpadora está emaranhando as mãos nos cabelos de Yan, inalando o cheiro dele em total posse, e cantando em seu ouvido, provavelmente a versão ruim de *Selena Gomez*. Ele murmura algo. O calor se espalha juntamente a centenas de borboletas no estômago.

— Olha só... — Alex me vira de frente, remexendo lentamente por trás de mim, com as mãos na minha cintura. — o seu vilão favorito tem um harém de mulheres loucas para transar com ele. Já está afiando as garras de garanhão pra cima da Cleópatra. O cabelo chanel dela é difícil de resistir.

— Parece peruca. — Comento mordida de ciúme.

"Guarda seu conselho, pois não vou ouvi-lo

Você pode até estar certo, mas eu não ligo"

O garçom passa, pego aquela bebida estranha e bebo um gole de desafio, lançando para ela meu olhar de: Ciúme não mata, quem mata sou eu. Quando a proximidade me permite, uso todo meu dom de atriz, e num átimo colido com ela com toda força, virando a taça propositalmente em cima do vestido dela. O som do cristal espatifando-se é agrupado ao seu grito de revolta. Sorrio inocentemente, como quem não fez nada. E se minha capacidade de leitura labial não estiver falhando eu diria que estou lendo nos lábios dela PUTINHA.

— PIRANHUDA! — Grito. Alex me libera para socorrer a histérica, e Yan me pega fazendo a troca, nossos olhares tropeçam. Meu formigamento sinaliza que vou entrar em combustão.

— O que está fazendo, Isabelly? Você jogou bebida na mulher por querer?

— Sim, e daí? O que ela faz aqui? Você viu? Ela me chamou de putinha e você ainda fica babando no decote *#partiubalada* dela? Primeiro se faz de herói vindo me salvar e depois dá em cima de outra na cara dura? Você é desprezível, Yan!

— Putinha? — Ele sorri de canto passando a mão em minha têmpora.
— Calma, deve ser o efeito do que aquele cretino aplicou em você. Você sempre me surpreende... — Aproxima seus lábios, roçando-os nos meus, enquanto me aperta.

— Eu estava apenas perguntando a ela se conhecia o dono desse cassino. Ela está aqui pelo resultado. Também mandou um vídeo. Disse que a vencedora da seleção só terá contato com esse... Liborn, depois dessa noite. Eu estava tentando obter informações, pra tirar você daqui. Ela estava ansiosa para conhece-lo.

— Me escolheram, então eu...

— Isso não vai acontecer, porque vou resolver ainda essa noite. — Revela lançando um olhar lancinante para Alex.

— Não precisava ter fugido de mim, deveria ter sido honesta consigo mesma, era só relaxar e aproveitar. Eu deveria estar em uma reunião, mas estou aqui salvando sua vida, o que já se tornou um hábito. — Ele me gira e me traz de volta aconchegando-me ao seu peito, segurando meus quadris. — O quanto sou desprezível agora?

— M-muito... — Sôfrego de desejo pelo seu toque, as duas mãos apoiadas em seu coração ao ritmo cadenciado.

"Há um milhão de motivos para que eu te abandone

Mas o coração quer o que ele quer"

— Esse professorzinho com fetiche por menininhas... — Arruma meu lacinho, olhando para Alex que nos observa. — ele não vai mais tocar em um fio de cabelo seu.

— Pode me passar a vez, camarada? — Indaga o próximo jogador. — Preciso de muita sorte essa noite.

Yan se afasta de mim, torce o braço do sujeito para trás.

— Cai fora! — Imobiliza-o da cintura para cima, sussurrando por entre a nuca. — Procure sua própria sorte, antes que eu quebre seus dedos e vai ser fácil como quebrar palito de dente. — Exalta, soltando-o e o cara se afasta permanecendo junto aos demais de braços cruzados. Yan espera seu afastamento para voltarmos de onde fomos interrompidos.

— Qual o seu problema? — Digo, observando que somos o único par agora no meio da roda que nos assiste, entre comentários e murmúrios.

— Por Deus! Realmente não tem consciência, não é? Você é preciosamente linda, Libelle... — Ele passa os polegares por minhas bochechas. — é inefável, e perturbadora... esse laço azul no cabelo é um charme imponderável, e te deixa tão... graciosa. Sua amiga não deveria ter postado o seu vídeo. Minha vontade é esquartejar aquela loira do banheiro até o corpo dela estar trucidado, por ter postado na internet.

— Como sabe que foi ela?

— Não sou idiota. Sei que assumiu a culpa por ela. E olha só no que deu. Seu vídeo se tornou o ornamento das fantasias desses punheteiros de plantão. Eu não duvido nada que esse sujeito que já odeio por se intrometer no meu caminho, seja um louco rico, que assistiu e ficou obcecado. Esse mundo está cheio de homens com más intenções. Esse professor abusado é um deles, assim como o investidor de cassino que planeja fazer coisas absurdas com você. — Seus dedos parecem atear fogo por toda minha pele crepitante. Lanço meu olhar acusatório, e ele se defende.

— Eu tenho sérios motivos para que seja minha...

— Não, por favor... — Ele deposita um dedo em meus lábios ao perceber que vou retrucar. — Não discutiremos agora. Por enquanto, vamos apenas dançar e passar por isso.

— E depois?

— Depois... — Encosta o rosto no meu, e com os lábios em minha base sensível, assinala. — As nossas pendências, nós vamos resolver na cama, depois que tudo isso acabar.

— Yan... — Sussurro, beijando-o do queixo até o pescoço, introduzindo minha mão por dentro do seu terno, com a minha libido a mil tesões por hora.

— Libelle... — Murmura, apertando-me com precisão ao corpo dele.

— Assim, me pega forte, adoro quando você faz isso. — Confesso mais acesa que a tocha olímpica, impregnada de calafrios à medida em que adentro até o seu ombro esquerdo. — Essa cicatriz... — Roço o nariz em seus lábios, acariciando o pequeno relevo. — Saber que você adquiriu ela por minha causa, e que suturei, me deixa pegando fogo!

— Caralho, para com isso. Está excitada, além da conta. Ah, menina, eu soube desde que te conheci que você seria treta das grandes... — Ele remexe esfregando meu corpo ao dele, completamente afetado. O calor delicioso derrete minha consciência, canalizando todo meu desejo.

— Ah, Yan, eu... eu estou... queimando.

— Calma... — Ele afaga meus cabelos. — Está assim porque quer ser beijada, acariciada, quer que eu consuma você. Eu vou te dar o que deseja, porém, preciso tira-la daqui primeiro. — Decreta, com a sua voz rouca embargada de sensualidade. Então me pega pela cintura e me eleva, rodopiando comigo em meio a um círculo de espectadores.

"Esse é um conto de fadas moderno

Sem finais felizes,

Mas não imagino minha vida

Sem momentos de tirar o fôlego"

— Aceita mais um drink, cavalheiro? Cortesia da casa. — Oferece uma garçonete galega. Ela preenche o vazio.

— É por isso que é a escolhida de Liborn. Ela tem vigor! — Comenta um cara ao nosso lado.

— Senhor quem é esse sujeito? E o que quer com ela? Já perguntei a todos e ninguém aqui tem permissão para revelar os propósitos dele. — Daniel relata, mas seu rosto impassível não deixa transparecer nada.

— O que está acontecendo? — Felipe pergunta curioso também com tudo isso.

— Isso que eu quero descobrir. — Yan vira o líquido de uma vez. — Continuem tentando. Descubram quem é esse... Liborn. Quero informações minuciosas, isso tem que ser executado impreterivelmente hoje ainda.

— Sim, patrão. O mantereí informado assim que descobriremos algo.

— As roletas mágicas já estão girando, e nossos pedidos podem se realizar depois da meia noite. — Alex nos interrompe propositalmente, tirando-me dos braços de Yan e levando-me especificamente à mesa do poker.

— O baralho, por favor. — Entrelaçado a mim, pede ao carteador.

— Quanto vão apostar?

— Não apostaremos dinheiro, mas sim algo precioso, que não pode ser comprado. — Ele encara Yan em desafio. — Se ganhar, ela é livre, pode leva-la, mas se perder, eu volto lá pra cima e continuo minhas aulas com ela. Estamos entendidos?

— O quê? Eu não vou concordar com essa aposta estúpida. Iremos embora agora.

— Nem pensar. — Balança a cabeça com a língua batendo no céu da boca. — Você vai ficar e jogar. Eu dito as regras. É bom não fazer nada imprudente. Olhe ao seu redor, tem poucas pessoas aleatórias aqui, a maioria são convidados especiais, se é que me entende. Aliás, a sua preciosa vai sentar-se comigo. Ela dá sorte nas primeiras jogadas, mas se tiver em total posse do jogador até o final, as chances multiplicam. Vem querida. — Ele indica batendo na perna. — Será meu amuleto da sorte.

Yan lança para ele seu olhar vítreo e gélido.

— O que é? Está com ciúmes? Bem que ouvi dizer que os verdadeiros sentimentos dos homens são revelados durante o poker.

— Ela está com tesão. — Ele escorrega o dedo em meu antebraço arrepiado. — A maçã envenenada está fazendo seu efeito. Um de nós dois terá que aliviar isso, é até um pecado deixá-la assim, não acha? — Ele me ajusta em suas pernas. — Nossa! Ter você sentadinha assim no meu colo, é uma distração e tanto, querida.

— Só passando por cima do meu cadáver que esse jogo vai ocorrer com você alisando-a perante os meus olhos. — Avança e o soca com o punho.

— Yan? — Levanto, assustada, puxo-o para trás em suplica. — Não precisava ter feito isso, era o que ele queria, e...

— Que lindo como ela te defende, e se comporta ao seu lado. Você é pior que eu... o que você tem que eu não tenho, hein? — Acomoda-se de volta na cadeira, colocando-me sentada em seu colo novamente. Os olhos de Alex estão arregalados, e meio animalescos.

— É porque você nunca transou comigo, idiota.

— Uma pena que seja tão impressionável, Isabelly! Foi corrompida. Usada. Quando essa notícia se espalhar, seu namoradinho não vai mais te querer. Você é só um capricho nesse conto de fadas moderno, sem possibilidade nenhuma de ter um final feliz. Nada mais do que isso. Aliás você sabe o que aconteceu no cassino em Los Angeles?

— Não sei... o que aconteceu?

— Ele não te contou, claro que não contaria.

— Começa logo a porra desse jogo. — Yan interrompe, acariciando meus cabelos.

Alex confere suas cartas com seu olho treinado de jogador. E Yan faz a leitura, observando-o tremer as mãos, ao erguer o Flop de três cartas.

— Desejam mais *Flake Blood*, senhores? — Oferece o garçom. Alex assente, e ele nos serve.

— Vejo que aprovou a nova consistência da casa. — Observa.

— Qual é o ingrediente adicionado para manter essa cor? — Yan pergunta ingerindo.

— Como já diz o nome. Sangue, é um fortuito.

— Ah, claro, sintético! — Yan bebo mais. — Realmente é muito bom.

— Não. É da ninfeta. — Diz com orgulho. — Liborn é um homem muito curioso, e pediu que fizessemos a experiência.

— O QUE? — Yan bate a taça com raiva, apertando-a até quebrar, e os pedaços se espalharem. Ele dá mais um soco na mesa fazendo as fichas caírem. — Experiência? Que loucura é essa? Elaborar um drink com o sangue dela é crime. — Acusa.

— E o que você fez para ver ela em todo lugar é o que mesmo? — Desafia, e eu ouço sem entender nada. — É um crime, e dos grandes!

— De onde tirou essas informações, filho da puta?

— Como você conseguiu fazer isso?

— Da mesma forma que outra pessoa conseguiu, e está aí nesse cordão, em seu pescoço.

Reparo dentro do terno, a amostra do sangue, que dei como autógrafo para Eduardo. Ele furtou. É por isso que ficou para trás, queria de volta. É mais possessivo do que eu pensava. Agarro-me a ele, completamente trêmula, sem entender nada.

— Vocês são uns dementes. — Ergue meu pulso visualizando o furinho em volta de um pequeno roxo em minha pele.

— Bem-vindo ao clube! Agora chega da ladainha e vamos ao que interessa. - Ele confere mais uma vez as cartas. — Já que estamos em um jogo convergente, eu sugiro, que no caso de um kicker na rodada, poderíamos deixar no intermediário, e irmos nós dois lá pra cima, ensinarmos juntos matemática e tecnologia a ela. O que acha? — Provoca virando um ÁS na mesa. — Olha só! Acho que exagerei na dose, as pupilas dela estão dilatando na luta contra o desejo. Chega ser um pecado deixar ela passar por isso.

— Yan... Vamos embora, eu quero, por favor, deixa.

— O que está sentindo meu amor?

— Vontade de fazer amor com você... muita vontade.

— Que bonitinho! Esse jeitinho dela expressar que está louca pra gozar, mas não faz sem a sua permissão. Ah, se quiser apimentar um pouco mais, podemos fazer um Poker Streap, estamos em uma área privativa, e ninguém vai reparar. Ele mostra minha calcinha as pessoas alienadas em outros jogos. — Eu já dei a primeira partida. — Em seguida cheira em provocação e guarda-a novamente.

— Você arrancou a calcinha dela? Agora você pagou pra ver, desgraçado. Se quer jogar, eu vou mostrar como se joga. Você me deu uma ótima ideia. Uma cena como essa merece ser vista. — Alex entreolha sem entender nada, e Yan me posiciona com exatidão sobre sua ereção, entreabrindo minhas pernas, e penetra o indicador lentamente em minha vagina nua e molhada.

YAN

— Ooh... — Geme acolhendo meu dedo deliciosamente em sua fenda apertadinha, enquanto viro uma trinca de pares, perante o queixo despencado do professorzinho ao ver minha mão por baixo de vestido dela.

— Quando estiver preparada, quero que goze bem gostoso pra mim, eu deixo. — Sussurro eu seu ouvido, acariciando deliciosamente o seu botãozinho inchado e pulsante. — Seu ex-professorzinho está louco pra ver como te ensinei. — E ela se recosta em meus braços, timidamente extasiada, gemendo baixinho. Pulsante e vigorosa. A sua expressão enlouquecedora exala um desejo puro e genuíno.

— Cara, fala sério, você não está fazendo isso na minha frente... — Revira os olhos ultrajado.

— Você não gosta de exibição? — Questiono, fodendo-a com dois dedos e o polegar em seu clitóris lubrificado. — Está escutando os gemidos dela? — Torturo-o. — Sente vontade de tocá-la de novo, não é? Eu compreendo sua obsessão, ela é muito macia e quente. Mas eu sinto te informar que não gosto de compartilhar, então... o único que vai assistir aqui, será você. — Está gostando, meu amor?

— S-Sim. — Geme dissolvendo-se a cada investida minha.

— Ya-n... — Choramanga, e sentindo minhas mãos pressionando-a toda quentinha, se contrai em meu dedo dolorida pela intensidade de excitação. Febril, decadente.

— Isso, amor, aproveita, porque vai demorar um pouco até que eu possa enfiar meu pau em você. Solto as cartas e adentro minha mão livre até seu seio pequeno, raspando o polegar no mamilo rijo.

— Ah... — Convulsiona arqueando-se em meu colo, estremecendo em

um orgasmo agudo e delicioso. Seu sexo está faminto sugando meus dedos, estendendo-se para mim num abandono impudico, com a boquinha entreaberta soltando sons roucos e instigantes.

— Um pouco mais, minha linda, só mais um pouquinho... — Estendo seu orgasmo incentivando-a, acariciando com carinho seus cabelos entremeados em meus dedos. Tomo mais uma dose da bebida enlouquecedora, elaborada com uma concentração do seu sangue, seguro na boca, contemplando-a gemer olhando em meus olhos, como se estivesse escorregando em arco íris. Com total posse, eu ergo seu queixo delicadamente e passo-a para seus lábios entre abertos, que deixa escorrer pelo inferior. Levo a palma até sua boca para limpar, mas recostada ao meu peito em completo abandono, pega minha mão, bebendo os resquícios misturados ao meu próprio sangue, que cortei ao estilhaçar a taça. Que tesão da porra. E o professor parece uma imagem congelada, assistindo a respiração de Isabelly se estabilizar ao gozar. Lentamente, retiro os dedos de dentro dela, levo até minha boca e provo sua essência doce perante os olhos vidrados do meu oponente.

— Deliciosa! — Provo deliciado o seu gosto.

— Cena digna de um Oscar. E eu ainda assisti na primeira fila. Só faltou a pipoca! No entanto... — Ele revela um consistente de três pares. — Você perdeu. Full House!

— Perante a mim, você é só um coadjuvante, parceiro.

Coloco as minhas cartas sobre a mesa, exibindo para ele o sonho de todo jogador. O almejado, Royal Flush.

— Espera... — Ele me interrompe ao me ver levantar, levando Belly comigo. — eu disse que se ganhasse, a deixaria livre, mas livre de você. — Assinala. — A Ninfeta pertence ao Liborn, portanto ela fica.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ISABELLY

— CHEGA! — Yan perde a cabeça. — Até parece que se você ganhasse, eu iria permitir que a levasse de volta lá pra cima. Nem a pau, imbecil! Ela vai comigo, sou o único que pode usar e abusar, e fazer com ela o que bem quero, pois minha atual condição me dá o total direito. Ela é minha esposa. — Bate no peito. — Me pertence. Fui bem mais esperto que você.

— Por que não estão usando alianças? — Alex fixa em nossas mãos, e Yan acaricia o sinal causado pelo sol no meu dedo. — Ela tirou para fugir de mim, e eu tirei para ir no programa atrás dela sem chamar os holofotes para esse detalhe.

— Você só pode estar blefando. Exijo provas.

— Ah, você quer prova? Serve essa aqui? — Esfrega na cara dele a mesma certidão que mostrou para mim, registrada no Registry of Marriages salvo em seus documentos no celular.

— Cada vez mais interessante. Tem uma pessoa que vai cair para trás quando eu puxar essas imagens no Zoom pela manhã.

— Possivelmente é o famoso passarinho que está te passando as informações. Então, aproveita, e avise pra esse... “Liborn”, e toda essa corja que estiver por trás disso, que a Ninfeta é toda minha! Procurem outra.

— Talvez esse casamento, te dê alguma absolvição. — Ele ajeita as fichas. — Mas não sei não. Você vai se arrepender de ter casado quando ela

descobrir o segredo. Por trás de um segredo, sempre tem outro segredo. Vou assistir de camarote.

— Que segredo? — Rebato rapidamente.

— Vocês acham que eu vou contar e estragar o fim do espetáculo? Vou deixar pra vocês, a tarefa de encontrar o X. Ah, deixa eu fazer uma observaçãozinha interessante. Porque pelo visto você não prestou atenção nas nuances. Sabe por que ela está tremendo tanto? Porque desde que ela tinha 12 anos, eu a assediava dentro da sala de aula. Ela é aquela garotinha de 15 anos, que você me impediu de consumir. Estava uma delícia me aproveitar dela, você a salvou, e pelo visto nunca interligou as coisas.

— Desde os 12? O QUÊ?! Agora eu te mato, seu pedófilo, desgraçado!
— Um filete frio me consome, e ele parte para cima de Alex puxando-o pelo nó da borboleta, deitando-o na mesa.

— Yan! — Grito, jogando-me em cima dele que soca o rosto de Alex pela direita. — Para Yan! MEU DEUS! — Seguro seu braço pelo pulso, mas ele está tão concentrado em encher Alex de porrada que acaba lançando-me para longe. Está furioso e só quer atacá-lo de novo e de novo. Mas eu volto, entro no meio de nós dois, mas Yan me detém deixando-me longe deles, porém, fico à sua frente, empurrando-o no peito.

— Para com isso, Yan! — Imploro e ele não tira os olhos drenados de raiva, da lateral do rosto do imprestável.

— Que porra é essa, cara? — Exclama, esfregando o queixo continuamente, como se estivesse tentando recolocá-lo no lugar. — Isso foi há 5 anos! E já destruiu a minha vida naquela época. — Enquanto fala o sangue escorre do nariz e do seu lábio superior cortado.

— Sabe muito bem que porra é essa... sei quanto foi, não precisa

lembrar, fico feliz que tenha perdido a sua licença de lecionar e passou um longo verão em uma cela. Você não vai encostar mais um dedo nela. — Me traz para junto dele. — Desculpa, amor, você está bem? Te machuquei? — Pergunta a centímetros do meu rosto, puxando-me para perto, analisando-me cuidadoso. Balanço a cabeça, sensitiva, quente, em completo deleite ao me envolver em seu peito, numa carícia corporal, agarrando meu rosto com as palmas das mãos.

— YAN! — Grito ao ser pega por Gardenal.

Yan é ágil, e desvia do ataque surpresa de um deles, contra atacando em seguida, com um soco estraçalhado jogando-o em cima da roleta. A medida que cambaleia, me vê apavorada gritando e dizendo para tomar cuidado.

Desfigurado, mira em Gardenal mas muda a direção e atira. Instantaneamente a bala acerta uma taça que se quebra em mil cacos. O chão treme em um solavanco, fazendo-os desequilibrarem. Pela cara deles, não esperavam por essa.

— Mas que merda é essa? — Indaga, e Yan adora a sua reação de espanto.

— Achou mesmo que eu seria um perfeito prodígio de estupidez? Essa arma é bélica, com balas secretas, a laser, com tecnologia avançada. A dor é rápida e mata em cinco segundos. Garanto que a próxima é para valer! Agora... Solte-a! Infeliz, ou você morrerá antes de Alex! O que vai ser?

— Não vou soltar. Pode me matar, mas antes corto a garganta dela! — Ameaça com a parte quebrada que sobrou em sua mão.

— Gard, faz o que ele está mandando. — Alex branda, quando Yan volta a boca da arma à sua cabeça.

— A vida dele está nas suas mãos, tire as mãos da minha esposa, AGORA!

— Se o matar, ela morre na mesma hora, estou falando sério! — Gemo com a fisgada que ele proporciona com o cortante. Sinto náuseas.

— Se algo acontecer a um de nós, quando saírem daqui, Fortis tem a ordem de revelar à todos os convidados a verdade, sobre o porquê se achou no direito de roubá-la para si. — Yan está impassível e eles continuam. — É isso! Ela não sabe, exatamente como prevíamos. Ele teme que a Ninfeta descubra, porque sabe que será odiado... — Alex abre um sorriso ofídico.

— Largue a arma tecnólogo, e não permitiremos esse descuido. — Estende a mão em retaguarda.

— Não se entregue! Eles vão te matar! — Berro, conseguindo me desvincular, e abraço suas costas para impedir. Não quero te ver morto. — Suplico, e mesmo assim ele dá a arma à Alex, que a pega triunfante.

— Sua esposa, tem razão, eu poderia muito bem te matar agora...

Ele a aponta diretamente no peito de Yan, e começam a andar em círculos, Antônio aponta para Alex... Felipe para Gardenal, que aponta para eles com ajuda de mais um deles, enquanto me protege atrás dele.

Sirenes assoviam e rapidamente o local é invadido por policiais, que adentram imobilizando a todos, causando um tumulto.

— Belly? — Yan me procura com o olhar, mas estou encolhida atrás da pilastra com aquele crápula apontando a arma na minha cabeça. Assim que Yan me encontra seus olhos fumegam, e tenta avançar para me pegar de volta, porém, Alex cobre meus olhos com uma das mãos e dispara um tiro silencioso.

— Achou que seria fácil fugir, ratinha? Eu te disse que hoje você seria minha, e que aquele imbecil não vai mais estragar a nossa noite.

Suas palavras são abafadas pelo som da batida do meu coração. Minhas pernas estão bambas, e a pulsação acelerada. Tudo está girando. Yan? Coloco minhas mãos no rosto para esconder as lágrimas. Eu não posso acreditar que isso esteja acontecendo. Nem consigo respirar.

— Você matou ele, matou ele. — Clamo entorpecida de pavor.

— Vamos, entra na carruagem, princesinha. — Ordena, me atirando com tudo dentro de um conversível prateado. Ele pisa no acelerador e rodopia, porém já não estou mais ouvindo, pois está agrupado pelo meu grito que sobrepuja todo o restante. Yan! Morto? Me recuso a crer. Sai de uma prisão e entrei em outra. O que falta para piorar? Lacrimejo olhando para trás, e meu peito se aperta ainda mais ao ver a fita azul que era da minha mãe voando no meio da avenida, se perdendo mais uma vez. Dessa vez para sempre. NÃO!



Pelo retrovisor avisto um sujeito que vem pilotando uma moto magnífica de alta potência, permeando a luz do poste que me cega. O sinal fecha. Alex para. Levanto as mãos pedindo ajuda, e ele prontamente estaciona.

— Está indo em algum lugar com a minha garota? — E antes que meu abusador tenha tempo de responder, Yan me puxa, e me passa para a moto,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

colocando-me na frente dele, à medida que Alex faz o mesmo puxando a ponta do meu vestido que está enroscado na reentrância da porta do carro. Apavorada, tento retirar, porém Yan segura o tecido com as duas mãos, estilhaçando-o e volto a ser a cheerleader de Sacred Heart.

— Não tenha medo, você está protegida. — Diz me segurando apertada ao seu corpo e colocando o capacete em mim. E eu recosto-me ao seu peito, enquanto envolve-me em sua jaqueta novamente. Ele está VIVO! Suspiro.

— Como conseguiu roubar a minha moto, tecnólogo dos infernos?

— Ligação direta. Sou ótimo em improvisos, e fico bem melhor que você no papel de vilão. — Responde, apertando a embreagem, e engata a primeira, para dar a largada no exato momento em que o sinal abre.

O vento frio é bálsamo para meu corpo em brasa, tudo em mim ferve. Minha barriga está congelada, mas mesmo assim, abro os olhos e suspiro aliviada.

— PORRA! — Yan pragueja, empinando a moto, desviando dos obstáculos. E nesse momento faróis incidem sobre nós.

Alex está cantando pneus, em uma perseguição acirrada atrás de nós. Yan acelera mais ainda, e o carro dele bate na nossa dianteira, que gira duplamente sob as duas rodas, derrapando, fazendo meu coração bombardear adrenalina. Respiro soltando um gemido. E estamos frente a frente. Alex vem com tudo disposto a nos atropelar, mas Yan troca a embreagem engatando uma RÉ, e me segura, pilotando em sentido contrário com uma mão só.

— Para de fazer isso, vamos morrer! — Grito ao ver um caminhão enorme se aproximando.

— Fecha os olhos! — Pragueja e os fecho, esperando pela batida, mas ele desvia derrapando para o lado. Quando abro, vejo o carro de Alex bater a

traseira na quina do mesmo, que se estilhaça e imobiliza completamente a avenida.

Uma lufada me impulsiona para frente, e braços como aço me prendem forte para não me deixar cair. A paisagem noturna é desfocada pela velocidade, e adentramos um túnel iluminado de azul e dourado. Yan vai desacelerando e meu coração parece que está capotando dentro do meu peito.

— Libelle? Confia em mim? — Aceno em sinal de sim, na realidade tenho dificuldade para achar coerência no que ele fala e no que eu processo. — Vamos viver mais um pouquinho de aventura. Se ficar com medo me aperta forte, — Aconselha.

Concordo, olhando uma enorme porta se fechar atrás de nós. Ele acelera novamente, e mantenho os olhos bem abertos, encolhendo-me ao atravessamos por uma ponte de estrutura metálica que parece flutuar no oceano. Suspiro impregnada de calafrios que me fazem arrepiar. A sinestesia e a adrenalina correm de mãos dadas; gosto, cheiro, brisa, calor, frio, emoção a mil volts por hora. Repentinamente ele para, me aperta junto ao seu corpo, com meu rosto entre as mãos.

— Meu anjo, você está bem? Por Deus! Está tremendo, fica calma meu amor, estamos na nossa ilha, está tudo bem. — Nossa ilha, penso olhando adiante o mar brilhante de estrelas.

— Está me tirando a sanidade e devorando os meus sentidos. — Sua voz aveludada ressoa em minha orelha. Ele me vira de frente para ele, me entrelaçando em sua cintura.

— Recuperarei isso pra você. — Sua respiração é ofegante. Meu coração vibra em modo espaçado, ao ver pelo espelho do retrovisor a fita azul, a única lembrança física da minha mãe, ser colocada de volta no lugar por ele, que carinhosamente faz o laço, e desce as mãos arrumando os fios do meu cabelo, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me apertando forte, beijando minhas bochechas que roçam em sua barba por fazer.

— Está tão gelada, me abraça. — Ele tenta me aquecer ao seu corpo, no calor da sua pele, seu aperto é forte e me retraio em dor. — O que foi? Deixa eu ver... — Abre a os primeiros botões do meu uniforme.

— Maldito seja! Olha só isso, ele machucou você. — Roça o dedo no vergão em meu seio. — Deveria ter matado aquele infeliz por colocar as mãos sujas em você. Todos eles. Desgraçados.

Ele solta um rosnado, descontrolado, mãos rápidas no cabelo, me olhando com um desejo tão intenso, que não difere da vontade de matar. Então lembro que ele está bravo por eu ter fugido. Me salvou para me prender a ele, e me fazer pagar. *Yan não é o herói, é o vilão*, palavras de Alex ecoam no fundo da minha consciência. Mesmo assim, não consigo parar de pensar na sensação da sua boca aprisionando-me e me acariciando vigorosamente com a língua, de leve. Gemo chocada com o poder daquela carícia imaginada, o medo habitual me toma, tudo se confunde me fragmentos, e estou prestes a entrar em estado onírico.

— O que está acontecendo? — Ele se preocupa, e me encolho esquivando-me do seu toque, apavorada. — Por Deus Belly, está calada de um jeito que me assusta. Não consigo decifrá-la. — Desliza os dedos ajeitando os fios de cabelo que caem em meu rosto. Aflito, nervoso, preocupado. Sua face está púrpura de preocupação. — Você está traumatizada. Eu não sei como lidar.

— Sabe o quanto eu me esforcei para respeitar seu estado? — Ajeita a jaqueta em meu corpo trêmulo. — Para não te jogar em minha cama e possuir você? Eu iria fazer tudo que você quisesse. Você estava se saindo tão bem, mas o que fez? Estragou tudo! — Me abraça na tentativa de me acalmar. —

Eu nunca deveria ter sido bonzinho, e nem ter te dado liberdade. Olha o resultado disso. Um perfeito desvio de rota. — Afasto-me e adorna as mãos fortes em meu rosto, constatando minha temperatura.

— Está ficando cada vez mais gelada. Por Deus, menina! Se fugir de mim novamente eu sou capaz de matar você. — Diz assustando-me com a pressão forte do toque. Ele percebe, e diminui, segura o meu queixo e implora. — Me diz o que fazer, Belly? Fica calma. Está segura agora. Está segura.

Meu medo é perpetuo, e para escapar dele, alerto-o apontando algo atrás de nós. Ele olha, o que me dá a chance descer da garupa e correr pela areia, mas por não estar em condições ele me alcança pegando-me por trás pela cintura. Precisamente, saco a arma de dentro da jaqueta e com as mãos trepidas aponto para ele.

— Como foi que roubou minha própria arma, que estava com Alex? — Exclama ao ver o dispositivo prateado a poucos centímetros do seu rosto.

— Você disse que nossas diferenças resolveríamos na cama, mas vamos começar daqui...

— Isabelly? Você não quer fazer isso, me dá aqui, é perigoso. — Alerta. No entanto, encosto o cano em sua testa, os olhos cor de mel estão intrigados com minha reação repentina, cintilando sob a luz da light house projetada para clarear toda ilha.

— Eu já atirei em você uma vez, e posso atirar novamente, e dessa vez acertar. — Encaro-o por mais ou menos 6 segundos com os olhos marejados. — Diga Yan Hunter, o que fiz para merecer seus insultos... — Estou nervosa, atordoada.

— Quer me matar? Então vai, vou facilitar para você. — Tira a camisa

na minha frente, encostando o próprio corpo na boca da arma, e segura meu braço para mantê-lo firme. — Atira! Assim não vai ter como errar...

O tecnólogo te salvou de um estuprador para estuprar você 5 anos depois. Existe um segredo... Seu pecado é existir... — Relembro as falas de Alex. Assim como não tiro da cabeça, o momento em que Yan entrou e me salvou do homem que tanto temo. Sua ternura, seus mistérios... Herói ou vilão?

— Eu não consigo te matar, não consigo. — Solução. — Mas é só você me dizer agora. Por que eu não deveria existir? Se eu realmente for culpada, eu prometo, que te poupo e eu mesma me mato. Eu... — Começo a vacilar quase caindo. O soluço escapa da minha garganta, explosivo, desesperador, e rapidamente, me puxa para os seus braços embalando-me.

— Não me.. me... toca. Eu estou suja, muito suja.

— O que está acontecendo Belly?

— Eu estou suja, suja, suja! — Esfrego a própria pele. — Você é como ele, quer me.. me.. sujar e fazer mal e...

— Libelle... — Ele tenta me manter acordada, porém minha voz desaparece, e meu corpo amolece, caindo frígido em seus braços como a areia fina que se desmancha com o sopro do vento.

— Belly? Consegue me ouvir? — Implora sacudindo-me, e não reajo. Desesperado, aperta-me bem forte em seu peito tentando sentir minha pulsação. Minha vista escurece, e sua voz vem de longe numa frequência fraca em meu ouvido. — Você tem que existir para que essa ilha tenha vida, e me fazer sentir, o que eu mesmo me recuso a dizer... Eu... Eu... estou apaixonado por você...

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Os acontecimentos em minha vida se atropelaram em uma velocidade absurda praticamente impossível de processar, mas o pior é acordar nua, na cama do meu captor, impregnada por uma fragrância exótica de amêndoa. Fixo meu olhar na minha roupa de cheerleader no criado-mudo juntamente a sua camisa manchada pelo meu batom. Que estranho. Por que não me lembro de como vim parar aqui?

— Posso entrar? — Drica avança com seus olhinhos curiosos por entre a porta com a bandeja em mãos.

— Claro. — Meu sorriso se ilumina ao vê-la, eu aprendi a gostar verdadeiramente dela.

— Menina! — Exclama colocando a fartura em cima da cama. — Você quase nos matou de susto. Antônio me contou que a senhora foi sequestrada.

Eu sempre digo, esse mundo é perigoso, a gente vive rodeada por gente mal intencionada e nem se dá conta... Aliás, como te sequestraram e por que estava vestida com essa roupa? — Ela aponta para o meu uniforme.

— Longa história, Drica, vou te contar daqui a pouco, mas primeiro, me responde uma coisa. O que aconteceu quando... meu marido chegou comigo?

Começo a atacar as panquecas caramelizadas pelo mel, que ela trouxe, comendo tudo como se não houvesse amanhã. Pelo menos meu estômago se lembra que não comi.

— Ah, sim, não lembra porque estava desmaiada. Nossa! Nunca vi o patrão tão aflito. Quando chegou aqui com você nos braços, pálida, levei um susto, ele sentou no sofá e pediu que eu tirasse seus sapatos, embalando-a nos braços, acalmando-a, e depois, a trouxe para cá, a partir daí é a senhora quem tem que me contar. — Ela abre um sorriso, mas logo fecha, me estranhando. — Por que está me fazendo essas perguntas, menina?

— Nada. Apenas curiosidade.

— Ah, mas não se preocupe, na certa que ele cuidou de você, porque te olhava com tanto amor e carinho... — Suspira.

— Drica, cadê o Wody?

— Felipe o levou para o pet shop essa manhã a pedido do patrão, para tomar as vacinas que faltam e um belo banho, você acredita que ele se lambuzou de lama? Entrou dentro de casa hoje cedo parecendo um monstrinho. Seu marido teve um ataque de raiva.

— Mas por que o Felipe? O meu segurança é o Daniel, ele que cuida dos assuntos direcionados a mim.

— Depois que Felipe saiu, o patrão pediu que Antônio dissesse para
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Daniel fazer as malas, pelo o que aconteceu, e que iria contratar outro. Ele acordou muito nervoso hoje, parece até que está em negação por alguma coisa. Mas então, ontem fiquei ligada na TV, e não acredito que a senhora já namorou o primo do patrão, mas não entendi porque ele se classificou como o seu namorado, sendo que é casada agora. Então perguntei ao patrão, e ele me explicou hoje de manhã no café.

— O que ele disse?

— Que ele não se conformou que vocês terminaram, e tenta se aproximar querendo voltar... e desde que você entrou na clínica, a única coisa que lembra é de ser namorada dele, agora entendo por que o tratou daquela forma.

— Steven é mesmo o meu noivo, sinto muita falta dele, preciso sair daqui, eu não queria me casar, assinei um contrato achando ser de trabalho, mas na verdade foi de casamento. Ele me mantém presa aqui. Quando subi naquele helicóptero foi para fugir e não é a primeira vez que tento, ele sempre me acha não sei como... Drica, quero que me ajude, precisa acreditar, vou te passar um número e quero que ligue nesse telefone, você é a única pessoa que pode me ajudar, tem que confiar em mim...

— Olha... — Ela segura a minha mão e aperta em cima da sua. — Entendo que esteja confusa, acha que seu casamento foi um erro porque pensa no outro, mas você e o patrão com certeza já estiveram muito apaixonados. Eu via nos olhos dele quando olhava a sua foto, foi aí que me contou que você sofreu perda de memória transitória, por isso acha que não o ama, que casou sem amor... agora entendo porque ele sempre chorava pelos cantos, porque torcia para que se lembrasse dele e de que estavam noivos. Desde que foi te buscar, tem sido paciente. A senhora precisa se esforçar mais e tentar se lembrar, tenho certeza de que vai conseguir.

— Drica, aonde está o meu marido? — Prefiro não me defender, porque ela vai sempre acreditar cegamente nele, não importa o que eu diga. Para todos aqui sou a louca do *Radlay*.

— No Flyer, senhora, ele foi depois do café e não saiu de lá até agora, que aliás já são meio dia, preciso preparar o almoço de vocês.

— Não se preocupe com isso, Drica, não vou querer almoçar, afinal essas panquecas estavam deliciosas, a não ser que ele queira, vou perguntar. Qual é a senha do Flyer? Eu esqueci. — Dou uma de louca por esquecer, já que é esse o meu papel nessa casa. Ela me passa, pega a bandeja e logo sai. Visto a camisa branca dele, pronta para que ele me explique suas atitudes indômitas.



Lá está ele todo suado, treinando só de shorts. Mas pela força com a qual faz, já até imagino porque está assim. Ele para bruscamente quando me vê, recuperando a estabilidade cardíaca, e nessa posição noto que me observa minuciosamente enquanto toma o energético umedecendo os lábios com a língua, virando o resto, e voltando ao que estava fazendo. Continuo decidida até o aparador, e como não diz nada, vou logo argumentando enquanto ele golpeia repetidamente.

— Está bravo porque eu fugi, e está descontando sua raiva lutando, ainda por cima despediu o Daniel, só porque ele não notou? Ah, quer saber? Isso tudo é culpa sua que foi um bobão, e me deixou escapar em baixo do seu

nariz. Você não é o CEO da tecnologia? Então, você deveria ter notado.

— Bobão? — Ele sorri incrédulo partindo também para os aparadores.
— Você acha que não sei disso? Em todo caso, não tem que se apegar aos empregados da casa. Pensei que não gostasse dele.

— Eu não gostava do bigode estranho... — Pego as luvas vermelhas e coloco-as. — mas já dei um jeito nisso. Ele não pode ser despedido por minha causa, não quero que faça isso. E também quero que desbloqueie o meu celular, porque não tem como eu fazer nada nele.

— Você pode caçar Pokémon. — Ele coloca as azuis e volta ao saco de pancada. — Como sou tecnólogo, posso espalhar vários *pokepoints* pela ilha pra você jogar.

— Fala sério! — Exalto indignada.

— Depois do que aprontou, terá que fazer por merecer. — Dá um de esquerda me ignorando.

— NÃO! — Entro na frente dele para que preste atenção em mim e pare de lutar. — Quem terá que fazer por merecer é você. — Arfo na altura do seu peito. — Eu sei que estraguei seus planos, que é poderoso, por isso estou presa nessa história com você, mas não significa que vou abaixar minha cabeça. Então... — Desfiro um Jab frontal, ele aparta, dou um de direita, ele esquiva, então me joga contra o seu corpo e falo pertinho de sua boca.

— Você vai agora, desbloquear o meu celular e me deixar falar com as pessoas, e não vai despedir o Daniel. Se não fizer isso, não vou me submeter as suas imposições. — Golpeio-o de surpresa, e me afasto em posição de guarda, com os punhos levantados frente ao queixo, afrontando-o.

Rápido, avança e me pega por trás, contra ataco, mas ele me prende em um *Clinche*, trazendo-me junto ao seu corpo viril.

— Me dê um bom motivo para eu fazer isso. Se bem que talvez por você estar usando minha camisa posso reconsiderar. — Sussurra rouco, em meu ouvido, o braço enlaçado ao meu pescoço.

— Era isso ou vestir de novo aquele uniforme. — Respiro ofegante. — E eu prefiro ter o seu cheiro na minha pele do que o dele. Nós dois sabemos que o que você quer, é a mim, então...

Seu hálito entra pelos meus tímpanos, proporcionando um desequilíbrio momentâneo, o que faz com que me leve a nocaute em baixo dele no tatame.

— Isabelly. — Ressalta, me prendendo com seus braços fortes impedindo qualquer movimento meu. Fico vidrada, e ele cheira minha pele, enquanto minha mente me envia lapsos da cena dele me incitando ao orgasmo na frente do professor Alex. Puta merda! Meu raciocínio se liquefaz ao me dar conta disso, me fazendo soltar um gemido de satisfação.

— Como eu gostaria de saber o que está pensando nesse momento. — Instiga-me com sua voz recendente a pecado. — Estou começando, ou já estou te fodendo?

— Y-Yan...

— Isabelly... — Diz prestigiando minhas bochechas que ficam esbraseadas. — Ontem à noite me deixou preocupado.

— Preocupado? — Arfo em baixo dele. — Não está bravo comigo?

— Bravo? — Diz retoricamente deslizando os dedos pelo meu rosto. — Ainda não encontrei palavra para definir o que sinto. Vejamos o resultado da sua fuga. Se apresentou naquele maldito programa, olhando só pra mim, o tempo todo como se só eu existisse. Seu vídeo ganhou mais 8 milhões de visualizações. Nossa dança está espalhada por todas as redes sociais. Seu nome interligado ao meu é notícia no mundo pela manhã. Já até temos

um nickname rondando pelo Twitter: Yanlly... É, acho que gostaram de nós dois juntos. A *Vogue* vai ser um sucesso. E há até rumores de que eu a mantenho aprisionada em uma ilha paradisíaca. Bom, o que é o sensacionalismo envolvendo meu nome comparado ao fato de que existe um dono de cassino obcecado, e com uma quadrilha de homens fanáticos atrás de você?

— Ah, e temos também, seu ex- professor que é um desgraçado filho da puta, que te obrigou a colocar aquela roupa só para consumir o fetiche que ele tem de... sabe o que vai acontecer se for desobediente de novo, não sabe?

— Cage Dorée?

— Isso mesmo. Ontem fiquei louco para te colocar de castigo, mas não pude, por enquanto. E é minha esposa, Isabelly, está ligada a mim.

— Eu sei. — Sussurro remexendo-me.

— O que está fazendo? Assim vai me distrair. — Repreende, e eu coro, ao perceber que o movimento fez meu seio ficar exposto. — Agora fica quietinha, deixa eu ver como está isso. — Confere de perto o arranhão com a ponta do dedo, esquentando minha pele com sua respiração. — Ainda bem que foi superficial, não vai deixar marcas... — Analisa. Acho até que vai colocá-lo na boca, mas ele apenas beija afetuosamente o local afetado. Depois tira um cordão do bolso, ergue, pedindo explicação.

— Posso saber por que deu sangue de lembrancinha pro doutorzinho? Hum?

— É lindo! — Pego da sua mão, admirando. — Yan, não acredito que você ficou para trás só pra pegar meu sangue de volta. — Começo a rir.

— Está me deixando nervoso. Não mude o tópico da conversa. Isso não é engraçado. Não fiquei para trás só por isso, eu tinha outras pendências para

resolver com ele. E não me agrada nada, que esse metido a doutor tenha obtido essa amostra em meio a uma consulta ginecológica. Então vai, me conta. Da onde ele colheu esse sangue, Isabelly?

— Da minha pussy. — Provoco-o, trazendo sua mão para a minha intimidade. Ele me puxa com ímpeto, apertando-me contra o seu peito.

— Calma, relaxa, foi daqui ó... — Estico meu antebraço no seu campo de visão.

— Por Deus, Isabelly! O que faço com você? — Remexe meu pontinho de prazer. — Sabe exatamente como me provocar, não é? Não pense que, por causa do que aconteceu ontem à noite eu...

— O que aconteceu?

— Você não lembra?

— Eu lembro de estar com o professor Alex e de ter acabado com ele. — Ele me encara curioso, e eu conto empolgada. — Antes de você chegar, ele estava quase conseguindo o que queria, mas eu fui muito esperta e apaguei a bituca do cigarro no pau dele.

— Você o quê?

— Isso mesmo que você ouviu. Apertei bem forte, pra ele sentir, e lembrar de mim para o resto da vida... mas graças a Deus você chegou, acho que dançamos, e você jogou com ele enquanto me fez... bom, é tudo muito vago, as cenas estão bagunçadas na minha cabeça, e depois que chegamos de moto eu acho que desmaiei e não me lembro de mais nada, eu... eu...

— Não se preocupe, Isabelly, é o efeito da droga alucinógena que está bagunçando sua memória. Provavelmente se lembrará até o final do dia. — Acaricia meu queixo. — Essas não são as únicas coisas que precisa lembrar. — Vem aqui. — Me puxa contra o seu peito, acariciando meu cabelo. —

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Aquele professor nunca mais vai chegar perto de você, está sobre minha proteção, eu sou capaz de matar aquele desgraçado se tentar tocar em um fio de cabelo seu novamente.

— É estranho o que vou falar agora, mas, obrigada por ter salvo a minha vida.

— Você pode me agradecer de outra forma. — Propõe baixinho.

— E você pode me deixar ligar para o meu pai.

— Não sei se isso é uma boa ideia.

— É meu pai, Yan, eu o amo. — Seu semblante fecha quando digo isso. — Você tem alguma coisa contra ele?

— Olha... — Diz vacilando como se tentasse omitir alguma coisa. — você sabe que...

Antes que ele prossiga, mudo de posição sentando por cima dele. Como estou desprovida por baixo da camisa, meu sexo pulsa ao contato da sua ereção titânica.

— Não vou contar pra ele o que está fazendo comigo, eu prometo. — Juro beijando o x que faço com os dedos.

— Isabelly...

— Vou ser uma boa esposa, vou fazer tudo pra te agradar, tudo que você quiser. — Adorno minhas mãos em seu rosto.

— Eu já ouvi esse papo antes, e olha como acabou...

— Acabou assim... — Beijo-o lentamente, remexendo-me, sentindo-o gemer e se acalmar ao tomar minha boca. Quando paro ele está ofegante, com a testa encostada na minha. — Vou ser sua, então, por favor, deixa.

Ele respira fundo, olhando em meus olhos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Tudo bem, eu deixarei você falar com ele, porém, dessa vez terá que cumprir o que está falando, e pare de tentar fugir de mim, porque eu sempre te pego e a próxima não vou te poupar do que realmente merece. Eu não vou para a empresa, mas irei passar a tarde no escritório trabalhando, enquanto isso, você tem a tarde livre, e a noite te quero bem dócil, jantando comigo, só nós dois. — Fico ouvindo-o, vidrada em sua boca. — Agora para de me olhar desse jeito, ou vou quebrar as regras e te possuir aqui mesmo. Sabe que tenho o direito de fazer isso, não sabe?

— Faça isso. — Sussurro, roçando meus lábios nos dele. No entanto, o clímax é cortado pelo toque de *Blank Space* em seu celular. WHAT?

— Salva por Taylor Swift, mas o pior ainda está por vir. Não diga que não avisei.

YAN

Hoje é dia! Já comecei bem a segunda-feira, com a "Dona Elisa", minha mãe, me ligando pra saber, o que eu estava fazendo com a *Palouli* no programa, com todo aquele papo de que existe vários exemplares dessa espécie espalhados no mundo e blá blá blá... E pra completar Felipe não conseguiu as informações que pedi, pois não há nada registrado sobre o tal *Liborn*. Mal acabo de processar, e a secretária eletrônica apita.

— James Monighan está na linha. Ele é o responsável pela *SmartThings* da Grã-Bretanha.

— Pode passar, Alice, obrigado.

Atendo, e conversamos sobre eu ser o idealizador do Flyer, e a revolução dos *smart phones* que já marcou o começo da revolução da casa inteligente, e terá implicações muito positivas em nossa forma de viver.

Depois de passar meia hora fechando negócios, encerro a ligação, e já entro na outra linha com Diego ouvindo-o falar constantemente sobre os danos que a vingança trás, nem estou prestando atenção, pois me dá queimação no estômago e cada nervo do meu corpo está entrando em combustão. Conversar sobre tecnologia ou qualquer outra droga é a última coisa que quero. O que quero é acalmar esse turbilhão de sensações que estão me enlouquecendo, e não me deixa fazer outra coisa a não ser pensar fixamente em Isabelly. Ela é um antro de complicação, porém é a ausência de rotina. Pode derrubar meu império inteiro e meus aliados, e mesmo assim, estou irremediavelmente atraído por ela. E pra comprovar meu vício, estou com a TV ligada na globo para conferir a entrevista que vai ao ar daqui a pouco, enquanto isso, observo-a pelo aplicativo para não perder o costume.

— Você é INTELIGENTE, você é o crânio cara, mas ela foi BRILHANTE! Escapou de você te deixando como um completo imbecil... Yan? Yan? — Diego chama minha atenção. — Desculpa se te ofendi, foi mal.

— Ela está brincando agora... — Digo absorto, encantado com a cena que prestígio.

— Brincando?

— É, eu te contei que dei um gatinho pra ela e... — Puxo o *zoom*. — Meu Deus! Escuta essa risada é perfeita.

— Gatinho? Está apaixonado, cara?

— Não. Estou enfeitiçado, é diferente.

— Bom, como eu estava dizendo, já se portou como o perfeito canalha legendário, se vingou o suficiente, tocou onde mais dói no...

— Shhhh. Fica quieto, ela está falando com o Woody, quero ouvir.

— Quem é Woody?

— O gato.

— Sei... Cara, você está com uma voz de quem passou a noite fazendo... Claro, não precisa entrar em detalhes, aliás você vai libertar a garota agora não é?

— NÃO.

— Como não? — Continua sua oratória. — á falei... Vai entrar numa encrenca por causa dela e... — Interrompe sua crítica e posso ouvir a música do clip de Isabelly. — Que instrumento de vingança heim! Às vezes eu até compreendo sua obsessão. Eu como seu advogado, colocarei o vídeo dela no tribunal em sua defesa, nenhum juiz te condenaria.

Mais um para o fã clube dessa maldita!

— Sempre tratou muito bem as mulheres, não consigo entender porque quer fazer mal a essa garota... E se ela fugiu, é sinal que você não está sendo a melhor companhia e...

— Cara, você está estragando meu dia.

— Estragando? O que está acontecendo com você? Só estou te passando as informações.

— E aquela proposta? Vai aceitar? — Relembro-o da nossa última conversa, quando liguei para ele do escritório ontem à noite.

— Sim, estou dentro, pode contar comigo.

— Ótimo! Às 8:00 horas, não esquece. — Aumento o volume da TV e
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

não acredito no que vejo...

"Agora com vocês, ela, a gata, muito gata. Tão linda que tenho vontade de sequestrar pra que dance só pra mim. A musa do Pole Dance, que inspirou muitos marmanjos a sussurrar por trás da tela do computador: Isabelly!"

Encerro, vidrado na entrevista, babando no seu jeito espontâneo de falar.

ISABELLY

Quando volto ao quarto, após um banho quente e reconfortante, há um conjunto perolado em cima da minha cama. Pego-o em minhas mãos para sentir a maciez e no canto dele está pregado um bilhete.

Use com sabedoria, te espero...

Leio em voz alta, mas antes de dizer a última frase, ele aparece me assustando terminando as últimas palavras.

— Vai ficar linda. — Ele está em um blazer preto, e eu posso sentir o seu perfume mesmo de longe.

— Yan, meu Deus, me assustou. Bate! — Digo, deixando cair o bilhete e a roupa no chão, pois ele está lindo demais, mas os pego depressa, segurando também a toalha a minha volta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Desculpa, não queria te assustar... seu quarto não tem mais senha, para que fique claro, vou entrar aqui quando eu quiser, não quero minha mulher trancada... — Bufo revirando os olhos em insatisfação. — E aí, gostou da cor? E como adorei o piercing que fez, providenciei de acordo. — Refere-se ao detalhe da minha barriga a mostra. Não respondo, virando de costas, e ele se aproxima por trás, mas não me toca. — Por favor não recuse meu presente. Quero te ver nessa saia colada, bem gostosa pra mim. Vai me agradar muito se usar.

— Tudo bem. — Murmuro, perdendo ar. — Eu... vou arrumar o meu cabelo, e... ficar linda pra você.

— Eu te assisti no Vídeo Show, e nós aparecemos dançando em algumas partes em meio ao seu solo no Faustão, conforme dava a entrevista...estava linda, queria te dizer isso... — Ele para analisando meu dedo. — Bom, estarei lá embaixo te esperando. Ah, mais uma coisa, use a aliança. — Sussurra, e me deixa sozinha.

Nossa que mandão! E esse cheiro? Suspiro, provando a roupa que me deu, que por sinal, cabe perfeitamente em mim. A saia é curta, o cropped é até a base da barriga com botões delicados como tecido fino moldando perfeitamente meu corpo como se fosse uma segunda pele. Incrível. O problema é dar um jeito no meu cabelo, pois não quer me obedecer, pego dois grampos, um pente e um kit de maquiagem, é tudo o que preciso.

Prendo-o dos dois lados, deixando-o meio solto. Pego a aliança no bolsinho externo da minha bolsa, e por fim, depois de meia hora estou pronta. Desço as escadas surpreendo-me com a sala de jantar que está decorada divinamente, com castiçais iluminados a velas, comida e pratos típicos estão postos sobre a mesa. Yan está de costas para mim, segurando uma taça de whisky.

— Às vezes você é tão imprevisível, Yan! — Comento puxando minha saia para baixo, recatada.

— Às vezes? — Questiona, virando-se, e vindo até mim, enquanto avalia-me de cima a baixo — Não faça isso, Belly! — Pede, referindo-se a minha saia. Então, ele a deixa sobre a mesa, e deposita suas mãos em minha cintura. Em consequência perco o fôlego temendo seu próximo movimento.

Mas ele apenas ajusta, circundando meu quadril, expondo um pouco mais minhas coxas nuas. — Eu gosto mais assim. — Complementa possessivo.

— Não é você quem decide! — Contrario-o ajustando novamente no lugar.

— Arisca! — Ofega — Ótimo! Você sabe muito bem como fico quando você faz assim. Mas vou relevar desta vez, Belly! Deixarei ser como você quer. — Sussurra quente em meu ouvido, e traz meu cabelo até seu nariz, aspirando seu cheiro.

Me esquivo, então, ele toca meu queixo, fazendo-me uma oferta.

— Toma um pouco de whisky. O que foi? — Ele me sonda. — É só um pouquinho, Belly. Sei que não é adepta a bebida e não vou deixar que exagere. Até porque, o uso demasiado pode levar à perda dos sentidos, ou até mesmo... matar. — Ele fala sério dando ênfase na última palavra, mas logo se desmancha no seu característico sorriso enviesado.

— Então, por que as pessoas preferem isso a um suco de laranja bem gostoso?

— Por que é algo intenso e consumidor. — Ele leva o copo até minha boca, de um jeito sedutor. — Prove... primeiramente desce queimando como brasa, agora relaxa, e sinta o sabor, suave e agridoce. Gostou? — Espalha os

resquícios pelos meus lábios.

— Hmm. — Minha resposta saí num gemido.

— Viu só? O risco das consequências ruins vale a pena por causa das boas. — Confessa em meu ouvido. — Agora, diga-me o que quer, e eu darei.

— Qualquer coisa?

— Se eu concordar, sim!

Muito espertinho...

— Pode começar desbloqueando meu celular como pedi hoje mais cedo.

— Concedido! Seu celular já está desbloqueado e pronto para o uso, Libelle! — Cede, afagando meus cabelos, teimoso.

— Verdade? — Entusiasmada, dou breves pulinhos.

— Sim, mas não faça eu me arrepender disso. — Impõe introspectivo.

Quase perco o fôlego, eu fico na ponta dos pés, enrosco-me em seu pescoço e dou um longo beijo em seu rosto. Em seguida me solto, pronta para sair correndo buscar meu aparelho, mas ele me impede de prosseguir, segurando meu braço, causando um leve tranco entre nós dois.

— Yan! — Arfo trêmula, olhando em seus olhos, presa a ele.

— Por que veio sem a aliança? Mais uma travessura, Isabelly? Por Deus! Até quando vai me desafiar?

— A aliança está aqui... — Coloco meu decote aos olhos dele num movimento sedutor. — Pega!

Ele se abaixa, e retira a joia entre os dentes, em seguida escorrega-a pelo meu dedo.

— Você é intensamente sexy e confiante, às vezes agressiva, outras dócil, e até vulnerável. — Queimo inteira com seu elogio atípico.

E você é um puta desgraçado gostoso, por estar fazendo isso comigo!

— Vou apenas enviar uns arquivos no escritório, e já jantaremos juntos! Estou com fome, Belly! — Ordena com os olhos fixos em minha boca, exercendo sua força sobre meus braços: — DE VOCÊ! — Complementa soltando-me logo em seguida, observando-me sair em disparada em direção às escadas.

Entro em meu quarto indo diretamente onde está minha bolsa, mas minha euforia é tão grande, que quando puxo a alça, a mesma cai no chão derrubando tudo que há dentro.

Belly, você é um desastre ambulante!

Começo a recolher os objetos e meus acessórios, a procura do meu celular, porém, encontro junto outro aparelho que desconheço. O que é isso? Acho estranho, viro, e atrás dele está escrito: *Ouça-me!*

Ligo e imediatamente inicia-se a reprodução.

— *Eu dobro a aposta! Se eu ganhar, todos os seus bens ficarão comigo por tempo indeterminado.*

Adentro o escritório, minhas válvulas hormonais estão ascendendo-se em fogo alto. Ele está mexendo no notebook, e vou logo explodindo.

— Eu quero que me explique isso. — Dou continuidade à gravação.

— *Eu exijo que tenha mais uma rodada, eu não posso deixar isso acontecer, eu não sei onde estava com a cabeça, eu...*

— Que droga é essa? Como conseguiu isso?

— Não importa como eu consegui. — Desligo atirando-o nele, que

pega e lança furiosamente contra a parede, enquanto ele toma mais um gole de whisky e vem caminhando em minha direção.

— Eu vou explicar. Se acalma!

— Ah, você vai explicar? O QUE VOCÊ VAI EXPLICAR, YAN? — Urro, alterada.

— Só escuta, ok? Eu estava no Cassino Resorts Worlds, inaugurado recentemente na cidade de Nova York. Fui informado que seu pai estava tão possuído pelo vício que estava apostando todos os seus bens na mesa de jogo. Todas essas informações foram dadas pelo meu amigo, Diego Fontes. Ele é advogado criminalista e estava horrorizado com o ato de Dexter.

— Seu pai, como todos os viciados, necessitava sempre de mais uma rodada, mais uma chance de ganhar. — Inicia sem a menor cerimônia. — Quando entrei no jogo, ele já havia perdido tudo, e na ânsia de recuperar, mostrou um vídeo seu a todos os jogadores. Fiquei impressionado. Parecia ter 16 anos, dona de uma beleza estonteante. A garota mais linda que eu já vi! A última garantia como pagamento.

Ando de um lado para o outro tentando controlar a descarga adrenérgica que toma cada fibra do meu corpo, aflita por compreender esse intrincado jogo de cartas lançadas.

— Isso não pode ser verdade! Impossível. — Olho para ele horrorizada, recusando-me a acreditar no que acabara de ouvir. — Você é um mentiroso! E com certeza chantageou ele para que cometesse essa atrocidade. — Acuso-o.

— Mentiroso? — Devolve ultrajado. — Se não acredita em minhas palavras é melhor que veja com seus olhos. — Mexe em seu celular, e rapidamente o jogo começa a refletir nas paredes, através do projetor.

Luzes multicoloridas piscam no teto, as mesas eletrônicas são precedidas por robôs que entregam as cartas, e o falso céu noturno estrelado com imagens de satélites do céu, oferece uma linda visão da Times Square pela ótica de Las Vegas. Papai está na mesa rodeados de homens com charuto. Os olhos vidrados, na mesa... ansioso para vencer.

— *Todas as suas fichas foram apostadas, eu creio que o senhor perdeu tudo.* — Comentou um velho careca com um charuto entre os dedos.

— *Esperem, esperem...* — Ele pede desesperado. — *Desespero é atitude de viciado detectado.* — Aria tinha toda razão. — *Eu não posso perder tudo, preciso recuperar, sei que posso virar esse jogo, só preciso pensar no que apostar e...*

Risadas ressoam pelo ambiente, então, nesse momento da gravação, Yan se aproxima lentamente, sua presença predatória intimida a todos os jogadores, que ficam em silêncio quando ele junta-se a eles na mesa.

— *Qual é a piada? Me contem...*

— *Esse louco já perdeu tudo, inclusive as propriedades e bens, agora quer apostar a própria filha. Acho que vou morrer de tanto rir e não vou ver isso, parceiro.*

— *Olhem esse vídeo...* — Papai ensandecido tira o celular do bolso e o mostra à todos.

— *Essa música é tão boa.* — Ouço minha voz, minhas gargalhadas e reconheço o vídeo que gravei no jardim de casa.

— Você é contagiante, conseguiu me fazer sorrir com a sua risada. — Yan comenta, e prossegue focada no vídeo mal acreditando.

— *Não é linda? Eu sei que vou ganhar, não tenho medo de apostar a minha filha que é o meu bem mais preciso, porque sei que hoje é o meu dia*

de sorte.

— *Eu dobro a aposta!* — Yan fala quase que num ato imperceptível. — *Se eu ganhar, sua filha, ficará sobre a minha posse por tempo indeterminado.*

Os carecas concordaram e lançam também as suas apostas, e sem questionar e iludido de que seria o ganhador, meu pai fechou o acordo e o jogo começou.

— O que seu pai não sabia era que a sorte de ganhar ou perder não depende da habilidade do jogador, mas exclusivamente de uma contingência natural baseada numa realidade produzida chamada de probabilidades matemáticas. Sou dominador, tenho destreza, e principalmente SORTE. E ela sempre está ao meu favor. Eu não podia deixar que aqueles velhotes ficassem com você. Se alguém tinha que ganhar, então esse alguém seria eu, nem que eu tivesse que apelar para *Angle-Shooting* ou seja, as táticas injustas.

Estou vidrada na tela, tremendo, esperando o desfecho do jogo. Meu pai apreensivo e Yan na tranquilidade, quando de repente, os olhos do meu pai brilham e seu sorriso se abre.

— *Full House!* — Ele levanta gritando com uma trinca de ases e par de seis.

— Ele estava tão animado achando que me venceu... — Yan explica. — mas não esperava que eu tivesse em mãos um *Straight Flush*, a mão mais alta, com cinco e sete de espadas. Eu ganhei, e a partir dessa noite você passou a ser MINHA. — Aproxima-se e afaga meu rosto em devoção, os olhos cor de mel cintilam, me deixando intrigada.

— Desliga isso, por favor! Não quero mais assistir! — Fecho os olhos angustiada, e ele prontamente atende meu pedido.

— Você me chamou de mentiroso, e com esse video viu que não estou mentindo, o seu pai apostou você, Isabelly!

— Eu assinei dois documentos na sua festa. Um foi o de casamento, e qual era o outro?

— Um contrato detalhado sobre o jogo.

— Meu Deus! Por que escondeu a verdade de mim?

— Porque apostar e receber pessoas como pagamento é ilícito. — Ele se serve de mais um gole que está em cima de sua mesa. — Só participei disso porque era você.

— Oh, isto é muito fácil para você dizer, não é? — Arfo. — Será que todos os criminosos se desculpam com esta facilidade?

— Não sou um criminoso. Não escolhi os termos. Ele escolheu, e não hesitou em te apostar. Sabia das regras, tão bem como todo mundo. As propriedades dele poderiam agora estar com caras desconhecidos, mas comprei deles. Como ele perdeu, e sabendo que eu tenho tudo o que é dele, inclusive você, que eu iria atrás, pediu você de volta, em troca eu poderia ficar com todas as propriedades, mas não sou de devolver o que ganho, então falei que você recuperaria por ele, sem ter outra opção, implorou para não te contar a verdade, e foi o que eu fiz, mas já que descobriu, saiba que eu não tenho culpa, e sim o seu pai.

— Ele me vendeu e você me comprou! Poderia ter recusado!

— E deixar outro homem ter você? Ficou louca?

— Agora eu entendo, por isso que você estava no NightClub, porque queria me levar com você aquele dia, e ainda achou que eu fosse uma... — Paro, sem conseguir conter as lágrimas.

— Não foi bem assim. Quando a vi pessoalmente naquela despedida dos infernos não sabia que era você, mas logo que o show acabou, descobri seu nome, e interliguei tudo. Você estava dançando quase nua para muitos homens na festa do dono de uma das maiores indústrias pornográficas do país. — Ele balança a cabeça incrédulo. — O tempo todo Thomas ficou ao meu lado, dizendo que iria produzir um filme de sucesso com uma *sugar baby* que iria contratar, que já tinha a sua assinatura no contrato, e depois você não queria ir embora comigo, queria de todo jeito falar com ele. Foi por isso que pensei que fazia programa, devido à situação financeira de vocês, e o fato de estar lá... mas meu amor, eu fiquei tão louco por você, que prometi a mim mesmo que a teria, de um jeito ou de outro, então tomei a decisão de me casar com você. — Confessa, sem vacilar.

— Não me chama de amor. Como você pode ser tão frio e materialista assim? Meu Deus!

Minhas mãos tremem enquanto ele fala. Todos os meus músculos vacilam e perdem a firmeza. Estou cada vez mais sem chão.

— É assim que eu sou! Não me preocupo com os efeitos colaterais. Agradeça aos céus por Dexter ter perdido você pra mim. Aquilo poderia ter acabado muito pior, afinal, ele propôs essa aposta a homens que você nem pode imaginar. Que fariam coisas bem piores das que eu fiz, então no final das contas, eu te salvei, Isabelly!

— Quer que eu me sinta agradecida? — Trovejo. — Por que agora você é o herói? — Rio ironicamente do seu raciocínio insano — Meu próprio pai, geneticamente programado para me amar me colocou em aposta numa mesa de jogo como se eu fosse uma propriedade, e você me trouxe para essa ilha para me humilhar mais do que qualquer um teria direito. Isso é completamente doentio. E você espera que eu concorde com toda essa

loucura, Yan? — indago, incrédula.

— Pare com isso. A única coisa que quero tirar do seu pai é você! Não quero nada dele. Entenda... Eu iria devolver tudo, mas foi um inconsequente, seu pai está nas minhas mãos, e por sua teimosia, só vou devolver, quando aprender a se comportar... agora vem cá, que essa tensão sexual entre nós dois está me matando.

— Não há nada entre nós dois. Será que você não enxerga o quanto esse relacionamento é tóxico? Eu vou embora! — Disparo embargada, me soltando dele, descendo rumo as escadas.

— Como vai? Eu não vou te dar dinheiro. — Vem atrás me perseguindo.

— Eu vendo meu corpo! Nem que seja para o Daniel mesmo, pelo preço da passagem. Se você compra, qualquer um pode comprar.

— Não diga isso nem de brincadeira! — Rebate acelerado agarrando o meu braço.

— Me solta! — Tiro bruscamente meu braço de seu alcance. — Não se aproxima, não se aproxima. — Imploro transtornada. — Aliás, tenho o dinheiro que ganhei no programa.

— Qual? Esse aqui? — Ele tira as notas de dentro do blazer, expondo-as em posição de baralho.

— Como voc....? Me devolve! — Pulo, agarrando seu punho e tomando dele, porém ele bate em minha mãos jogando as notas pelo ar.

— Que se foda esse dinheiro! — Troveja.

Furiosa tento acertá-lo com uma mão, ele apara, fazendo o mesmo com a outra.

— Para com isso, Isabelly, você está passando dos limites!

— Me solta. Tire as mãos de mim! Eu te odeio! — Grito estridente. — Quero te ver sofrer por tudo que fez comigo! — Brado me debatendo.

— Mentirosa. — Me ergue em seu colo, apertando-me contra si. — Pensando bem, não me importa que me odeie, pois eu prefiro seu ódio, porque é verdadeiro, do que esse amor aguido que diz sentir pelo meu primo...

— Eu o amo. — Digo há centímetros cerca de sua boca. — Quando você me toca, me beija, e transa comigo, é nele que eu penso.

Furioso, ele lança o vaso com as rosas contra a parede, porém, estamos muito próximos, e a água de dentro volta, caindo em todo meu rosto.

— Vem aqui. — Ele me puxa com ímpeto, erguendo-me milimetricamente do chão. — Você tem que deixar eu me acalmar, precisa pegar leve, eu não quero te machucar e eu estou por um fio. — Me põe no sofá. — Não fica assim, vou buscar algo pra você tomar, precisa se acalmar.

Quando ele sai, alcanço meu celular, e com meus dedos titubeando, digito o número de Steven concluindo a chamada com sucesso, porém, ao primeiro toque, levanto a cabeça e Yan está vindo furioso em minha direção.

— Está ligando pra ele? — Toma o aparelho, atira no sofá, e me puxa para o seu peito chacoalhando-me. — Qual a parte de que é minha esposa que você ainda não entendeu? Hum? — Ergue meu queixo. — Não chora, olha pra mim. — Agora estou entendendo, você já sabia disso tudo, aquele professor maldito te contou, e você escondeu, e agora...

— Eu não sabia, se eu soubesse não conseguiria manter a farsa o dia todo, não sou hipócrita como você.

— Não minta! — Explode. — Fala pra mim, como conseguiu isso?

Quem te deu esse gravador?

— Para, você está me machucando, eu só vi agora, apareceu na minha bolsa, me solta.

— Tudo bem, antes de você fugir, se comportou muito bem, fez um ótimo teatro, de menina boazinha, dócil. E depois que eu a trouxe de volta, continuou atuando usando seus encantos para conseguir as coisas de mim. Então, continua com o seu papel.

— EU NÃO CONSIGO! — Grito, soluçando em sua roupa. — Não dá pra transar com você, sabendo que você me vê como uma prostituta que você comprou.

— Você tem muita sorte. Porque depois da noite de ontem, eu não tenho coragem de colocar as minhas mãos em você. Se eu te tocar agora, eu sou capaz de...

— Não me toca, não me toca, por favor! — Imploro, chorando copiosamente, com as mãos no rosto. — Me deixa sozinha.

Ele o faz, passando a mão no cabelo nervoso, e eu me afasto, cambaleando até sentar na escada.

— Por favor, para de chorar, eu sou esquentado, você é energética, impulsiva. Não sei como faz isso, mas consegue despertar o pior de mim. Vem aqui. Não fica assim, vamos conversar...

— Você disse que eu me lembraria do que aconteceu ontem entre nós, mas não me importa. — Dou de ombros. — Eu não preciso me lembrar de nada para saber que se aproveitou que eu estava drogada e abusou de mim! — Subo as escadas correndo.

Ao chegar em meu quarto, me atiro na cama, chorando. Os flashes do que vivemos no cassino invadem minha mente como vislumbres. Eu correndo
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para ele, quando apareceu para me salvar. Achei que você não viria, achei que não viria. A próxima cena procede com nós dois dançando envoltos a uma plateia de expectadores. O jogo excitante. A moto. O túnel. Ele colocando a fita que era da minha mãe em meu cabelo. Eu querendo matá-lo, desmaiando e...

YAN

Caminho pela praia relembrando a noite em que joguei com o pai dela no cassino...

Esse era o gatilho que faltava para o ódio me dominar completamente. Como Alex teve acesso a gravação do dia da aposta? Eu paguei uma nota preta para que fosse exclusividade minha. Maldito seja! Atiro longe a taça de whisky, nervoso. Como aquele desgraçado conseguiu ter acesso a essa gravação? As sinapses do meu corpo queimam de vontade de voltar lá dentro, e possuir Isabelly como quero, mas não posso, não depois do que presenciei... Caminho sobre a areia, relembrando, as cenas povoando meu pensamento.



— Drica! Me ajuda aqui, tira os sapatos dela, por favor. — Sentei-me no sofá com Belly em meu colo, conferindo seu pulso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— *Por Deus! Coitadinha! Está gelada!* — *Drica tocou em sua testa. O que aconteceu com ela senhor, Yan?*

— *Longa história. Não sei o que faço. Ela está tão quieta, não chora, não reage. Meu amor? Responde minha vida...*

— *YAN!* — *Emitiu um murmúrio fraco, chorando desesperadamente, encolhendo-se junto ao meu peito. — Yan...*

— *Libelle!* — *Adornei as mãos em seu rosto deslizando os dedos carinhosamente até seus olhos retirando cada gota que brotava seguida do seu soluço fraquinho. — Se acalma, está segura.*

Drica olhou preocupada, fiz sinal de que iria ficar tudo bem, pedi que preparasse uma sopa, e subi as escadas com ela em meus braços, enrolada em minha camisa, fragilizada como uma menina, sem ninguém para protegê-la de mim.

— *Eu nunca me prostituí, eu juro. — Soluçou.*

— *Eu sei disso, por favor, não chora. — Assegurei, arrasado por tê-la destruído com minhas palavras.*

Depositei-a cuidadosamente em minha cama, enquanto me olhava com olhinhos amedrontados. Vulnerável quanto um castelo de baralho. Com suas explosões temperamentais eu sabia como lidar, mas não havia me preparado para a meiguice. Comovido, acariciei suas bochechas ruborizadas desembrulhando-a.

— *Não fique com medo de mim. Por favor.*

— *Por que está sendo bom comigo? Eu... não te entendo...*

— *Não precisa entender. Eu deveria ter tirado meus olhos de você enquanto tive tempo, mas aquela corja tem toda razão. — Admirei-a em seu*

traje colegial. — Você é mesmo uma ninfeta, cheia de façanha, pura e linda. Eles querem sentir o que você desperta, roubar sua essência de menina, mas nunca mais, colocarão as mãos sujas em você, porque você é minha.

Eu tentava acalmar o turbilhão vertiginoso de emoções, que obviamente tinha a ver com o fato de que eu estava a centímetros dela, e ela não usava nada por baixo. Eu poderia retirar a fita azul do seu cabelo, e prender suas mãos rente as costas, na cama. Erguer o tecido somente um pouco e saboreá-la antes de saciar a minha fome com o ato efetivo. Depois eu rasgaria o resto do uniforme, e a possuiria, amarrada com a fita que recuperei, frágil como quero. Ah, nunca pensei que azul fosse uma cor tão quente. Minhas mãos subiam por sua coxa, inspirando a figura voluptuosa dissolver-se sobre minha camisa manchada de vermelho ardente. O mesmo que escorria entre suas pernas enquanto encolhia-se, sangrando na noite em que eu estupidamente... Droga! Droga! Rapidamente removo seu uniforme, deixando-o ao lado do criado mudo, soltando um rosnado atordoado.

— Venha comigo. Por favor... — Arrumei o laço azul em seu cabelo que estava amarrado no alto, e puxei-lhe a mão.

A levei para o meu banheiro, e ao soltar a sua mão momentaneamente, enchi a banheira de pedra ebúrnea com água quente, e despejei um pouco de sais minerais. Terminei olhando para ela, cheio de desejo. Ela estava muito cativante com seus olhos lançados ao chão.

— Libelle. — Despertei-a do seu devaneio, com a mão estendida para ela, e com o seu rosto mais vermelho que a bandeira chinesa, caminhou até mim, e a levei até a banheira.

— Ei. — A toquei suavemente. — Você vai ficar limpa agora. — Disse baixinho, segurando a sua mão, fazendo-a se sentar.

— Você não vai entrar? — Ela estremeceu e quando finalmente se
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

acomodou, olhou para cima, fazendo a pergunta, me analisando, esperando minha resposta.

Isso me fez sorrir, eu não deveria ficar mais perto, mas não consegui evitar seus olhos suplicando pra que eu me juntasse a ela, então tirei a roupa e sentei atrás dela, entrelaçando as minhas pernas sobre as dela para mantê-la firme. Seu corpo tremeu conforme coloquei minhas mãos em seu pescoço e ombros espalhando a espuma do sabonete. Ela arqueou a cabeça para trás gemendo sob o meu toque. Com os meus dedos movendo-se para cima, esfreguei-a deslizando. Quando cheguei em seus seios, alonguei-os em meus dedos, depois desci para a sua barriga e umbigo. Ela puxou o ar sentindo meu dedo na sua intimidade, e empurrou-se contra a minha ereção me pedindo para ser amistoso, mas lembrei-a que aquele banho não tinha nenhuma intenção maliciosa.

— Não sinta medo, Libelle.

— Tudo que aconteceu no cassino essa noite, o olhar daqueles homens sobre mim, fez eu me sentir violada. E não é diferente da sua intenção comigo.

— Eu venho me comportando mal desde que nos conhecemos, hoje não vou me aproveitar, apenas quero cuidar de você. Fica tranquila. — Soltei a respiração entre seus cabelos, à medida que distribuía espuma pelo seu corpo. — Saiba que apesar das coisas que falei antes... você não é suja, é limpinha. É preciosa. Sua pele é perfeita. Sinta como está cheirosa. — Levei seu dedo até a sua intimidade e a fiz sentir o seu gosto, puro outra vez.

Ela enxugou os lábios com a língua. MERDA! A quero demais, então virei-me para sair para não cometer nenhuma loucura. Derramei um pouco de água ao sair, enrolei uma toalha em volta da minha cintura, e enquanto ela se levantava, uma cascata caiu pelo seu tronco e pernas. Perfeita, com

sua nudez gloriosa, como O nascimento de Vênus, porém mais bonita que de Botticelli. Ofereci minha mão para ajudá-la, e de imediato a esquentei em outra toalha.

Depois de secá-la, levei-a de volta pra cama, alcancei a tépida tigela de sopa, deixada por Drica na bandeja em cima da cômoda. Dei algumas colheradas em sua boca, e enquanto ela continuava a tomar sozinha, joguei gotas de óleo em minhas mãos; essência exótica de coco e amêndoa, abri seu roupão, e comecei a massageá-la pelo ombro, antebraços, pressionando gradualmente a ponta dos dedos.

— Isso é muito bom. — Ela fechou os olhos acalmando-se com minhas caricias bem treinadas.

— Receita especial da Drica. — Respondi.

— Eu me referi a sua massagem. — Confessou à medida que eu dava sinal para que deitasse de costas. De bom grado obedeceu, sempre olhando dentro dos meus olhos, enquanto eu descia e subia, por toda extensão até parar massageando sua bunda. Eu voltei a repetir virando-a de frente, jogando as gotas pelas coxas até a virilha, sem tocar na vagina. Ela sorriu, um sorriso incandescente ao sentir meus dedos em seus pés. Sorri em retorno. Para deixá-la mais confortável, retirei a fita e desfiz os nós do cabelo com os dedos. Ela estava bem. Seu corpo em relaxamento profundo, e ela não passava de uma coisa luzida, macia e dócil em minhas mãos.

— Nesse momento, eu só tenho vontade de te colocar dentro de uma caixinha de vidro para que ninguém te toque ou acabe com sua essência. — Sussurrei roçando meu nariz ao dela num gesto de cumplicidade, segurando-a contra o meu peito.

Finalmente vencida pelo cansaço, ela adormeceu. Durante a noite, murmurou meu nome várias vezes, encolhida em meus braços.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ISABELLY

De repente me lembro de tudo, os fragmentos vão ficando claros, preenchendo a lacuna que estava em branco. A declaração dele, antes de eu perder totalmente os sentidos. E quando voltei do desmaio, cuidou de mim, como se eu fosse algo puro e sagrado. Por isso acordei cheirando a amêndoa... Não, não. Isso está cheirando a teatralidade. Um sinal de alerta reverbera em minha mente. Yan Hunter é um homem frio e fatalista. O que ele quer é me transformar em uma presa fácil, dentro desse relacionamento pouco ortodoxo. Mas como num jogo precisa de duas pessoas para jogar.... Olho através da parede especular, vejo-o parado de frente para o mar, e rapidamente me levanto, indo para ele, em busca de respostas. Ao chegar na areia, tiro as sandálias, e a água brilhante em tonalidade azul cobalto, coberta de partículas vastas e cintilantes, torna-se cada vez mais feérica conforme me aproximo. Quando as via pela janela não conseguia ver o brilho delas ao longe, como agora. É lindo! *O medo anda de mãos dadas com a excitação.* Suas palavras ditas antes reiteram-se através da minha mente, me atraindo para o seu campo magnético.

Corro disparada, a brisa do mar é uma sensação estridente contra minha pele.

— YAN! — Grito. — YAN! — Em meu socorro, vem correndo, com a camisa aberta, visão perfeita para chacoalhar alucinadamente meus hormônios. Impulsiva me atiro em seus braços esmurrando seu peito.

— Como você pode ter dito coisas tão lindas em meio a tantas coisas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

suas que já fez comigo? Por que está fazendo isso?

— Porque eu não faço a coisa certa Isabelly, eu te sequestreí, te magoei, te forcei a ser minha, mas ontem eu precisei fazer o que era certo para você. Estava sensível, traumatizada, descobrir que foi abusada e quase estuprada por aquele crápula... e a parte pior, é que te salvei dele, e depois, EU FIZ O MESMO! — Ele vira de costas.

— Eu lembrei de você dizendo o que sente por mim...

— E veio aqui para que eu repita? Eu temo pelo seu juízo, menina! Não é uma boa hora. Sabe que sou egoísta, impulsivo, e todos os piores adjetivos que já conhece. Volta para o seu quarto, porque se ficar aqui eu vou fazer besteira. — Impõe ameaçador.

— Por que agora essa mentira? — Prossigo desconsiderando minha expulsão. — Pra que eu me apaixone por você também?

— Você ouviu certo, mas sou o cara mau, esqueceu? Sou rico, tenho tudo o que quero, tudo que almejo, mas a melhor parte... — Ele volta a ficar de frente. — é que ganhei você, minha riqueza maior, ainda de quebra te roubei do meu primo, e fiz de você minha esposa. — Diz sombriamente perigoso, aproximando-se de mim.

— Eu só queria um bom sexo com você. Te foder enquanto chorasse, gritasse e gemesse de prazer, e depois te mandar embora da minha vida com tudo o que pertence ao seu pai, mas você fez eu te querer, me fez precisar de você... — Ele me traz para os seus braços, e eu estremeço com as intrincadas sensações intensas e assustadoras que ele me desperta.

— Não, Yan, eu não quero ouvir... — Tento me desvencilhar.

— Mas você vai! — Ordena me prendendo a ele. — Você me enlouquece, me encanta, vicieí no seu cheiro... — Aspira minha pele. — na

sensação maravilhosa que é estar aqui dentro. — Sua mão roça entre minhas pernas. — Não consigo transar com outras mulheres, não é porque não quero, é porque meu corpo as rejeita automaticamente. Nem mesmo bêbado eu consegui, mas quando estou perto de você, meu corpo fica a ponto de bala, prestes a explodir, como se eu quisesse te matar e ao mesmo tempo morrer por você. VOCÊ É A PÓLVORA QUE ME MATA, é por isso que fui atrás de você, porque é a única que me faz sentir tudo isso.

Ele toca meu rosto com as duas mãos em posse. Nossos lábios estão separados por milímetros.

— E depois de confessar como me sinto, você espera que eu aja heroicamente te dando a liberdade, mas esse não sou eu. Agora que descobriu ser o prêmio máximo do jogo, podemos definir os parâmetros da nossa relação, tudo que é do seu pai, um dia será devolvido, mas de você, eu não abro mão, porque você é minha Isabelly, e eu estou loucamente apaixonado pela posse de ter você, e eu preciso ter...

Seus olhos têm agora, um brilho enegrecido. Tento lutar, bater nele, mas meus protestos são interrompidos por um beijo que me faz derreter. Correspondo, e com minhas unhas, arranho seu peito descontando minha raiva por ele estar atacando minha boca, apertando-me com suas mãos fortes, fazendo eu me afogar em sua boca sensual, picante e deliciosa, que funciona miraculosamente como um elixir elaborado especialmente para me seduzir.

— Não, não, Yan isso é loucura, eu tenho que te odiar e.... eu te odeio!

— Concordo. Tem que me odiar. O ódio é tão intenso quanto o amor. E se é isso que sente por mim, só há um jeito de resolvermos. Assim! — Mal tenho tempo de processar, e estou encaixada com perfeição em baixo dele na areia onde pequenas ondas batem sobre nós.

— Você me deixa louco, louco... — Rosna passionalmente segurando
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minhas mãos para que eu pare de me debater. O roçar fugaz dos nossos dedos me faz esquentar, enviando sensações através do meu corpo. Intensas e consumidoras como o whisky. E eu quero dissecá-las, saboreá-las. Tudo é tão louco. Meu corpo adora ser acariciado desse jeito feroz. Me toca como quer, seguro de que está no direito, como a primeira vez em que tocou em mim. Surpreendentemente o desejo de acabar com ele é sublimado pela louca disposição que meu corpo tem de satisfazer esse desejo predominante. Então, me deleito entregue a essa necessidade.

— Sabe o que não é certo? Esse jeito que você geme em baixo de mim, enquanto ama o Steven, quando me beija com vontade, amando o Steven. — Diz com sarcasmo. — Como fica molhada e goza gostoso enquanto...

— Cala a boca! — Grito, atordoada, excitada.

— Com todo prazer. — Me cala beijando-me forte, possessivo.

Ele usa a força física para me submeter. Mantendo-me em baixo dele, tirando meu folego com sua boca. Minha cabeça está flutuando em uma corrida de endorfina mais poderosa do que qualquer coisa que eu já experimentei. Descobrir que fui apostada e vendida pelo meu próprio pai, me deixa despedaçada. E começo a aderir aos beijos, aos toques dele, desesperada por conforto, por sexo, por qualquer coisa parecida com amor e carinho.

YAN

Ela afina os pés na areia de quartzo, e arqueia seu corpo cálido,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

oferecendo-se, esfregando-se no meu pau inchado dentro da calça. Beijo-a tão profundamente que a ouço choramingar despedaçando-se em baixo de mim. Então, devagar desconecto os meus lábios do dela, e uma onda repentina deságua sobre nossas pernas entrelaçadas, e outra sucessivamente. Os seus seios estão rijos contra a minha pele, me deixando louco.

— Não chora, meu amor... — Retiro as gotas com as costas da minha mão. — não vou te machucar, fica quietinha... — Os estalidos do tecido mantêm a excitação de tê-la exposta para mim, e começo a desabotoar delicadamente sua blusinha.

Vou em direção ao primeiro seio, e envolvo-o em minhas mãos com cuidado. Ela solta pequenos espasmos, depois faço a mesma coisa com o outro, com os meus lábios em seu pescoço enquanto aperto-os.

— Deliciosa! — Elogio, e ela joga os braços para trás, arqueando e elevando seu seio durinho e machucado até... céus! É a pele mais macia que tive em minha boca, que me dá vontade de morder. Ela geme em agonia, soluçando fraquinho misturado ao desejo, e esse som me ensandece. Ávido, retiro-o da minha boca dando atenção ao biquinho. É incrível como uma minúscula vibração da minha língua pode despertar uma resposta desmedida, deixando-os intumescidos e doloridos de tesão.

Gemo fissurado, e volto a provar seus lábios trêmulos e entreabertos, percorrendo minha mão até sua cintura, parando sobre a joia brilhosa em seu umbigo, escorregando por fim, dentro da sua calcinha.

— Nossa Belly, que quentinha! Mas está apertando meu dedo, relaxa. — Digo cheirando seu pescoço macio. Mexo devagar espalhando sua lubrificação. — Isso, desconte todo seu ódio ficando bem molhadinha, prontinha pra mim.

— Yan, por favor... — Implora resfolegando baixinho.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O desejo me transpassa, e ignoro tal protesto, distribuindo beijos por todo seu corpo, até chegar em sua barriga, capturando o coraçãozinho de metal com a boca, fazendo-a arquear-se de encontro. Desço mais um pouco, espalhando beijos por suas coxas, até que ergo sua saia molhada, me posiciono entre suas pernas, retiro a peça íntima e empapada, e mantenho-a entreaberta, para evitar que me prive do prazer que quero.

— É tão preciosa, Libelle, eu tenho muita sorte! — Elogio passando somente a ponta da língua sobre o brotinho rosado.

— YAN! — Me oferece, gemendo, raspando a carne macia no meu nariz.

Louco de desejo, aprisiono-o fazendo-a gritar e se contorcer, insaciável em minha boca. Seu gosto me deixando tonto. Então, faminto para senti-la mais, começo a ordenhá-la lentamente. Eu praticamente rosno de tanta fome, insano pelo néctar puro, que só ela tem. Prová-la me deixa duro feito pedra. O seu clitóris incha de prazer perante a passagem da minha língua. Ela se debate, agoniada, inflamada. Sem nenhuma habilidade para me deter.

Fico enfiando e tirando os dedos enquanto a olho, avaliando a sua reação, e no momento que ela morde o lábio inferior, retiro-os bruscamente, deixando-a na frustração, querendo mais. E antes que ela possa protestar, coloco novamente os dedos e a boca chupando, dessa vez mais forte. Um sorriso malicioso se forma em meu rosto, enquanto começo a mordiscá-la, e ela rebola deliciosamente, gemendo alto, e quando está prestes a me dar seu néctar quentinho e doce, eu paro, negligenciando o que tanto quer, e volto até ela novamente, me ajeitando entre suas pernas.

— Foge de novo, e nunca mais vai sentir isso! — Sussurro atordoado dentro dos seus lábios inchados. E ela está sem fala, tomada por um tormento delicioso, pulsando de tesão enquanto aperta meu pau por cima da calça,

respirando forte, enquanto meu corpo queima ao nosso contato molhado.

— Esse é o efeito que você causa em mim. — Digo tirando-o para que ela o pegue com mais firmeza.

— Yan... — Ela pede ofegante, pegando nele e acariciando. E após enfiar novamente meus dedos na sua intimidade, ao olhar para ela, noto que o seu rosto está molhado.

— Por favor não me tortura mais... — Implora com lágrimas nos olhos.

Rosno rouco em seu ouvido, e ela prontamente estremece. Sabe do que sou capaz, e seus olhinhos assustados são a prova do medo que sente quando fico assim.

— Olha o estado que te deixei. — Digo ao notar a pele avermelhada e suja de areia até nas bochechas que espalhei com minhas carícias. — Ah menina! Estou a ponto de te possuir aqui, sem cuidado algum. Vem cá... — Pego-a em meu colo e entro com ela no mar.

Deito-a sobre a água, apoio uma das minhas mãos nas suas costas, e a outra atrás de suas pernas, e afundo-a, o suficiente para retirar os vestígios de areia. A mecha rosa do seu cabelo escorre perdendo-se entre as ondas ganhando a cor roxa. Meu Deus! É linda como Afrodite saindo do mar. Meu peito acelera, olhando para ela.

— A água brilha. Por isso se chama Vale das Estrelas? — Pergunta inebriada.

Que o céu ou o inferno me ajude a lidar. Ela está sempre me confundindo. Aprendeu a desvestir minha pele de Serial Killer. Ela age, eu me movo, como um ímã. E isso comprova o poder que tem sobre mim.

— Sim. — Respondo por fim. — É a bioluminescência que causa esse efeito lisérgico na água. — Esclareço afagando seu rosto, sujo de areia, agora
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sendo limpo por gotas gélidas da chuva que começa a cair. — Não é seguro ficarmos aqui. Muito menos quero que fique doente. — Digo levando-a para dentro de casa.



Adentro a sala, conversando baixinho em seu ouvido, aliciando-a a fazer algo que secretamente quer fazer, atraindo-a para o pecado. Sem conseguir me conter, deito-a no S.King, e capturo seus lábios com urgência, deixando-a enternecida de paixão.

— Libelle, preciso te dizer uma coisa. Queria ter dito hoje mais cedo, mas as coisas entre nós são tão improváveis que.... — Ofego, me ajeitando sobre ela, que está gemendo deliciosamente. — Quero me desculpar pela forma como me comportei com você quando te trouxe para morar comigo, por ter tirado a sua virgindade daquela forma aqui nessa sala, desculpa pelas minhas palavras bruscas... sei que fui injusto, disse coisas horríveis, te machuquei, tem o direito de me odiar. Eu estava cego, e desesperado por me v... — Paro rouco, ocultando, soltando a respiração entre seus cabelos, a voz carregada por um desejo visceral. — Mas não me arrependo de ter me casado com você.

— Yan, eu...

— Não diga nada. — Veto com o indicador em seus lábios inchados. — Não espero que me perdoe agora. Sei que precisa de tempo. Só continua sendo minha, completamente minha... — Arranho meus dentes em sua pele,

manipulando-a, incendiando seu corpo com o toque das minhas mãos, exatamente como ela gosta, até espantar do seu cérebro qualquer pensamento que não seja a resposta que quero...

— Sua! — Geme em minha boca, tomada pelo prazer.

— Quero fazer amor com você, pra te mostrar o quanto estou apaixonado... — Intercalo toques e beijos. — de um jeito que sempre vai querer ser minha.

— Faça isso! — Sobe em meu colo, ofegante, seminua, a blusinha aberta, os seios pequenos e apetitosos na base da minha boca. Chupo-os. Puta que pariu que gostosa! Ergo a saia molhada grudada em seu corpo, para encontrar o que quero, que é apertar sua bunda redondinha. E assim faço, incentivando seu rebolado cadenciado, impregnando beijos por seu pescoço, sentindo sua pussy embebida de tesão. Agarro o tecido para acabar de tirar sua blusinha, ela se deleita, facilitando tudo pra mim, e a peça cai no chão.

— Ah, como é bom ter você assim! — Aprisiono-a num abraço cheio de paixão acariciando suas costas nuas. — É muito valiosa, Libelle!

— Me beija, me beija. — Implora me matando de tanto tesão ao esmagar a boca na minha, cimentando a conexão entre nós.

Deito-a novamente, sem me importar com o dinheiro espalhado no sofá, e ela eleva a uma das pernas anelando-a em meu quadril, aumentando o contato dos nossos corpos remexendo-se em um movimento viciante, me enlouquecendo com seu beijo doce e profuso.

Seu celular vibra ao nosso lado, deixo seus lábios para conferir, e ela prossegue alienada a tudo espalhando beijos em meu peito, com meu pau em sua mão. Reconheço o número na tela, Steven! retornando a ligação, enquanto Isabelly está gemendo em baixo de mim de um jeito lúdico e

proibido, misturada à centenas de notas de 100 reais.

— Vem, meu amor, vamos fazer isso direito em nosso quarto. — Pegoa novamente em meus braços, e caminho em direção as escadas, o celular insistente vibrando sem parar.

— Você é minha. Somente minha. — Repito, triunfante.

Adentro o banheiro, ligo o chuveiro, que escorre sobre nós dois, nos limpando de toda a areia. Abraço-a por trás, beijando sua bochecha rubra, trazendo-a para mim que se adere ao meu corpo, retribuindo, encostando suas costas em meu peito, enquanto as gotas fervidas caem sobre nós dois. Afasto seu cabelo, colocando-o em forma de coque, à medida que aplico o shampoo em seu cabelo, espalhando em seguida o resto da espuma pelo seu corpo. Depois, ergo suas pernas, entrelaçando-as na minha cintura, permitindo que se enxágue, para ficar livre de toda a espuma perfumada. Excitado, preno-a contra a parede. Com sua respiração incandescente, deita em meu ombro. Pego seu rosto na palma da minha mão para beijar seus lábios doces.

— Tão menina, tão linda!

Ela agarra a minha nuca em resposta, e me beija ao ritmo agridoce. Abraço cada centímetro dela, enquanto o beijo fica sem controle, se tornando efervescente. O contato dos nossos corpos está sendo banhado em um choque elétrico, e todo o vapor torna tudo mais excitante.

Desligo o chuveiro, sem parar o que estou fazendo e alcanço uma toalha secando-nos mutuamente, como se o tecido felpudo fizesse parte de cada ato. Logo que estamos pré secos, porém, ainda gotejantes, aprisiono-a a mim por trás.

— Me diga como quer Libelle? Com carinho, e que te cubra de beijos? Vai, me fala. — Roço a barba por fazer em seu pescoço.

Ela inclina a cabeça. Os olhos chocolate quente, e na pontinha dos pés leva os lábios até o meu ouvido cochichando baixinho.

— Quando estiver dentro de mim, quero que me veja, e quando pensar em usar suas mãos para me fazer mal de novo, se lembre de como está me tocando agora, e de como eu me sinto.

— Eu lembrarei!

Levo-a gentilmente para a cama, ajeito-a com cuidado no travesseiro, tecendo uma teia perfeita de sedução em torno dela. E antes de voltar para ela, vou até meu celular e opto por *Waiting Game de Banks*, que começa a ressoar pelas arandelas internas. Essa música é bem no clima, para deixar minha menina relaxada, pois agora será diferente. Ela sorri com o que faço, e sorrio de volta afagando com carinho seu rosto, preparando-a para possuí-la como quero, e à medida que acaricio seu botãozinho pulsante com minha lubrificação, ela se contorce suspirando de olhos fechados. Sua pussy turgida, contrai em expectativa do que está por vir. Está tão sensível como se tivesse tendo um orgasmo a cada toque que ofereço.

— Ah, minha vida, eu tenho vontade de te dominar, te levar à loucura, assim como quero ser delicado e regá-la de ternura. — Confesso lutando com o que sou. — Abre mais um pouquinho. — Sussurro, e ela obedece acomodando-me. — Isso, amor, fique bem aberta. Eu serei carinhoso, e gentil...

— Sim... — Consente, arfando o peito, prendendo a respiração enquanto deslizo para dentro de sua carne macia e encharcada. Ela tem o canal vaginal pequeno para me receber, mesmo assim, me acolhe, toda ingênua e generosa, na minha definição de inferno, sendo aquecida como labaredas. Meu Deus. Estou ardendo, agonizando. Ela é tão deliciosa que perco o controle, e vou até o fundo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Libelle. — Gemo preenchendo-a, fazendo seu corpinho macio como *tussor* de seda contorcer-se em baixo de mim. Choramingando.

— Ai... — Reclama baixinho.

Paro preocupado, esperando ela se acostumar, confessando em seu ouvido que faço isso porque a desejo demais, é muito apertada, e sempre vai doer um pouquinho. Com as costas das mãos retiro a lágrima que escapa. Esforçando-me ao máximo para possuí-la com cuidado.

— Remexe que para, amor... — Instruo-a. — Ela colabora, gosta dessa invasão. Remexendo-se. Belly só é ciente de como comando seu corpo, segurando-a para mim enquanto a música inunda sincopando em nossa pele, forçando-nos a um movimento infinito, colocando cada vez mais fogo em minha virilidade.

"Estamos no palco. Não me diga para ouvir a sua música

Porque não é o mesmo

Eu não quero dizer seu amor é um jogo de espera."

Beijo sua pele ígnea e delicada, e com meus dedos deslizando em suas bochechas, faço carinho enquanto fodo sua fenda apertadinha. Ela se entrega para mim, docemente, toda fremente, beijando a cicatriz em meu ombro, com as mãos pequenas apertando minhas costas, engasgando-se com meus beijos, à medida em que seu sexo faminto aperta e molha meu pau, rebolando, ardendo ao ser possuída.

— Não faz isso... — Protesta ao perder o meu contato.

— Calma... eu só quero que chupe um pouquinho enquanto está

excitada desse jeito. — Agacho pertinho do seu rosto, coloco meu pau em sua boca, ela captura com a língua, e *fodidamente* sexy, prova a junção do seu gosto e o meu. Para ter mais, ela se ajeita de maneira drapejada, apertando-o com as duas mãos, sugando com vontade.

— Isso, aproveita meu amor, daqui a pouco vou entrar em você de novo, e deixar que goze... várias e várias vezes. — Ela concorda, sem deixá-lo por um segundo, está faminta. Entreabro suas pernas, e deslizo dois dedos para conferir, e puta que pariu!

— Yan, por favor... — Implora agoniada.

— Não goza ainda, seja uma boa menina. — Ela se esforça, e volta a engolir tudo, concentrada apenas em chupar, aberta, enquanto meto os meus dedos nela.

— Você é boa nisso. — Arfo, duro e fervendo em sua garganta. — Agora para, ou vou gozar.

Respiro duramente retirando-o de sua boca bem devagar. Seu aperto suaviza-se, e meus dedos descem numa carícia pela linha das maçãs do seu rosto. Rápido, me movo sobre ela, penetrando-a impetuosamente.

— Quero meu pau em você a noite toda. — Rosno gemendo na base do seu rosto. — Agora fala pra mim. A quem você pertence?

— A você! Pertença a você. Yan... Yan... — Meu nome sai deliciosamente, em gemidinhos afônicos esvaindo-se por sua boca de boneca.

— Isso, goza, Libelle! — Tomo seus lábios com os resquícios do meu líquido pré-ejaculatório. Ela entrelaça as pernas em minha cintura fazendo-me entrar mais fundo de um jeito que faz meu sangue ferver em adrenalina, prazer, tesão, por cada átomo. E eu continuo fodendo-a, prendendo-a todinha a mim, para que continue gozando gostoso até parar de tremer me dando

todos os seus gemidos dentro da minha boca.

— Ohhh! — Solta um ruído rasgado de tesão.

Viro-a de bruços. Seu coração está descompassado ao sentir-me posicionar o seu quadril, tirando-lhe de vez o fôlego. Preparo-a acariciando sua bunda macia. Ela se agarra ao travesseiro, assim que invado a sua intimidade com uma estocada forte, sem que possa esperar.

— Yan, isso é...

— Não é degradação, pequena... — Instigo-a com a voz rouca em seu ouvido. — Entregue-se, meu amor, eu te quero tanto, tanto. — Tiro, e penetro-a de novo, cinco, oito, dez, mesclando suavidade com estocadas fortes.

Ela praticamente chora de tesão, dominada pelo desejo intenso que lhe desperto. Isso me fascina, e me faz ter mais fome. Estou perto, minha respiração acelerada. Seu corpo é meu, entro como quero, e ela se esfrega, escorregadia. Não há nada mais lindo, do que Isabelly gemendo empinada pra mim, o rostinho de anjo em febre alta, agarradinha nos lençóis, contorcendo-se, chupando os próprios dedinhos para aguentar os estímulos insuportavelmente doces, ardente e apertando meu pau, enquanto a fodo sem pudor algum. É tão *nínfica* que faz meu líquido escorrer por suas pernas, convulsionando embevecido no paroxismo da paixão.

Ela se desmancha em baixo de mim, dominada. Quieta e suave... O que será que está pensando? Começo a fazer carinho, entrelaçando nossas mãos, unindo nossas alianças. Afago-a afetuosamente no rosto repetindo o quanto estou apaixonado, ela fecha os olhos e repentinamente molha minha palma.

— Você está chorando, eu te machuquei?

— Não. — Soluça fraquinho.

— Então, por que?

— É porque eu... eu... acho que eu estou...

— Não precisa se explicar meu amor, passou por muitas coisas esses dias... só me beija. — Ela me abraça e me dá seus lábios inchados, que tomo delicadamente. Faço carinho até que adormeça, na minha cama onde dorme serenamente.



m sono, vou até o escritório, manuseio com maestria o tablet exposto à mesa, onde deixei após descer as escadas passionadamente atrás dela. E fico relembrando claramente, a noite em que joguei com o pai dela...

— *Minha meta é maximizar os ganhos e minimizar as perdas, senhor.*
— *Eu disse educadamente.* — *Não vou participar de mais rodadas e nem abrir mão do que ganhei, aposta é aposta. Meu advogado está aqui para que tudo fique claro, você fez sua aposta e perdeu.*

— *Yan, meu amigo...* — *Comentou Diego.* — *Não posso concordar com uma atrocidade dessas, nem da sua parte e nem da dele... a garota nem está conscientizada. Pelo amor de Deus, rapazes, é de uma pessoa que estamos falando, essas apostas não são válidas, e é considerada ato criminal de ambas as partes perante a lei. O pai por apostar a filha e você...* — *Ele apontou o dedo para mim.* — *Por participar disso, sendo que...*

Eu odiava quando o Diego usava termos de advocacia criminalista quando não devia. Sempre admirei o seu trabalho, mas naquele momento, eu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

não precisava de moralidade, eu precisava de vingança. Isso mesmo! Vingança! E ela sempre se concretiza quando a sorte bate de frente com a ocasião perfeita.

— Quer parar de estragar os meus planos? — Puxei Diego discretamente para um canto reservado e o repreendi.

— Esse lance da garota é loucura! — Ele exclamou.

— Eu entendo todo o lance, e sei que estou cometendo um crime perante a sua preciosa lei, mas antes de você ser essa coisa que se denomina advogado, você é meu comparsa nos trâmites e...

— Quando éramos adolescentes e imaturos. Yan, fala sério, cara!

— Não perca a sua essência, amigo. Não deixe essa profissão te definir.

— O quê? — Ele ficou inconformado comigo.

Nesse momento a cabeça de Dexter ia de um lado para o outro. Ele estava bêbado, e não estava entendendo nada sobre a conversa, ainda bem.

— Confie em mim, cara, não irei me aproveitar da garota, eu só vou fazer isso para dar uma lição nesse idiota.

— E como vai fazê-la concordar com tudo isso?

— Conseguiu segurar os carecas que ganharam as propriedades dele?

— Sim, estão ali esperando para falar com você. O que isso tem a ver?

— Vou oferecer uma ótima quantia para que passem tudo que o ordinário do Dexter perdeu, para mim, depois vou sequestrar a filha dele, me casar com ela, e presa em Vale das Estrelas, ela terá que concordar com tudo que eu quiser.

— Você ficou completamente maluco! — Ele exclamou horrorizado

com as mãos para cima. — Por que exatamente irá fazer isso?

— Eu já disse, por vingança, meu pai está naquela situação por causa desse desgraçado. E com a menina comigo, ele irá pagar. Eu não vejo a hora de roubá-la para mim. Estou precisando de adrenalina, emoção, e curiosidade. — Isabelly Palouli, me pertence. Não consigo esquecer aquele rosto de anjo.

— Yan, o que você está aprontando, cara?

— Só prepare o contrato falso de emprego. Ah, e não se preocupe, se eu estiver aprontando... você vai saber.

Pauso o vídeo do Cassino e substituo pela a de Isabelly, nos quatro cantos do escritório. Quem dera fosse somente pela aposta que ela está aqui... Eu guardo um grande segredo e tê-la, é minha prioridade.

ISABELLY... é meu instrumento de vingança.



Volto ao quarto, e ela está como deixei, aninhada entre os lençóis. A filha do meu maior inimigo. A peça primordial do meu plano. Um dos planos, era apenas usar, abusar e descartá-la, depois mandá-la de volta para ele. Sozinha, desolada e sem o meu amor. Mas estou aqui, protegendo-a. Afago seus cabelos e ela se remexe.

Acaricio sua pele delicada livre de imperfeições... É uma rosa tão bela que ao menos percebi que havia espinhos que poderiam furar meus dedos ao

tocá-la para sentir o cheiro do pólen, e que tralaria alucinações. Depois de cheirar me senti tonto, com meus dedos vingativos manchados com seu sangue. Naquela noite eu perdi o controle, porque essa menina, com cara de anjo inspira poses violentas e brutais

Agora estou perdido nas profundezas das minhas reflexões furiosas. Sentindo na pele todo mal que causei porque eu sou egoísta. Sua inocência me desperta um desejo proibido, imenso e primitivo. Ela me encantou, fazendo-me perder o foco.

Puxo o lençol cobrindo-a. Enquanto o anjo dorme, o demônio dentro de mim comemora, saciado. Deslizo o dedo em seu rosto, absorvendo a textura de sua pele macia. Estou cheirando a ela até a alma. Tão doce. Não consigo tirar da cabeça a imagem dela, chorando e gozando em meus braços. Sua presença inquietante é um misto entre a inocência e a devassidão, e eu estou velando-a.

Talvez amanhã, ela pense com clareza, e implore para ver seu pai. E não sou de devolver o que me custa caro para ter. Estou com tudo dele, ela é seu bem mais precioso. Eu a quero perto de mim, com seu jeito atrevido, a natureza dupla de ninfeta que me confunde. A infantilidade mesclada com a sensualidade de mulher. Ela é um paradigma de virtude e vulgaridade, seduzindo-me com seu ar pueril e inocente.

Ainda tem meu primo...

Seria estritamente poético, se eu e ele estivéssemos naquele mesmo impasse de sempre. E não me arrependo de nada que fiz, porque foi uma vingança dupla, através desse jogo altamente perigoso e intrincado.

Meu celular vibra, em cima do criado mudo. Ligação a essa hora? Já passa da meia noite. Alcanço, e quando atendo, levo um choque ao receber a mensagem de voz vindo de quem eu menos imaginei que viria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Perdão incomoda-lo a essa hora, mas somente agora que consegui a informação, e como me pediu, acho que gostaria de saber. Quem está usando o codinome Liborn, é o dono do cassino Royals, que se chama... Steven Wodsen. Boa noite.

Continua no Volume dois...



Por toda ajuda e apoio, sou grata as seguintes pessoas:

Rafaella Baccarin por ter me ajudado me dando apoio em tudo no livro. Por ter feito trailers maravilhosos que nunca irei esquecer e nem me cansar de assistir. Obrigada mesmo Rafaella, você não sabe o quanto me faz feliz. É por causa de todo seu empenho que seu nome está na capa, como forma do meu reconhecimento.

A minha capista Ana Neves que me presenteou com essa capa azul que amei cada detalhe.

A Denilia Carneiro por ter feito a diagramação do livro e por sua amizade.

A Lethicia por suas montagens maravilhosas. A Catarina por me ajudar com minha ansiedade, por me incentivar, por me ouvir, me confortar, por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

acreditar em mim.

E a todas as minhas leitoras por amarem e acreditarem na história intrincada e passiona! de Yan e Isabelly.